

O LIVRO OFICIAL DO FILME

ALITA

ANJO DE COMBATE





PAT CADIGAN

ALITA

ANJO DE COMBATE

Tradução de
Ronaldo Sergio de Biasi

1ª edição



EDITORIA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2019

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Cadigan, Pat, 1953-

C129a

Alita: Anjo de Combate [recurso eletrônico] / Pat Cadigan; tradução de Ronaldo Sergio de Biasi. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2019.

Tradução de: Alita: Battle Angel

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-10638-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos I. Biasi, Ronaldo Sergio de. II. Título.

18-53137

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz – Bibliotecária – CRB-7/6135

TÍTULO ORIGINAL:

ALITA: BATTLE ANGEL

Alita: Battle Angel TM & © 2019 Twentieth Century Fox Film Corporation.

Esta tradução de *Alita: Anjo de Combate*, lançada originalmente em 2019, foi publicada mediante acordo com Titan Publishing Group Ltd.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN ISBN 978-85-01-10638-4

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Em memória de:

Susan Casper
Georgina Hawtrey-Woore
Geri Jeter

Anjos de Combate vivem para sempre.

E, como sempre, dedicado ao Chris Fowler Original, cujo coração gentil,
amoroso e generoso torna tudo possível.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 1

A cidade flutuante de Zalem era mais bela ao pôr do sol, ou, pelo menos, era o que dizia a maioria das pessoas. Ou, pelo menos, era o que a maioria das pessoas *achava* que a maioria das pessoas dizia. Na verdade, Zalem era impressionante a qualquer hora do dia ou da noite, suspensa no ar como por um truque de mágica. Poderia ser um reino mítico — como El Dorado, talvez, ou o reino de Preste João, a distante Tule ou Camelot —, exceto pelo fato de que Zalem existia de verdade. Qualquer morador da Cidade do Ferro sabia onde ficava. Bastava olhar para cima e lá estava: um círculo perfeito com oito quilômetros de diâmetro, os prédios em sua borda fazendo dele uma coroa, sempre presente e sempre fora de alcance.

Além disso, havia apenas três coisas que a população que vivia no nível do solo sabia com certeza a respeito do lugar: 1) a Fábrica na Cidade do Ferro existia para sustentar Zalem, enviando para lá alimentos e produtos manufaturados por meio de longos tubos que se estendiam da cidade flutuante até o chão como graciosas patas de aranha; 2) era impossível chegar até lá usando esses tubos — eles serviam para o transporte de suprimentos, *jamaís* de pessoas; e 3) não era recomendável ficar logo abaixo do centro de Zalem, a menos que se quisesse ser esmagado sob o lixo que de repente, sem nenhum aviso prévio, jorrava do buraco enorme e irregular situado na parte inferior do disco.

Era assim que o mundo funcionava, e ninguém se lembrava de algo diferente. Há muito tempo, ocorrera uma Guerra contra um Inimigo, que havia deixado o mundo no estado deplorável atual, em que as pessoas no solo precisavam revirar o lixo em busca de algo que pudessem consertar, reformar ou reconstruir, enquanto Zalem ficava com tudo que valia a pena. Ninguém

tinha tempo ou vontade de imaginar como era a vida antes da Guerra; a luta diária pela sobrevivência mantinha as pessoas ocupadas demais para estudar história.

O dr. Dyson Ido, cybercirurgião, era um dos poucos habitantes da Cidade do Ferro com um conhecimento detalhado do passado — da Guerra, da Queda e da razão pela qual Zalem tinha sido a única das doze cidades flutuantes originais a sobreviver. No momento, porém, enquanto o sol se punha após um longo dia tratando de pacientes na clínica, ele não pensava no passado. Ido vasculhava a pilha de lixo de Zalem em busca de algo aproveitável, fazendo um trajeto circular a meio caminho entre o centro e a periferia.

O acréscimo contínuo de novos refugos e a atividade regular de pilhagem significavam que os montes de lixo estavam sempre mudando; coisas enterradas bem fundo no centro eram gradualmente deslocadas para cima e para fora. Era comum que a área investigada por Ido contivesse objetos que podiam ser consertados, reformados ou, às vezes, que precisavam apenas ser lavados — os habitantes de Zalem eram os reis do desperdício —, e, ao mesmo tempo, ficava suficientemente longe do centro da pilha para que pudesse fazer a busca sem correr o risco de ser esmagado por novas levas de lixo. Supondo, naturalmente, que ninguém jogasse fora uma casa inteira; até o momento, isso não havia acontecido, ao menos não de uma só vez.

Ido passava o fim de muitos dias na pilha de lixo, usando um detector portátil para captar sinais eletrônicos ou bioquímicos emitidos por algum equipamento recarregável. Um observador mais atento perceberia que, embora seu sobretudo já estivesse bastante surrado, fora uma peça de qualidade, qualidade demais para a Cidade do Ferro. Havia também aquele chapéu ultrapassado. Na cabeça de outra pessoa, pareceria um triste sinal de vaidade, mas combinava com Ido, graças principalmente a sua postura. O modo como se comportava mostrava que ele era um homem culto, de certa importância, que havia pego um caminho errado e acabara na Cidade do Ferro. Porém, nenhum observador seria capaz de imaginar que ele tinha levado uma vida de privilégios e nobreza e que, depois de perder tudo, estava reduzido a esquadrinhar os restos de um mundo melhor.

A existência anterior lhe parecia tão distante quanto a Guerra a respeito da qual poucos sabiam qualquer coisa. Ninguém sabia muito a respeito dele também, exceto que era um cybercirurgião bastante competente que oferecia seus serviços aos ciborgues da Cidade do Ferro pelo preço que pudessem

pagar. Para eles, isso era um milagre tão grande quanto uma cidade flutuante, porém muito mais útil. Eles se beneficiavam de suas habilidades e Ido se sentia grato por ninguém perguntar como chegara ali, de onde tinha vindo ou mesmo como havia ganhado a pequena cicatriz na testa. Todos na Cidade do Ferro tinham cicatrizes, além de um passado que preferiam esquecer.

Ido se inclinou para pegar uma mão de metal enferrujado e a perscrutou com seus óculos de aro redondo. Ao colocar a mão no saco pendurado a sua frente, deparou com um único olho encaixado na órbita de um crânio de metal enegrecido. O olho estava em perfeito estado, sem rachaduras. Como poderia ter escapado ileso enquanto o crânio tinha torrado? Ido se abaixou para observar mais de perto e concluiu que o olho não pertencia àquele crânio e fora parar ali por acaso. Muita coisa acontecia por acaso. Se ele não estivesse ali naquele exato momento, tanto o olho quanto o crânio poderiam ter afundado de volta na pilha de detritos de Zalem, talvez para nunca mais voltar à superfície. Ou, graças a um movimento qualquer nos arredores, o olho rolaria para fora do crânio tão acidentalmente quanto havia rolado para dentro e, sem ser notado, seria esmagado pelos pés de uma procissão interminável de catadores.

Ido se levantou e olhou ao redor, tentando decidir se continuaria enquanto ainda havia luz do dia suficiente para ver alguma coisa ou se voltaria para casa enquanto ainda havia noite suficiente para algumas horas de sono. A maioria dos catadores já desistira e fora para casa, deixando apenas os desesperados e os teimosos, aqueles que secretamente esperavam encontrar um tesouro de verdade. Era possível, por exemplo, que um anel de diamante tivesse caído por acaso da mão de um aristocrata de Zalem e ido parar no monte de lixo. Era bastante improvável, sim, mas não *fisicamente* impossível.

Vendê-lo na Cidade do Ferro mesmo que por metade do seu valor — isso seria impossível.

Ido se permitiu dar uma breve risada e voltou o pensamento para o que fazer em seguida. A última descarga de Zalem fora feita há cerca de quinze minutos; embora as descargas não obedecessem a um cronograma rígido, ocorria em geral um intervalo de pelo menos vinte minutos entre elas. *Em geral*, porém, não era o mesmo que *sempre*. Ele tentava decidir se devia desafiar a sorte em incrementos de dez minutos: catar lixo durante cinco minutos e depois esperar cinco minutos antes de prosseguir. Normalmente, não gostava de correr riscos — ele era o único médico a que a maioria dos ciborgues da Cidade do Ferro conseguia pagar e levava a sério sua missão.

Essa, porém, era justamente a razão pela qual estava pensando em arriscar. O centro ainda não havia sido explorado, o que lhe dava maiores chances de encontrar algo útil, particularmente servomotores. Ele precisava de mais servomotores. Ele *sempre* precisava de mais servomotores.

Ainda refletia sobre o que fazer quando duas coisas aconteceram ao mesmo tempo: seu olhar captou algo meio enterrado na encosta, a mais ou menos três metros de distância, e ele sentiu o detector pulsar levemente na sua mão. Por um momento, não ousou se mexer. Se seus olhos não estivessem lhe pregando uma peça na penumbra do fim da tarde e se o detector não estivesse reagindo aos últimos suspiros de um circuito moribundo debaixo dos seus pés, ele estaria olhando para algo mais valioso que mil anéis de diamante.

Com os olhos fixos na forma, se aproximou lentamente, torcendo para que o que via permanecesse real e não se revelasse apenas uma ilusão produzida por um arranjo aleatório do lixo. Quando chegou ao local, teve certeza de que não era uma miragem, era algo real que de fato estava ali e que ele havia descoberto por um golpe de sorte. Como todo cientista de verdade estava cansado de saber, entretanto, a sorte favorecia as mentes preparadas.

Ele se ajoelhou e começou a escavar o lixo diligentemente, trabalhando com o cuidado de um arqueólogo que tivesse acabado de descobrir um fóssil raro. Depois de alguns minutos, se sentou nos calcanhares e contemplou a descoberta. Era o rosto de uma jovem: belo, angelical, não parecia pertencer a este mundo, e sim a sonhos especialmente agradáveis, mágicos. Ido sabia que não estava sonhando por causa das pontas finas e dos calombos no chão que cutucavam seus joelhos e sua canela e por causa da dor nas costas.

Não era o rosto *dela*, o rosto que tanto desejava voltar a ver, mas poderia ter sido. Ela parecia muito serena, de olhos fechados e com o esboço de um sorriso na boca, como se estivesse sonhando com algo maravilhoso. Apenas os rasgos na pele — na base do pescoço, ao longo do lado direito do queixo e acima do olho esquerdo — revelavam que era sintética.

Ido se inclinou para a frente e começou a remover os detritos abaixo do pescoço. O trabalho foi lento porque suas mãos tremiam e ele tinha que parar de vez em quando para se acalmar. Depois do que poderia ser um minuto ou uma eternidade, Ido havia chegado ao cybernúcleo: tórax, um ombro, a espinha de metal e as costelas envolvendo o coração perfeitamente branco, que batia lentamente.

Hesitando, encostou o detector na têmpora dela, e observou, fascinado,

quando a leitura da forma de onda confirmou que ainda havia uma pessoa presente.

— Você está viva — comentou Ido, sem perceber que estava falando em voz alta.

Ele não podia deixá-la naquele lugar por nem mais um segundo. Colocou as mãos debaixo do fragmento da jovem e a tirou do lixo, mantendo-a erguida à luz do crepúsculo, imaginando como alguém poderia descartá-la como se não passasse de uma boneca quebrada, sentindo algo que não sentia desde o nascimento da filha e que achava que jamais voltaria a sentir depois que ela morreu.

CAPÍTULO 2

A enfermeira Gerhad havia trocado os instrumentos cirúrgicos do cyberbraço pela mão normal, preparando-se para voltar para casa, quando ouviu a porta do porão abrir e fechar. Depois de um dia atarefado, cuidando de pacientes e negociando peças, Ido havia insistido em dar um pulo lá fora para ver o que conseguia encontrar na pilha de lixo e não se importara quando Gerhad disse que estava cansada demais para acompanhá-lo. Na verdade, ela não era tão boa nisso quanto ele, mesmo quando não estava cansada, por uma questão de convicções pessoais. A simples ideia de revirar o lixo de um mundo inatingível e supostamente melhor a fazia perder a vontade de viver; na verdade, fazia com que sentisse vontade de morrer.

Não que tivesse conhecido algo diferente. Sua família sempre vivera na Cidade do Ferro e a maioria ainda vivia. Um ou dois tipos aventureiros viajaram para lugares desconhecidos em busca de coisa melhor e nunca mais se ouvira falar deles. Gerhad achava que isso não era um bom sinal. Jamais havia pensado em fazer algo parecido. Até onde sabia, as Terras Abandonadas não estavam contratando enfermeiras nem nenhum tipo de profissional. Mesmo que estivessem, ela duvidava que houvesse por lá algum outro Dyson Ido. Certamente não havia outros na Cidade do Ferro, a menos que se levasse em consideração a rainha gelada, algo que Gerhad jamais faria.

Preferia não pensar na ex de Ido, e não o teria feito, se ele não tivesse voltado da pilha de lixo de Zalem com o que voltou. Pelo modo como subira correndo a escada, achou que Ido estivesse com um saco repleto de servomotores. Eles precisavam de mais servomotores. Eles *sempre* precisavam de mais servomotores. Porém, em vez disso...

O cybernúcleo, agora preso à estrutura estereotóxica, era a última coisa

que Gerhad esperava que ele trouxesse, logo depois de um saco cheio de anéis de diamante. Bem, se ela tivesse encontrado um cybernúcleo descartado que mostrasse a existência de uma pessoa, teria feito o mesmo. Porém, Gerhad reconheceu o rosto; era impossível, não podia ser. E, no entanto, ali estava, viva como nunca, e de partir o coração. Ela não sabia como isso iria acabar, porque o coração do doutor já estava irremediavelmente partido, mas a vida podia ser muito criativa.

Depois de prender o cybernúcleo à estrutura, ele fora até o porão buscar alguma coisa. Ela sabia o que era, mas mesmo assim engoliu em seco quando Ido voltou, carregando nos braços o que parecia um corpo de criança. Na verdade, *era* um corpo de criança, que Ido havia fabricado. A criança, entretanto, jamais chegara a usá-lo, e ele o mantivera guardado durante todos aqueles anos de sofrimento. Gerhad não sabia o que sentir naquele momento ao vê-lo colocar o corpo na mesa de cirurgia ao lado do cybernúcleo.

Era lindo, uma obra de arte e uma expressão de amor profundo. Gerhad compreendia por que Ido o mantivera guardado, mas também sentia que havia algo profundamente errado em manter sem uso algo tão extraordinário. Durante algum tempo, tivera esperança de que um dia ele encontrasse alguém capaz de se beneficiar de sua criação. Porém, isso significaria que estava superando o sofrimento, algo que Ido jamais se permitiria fazer.

Ele andava de um lado para o outro, fazendo preparativos para a cirurgia e mandando Gerhad sair do caminho quando ela tentava fazer algo além de esterilizar os instrumentos. Ido calibrava os braços robóticos microcirúrgicos quando, de repente, se voltou para olhar para o cybernúcleo. Depois de passar duas horas imerso em uma solução pré-operatória de nutrientes cerebrais, os olhos do cybernúcleo agora se moviam debaixo das pálpebras fechadas. Correção: os olhos *dela*, as pálpebras *dela*; conforme o processo de reanimação avançava, ela se parecia mais e mais com a menina do holograma que Ido contemplava inúmeras vezes ao dia, todos os dias.

Ele se aproximou da estrutura e estendeu a mão para tocar o rosto da menina.

— Com o que você está sonhando, meu anjinho? — perguntou, com uma ternura que Gerhad não ouvia há muito tempo.

Ido se virou para ela e a enfermeira ficou chocada ao ver seus olhos marejados de lágrimas.

De repente, ele estava outra vez em movimento, ligando a estação de trabalho de microcirurgia, rodando programas de diagnóstico, testando os

braços robóticos. Ido não disse uma única palavra, mas isso não era necessário. Gerhad era uma enfermeira especializada em cybercirurgia. Ela sabia exatamente o que fazer.

Não foram as vinte e quatro horas mais longas que Gerhad passou em uma sala de operação, mas foram certamente as mais intensas. Ido estava agitado, parecia possuído, trabalhando com os braços de microcirurgia e exigindo a ela que lesse para ele a todo momento os dados de meia dúzia de monitores, unicamente porque ele não tinha seis pares de olhos extras para observá-los por si próprio. Gerhad não sabia como Ido era capaz de guardar todos aqueles números enquanto conduzia os instrumentos microcirúrgicos por todas as minúsculas conexões. Para isso, era preciso ter um cérebro privilegiado — ainda havia situações em que a enfermeira ficava impressionada com a extensão e a profundidade do intelecto de Ido.

Como essa agora, pensou ela, enquanto observava a dança dos esguios braços cirúrgicos em um delicado balé coreografado por Ido. Ele não *precisava* vigiar os instrumentos enquanto trabalhavam — Ido os projetara e construía, e suas máquinas cirúrgicas jamais enguiçavam a não ser que levassem uma martelada, e às vezes nem assim. Mas não era só para se assegurar de que nada desse errado. Os instrumentos de microcirurgia executavam operações para as quais suas mãos, embora firmes e treinadas, eram simplesmente grandes demais; na verdade, não passavam de extensões de Ido, e era ele que se encarregava de executar a ligação de cada vaso sanguíneo, de cada fibra muscular, de cada nervo.

Ido se virou para ela e fez com a cabeça um gesto quase imperceptível. Gerhad foi buscar duas bolsas na geladeira. Uma continha sangue humano, sangue vermelho; a outra, duas vezes maior, continha cybersangue, de um azul iridescente. O termo “sangue”, nesse caso, não era muito apropriado, porque este último continha nanomáquinas em vez de hemácias e leucócitos. Como Gerhad tinha apenas um braço mecânico, ela precisava de menos cybersangue que aquela menina, cujo corpo, embora menor que o de um adulto, teria de ser inteiramente mecânico.

Gerhad colocou as bolsas nos transfusores e ajustou o fluxo volumétrico de cada um; tudo o que Ido tinha a fazer era ativá-los. Ele resmungou um agradecimento e a dispensou com um gesto de cabeça, embora fosse uma despedida apenas temporária; Ido esperava que ela permanecesse a sua disposição até segunda ordem. No passado, Gerhad não iria tolerar

resmungos e gestos de cabeça de nenhum médico. Na verdade, ainda não tolerava, exceto quando o médico era Ido.

No dia em que Gerhad conheceu Dyson Ido, ela estava em uma cama de hospital depois de ser operada, lamentando-se da carreira que havia perdido junto do braço. Ela o conhecia de nome — todos os funcionários do hospital já tinham ouvido falar do trabalho do dr. Ido com ciborgues. Ela própria já indicara a clínica dele para alguns pacientes.

Quando Ido lhe disse que não só podia salvar sua carreira de enfermeira como também melhorar seu desempenho, ela achou que era uma alucinação causada pelos analgésicos pesados que estava tomando, o que não deixava de ser uma explicação razoável. A Fábrica havia reduzido o suprimento de remédios para o hospital em que ela trabalhava. A farmácia se vira forçada a recorrer a fornecedores alternativos; em consequência, nas últimas semanas, as pessoas que chegavam com ossos quebrados saíam do hospital tendo uma viagem de ácido e gente com enxaqueca passava a noite indo a raves e beijando todo mundo que encontrava. Curiosamente, ninguém se queixara, mas aquilo não estava certo.

A Fábrica havia prometido regularizar o fornecimento, mas não sabia quando. A enfermeira-chefe disse aos funcionários que não havia nada a fazer a não ser rezar e, *pelo amor de Deus, não se machuquem*.

Três horas depois, quando seu turno chegou ao fim, Gerhad saiu pela frente do hospital no exato momento em que um girocaminhão desgovernado subiu na calçada e bateu no prédio, quebrando janelas, arrancando várias trepadeiras, derrubando algumas placas de estacionamento proibido e arrancando seu braço esquerdo.

De algum modo, ela permaneceu consciente, embora houvesse alguns lapsos de memória. Em um instante, estava colocando os pés na calçada, com a porta do hospital se fechando atrás dela; no instante seguinte, estava caída no chão, no meio de cacos de vidro, pedaços de cimento, torrões de terra escura e úmida e flores despedaçadas. Ela se lembrava de ter percebido que havia perdido o braço e, com ele, a carreira de enfermeira.

O trabalho não era sempre como ela gostaria — tinha que tratar várias vezes de pessoas que insistiam em cometer os mesmos erros, os pés doíam até não poder mais, era obrigada a conviver com mais vômitos do que jamais imaginara. No entanto, também havia bons momentos, como quando encontrava alguém que se recusava a se deixar abater pelas circunstâncias ou,

pelo menos, que não era o pior inimigo de si mesmo. E havia as crianças, aquelas que ainda não tinham começado a crescer rápido demais.

O salário era irrisório e às vezes ficava ainda pior. Não podiam demitir ninguém porque estavam com falta de pessoal, de modo que a solução era reduzir os salários. Sempre com as *sinceras* desculpas da Fábrica, cujas mensagens tinham que competir com o ruído dos carregamentos que eram enviados a Zalem por meio do tubo que saía de um centro de distribuição nas vizinhanças e passava logo acima do hospital. Para pagar as despesas, precisava fazer dupla jornada quase todo dia, sem receber em dobro pelas horas extras — às vezes recebia até menos que a remuneração normal.

Ser enfermeira, entretanto, não era um simples *emprego*, não era um jeito de ganhar a vida enquanto procurava algo melhor; era uma profissão, uma vocação. As enfermeiras *queriam* ser enfermeiras; Gerhad jamais quisera ser qualquer outra coisa. A enfermagem lhe dera foco e disciplina, características que ela descobrira serem essenciais para se sobreviver em um mundo caótico e desinteressante na melhor das hipóteses, quando não era impiedoso e corrupto.

E agora, graças a um motorista de girocaminhão que não estava autorizado a dirigir veículos comerciais de mais de meia tonelada, tudo estava perdido. Uma indenização? Podia esperar sentada. O girocaminhão pertencia à Fábrica e quem estava ao volante não era um chefe como Vector, e sim um pobre coitado que desaparecera sem deixar vestígios. E não havia nada a fazer, obrigado e boa noite.

Na vez seguinte em que acordou, seu tronco estava preso a uma estrutura estereotóxica e Ido estava começando a ligar os nervos do seu ombro aos fios de um braço mecânico. O médico manjava os braços robóticos enquanto o rosto exibía uma expressão de intensa concentração, como se Gerhad fosse a pessoa mais importante do mundo e ele estivesse executando a microcirurgia com as próprias mãos.

Ela alternou entre a consciência e a inconsciência várias vezes, sem sentir dor e sem ter visões psicodélicas — mais tarde descobriria que Ido fabricava os próprios medicamentos, incluindo analgésicos —, até que, por fim, acordou por completo e pôde ver pela primeira vez com clareza a obra de arte que agora era parte do seu corpo.

— Não sei se vou estar segura com um braço desse — comentou, admirando os desenhos gravados no metal, que a fizeram se lembrar de um antigo aparelho de chá feito de prata. — Eu corro o risco de ser assaltada

assim que colocar os pés lá fora.

O sorriso dele foi tranquilizador e até mesmo um pouco alegre.

— Essa cidade pode não estar cheia de gênios, mas todo mundo tem juízo suficiente para não se meter com o meu trabalho.

Gerhad fez que sim com a cabeça, ainda admirando o novo braço.

— Já cuidei de vários pacientes com próteses que eles não tinham como pagar. E agora eu sou um deles.

— Ah, eu não vou cobrar nada — avisou Ido, divertindo-se com a expressão de surpresa da enfermeira. — Por outro lado, *tem* uma coisa que só você, de todos os meus pacientes, pode fazer por mim.

Isso poderia ter deixado Gerhad alarmada, mas ele não soou indecente.

— O quê? — perguntou ela, mais curiosa que desconfiada.

— Trabalhar para mim. Estou precisando de uma enfermeira e posso pagar melhor que o hospital.

Para sua própria surpresa, ela concordou imediatamente. Depois ficou esperando por *aquele* momento, quando Ido colocaria a mão onde não devia e ela teria que quebrar o nariz ou deslocar o ombro dele, mas isso nunca aconteceu. Gerhad aceitou apenas pelo dinheiro, pensando em fazer um pé-de-meia, e, se não gostasse do trabalho, voltaria para o hospital. Em pouco tempo, porém, chegou à conclusão de que seria tolice desistir da oportunidade de trabalhar com um verdadeiro gênio da medicina.

Ela começara a trabalhar para Ido pouco depois de ele ter tido o coração cruelmente partido, mas, fora isso, pouco sabia a seu respeito. Ele não era dali; bastava uma breve conversa com ele para percebê-lo. Ido não era apenas inteligente; sua formação estava acima de qualquer coisa oferecida no nível do solo, a menos que houvesse uma torre de marfim em alguma terra distante fora dos domínios da Fábrica.

Mas Gerhad tinha certeza de que Dyson Ido não havia chegado de uma terra distante para se instalar num lugar decadente como a Cidade do Ferro. Não, ele era de um lugar muito mais próximo, um lugar que todos os habitantes da Cidade do Ferro viam o tempo todo, embora fosse mais remoto que a lua e igualmente inatingível.

Viajar do nível do solo para Zalem era terminantemente proibido, uma lei que os centuriões da Fábrica aplicavam por meios letais. Nenhum voo de objetos mais pesados que o ar era permitido, por qualquer motivo; uma pessoa podia ser executada apenas por estar empinando uma pipa. Os centuriões não eram programados para distinguir máquinas de seres vivos;

em consequência, gerações inteiras de residentes da Cidade do Ferro viveram e morreram sem ver um pássaro sequer, a não ser em fotos.

Ninguém sabia se os moradores de Zalem estavam sujeitos à mesma proibição ou se a visão que tinham da Cidade do Ferro era suficiente para convencê-los a permanecer onde estavam. Gerhad acreditava na segunda hipótese. Não que fizesse muita diferença — não havia nenhuma forma de um morador da cidade flutuante chegar à superfície.

Pensando bem, havia uma, mas envolvia uma longa queda.

Gerhad não achava que alguém pudesse sobreviver a uma tentativa desse tipo. Um paraquedas estava fora de cogitação: os centuriões o reduziriam a confete e fariam picadinho da pessoa ligada a ele. O monte de lixo não ajudaria a amortecer a queda; a velocidade terminal seria suficiente para a pessoa atravessar várias camadas de detritos, e os restos de metal seriam como estilhaços de granada.

Era preciso ser um cientista louco para encontrar uma forma de sair vivo dessa — e para carregar junto a mulher e a filha. E se a criança tivesse algum tipo de deficiência... Gerhad tinha pensado a respeito disso durante anos e ainda estava intrigada.

Mesmo assim, os três sobreviveram. A menina havia morrido alguns anos depois, em circunstâncias ao mesmo tempo brutais e despropositadas. O que, na Cidade do Ferro, era relativamente comum.

O maior enigma, no entanto, era por que Zalem havia mandado embora alguém tão especial. Mandaram mesmo?, perguntava-se Gerhad. Eles deviam ter pessoas muito inteligentes lá em cima, mas a enfermeira duvidava que houvesse alguém que fizesse Ido parecer burro em comparação. Ele era... Ela procurou uma palavra diferente de *intenso*, mas não conseguiu encontrar. Porque Ido era exatamente isso: intenso. Tudo o que fazia pelos pacientes era tão importante para Ido quanto para eles, e Gerhad não tinha dúvida de que sempre fora assim. Ele tinha todos os motivos para ter ficado louco muito tempo atrás, mas, por alguma razão, permanecera lúcido. Ou quase.

Talvez Zalem não o tivesse *mandado embora*, pensou Gerhad. Talvez Ido tivesse saído de lá por vontade própria. Uma coisa era certa: ele não havia tropeçado e caído da borda por acidente.

Ido se virou para Gerhad, prestes a dizer alguma coisa, e viu que ela havia adormecido na cadeira, com a cabeça apoiada na mão mecânica. Pensou em acordá-la, mas mudou de ideia. A operação estava quase terminada. Ele se

aproximou da menina deitada na mesa e observou o coração de cerâmica e titânio no peito aberto. Agora batia mais rápido, em um ritmo normal para uma garota adormecida e perdida nos sonhos.

Ela estava viva.

CAPÍTULO 3

Acordar foi como subir das profundezas de um oceano morno e escuro. Um processo gradual, que não exigiu nenhum esforço. O tempo passou, ou talvez não tivesse passado, ou talvez tivesse parado e recomeçado. Depois de algum tempo — uma hora, uma semana ou um século —, ela abriu os olhos.

O teto acima dela era completamente branco, exceto por algumas rachaduras. Não havia nada de especial ou mesmo familiar — podia ser um teto qualquer, em um lugar qualquer. Mesmo assim, tinha certeza de que não era o mesmo teto sob o qual havia adormecido. Se é que havia um teto.

Bocejou, um bocejo longo e profundo, semicerrando os olhos enquanto os pulmões se expandiam ao limite. Ela teve meio segundo para pensar que seu peito parecia um pouco estranho antes de abrir de novo os olhos e ver a mão com a qual tinha coberto instintivamente a boca.

Não era sua mão. Não era nem mesmo uma mão humana.

De repente, estava desperta, encarando a mão, virando-a de um lado para o outro, mexendo os dedos. Aquela não era uma mão *comum*. Ela havia sido *projetada* por alguém, que depois a fabricara, algo que podia se mover, que podia tocar e ser tocado.

E era *bonita*, decorada com desenhos de flores, folhas e arabescos traçados com linhas perfeitas, delicadas. A placa de metal na palma da mão tinha desenhos semelhantes, só que muito menores. Ela fechou a mão devagar e tornou a abri-la, observando o modo como todas as juntas funcionavam; tinha a mesma liberdade de movimentos que mãos de carne e osso. Onde ficariam os nós na base dos dedos da mão humana, na sua havia pequenas peças arredondadas, decoradas com imagens intrincadas de raios de sol. O metal das articulações dos dedos era igual ao da palma da mão.

A mão tinha até impressões digitais — ah, e que impressões digitais! As linhas curvas gravadas nos dois primeiros segmentos de cada dedo eram um levante glorioso de ondas que se transformavam em flores, nuvens, arcos e espirais, dançando e rodopiando de maneira exultante, até mesmo desafiadora.

Nas costas da mão havia uma flor tão complexa que ela teria que estudá-la por muito tempo para ver todos os detalhes. A ideia de alguém ter lhe dado algo tão belo despertou uma onda de luz e calor no seu íntimo.

Os segmentos e a articulação do pulso eram ainda mais complexos que os da mão. Mais acima, outras flores surgiam simetricamente ao longo da parte externa do antebraço, linhas delicadas e perfeitas, algumas chegando à parte interna e se estendendo até o cotovelo. Os desenhos continuavam cotovelo acima até uma incrustação de ouro gravada com linhas que lembravam suas impressões digitais atuais. Os segmentos que compunham o ombro eram delineados com prata e ouro. Jamais tinha visto qualquer coisa parecida; se tivesse, a teria desejado imediatamente.

E o braço esquerdo?

Ela tirou o braço esquerdo de baixo das cobertas e ficou aliviada ao ver que era igual ao direito. Estendeu os braços para admirar os dois ao mesmo tempo. Com braços tão bonitos, talvez nunca mais usasse mangas compridas.

Como seria o restante do corpo?

Ansiosa, puxou as cobertas. Por um longo tempo, limitou-se a olhar para si própria e admirar o que via. O corpo inteiro — *seu* corpo inteiro —, cada pedacinho dele era uma obra de arte. Encarou a — *sua* — “pele” macia e rosada e a decoração incrustada em prata e ouro. Por quanto tempo tinha dormido?

Por falar nisso, onde havia acordado?

Não reconhecia o quarto, mas teve a impressão, pelos brinquedos engraçadinhos nas prateleiras, pelas fotos nas paredes e pelo coelho de pelúcia na cama, de que pertencia a uma menina. Uma menina *esperta*, que gostava de ler — havia prateleiras e mais prateleiras de livros de capa dura. Outras coisas no quarto, entretanto, pareciam fora de lugar — uma maleta velha cheia de pastas, por exemplo. Meninas não usavam pastas, nem mesmo as espertas. Um bichinho de pelúcia, talvez... Ela pegou o coelho e passou um dedo pelas orelhas caídas. O pelo era macio sob a ponta do seu dedo; ela praticamente conseguia sentir como as mãos da menina o acariciaram inúmeras vezes. O coelho era antigo, como quase tudo naquele quarto. A

menina muito esperta que tinha vivido ali devia ter partido muito tempo antes de ela ser colocada na sua cama.

Quem a levara até ali e como havia feito isso sem acordá-la? Porque tinha uma forte sensação de que adormecera em um lugar muito distante. Não conseguia se lembrar de onde era esse lugar nem do que fazia lá, ou, agora que pensava no assunto, de praticamente nada.

Mesmo que não soubesse onde estava agora, uma coisa era certa: o lugar era seguro. O quarto era antigo e um pouco malconservado, mas estava intacto. Não havia danos visíveis causados por munição pesada ou explosivos. Nem via armas instaladas em lugares convenientes que seriam de fácil acesso em caso de emergência, nem mesmo — ela verificou — embaixo da cama.

Não se perguntou por que esse último pensamento havia lhe ocorrido. Era natural pensar em segurança depois de acordar em um lugar estranho, ainda mais num corpo diferente. O corpo era bonito, sim, mas era útil? Era habilidoso suficiente, rápido suficiente, resistente suficiente?

Seu olhar foi atraído para o espelho de corpo inteiro do outro lado do quarto. Ela caminhou até lá nas pernas pouco familiares, mas muito bonitas, e ficou parada em frente ao espelho, mantendo os braços ligeiramente afastados do corpo para poder ver tudo: a prata e o ouro incrustados na clavícula e o desenho ornamentado mas delicado logo abaixo dos ombros e no centro do peito; a complexidade do tronco segmentado; os filetes de ouro no alto das coxas e os desenhos que serpenteavam ao longo das pernas até as complexas articulações dos joelhos; a simetria perfeita das flores desenhadas nas panturrilhas, imagens que espelhavam uma à outra. Ela conseguia imaginar o trabalho que fora necessário para construir aquele corpo, alguém produzindo uma peça de cada vez, trabalhando sob uma luz muito forte, sem descansar até tudo estar perfeito. A pessoa em questão era uma sombra indistinta com mãos incrivelmente firmes e olhos que não viam apenas superfícies — eles viam o *âmago* do mundo, sua essência.

A beleza que estava admirando, entretanto, era a beleza de uma boneca. A revelação a trouxe de volta à realidade com um choque. Ela era uma menina de brinquedo, desprovida dos detalhes anatômicos de uma pessoa de verdade. Tinha belas flores na clavícula, fios de ouro e de prata pouco acima de onde começavam os seios e outras placas abaixo deles. Mas não havia nenhum detalhe que marcasse os seios.

Ela apertou um deles com os dedos, esperando que fosse tão duro quanto o

restante do corpo, mas ficou surpresa quando o sentiu ceder. Seu corpo não era feito inteiramente de metal; havia alguns lugares macios.

Aproximando-se ainda mais do espelho, tocou o rosto. Também era macio, mas tinha certeza de que era seu antigo rosto, não alguma coisa que viera com o corpo. Ela se olhou e deu meia-volta, encarando o espelho por cima de um dos ombros, depois por cima do outro. Também era bonita vista de costas; as nádegas também eram macias, embora não tanto quanto os seios. Mas, assim como os seios, não eram reais. Olhou para os próprios olhos no espelho, mas a menina de brinquedo no reflexo não parecia saber mais que ela. Um súbito impulso a fez bater no reflexo com os dedos. Ela ouviu um leve *tic* quando o metal tocou o vidro.

— Ora, ora — disse, apenas para ouvir o som da própria voz. Não lhe pareceu estranha. A pessoa que a havia presenteado com aquele corpo de boneca não mexera em nada acima do pescoço. Menos mal.

Quando desviou o olhar do espelho, deparou com roupas dobradas em cima de uma cadeira. Examinou as peças — um moletom e uma calça cargo.

As *calças cargo* voltaram à moda? Ela devia ter passado *muito tempo* dormindo.

Descobriu que a porta do quarto não estava trancada, e foi um grande alívio saber que não era prisioneira. É claro que era pouco provável que um quarto de menina fosse uma cela de prisão, mas, como não sabia onde estava, não sabia ao certo o que era provável e o que não era. Além disso, se as calças cargo estavam de novo na moda, tudo era possível.

Tomando cuidado para não fazer barulho, ela saiu do quarto e encontrou um pequeno corredor, de onde viu um lance de escada. Estava em uma casa de família. Será que acompanhava o novo corpo? Se fosse esse o caso, não combinava com o corpo; o lugar era limpo, mas velho e malconservado, como o quarto onde havia acordado.

Enquanto subia a escada, ouviu vozes no andar de baixo. Parando para escutar por alguns segundos, constatou que havia uma mulher e pelo menos dois homens lá embaixo, embora não conseguisse entender o que diziam. As vozes não pareciam hostis. Era hora de descobrir onde estava, pensou, e começou a descer a escada, ainda se movendo silenciosamente, ouvindo as vozes com cada vez mais clareza.

Quando chegou ao andar de baixo, descobriu que estava em uma sala que parecia uma espécie de clínica ou laboratório. Será que na verdade esse lugar

era um hospital?

— Isso é o máximo que eu posso fazer no momento — avisou um dos homens. Ele estava inclinado para uma bandeja a sua frente, enquanto uma mulher alta, de pele escura, usando um uniforme hospitalar azul, estava de pé ao seu lado; uma enfermeira. — Não fazem mais peças para esse modelo.

O homem se afastou, e ela viu que antes ele estava mexendo em uma peça de maquinaria que claramente já tinha sido bastante usada. O metal estava arranhado e amassado; algumas partes obviamente foram substituídas por peças improvisadas. Parecia pesada e desajeitada, e estava presa ao ombro de um segundo homem sentado em uma cadeira ao lado da bandeja.

— Muito obrigado, doutor — disse o segundo homem, erguendo a máquina da bandeja e testando os movimentos. — Vou fazer algumas horas extras na semana que vem.

Ele se levantou, subiu a parte de cima de um macacão ensebado e fechou o zíper com o braço mecânico.

— Me pague quando puder — disse o primeiro homem, em um tom bondoso.

O segundo homem pegou um saco que estava no chão ao lado da cadeira.

— Olha o que eu trouxe para o senhor. Minha esposa trabalha na Fazenda 22.

A enfermeira deu uma risadinha.

— Se a gente continuar aceitando frutas como pagamento, nosso novo trabalho vai ser participar da colheita pessoalmente.

No momento em que pensou que devia procurar a porta de saída, a mulher a viu.

— Olá, dorminhoca.

A mulher sorriu para ela, que automaticamente retribuiu o gesto. Seria imprudente supor que estava tudo bem simplesmente por causa de um sorriso, mas algo lhe disse que podia confiar naquela mulher.

O homem do braço mecânico também sorriu para ela, mas o médico parecia assustado. Talvez achasse que ela ainda estaria dormindo. Ele tinha a pele bem clara, cabelos loiros e usava óculos de aro redondo que lhe davam a aparência de alguém que havia acabado de ser interrompido no meio da leitura de algo muito longo e complicado. A mulher — a enfermeira — acompanhou o homem do braço mecânico até a porta da sala enquanto ela e o sujeito de pele clara olhavam um para o outro.

Ela se deu conta de que aquele era o sujeito responsável pela obra de arte

que era seu novo corpo. Ele tinha dedos longos, que pareciam se mover com precisão mesmo quando estavam apenas mexendo nas abas do jaleco e nas peças e ferramentas nos bolsos. Agora que a surpresa da sua chegada havia passado, ele a examinava com o olhar penetrante de alguém que sabia muita coisa, muito mais que a maioria das pessoas. Ela percebeu que ele estava um pouco abatido, como se tivesse trabalhado demais e dormido pouco.

Sem saber o que fazer nem o que dizer, ela deu um passo à frente e ficou brevemente ofuscada por um raio de sol que entrava por uma janela. O calor no rosto era muito agradável.

— Como você está se sentindo? — perguntou o homem.

Ela se sentou na cadeira que tinha sido ocupada pelo homem com o braço mecânico.

— Bem.

De repente, ele voltou ao papel de médico, usando uma lanterninha para observar seus olhos e sua boca. Em seguida, apalpou a região abaixo do queixo e ao longo de todo o pescoço, com toques suaves.

— Você está sentindo alguma dor? — perguntou, segurando suas mãos e dobrando seus dedos um por um. — Alguma dormência? Alguma disfunção motora?

— Bem... eu estou com um pouco de fome.

Ele a conduziu para fora do laboratório ou do que quer que fosse aquele espaço e a levou para uma pequena cozinha. Fez com que ela se sentasse à mesa, enfiou a mão no saco que o paciente lhe dera e tirou uma coisa redonda e alaranjada.

— Coma isso — disse ele. — Vai aumentar a taxa de glicose no seu sangue.

Ela pegou a coisa e a examinou. Era uma bela cor, mas não parecia apetitosa. Um médico não lhe daria algo ruim para comer, pensou. Deu uma mordida e imediatamente cuspiu o pedaço na mesa.

— Os receptores de paladar estão funcionando — comentou ele, agora no papel de médico divertido. — Você vai achar mais gostosa se *descascar* primeiro.

Ele tirou a coisa da sua mão e começou a descascá-la. Ela ficou um tempo apenas observando-o, então achou que estava na hora de começar a fazer perguntas.

— Hum... Não quero ser indelicada, mas... eu conheço você?

Como se alguém tivesse virado uma chave, o médico desapareceu e ele

ficou encarando-a, parecendo não saber o que fazer. Por fim, disse:

— Nunca nos encontramos antes. Eu sou o dr. Dyson Ido. — Indicou com a cabeça a mulher, que tinha acabado de entrar na cozinha. — Essa é a enfermeira Gerhad.

O sorriso caloroso da mulher a encorajou a fazer a pergunta seguinte.

— Ok, não sei como dizer isso. — Ela respirou fundo. — Vocês sabem quem sou eu?

O médico e a enfermeira se entreolharam. Pareciam desapontados.

— Eu esperava que você nos contasse. Como você é uma ciborgue de substituição total e a maior parte do seu corpo foi destruída, não encontrei nenhum registro.

Eles se entreolharam de novo e dessa vez ela teve a nítida impressão de que a enfermeira estava aborrecida com alguma coisa.

— Mas seu *cérebro humano* estava milagrosamente intacto — continuou o dr. Ido depois de um momento. — Em teoria, você deveria se lembrar.

— Ah. Bem, eu... — Ela refletiu por um momento. — Eu não me lembro de nada. — Os dois estavam olhando para ela ansiosamente. Ela sentiu um aperto no coração, ou no que quer que fizesse papel de coração em um ciborgue de substituição total. — De absolutamente nada.

Não precisava ser médica para saber que isso não estava certo. Ela devia se lembrar de alguma coisa, mesmo que fosse apenas uma vaga imagem: alguém que conheceria, um lugar onde estivera, algumas palavras que alguém lhe dissera. De repente, teve a sensação de que o mundo estava ficando menos sólido, como se estivesse prestes a cair num abismo.

— Eu não sei nem o meu nome! — exclamou, com lágrimas jorrando pelo rosto.

— Eu sei que tudo isso é muito novo e estranho — comentou o médico, com aquela voz suave e bondosa que ela começava a apreciar. — Mas você não está sozinha. Estou aqui com você. Vou protegê-la e tudo vai ficar bem. E não podemos nos esquecer do lado positivo. — Ido secou seu rosto com um lenço e lhe passou a coisa que acabara de descascar. — Seus canais lacrimais estão funcionando perfeitamente.

Ela não conseguiu conter um sorriso. Era o tipo de coisa que um médico muito bondoso diria. Embora saber isso ao mesmo tempo que não lembrava o próprio nome não fizesse o menor sentido. Deu uma mordida na coisa que o médico tinha lhe entregado. Dessa vez, houve uma explosão de sabor na sua boca; a sensação da polpa entre os dentes e de um jorro de líquido que

escorreu pelo seu queixo foi maravilhosa. De repente, não sentia mais vontade de chorar.

— Isso é *muito* gostoso! — exclamou ela, olhando de Ido para Gerhad e de novo para Ido. — Como se chama?

Ela viu a enfermeira dar um sorriso irônico para Ido.

— Como isso foi *seu* pagamento, acho melhor *você* contar a ela. E aproveite para explicar que isso não vale como dinheiro em nenhum outro lugar da cidade.

CAPÍTULO 4

— AAAIII!

Ido correu para a porta, pensando que a pequena ciborgue tinha prendido o pé em uma tábua solta e torcido um dedo enquanto tentava se libertar. Mas não havia nada de errado com ela. O aparelho fonador estava em ordem, pensou ele, enquanto ela segurava seu braço e apontava para o céu.

— O que é *aquilo*?

Gerhad, que os havia seguido, dirigiu ao médico um olhar de compreensão que lhe dizia que teria que responder a um milhão de perguntas e era melhor ir se acostumando. Ele fingiu não notar.

— Aquilo é Zalem — respondeu para a ciborgue. — É a última das grandes cidades voadoras.

Ela levantou a cabeça para olhar.

— O que a mantém lá em cima? Mágica?

Ido achou que se os olhos dela fossem mais arregalados poderiam cair das órbitas.

— Não, algo muito mais poderoso: *engenharia*.

A menina correu para o meio da rua e ficou parada, olhando para a cidade flutuante e para as nuvens que passavam lentamente por baixo dela, sem perceber que um girocaminhão de duas rodas se aproximava buzinando furiosamente. Ido a tirou do caminho bem a tempo. Quando o girocaminhão passou, o motorista fez um gesto obsceno e gritou:

— *Pinche cabrón!*

Ido ia repreendê-la, mas mudou de ideia. Se ela não sabia o que era uma laranja, como poderia saber que era perigoso ficar no meio da rua?

— E aqui embaixo — explicou ele, apontando para a direção que o

caminhão tinha tomado — fica a Cidade do Ferro, com todos os seus encantos.

A menina arregalou os olhos, como se estivesse em uma terra exótica, repleta de promessas de aventura e emoção, e não numa cidade suja e triste, que Zalem usava como vaso sanitário.

O último pensamento era triste até para ele, refletiu Ido, que piscou, tentando ver a Cidade do Ferro pelos olhos de uma menina que jamais tinha visto uma cidade. No momento, porém, ela estava olhando para o cartaz na frente da casa: dr. Dyson Ido, cybercirurgião. Parecia que ela sabia ler, embora nunca tivesse visto uma laranja; mais um item a acrescentar à lista crescente de incongruências.

— Já que estou aprendendo nomes — disse ela, hesitando ao tocar seu braço —, você tem um nome para mim?

O nome saiu da boca de Ido antes que ele tivesse tempo de pensar.

— Alita. Alita é um bom nome.

A garota sorriu para ele como se tivesse recebido o melhor presente do mundo.

— *Adorei!* — exclamou, e Ido percebeu que não adiantaria oferecer outras opções. — Vou ficar com esse nome, pelo menos até conseguir lembrar meu nome de verdade. Obrigada! — Ela abriu os braços e lhe deu um abraço que o fez perder o fôlego.

Ido fitou o alto da cabeça da menina, que mal chegava ao seu peito, e ergueu os olhos para ver o que Gerhad tinha achado do ocorrido, mas ela já havia retornado para dentro de casa. Entretanto, tinha certeza de que ela ouvira — Gerhad ouvia tudo —, e mais tarde o faria se responsabilizar por isso. Como se ele tivesse deixado de se responsabilizar por Alita.

Alita. Ido afagou seus belos cabelos pretos e lhe deu um abraço forte. Claro que era Alita. Aquele rosto, aqueles olhos. Nenhum outro nome seria apropriado.

— Alita, acho melhor voltarmos para dentro de casa para realizar alguns testes. Preciso fazer outra varredura cerebral agora que você está acordada, além de uma calibração neuromotora completa e...

Ela olhou para Ido com um sorriso suplicante.

— Não, vamos dar um passeio! Vamos? *Por favor!*

Sem esperar a resposta, começou a puxá-lo para longe de casa. Gerhad reapareceu na porta.

— Vão dar um passeio. Para mim, ela parece perfeitamente calibrada —

declarou Gerhad, rindo. — Sapatos! Você precisa calçar sapatos!

Assim que recebeu um nome, as comportas se abriram e Alita passou a enchê-lo de perguntas. O que era engenharia e por que não a usavam para fazer a Cidade do Ferro flutuar? Qual era o tamanho da Cidade do Ferro? Ela sempre teve tanta gente? Quem a havia batizado de Cidade do Ferro e por quê? O que existia fora da cidade? Quem eram as pessoas que viviam na cidade? O que faziam?

Ido fez um relato resumido dos últimos trezentos anos, incluindo a Guerra e a Queda, acreditando que Alita sossegaria enquanto digerisse as informações. Claro que não — aparentemente, ele havia se esquecido de quão inteligentes eram as garotas de 14 anos. Bem, há *muito* tempo não lidava com uma; estava fora de forma. Decidiu levá-la para dar um passeio pela cidade para que ela pudesse apreciar o movimento. Só precisava tomar cuidado para que Alita não fosse parar no meio da rua.

Alita saltitava ao seu lado, os olhos bem abertos para tudo e para todos — as pessoas comuns, sem nenhuma melhoria mecânica; ciborgues de todos os tipos, desde aqueles com um ou dois membros mecânicos, feito Gerhad, até ciborgues de substituição total, como ela própria; e muitas crianças que ziguezagueavam no meio da multidão, algumas correndo descalças, outras usando patins motorizados. Até as placas de rua a deixavam fascinada, incluindo as que não conseguia ler. Ido fez outra anotação mental: Alita era fluente apenas em inglês.

Como se pudesse ler seus pensamentos, Alita se virou para ele e perguntou:

— Por que tantas línguas?

Ido sorriu, dizendo a si mesmo que fosse paciente.

— Depois da grande guerra de que lhe falei...

— Veio a Queda — completou ela, satisfeita por ter se lembrado.

— Isso. Depois da Queda, Zalem foi a única cidade flutuante que restou. Muitos sobreviventes da Guerra e das outras cidades flutuantes vieram para cá do mundo inteiro. Hoje, todos que vivem aqui embaixo trabalham para Zalem: na Fábrica, nas Fazendas, nas partidas de Motor Ball.

— Já aconteceu de alguém daqui de baixo subir para Zalem? — perguntou Alita.

Ido meneou a cabeça.

— *Ninguém* daqui pode subir para Zalem. É estritamente proibido.

Ela pareceu surpresa.

— Por quê?

Ido riu.

— Vamos ter que estabelecer um limite para o número de vezes que você pode perguntar “por quê” em um intervalo de uma hora.

Ficou esperando que a menina protestasse. Como Alita não disse nada, ele baixou os olhos e descobriu que ela não estava mais ao seu lado. Olhou em torno, preocupado. Se ela tivesse ido para o meio da rua de novo...

Não, Alita estava em segurança na calçada; sua atenção tinha sido atraída para uma tela da altura de um prédio de quatro andares na parede de um edifício do outro lado da rua. Quando Ido viu o que era exibido na tela, sentiu um calafrio.

Ciborgues enormes, usando armaduras pesadas, corriam em uma pista, lutando entre si e perseguindo uma grande bola motorizada que quicava e rolava erráticamente à frente deles. Alita estava boquiaberta, encantada com a visão dos ciborgues saltando, dando cambalhotas no ar e desferindo socos e chutes nos adversários, como se fizessem parte de uma espécie de balé brutal sobre rodas a duzentos quilômetros por hora.

Ido colocou a mão no ombro da menina para afastá-la da tela, mas Alita permaneceu no lugar.

— O que... O que é isso? — indagou, por fim, com os grandes olhos brilhando de empolgação, como se tivesse visto algo miraculoso.

— Motor Ball — explicou Ido, sem esconder sua reprovação. — Foi inventado pela Fábrica para que as pessoas pudessem descarregar suas energias. Todo mundo adora ter heróis, alguém por quem torcer, ídolos para serem adorados. Foi por isso que a Fábrica nos deu os paladinos. Mas eles não fazem nada que valha a pena ser visto.

Então passaram por alguns meninos usando máscaras cirúrgicas que anunciavam serviços de lubrificação. Assim que viram Alita, gritaram:

— Ei, a gente tem os melhores lubrificantes de Teflon! Serviço completo por apenas dez cs!

Ido colocou um braço protetor no ombro de Alita.

— Nunca, *jamaiz* use um serviço de lubrificação oferecido na rua.

— Por quê?

Ido olhou para Alita com ar sério.

— Você já excedeu sua cota, sabia?

Ela riu e se deixou conduzir para longe da tela, embora, para consternação

do médico, toda hora virasse a cabeça para ver mais um pouco de Motor Ball.

* * *

Tão certo como Alita era seu nome, falafel era a comida *mais gostosa* do mundo, com a laranja em segundo lugar. Comer um wrap de falafel também fazia muita lambança. Ela lambeu o homus dos dedos enquanto tentava evitar que o sanduíche se desmanchasse. Por que as melhores comidas eram as que faziam mais lambança? Ela olhou para Ido de soslaio para ter certeza de que ele estava entretido demais com uma cesta onde estava escrito SERVOMOTORES para percebê-la limpando as mãos na calça cargo.

Ido tinha lhe explicado que aquilo era um mercado público, e era *fantástico*. Havia muitas pessoas fazendo uma enorme variedade de coisas. Muita gente estava vendendo produtos, mas também havia um sujeito com algo chamado guitarra de dois braços; seu braço mecânico tocava com os dois braços ao mesmo tempo, produzindo uma música alegre que a fazia ter vontade de dançar em vez de apenas caminhar.

Mas era como se Ido não estivesse ouvindo a música. Todo o seu interesse estava voltado para aqueles servomotores. Ela não conseguia entender. Como podia ignorar um lugar com tanta coisa acontecendo? As pessoas vendiam de tudo: cobertores, cestas, flores (que não eram tão bonitas quanto as que estavam desenhadas no seu corpo), roupas, brinquedos, ferramentas, objetos cuja utilidade ela sequer podia imaginar.

E havia muitos itens interessantes para se apreciar — hologramas que enganavam os olhos, imagens com luzes que mudavam a cada instante, imagens que brilhavam *sem* luz. Havia quebra-cabeças, jogos de tabuleiro, dados com até vinte e um lados, embora ela não soubesse como era possível determinar o resultado da rolagem.

Alita parou em frente a uma estante repleta de gaiolas contendo pássaros de toda espécie. Alguns eram pequenos e voavam no espaço exíguo de um poleiro para o outro e às vezes para os arames da gaiola, agarrando-se neles com os pezinhos parecendo pequenos presidiários.

— A gente pode comprar alguns deles e soltá-los? Porfavorporfavorporfavor — pediu a Ido.

— Eles não iriam sobreviver — respondeu Ido.

— Mas eles deviam estar livres para voar para onde quisessem — argumentou Alita.

— Qualquer coisa que voe é abatida pelo sistema de defesa de Zalem —

explicou Ido. — Não existem pássaros livres nesta cidade.

Isso estava errado, pensou Alita. *Um dia eu vou descobrir um jeito de libertá-los*, prometeu silenciosamente aos pássaros. *Um dia*.

Em seguida, Alita foi para a área de alimentação. Tantos cheiros deliciosos! Havia ingredientes que chiavam em panelas largas ou borbulhavam em grandes caçarolas, pequenas refeições servidas em tigelas do tamanho da palma da mão e comida que vinha em espeto. Havia até comidas enroladas em outras comidas ou usadas como recheio, todas servidas por pessoas sorridentes com uma das mãos substituída por uma pinça, uma concha, uma faca ou mesmo um pequeno maçarico.

Ido, porém, fora diretamente para uma barraca onde havia apenas peças de máquinas, dizendo que precisava de mais servomotores — seja lá o que isso fosse. Alita não devia se afastar nem fazer muitas perguntas. Na verdade, não devia fazer pergunta nenhuma. Mas como ele podia levá-la àquele lugar e esperar que ela ficasse parada com tanta coisa acontecendo? Alita achava que ia explodir de frustração quando Ido comprou o wrap de falafel para ela.

De repente, Alita percebeu que não estava sozinha. Um cachorrinho virava-lata olhava para ela com ar de pidão e abanava o rabinho. Ela se abaixou para afagá-lo e ele imediatamente começou a lambar seu rosto. Bem, isso resolvia o problema de como ela iria se limpar.

— Vai em frente, amigo — incentivou, estendendo as mãos para o cachorro.

Ele não teve a menor cerimônia para fazer o serviço e lambeu os dedos de Alita até deixá-los completamente limpos antes de voltar para o rosto. Ela gostou de sentir aquela língua quente. Beijos de cachorrinhos eram ótimos.

Uma rajada de vento levou uma folha de papel até seu tornozelo e ela a pegou para ler: PROCURADO PELO ASSASSINATO DE SEIS MULHERES. RECOMPENSA DE 10.000 CRÉDITOS. Sem foto, apenas um quadrado preto abaixo do qual estava escrito CIBORGUE GRANDE NÃO IDENTIFICADO.

Não havia lá muitas informações, refletiu ela, franzindo a testa. Será que ninguém sabia nem *quão* grande era o ciborgue não identificado? Ele não devia ser tão grande assim, caso contrário não poderia ter matado seis mulheres sem que ninguém o visse.

— O que você acha, amigo? — perguntou ao cachorro, mostrando a ele o papel. — Você conhece alguém assim?

O cachorro farejou o papel, não sentiu cheiro de comida e continuou lambendo o rosto de Alita.

Hugo saiu da cama naquela manhã sem a menor intenção de fazer uma boa ação, muito menos salvar uma vida. Sua rotina envolvia manter os olhos e os ouvidos atentos para qualquer oportunidade de ganhar alguns créditos. Ele foi para o mercado na sua giro com a esperança de encontrar alguns comerciantes que precisassem urgentemente de certos produtos difíceis de se obter e que estivessem dispostos a pagar pela entrega rápida de encomendas especiais, sem fazer perguntas, obrigado e boa noite.

Encontrar produtos difíceis era, na verdade, a especialidade de Hugo, e não só para atender ao mercado. Ele e sua turma poderiam passar sem os clientes do mercado e mesmo assim ganhar um bom dinheiro. Entretanto, o mercado era o lugar onde havia começado e onde construíra sua reputação. Hugo não iria esquecer o lugar de onde tinha vindo — ainda não, pelo menos. Levantou os olhos para olhar para Zalem.

Inclinado para a frente sobre o guidão da giro, ele serpenteou pela rua, usando de vez em quando a calçada para se desviar de um caminhão ou de um carro. O veículo era muito rápido, mas ele passava um bom tempo retido no tráfego. Em breve teria que procurar uma estrada, para que o vento removesse as teias de aranha e o motor da giro pudesse funcionar livremente.

No momento, porém, estava pensando apenas em se encontrar com sua turma, que estaria reunida em frente ao café CAFÉ. Hugo havia feito alguns serviços para o dono desse estabelecimento de nome pouco imaginativo e agora ele era um dos poucos lugares da cidade onde podiam ficar sem que alguém reclamasse ou tentasse expulsá-los — bem, a não ser que eles bloqueassem a calçada ou ocupassem uma mesa na hora de maior movimento. No entanto, isso era no mínimo justo. Oferecer a uma pessoa um desconto nas peças de máquinas de café espresso e depois impedi-la de ganhar dinheiro não era o jeito certo de se fazer negócios. Tanji havia argumentado que oferecer grandes descontos para cafés também não era o jeito certo de se fazerem negócios, mas o argumento de que era ótimo para eles ter um lugar para se refugiar durante uma chuva, ou mesmo quando não estava chovendo, o convenceria.

Tanji não levava absolutamente *nenhum* jeito para negócios; qualquer coisa que não envolvesse uma simples troca de dinheiro por mercadorias tinha que ser explicada minuciosamente a ele, o que sem dúvida era um incômodo. Por outro lado, depois que entendia, ele era muito confiável — e seguia em frente, sem pensar duas vezes, sem desistir no último minuto, o que o tornava valioso para o grupo. Por isso também era o melhor amigo de

Hugo.

De repente, Hugo ouviu o barulho que ninguém gostava de ouvir, o ruído metálico de centuriões na rua a sua frente, e esqueceu todo o resto.

Eles estavam entrando no mercado, o que nunca era um bom sinal. A programação dos centuriões era específica e rígida a ponto de ser idiota. Eles existiam para acabar com atividades ilegais de duas formas: balas ou mísseis. Na verdade, três, se fosse incluída a única advertência que os centuriões davam para a pessoa interromper a atividade proibida por lei. Infelizmente, a programação não previa um intervalo de tempo muito longo entre a advertência e a aplicação da pena. Pior: nem sempre os centuriões eram capazes de reconhecer a diferença entre cooperação e desobediência.

O pior de tudo, porém, era que eles às vezes não reconheciam a diferença entre uma atividade legal e uma atividade ilegal, especialmente em um lugar caótico como o mercado. Havia sempre crianças brincando de Motor Ball em rampas improvisadas. Se um centurião confundia uma criança executando um salto mortal duplo com uma máquina voadora, ele a transformava em hambúrguer e não havia nada que ninguém pudesse fazer. A não ser que também quisesse ser transformado em hambúrguer.

O mais sensato a fazer teria sido dar meia-volta e retornar mais tarde; em vez disso, Hugo os seguiu a uma distância segura. Eles estavam indo para o meio do mercado, mas para quê? Será que a Fábrica *queria* que acabassem com o lugar, ou apenas que fizessem todo mundo se borrar de medo?

Foi então que ele viu a garota e o cachorro. Ela estava agachada no caminho daqueles monstros idiotas de metal, lendo um panfleto e acariciando o cachorrinho como se não soubesse que estava prestes a ser esmagada por três metralhadoras ambulantes. E eles *iriam* atropelar a menina e o cachorro sem hesitar. Os centuriões não foram programados para se importar com a segurança de seres vivos; eles eram verdadeiros algozes.

Antes mesmo de decidir o que fazer, Hugo acelerou a giro e ziguezagueou pela multidão a uma velocidade que até mesmo Tanji julgaria excessiva. E aquela garota tola *ainda* estava fazendo carinho naquele cachorro idiota! Ela era louca ou sua mãe a havia deixado cair de cabeça no chão vezes demais quando era bebê?

— Ei, você! Garota! Cuidado! — gritou ele.

De alguma forma, apesar de todo o barulho, ela ouviu, então se levantou e encarou as plataformas armadas tinindo que avançavam em sua direção. No entanto, em vez de correr em busca de abrigo, ela continuou onde estava,

boquiaberta, como se nunca tivesse visto um centurião. Paralisada de medo, pensou Hugo, tentando se aproximar. O centurião que ia à frente fez soar uma sirene. Qualquer um sairia correndo ao ouvir aquele som — qualquer um, *menos* aquela garota. Ela se agachou com os punhos erguidos, como se achasse que podia enfrentar os centuriões e viver para se arrepender. Ela não era só louca, era super-hipermegalouca.

Assim como eu, pensou Hugo, saltando da giro e se lançando sobre a garota. Enquanto rolavam no chão, ele fechou os olhos, esperando sentir a qualquer momento o pé de um centurião nas suas costas, esmagando-o no asfalto. Porém, quando voltou a abri-los, ele e a garota estavam deitados no chão, fora do caminho dos robôs. A garota olhou para ele, surpresa. Hugo teve um segundo para pensar que ela tinha os maiores olhos que já vira antes que se desvencilhasse dele e saísse correndo *na direção* do perigo do qual havia acabado de salvá-la.

Para salvar o cachorro, percebeu ele, o maldito cachorro. O animal estava ganindo quando o primeiro centurião passou por cima dele. A garota se jogou na frente do segundo robô, agarrou o cachorro e rolou para o lado uma fração de segundo antes que um pé enorme pousasse no exato lugar onde eles estiveram.

Hugo ficou de queixo caído. O que foi isso que ele acabou de presenciar? *Realmente* havia acontecido ou ele tinha levado pancadas demais na cabeça jogando Motor Ball?

Alita não tinha dúvida de que alcançaria o cachorrinho a tempo de salvá-lo. O que ela não esperava era a imagem que surgiu de repente na sua cabeça. Foi tão fugaz que ela não teve tempo de saber exatamente do que se tratava, embora tenha sentido uma forte impressão de armas e combate. Se aqueles eram lampejos de um combate ou de vários, não fazia ideia. Tudo passou tão rápido que ela sequer sabia se estava se lembrando de um acontecimento real ou de um sonho.

Então estava outra vez em movimento, mergulhando entre imensas pernas mecânicas a uma velocidade quase impossível e chegando ao outro lado da rua. Alita se encolheu e rolou, parando sentada e erguendo os punhos, pronta para se defender.

— Incrível! — exclamou uma voz ao seu lado.

Alita se virou e deparou com um rapaz sentado a sua direita, olhando para ela com admiração. Ele estava usando um casaco de couro e uma bandana no

cabelo preto e tinha os olhos escuros mais bonitos e o sorriso mais cativante que ela já vira. Ele se inclinou para a frente, olhou para as formas monstruosas dos robôs que se afastavam e gritou:

— Ei, por que vocês não olham por onde andam?

Alita ficou olhando para ele, sem saber o que fazer ou dizer. A bandana era a coisa mais bonita que alguém poderia usar, pensou ela quando ele se levantou e passou as mãos nas roupas para se limpar da sujeira da rua.

— Tenho que admitir, eu *nunca* vi alguém encarar os centuriões de frente! — comentou o rapaz, oferecendo a mão para ajudá-la a se levantar. — Puxa, você é pesada! — exclamou, enquanto a ajudava a ficar de pé, e em seguida pareceu arrependido. — Desculpa, eu queria dizer... — Ele interrompeu a frase ao ver a mão dela. — Ah! Você é um ciborgue!

Alita recuou, envergonhada, e escondeu as mãos debaixo dos braços.

— Eu só estava admirando sua mão — explicou ele. — É linda. Me deixe vê-la. Por favor.

Ainda constrangida, ela estendeu uma das mãos. Ele a observou de perto e a virou para ver todos os desenhos.

— É um belíssimo trabalho. Foi o dr. Ido que fez?

Ela sentiu uma explosão de satisfação.

— Foi ele que fez meu corpo inteiro, a não ser o núcleo.

— Ele fez um excelente trabalho — comentou, enquanto Alita lhe oferecia a outra mão para ser examinada. Esperava que o exame fosse demorado porque gostava da expressão dele, especialmente quando olhava para ela.

— O que *eram* aquelas coisas? — perguntou Alita.

O rapaz levou um segundo para perceber do que ela estava falando.

— Você está se referindo aos centuriões? *Sério*? Minha nossa, de que planeta você veio?

Ela deu de ombros.

— Ido me encontrou no ferro-velho.

— No ferro-velho — repetiu o rapaz, com ar incrédulo. — Então isso quer dizer...

Antes que concluísse a frase, Ido apareceu ao lado dela, preocupado porque Alita havia se afastado. A garota percebeu que ele estivera tão ocupado escolhendo servomotores que não fazia ideia do que havia acontecido, o que era bom.

— E aí, doutor — cumprimentou o rapaz. — Consegui aquelas placas de circuito que o senhor estava procurando.

Depois de fazer que sim para o rapaz, Ido colocou o braço nos ombros de Alita em um gesto que parecia ao mesmo tempo protetor e possessivo.

— Alita é nova aqui. Ela ainda está aprendendo os costumes da Cidade do Ferro. — Ele olhou para a garota com uma expressão séria. — Os centuriões são guardas da Fábrica. Fique longe deles.

— Ah, então não é uma boa ideia se jogar debaixo das pernas deles? — perguntou o rapaz, com ar inocente.

Ido olhou para ele de cara feia.

— Não brinque com coisas sérias.

O rapaz sorriu para Alita e deu uma piscadela para ela, que sentiu uma onda de felicidade percorrer seu corpo.

— Tenho que ir andando — avisou o rapaz para Ido. — Mais tarde eu entrego as placas. Preciso consertar um servomotor. — Ele sorriu para a garota. — A gente se vê por aí.

Alita o acompanhou com o olhar enquanto ele ia até uma máquina parada metade na rua, metade na calçada. Havia um banco nela, mas apenas uma roda. Ele verificou a máquina, subiu nela e deu a partida. Alita continuou olhando, maravilhada com a habilidade dele em manobrar no tráfego em apenas uma roda.

— Quem é ele? — perguntou a Ido, com ar sonhador, já com saudade.

— Hugo — respondeu Ido. — É um rapaz trabalhador, mas... — Ele fez uma pausa. — Bem, essa é uma cidade cruel, Alita. Vamos para casa.

Alita deixou que ele a conduzisse, mas não resistiu a virar a cabeça para olhar uma última vez. Ficou feliz ao ver que o rapaz estava olhando na sua direção.

— Hugo — repetiu, suspirando.

Ido suspirou, também, mas um tipo de suspiro totalmente diferente.

CAPÍTULO 5

O dia inteiro, os meninos com máscaras cirúrgicas se dirigiam aos ciborgues que passavam, anunciando até ficarem roucos os milagres que podiam fazer por apenas dez créditos. As sombras ficaram mais longas, o dia passou e os meninos não pararam mesmo depois que o sol se pôs.

A cidade era um lugar diferente depois que escurecia, mas os meninos não desistiam, prometendo aos ciborgues da Cidade do Ferro um tratamento que os deixaria como novos, com todas as juntas em ordem, prontos para uma noite de diversão. Aquele era um óleo de qualidade, apenas dez créditos por uma lubrificação de primeira.

O ciborgue de substituição total que decidiu aceitar a oferta podia estar com pena de que voltassem para casa de mãos vazias depois de tantas horas tentando vender seu serviço. Talvez eles o fizessem se lembrar de si mesmo quando tinha a mesma idade — eram jovens demais para trabalhar na Fábrica, mas o dinheiro para comida e aluguel precisava sair de algum lugar.

Ou talvez viesse pensando há um tempo em uma boa lubrificação, mas sempre aparecesse alguma coisa mais urgente a fazer, e agora havia chegado a hora, mesmo que com certo atraso. Cacete, aqueles dois meninos estavam oferecendo exatamente o que ele precisava por um preço tentador. Só um idiota deixaria essa oportunidade passar. Ou talvez estivesse pensando em algo totalmente diferente.

O que ele não devia estar pensando era na própria segurança. Sempre fora um homem grande e agora que era um ST tinha ficado ainda maior. Alto e corpulento — ênfase no corpulento —, por um instante ficou na dúvida se a cadeira que os meninos lhe ofereciam aguentaria seu peso, mas ela se revelou mais resistente do que parecia.

Ele havia notado que os meninos olhavam com admiração para os desenhos que ornavam seu corpo cromado. As pessoas faziam isso com frequência, mas ele não se importava. Cada desenho tinha um significado especial. A espiral acima do coração era para aqueles a quem dedicara a vida, enquanto as estrelas no centro do peito eram a família. As ondas nos ombros representavam o poder do amor, um fardo que estava disposto a suportar e que, na verdade, esperava encontrar naquela noite. Correntes partidas decoravam seus braços, mostrando que ele já havia superado muitos obstáculos.

A cadeira estava obstruindo parcialmente um beco e ele gostaria de deslocá-la alguns centímetros para a esquerda de forma que houvesse uma parede às suas costas — não seria difícil, porque a cadeira tinha rodas. No entanto, os meninos não paravam um segundo sequer perto dele, que não conseguia acompanhar seus movimentos. Eram tão parecidos, com aquelas máscaras cirúrgicas, que ele não conseguiria distingui-los se um não fosse mais alto que o outro. O mais alto estava à sua frente, dizendo que eles tinham o melhor serviço de lubrificação da Cidade do Ferro, enquanto o outro, atrás dele, mexia em latas ou outra coisa qualquer. Ele estava começando a se arrepender de ter parado.

— Sejam rápidos, *muchachos* — pediu, fazendo uma careta para o menino mais alto. — Eu tenho um encontro. Preciso de movimentos suaves hoje à noite, se é que vocês me entendem.

— Não se preocupe — disse o menino. — A gente trabalha tão rápido...

O mundo explodiu em uma luz ofuscante. Ele sentiu o corpo enrijecer, com os braços e as pernas formando ângulos estranhos. *Essa deve ser a sensação de alguém que foi atingido por um raio*, pensou. Depois, a sensação passou e ele ficou totalmente inerte.

— ... que você não vai nem saber o que aconteceu — completou o menino, empurrando a cadeira para dentro do beco.

Foi um percurso acidentado, a pavimentação irregular, cheia de rachaduras; ele balançava indefeso na cadeira, ainda sem conseguir se mexer, embora o outro menino tivesse removido o paralisador da sua espinha. Eles o haviam atacado na rua, à vista de todos. Alguém deve ter percebido o que aconteceu. Por que ninguém estava gritando, tentando ajudá-lo ou pelo menos dizendo que iria chamar os centuriões? Como uma pessoa podia ser sequestrada em um lugar público sem que ninguém fizesse nada?

A cadeira foi parada abruptamente e os meninos a inclinaram, jogando-o

no chão. Ele ainda não conseguia se mover. Quando ouviu o barulho das parafusadeiras, porém, descobriu que ainda podia falar.

— Seus pequenos *maricóns*! — gritou. — *Hijos de tu pinche madre!* — Mal conseguia ouvir a própria voz por causa do barulho das parafusadeiras, mas eles ouviam. Sabia que estavam ouvindo.

O ruído parou e ele viu os meninos arrancarem seus braços. Cybersangue azul escorreu das juntas rompidas. Ele sentia o líquido saindo do corpo e formando uma poça no chão.

Os garotos não se deram ao trabalho de usar parafusadeiras nas pernas; usaram uma serra circular que fez o sangue esguichar em todas as direções. Malditos açougueiros! Eles o retalharam como se fosse um boi e agora estavam manuseando seus braços e suas pernas como se fossem objetos quaisquer, como se ele jamais tivesse se libertado de correntes que outras pessoas eram fracas demais para arrebentar, como se ele jamais tivesse defendido seu povo, sua família, a si próprio.

Os meninos estavam guardando seus membros no bagageiro das giros quando, de repente, a luz da lanterna de um centurião iluminou o beco. No fim das contas, alguém tinha alertado as autoridades — ele estava salvo!

— Socorro! — gritou. — Socorro, eu estou sendo assaltado!

— Vá para casa — ordenou o centurião em sua voz mecânica, impessoal.

A luz se apagou e ele ouviu passos pesados se afastando da entrada do beco.

— Volta aqui! — implorou, com uma voz que o desespero fez subir uma oitava. — Volta aqui e me ajuda, sua máquina de merda!

Os meninos começaram a rir.

— Esquece, isso não é um crime contra a produção — explicou o menino mais baixo. — Os centuriões só ligam para a Fábrica, e a Fábrica não liga para você!

Ele sentiu que levou um chute. O filho da mãe o chutou enquanto ele estava indefeso! Se um dia reencontrasse esses *maricóns*, arrancaria os membros deles usando as próprias mãos.

— Esquece isso — disse o outro menino. — Vamos embora!

O ciborgue os viu partir nas suas giros, deixando-o sem braços e sem pernas em uma poça de cybersangue e ainda totalmente paralisado, incapaz até mesmo de rolar o corpo.

— *Auxilio!* — gritou. — Alguém me ajuda!

Provavelmente ficaria sem voz antes que alguém aparecesse.

Foi exatamente o que aconteceu.

O girotáxi que sacolejava na rua escura e deserta estava amassado, arranhado e precisava urgentemente de uma pintura. O motorista estava juntando dinheiro para a reforma, ou pelo menos tentando juntar, mas a crise financeira não ajudava. Na verdade, a crise financeira era o estado normal da Cidade do Ferro, mas ele tentava não pensar muito nisso.

Tinha achado que ganharia mais trabalhando à noite porque havia um assassino de mulheres à solta na cidade, e estava certo, mas ainda era menos do que esperava. As mulheres saíam à noite em grupos de quatro, cinco ou até seis. Num primeiro momento, ele achava que isso não impediria nada — não era como se seis mulheres fossem conseguir enfrentar um ciborgue homicida com golpes de salto alto enquanto esperavam os centuriões aparecerem para acabar com ele. Acontece, porém, que o assassino não gostava de grupos; ele atacava apenas mulheres sozinhas. Com todas as advertências, era muito raro encontrar uma mulher sozinha na rua à noite.

Infelizmente, nem todas conseguiam companhia. Como a pobre alma que estava transportando no momento — ele a vira parada na porta da Fábrica e percebera de imediato que ela estava preocupada com a perspectiva de voltar para casa sozinha a pé no escuro. Ele parou ao lado dela e a convidou a entrar.

Ela fez uma cara de sofrimento e disse:

— Obrigada, mas... hum... eu não...

O código universal para *eu não tenho como pagar*.

Em vez de arrancar com o carro e partir em busca de um casal bêbado demais para perceber que o taxímetro estava adulterado, ele disse:

— Pode entrar. Desconto especial para áreas perigosas. Você não ouviu falar que tem um assassino à solta por aí?

Ela hesitou, mas depois entrou no táxi, agradecendo de tal modo que o deixou comovido. Que seja... Sua mãe sempre lhe dizia que uma boa ação nunca é desperdiçada, embora ele não deixasse de pensar que ganharia mais se não tivesse um coração mole. Por outro lado, se não tivesse um coração mole, estaria dirigindo sem ninguém no carro. Então, que seja.

Àquela hora da noite, a viagem foi rápida, e, quando ele viu onde ela morava, ficou duplamente satisfeito pelo ato de caridade. O quarteirão estava deserto. A mulher pagou metade do preço normal e tentou acrescentar uma gorjeta. Ele devolveu o dinheiro, além de alguns créditos. A mulher pareceu

atônita. Provavelmente fazia muito tempo que ninguém aliviava a barra para ela.

— Pode ir — disse ele, rindo um pouco. — Só não conta para ninguém, senão eu não ganho mais dinheiro.

Ela deu uma risadinha.

— Seu segredo está seguro comigo. Vou levá-lo para o túmulo.

As palavras da mulher provocaram nele uma sensação estranha, e desejou que ela tivesse usado outra expressão. Devia estar cansado demais, pensou, sorrindo de novo para ela.

— Ei, uma boa ação nunca é desperdiçada, certo? Agora vai logo para casa, está bem?

Ela se afastou a passos rápidos, e, antes de sair com o carro, ele esperou até vê-la parar no que devia ser a porta de sua casa. Ainda teria tempo para pegar a próxima leva de bêbados saindo do Bar Kansas, e *eles* poderiam pagar o valor que o taxímetro adulterado indicava. Sabia que isso não era certo, mas, que inferno, ele tinha realizado uma boa ação, e mesmo que não fosse totalmente desperdiçada precisava fazer alguma coisa para compensar o prejuízo.

Ela não pôde deixar de se sentir aliviada quando o táxi foi embora. Passara todo o percurso até sua casa preocupada: e se o assassino fosse *ele*? Ou então o que faria se ele começasse a dizer que ela era bonita e que havia outra forma de pagar pelo favor etc. etc. etc. Em vez disso, ele era *de fato* um bom sujeito. Ou pelo menos um sujeito capaz de ser bom.

Mas onde mesmo tinha colocado a chave? Por que não havia instalado uma fechadura digital ou implantado um chip no braço? Era melhor investir o dinheiro que havia economizado naquela noite em alguma coisa melhor e jogar a maldita chave no lixo...

Assim que a encontrou no fundo da bolsa, ouviu um movimento atrás dela, e, embora soubesse que não devia fazer isso, que devia enfiar a maldita chave na maldita fechadura, entrar correndo e fechar a maldita porta, cometeu a estupidez de olhar para trás.

Alguma coisa enorme e mais escura que a noite se lançou sobre ela. Ela abriu a boca para gritar, mas o grito não durou nem um segundo. O sangue espirrou em uma parede próxima com um ruído que parecia um tapa.

* * *

O som do elevador acordou Alita. Curiosa, ela saiu da cama, foi até a porta, pé ante pé, e abriu uma fresta para ver o que estava acontecendo.

Por um momento, não teve certeza de que era Ido, porque ele parecia diferente. Não por causa do sobretudo de couro e das luvas pretas, embora nunca o tivesse visto usar algo parecido. Era sua expressão. Não havia nenhum traço de bondade ou afeição. Ele parecia sombrio, um homem que via o mundo como um lugar perigoso, onde nada de bom acontecia.

Ainda mais estranho era ele estar empurrando uma mala com rodinhas. Alita recuou um pouco quando ele passou na frente da porta do seu quarto, com as rodas da mala rangendo. Era uma mala muito estranha; havia algo no tamanho e na forma que a fez pensar em uma caixa de ferramentas em vez de uma mala de viagem. Ido foi até uma porta no fim do corredor e parou para tirar o braço de uma das mangas do sobretudo, fazendo uma careta.

Havia um corte profundo no seu antebraço, que ainda estava sangrando. Devia estar doendo muito. Alita precisou se conter para não sair correndo do quarto e perguntar a ele o que havia acontecido. Porém, embora Ido visivelmente estivesse sofrendo, sua expressão ainda era dura e fria. Aquele não era o doutor que fabricara seu corpo maravilhoso, com flores e incrustações de prata e ouro, nem o Ido que escolhera para ela o nome Alita. Ela não sabia quem era aquele Ido e não fazia questão de saber.

Ele destrancou a porta, empurrou a mala para dentro e fechou a porta. A fechadura foi trancada de novo com um estalido.

Na manhã seguinte, ela se perguntou se Ido diria aonde fora na noite anterior, mas ele sequer mencionou o curativo no antebraço. Não que tivessem muito tempo para conversar — o primeiro paciente chegou em uma caixa deixada na porta da clínica. Ele não tinha braços nem pernas. A enfermeira Gerhad disse que era uma boa hora para Alita começar o treinamento para ser assistente de Ido. A princípio, ela estava nervosa, especialmente por se tratar de um ciborgue desmembrado. O que aconteceria se cometesse um erro e ele desmontasse quando saísse da mesa de operações? Ou se ela deixasse cair uma bolsa de cybersangue e o conteúdo se espalhasse pelo chão... Ou, pior ainda, uma bolsa de sangue humano?

Gerhad garantiu que o risco de alguém desmontar depois de uma intervenção médica era mínima e que as bolsas de transfusão eram feitas de um material resistente demais para arrebentar fácil assim, justamente porque as pessoas viviam derrubando-as. Era só uma questão de se familiarizar com

os instrumentos e procedimentos. Quando Alita fosse mais experiente, disse Gerhad, saberia que instrumento passar antes mesmo que Ido pedisse. Quanto aos pacientes, Gerhad afirmou que poucos notavam que havia outra pessoa na sala de operações além de Ido. Isso certamente parecia ser verdade para o primeiro paciente, que não parava de falar.

— E lá estavam aqueles malditos ladrões que me assaltaram na frente de todo mundo — dizia ele, enquanto Ido manipulava o encaixe do braço no ombro do paciente. — Eu deitado, indefeso, pedindo socorro, e aquele *vale madre* de um centurião nem ligou. Se ele tivesse dedos, não teria levantado nenhum para me ajudar.

— Acoplador de torque — pediu Ido, estendendo a mão sem tirar os olhos do paciente. — Esses ladrões estavam interessados nas suas peças para vendê-las no mercado negro para os jogadores de Motor Ball — acrescentou, dirigindo-se ao ciborgue.

— *Minhas* peças? Que absurdo! — exclamou.

Quando Alita entregou o acoplador de torque a Ido, seu olhar caiu sobre o antebraço do médico e a satisfação de ter lhe entregado a peça correta desapareceu. O curativo parecia recente, mas já estava sujo de sangue. O que teria acontecido na noite anterior?

— Você teve sorte — dizia Gerhad ao ciborgue. — Mais uma mulher foi assassinada na noite passada, perto do lugar onde você foi assaltado.

O ciborgue olhou para ela com ar de incredulidade.

— Ah, claro, eu tive sorte. Sabe de uma coisa? Ouvi dizer que ele retalha as mulheres e coloca o que sobrou delas numa pequena...

Ido cutucou o ciborgue e olhou para ele e Gerhad com ar de reprovação antes de se voltar para Alita.

— Alita, não quero você fora de casa depois que escurecer, entendeu? — disse, colocando as mãos na lombar ao se empertigar. — E se sair fique por perto.

Gerhad e o ciborgue olharam para ela, curiosos para ver qual seria sua reação.

— Está bem — respondeu Alita.

— Promete?

Alita deveria achar que ele estava preocupado com sua segurança. E teria acreditado em Ido, se não tivesse visto sua expressão na noite anterior.

— Está bem, eu prometo.

Ido pareceu satisfeito e voltou a cuidar do paciente.

Depois de substituir os braços e as pernas do ciborgue, Ido disse a Alita que não precisava mais dos seus serviços e que ela podia sair se quisesse, mas deveria se lembrar da promessa de voltar antes que escurecesse. Alita fez que sim com a cabeça, distraidamente, enquanto tirava o jaleco e as luvas e os jogava no lixo. O mercado público, pensou, era um bom lugar para procurar Hugo.

Ela foi para a rua. Alguma coisa boa ia acontecer hoje, pensou. Assim que encontrasse Hugo...

— Ei, você! Garota!

Automaticamente, ela parou e olhou para trás. Uma mulher alta, de longos cabelos pretos, olhos azuis gélidos e com o que parecia uma joia roxa na testa estava parada na calçada, encarando Alita como se ela fosse uma criminosa. Alita fez menção de seguir em frente, mas a mulher a alcançou com dois passos rápidos. Ela segurou seu pulso e começou a manipular sua mão, como se fosse uma médica feito Ido. Embora fosse mais parecida com o Ido da noite anterior, frio, sombrio e impiedoso.

A mulher levantou a cabeça e dirigiu a Alita um olhar carregado de raiva. Alita se desvencilhou e recuou dois passos.

— O que você quer?

A mulher não disse nada e continuou olhando para ela. Alita endireitou o corpo e se afastou devagar, fazendo questão de mostrar que não estava assustada. Quase podia sentir o olhar da mulher nas suas costas e teve que se controlar para não sair correndo, com medo de que, se fizesse isso, a mulher corresse atrás dela. Depois de vinte passos, arriscou olhar para trás. A mulher não estava mais voltada para ela; estava olhando para a clínica de Ido.

Não, para a clínica, não — para Ido, que também olhava para ela de uma janela do segundo andar.

Era inevitável, pensou Ido enquanto via Alita se afastar de Chiren. Ele só não esperava que acontecesse tão cedo, antes que ele tivesse a chance de contar a Alita da ex-mulher. Ou, melhor, de alertá-la. Para isso, naturalmente, precisaria contar toda a história, e ainda não estava pronto para isso. Ele queria que Alita estivesse mais aclimatada, mais à vontade no corpo que recebera antes de lhe contar para quem o fabricara.

De repente, Chiren se virou e olhou para ele, como se não só o tivesse surpreendido olhando pela janela mas também pudesse ler seus pensamentos. Ele não devia se surpreender. Houve uma época em que Ido achava que ela

conhecia seus pensamentos melhor que ele próprio, e essa havia sido uma das muitas razões pela qual a amara. Mas isso tinha acontecido em outra época, em um mundo diferente, antes de sua Queda pessoal. Não restava mais nada daquele amor; era como se nunca tivesse existido.

* * *

O cartaz na lateral do edifício era enorme. Duas pessoas, um ciborgue de ST e um homem totalmente orgânico, ambos de aparência nobre e heroica, lado a lado, com os olhos erguidos em direção a um futuro brilhante. Abaixo dos rostos esperançosos, otimistas, estavam as palavras HARMONIA, PRODUTIVIDADE, SEGURANÇA em letras grossas tão vivas quanto o futuro que os aguardava.

A mensagem, porém, era um pouco desmentida pelas manchas de tinta vermelha como sangue humano, um efeito reforçado pelas letras que pareciam escorrer e passavam uma mensagem diferente: “A Fábrica não é dona da sua alma.”

Bom saber, pensou Alita. Ela virou a esquina, deparou com meninos que andavam de patins em uma pista improvisada e sorriu pela primeira vez desde que tinha sido abordada por aquela mulher maluca. Os meninos tinham construído uma pista, com rampas e obstáculos, em torno de uma praça com um chafariz no meio. Pessoas sentadas a mesas comiam ou bebiam café enquanto viam as crianças deslizar e rodopiar em seus patins motorizados perseguindo uma bola de metal disforme. Não era tão sofisticado quanto o que ela vira na tela, e os meninos não usavam armaduras, mas eles certamente tinham o mesmo espírito.

Alita refletia sobre como pedir para entrar no jogo, ou mesmo se devia fazer isso, quando um dos jogadores saiu da pista e deslizou até parar na sua frente.

— Oi, Alita — cumprimentou Hugo, tirando a bandana e soltando o cabelo.

Ela sorriu com alegria para ele.

— Hugo! Vocês estão jogando Motor Ball, não é?

Ele retribuiu o sorriso, e Alita achou que seu coração ia explodir de emoção.

— É só uma brincadeira. Você quer participar?

O sorriso de Alita diminuiu um pouco quando vários garotos passaram por ela a toda a velocidade. Eles podiam não ser jogadores profissionais de Motor

Ball, mas tinham muito mais experiência e poderiam derrotá-la com facilidade.

Hugo a puxou pelo braço.

— Vem! *Todo mundo* devia jogar Motor Ball!

— Está bem — concordou. De repente, ela sentiu vontade de deixar a cautela de lado e entrar no jogo só para ver o que aconteceria. — Por que não?

— Quem é a garota? — quis saber Chiren.

Como sempre, ela estava toda produzida — maquiagem chique, penteado chique, vestido chique, casaco de pele chique, sapatos chiques, tudo isso possivelmente feito à mão por ciborgues que recebiam o dobro do pagamento normal para não dormir nem comer até terminar o serviço. Aquela era uma cidade desesperada repleta de pessoas desesperadas, e ninguém era tão desesperado quanto Chiren.

Ela cobria a boca e o nariz com um lenço, como sempre fazia quando visitava essa parte da cidade. Não servia nem remotamente como um filtro de ar; tudo o que fazia era mostrar a todos, especialmente a Ido, o que achava daquela vizinhança. Enquanto caminhavam ao lado um do outro na calçada, ele teve vontade de arrancar o lenço da mão de Chiren e jogá-lo no chão.

— Ela é minha nova assistente.

Chiren arqueou uma sobrancelha.

— E você gosta tanto dela que resolveu dar o corpo da nossa filha. Nem preciso dizer o quanto fiquei surpresa, já que você devia tê-lo destruído há muito tempo.

— Eu não consegui. Eu simplesmente... não consegui.

— Isso ficou bem claro — comentou Chiren, sem esconder o desagrado. Era seu jeito de ser. — Você contou a sua “nova assistente” para quem construiu o corpo?

— Nossa filha morreu, Chiren. Você precisa aceitar isso.

Ela lhe lançou um olhar incrédulo.

— Pelo visto, não sou *eu* quem ainda não aceitou a morte dela.

Ido não teve resposta para isso.

— Você era o *melhor* — prosseguiu Chiren —, e agora olhe para você. Deve achar que está fazendo um trabalho nobre, gastando seu talento com a massa miserável enquanto busca a santidade. Dyson Ido, santo padroeiro dos refugos enferrujados da Cidade do Ferro. Você não acha que já está na hora

de encerrar sua penitência?

Ela parou subitamente ao ver a grande tela acima da taqueria. Ido não sentiu vontade de olhar para a tela, mas não conseguiu desviar os olhos quando um grupo de paladinos do Motor Ball se chocou com outro em alta velocidade. Os fãs de Motor Ball adoravam esse tipo de colisão coletiva. Um sujeito enorme, usando uma armadura cromada, emergiu do tumulto segurando a bola de vinte quilos no alto com uma das mãos.

O garçom que apareceu à esquerda de Ido era um velho mirrado, com um único braço mecânico, e lhe oferecia um sorriso largo. O homem tinha chegado à clínica sem sensibilidade no braço mecânico, do cotovelo à ponta dos dedos. Ido consertara o serviço malfeito e atualizara os controladores.

— O que você vai querer? — perguntou Ido a Chiren.

Ela torceu o nariz em uma expressão de nojo.

— Nada.

Como se precisasse ter perguntado, pensou Ido.

— *Dos tacos y una cerveza* — pediu ao garçom.

— *Si, muy bien.*

— Claymore recuperou a liderança! — gritou em êxtase o narrador da partida de Motor Ball. — Mas Jashugan está se aproximando e pode alcançá-lo na curva seis!

Quando se mudaram para a Cidade do Ferro, os dois se tornaram fãs de Motor Ball, que parecia ser a única atração decente da cidade. Chiren tinha até parado de falar em voltar para casa. Ido não se iludira a ponto de achar que ela finalmente havia aceitado a situação. Precisaria de muito mais tempo para isso acontecer, se é que aconteceria um dia. Ele sabia muito bem que Chiren ainda ficaria acordada até tarde da noite, tentando descobrir um jeito de retomar a vida anterior, de recuperar o paraíso. Não que a vida deles fosse tão boa assim, é claro. Mas não adiantava tentar fazê-la lembrar que a vida antiga estava longe de ser um paraíso. Chiren não lhe daria ouvidos.

Havia épocas em que ela ficava tão absorvida com o trabalho que se esquecia de sentir pena de si mesma. Às vezes Ido achava até que ela havia esquecido de ser infeliz, mas talvez fosse excesso de otimismo de sua parte. Entretanto, nada disso tinha importância agora, não depois de tudo ter dado errado.

Chiren apontou para um jogador de armadura preta e dourada que agora estava na liderança.

— Ele é um dos meus.

Como se isso fosse uma grande realização, pensou Ido. Chiren parecia ter se esquecido de que ele também conhecia o paladino de armadura preta e dourada. Ele deu um suspiro de irritação.

— O que você quer, Chiren?

Para sua surpresa, ela segurou sua mão e se inclinou para a frente, com uma expressão de urgência no rosto.

— Quero que voltemos a trabalhar juntos — declarou. — Tenho um negócio muito promissor e um equipamento à altura da sua habilidade. — O lenço não estava mais na sua boca porque a mão que o segurava alisava o braço de Ido do ombro ao cotovelo. — Trabalhe comigo — insistiu, o convite se transformando em súplica. — Juntos, podemos construir campeões, os melhores jogadores de todos os tempos. — Ela segurou as mãos de Ido. — Isso pode ser nossa passagem de volta para casa.

Ele recuou.

— Quando você vai se convencer de que *não tem como voltar*?

— *Vector* pode fazer isso acontecer — retrucou ela, quase rispidamente.

— Não *acredito* que você confia em *Vector*.

— Ele tem contatos entre gente muito importante. — Havia um traço de petulância na voz de Chiren. — Ele pode nos ajudar a voltar para Zalem.

Ido balançou a cabeça.

— Meu lugar é aqui.

Chiren baixou os ombros, como se tudo que a sustentava estivesse começando a ceder.

— Por favor. É a minha chance. Me ajude. *Por favor*.

Ela parecia tão desesperada que o coração já partido de Ido quase foi partido de novo. Chiren causava esse efeito nele. Ido gostaria de poder tomá-la nos braços e dizer que tudo daria certo porque ele a ajudaria, tomaria conta dela, faria tudo o que ela quisesse, encontraria uma saída ou uma solução alternativa. Porém, se fizesse isso, ficaria tão perdido quanto a ex-esposa. Ele recuou.

— Não posso ajudar você a construir monstros! — recusou. — Eu *não vou fazer isso*. Seus “campeões” têm o hábito terrível de se transformar em assassinos. Eles acabam vivendo nas ruas, se tornam viciados em drogas com enormes braços hidráulicos e um péssimo comportamento. Ou você já esqueceu?

Chiren viu uma barata correndo na mesa e usou um guardanapo para esmagá-la.

— Eu vou voltar para Zalem — anunciou, levantando-se. — Nem que seja preciso subir até lá de mãos nuas.

Ido ficou olhando enquanto ela se afastava. Chiren não precisou ir muito longe — antes de caminhar meio quarteirão, uma limusine blindada encostou no meio-fio. Ela entrou no banco traseiro, e quando o carro passou pela taqueria Ido pôde ver de relance, pela janela aberta, o homem que estava sentado ao lado dela. Vector não olhou para ele enquanto a janela se fechava.

Ido sentiu pena de Chiren. Seu desespero histriônico, o modo como acariciara seu braço... Ela estava fazendo isso por Vector, não por ele. O filho da mãe estava usando Chiren, enganando-a, fazendo promessas que não poderia cumprir, mesmo que quisesse. Esta tinha sido sua tática mais recente: se Chiren conseguisse recrutar o melhor cybercirurgião do mundo para trabalhar no time de Motor Ball de Vector, sua recompensa seria voltar para Zalem. Lar, doce lar, baby.

Ido esperou os tacos e a cerveja chegarem e voltou para a clínica com eles.

CAPÍTULO 6

Patinar era muito mais difícil do que ela imaginava, pensou Alita enquanto bamboleava pela rua usando as botas com rodas que Hugo lhe emprestara. Havia muito mais nas botas que apenas rodas — havia motores, rodas motoras, engrenagens, disjuntores, suspensão, até mesmo amortecedores. Era como usar um automóvel em cada pé. Alita não conseguia entender como elas deviam funcionar, mesmo com Hugo lhe dizendo o que fazer e segurando suas mãos para ajudá-la a manter o equilíbrio.

— Isso mesmo. Continua fazendo exatamente o que você está fazendo — instruiu, tentando encorajá-la. Alita fez que sim com a cabeça, mas não tinha a menor ideia de o que estava fazendo ou por quê. — Agora vou largar você, e você continua em frente, OK?

Assim que Hugo largou suas mãos, porém, seus pés começaram a se afastar um do outro, e, por mais que tentasse, Alita não conseguiu juntá-los novamente. Hugo não tinha percebido que ela *não queria* abrir um espacate?

— Usa o controle — sugeriu ele.

Alita havia se esquecido do botão de controle preso por uma correia à palma da mão. Tentou usá-lo, mas estava balançando os braços para manter o equilíbrio, por isso ela o apertou com força demais. Os patins aceleraram bruscamente e ela caiu de bunda no chão.

Hugo correu até Alita, que olhou para ele de cara feia.

— Se você rir, pode se considerar um homem *morto* — ameaçou.

Ele não riu enquanto a ajudava a se levantar (teve de se esforçar muito para isso, notou Alita).

— Da próxima vez, mantenha o centro de gravidade um pouco mais baixo e um pouco mais à frente — sugeriu Hugo, caminhando com ela até o canto

da pista improvisada de Motor Ball.

Várias outras pessoas patinavam na pista, que serpenteava em torno das colunas de um viaduto há muito abandonado.

— Ei, pessoal — chamou ele, acenando para os outros. — Essa é Alita.

As crianças se aproximaram para cumprimentá-la. Hugo a apresentou a Tanji, um garoto magrelo com músculos salientes e um halo de cabelos castanhos cacheados. Alita achou o cabelo mais divertido que ele. Tanji não era muito de sorrir. Na verdade, ele não sorriu nenhuma vez. Talvez estivesse tendo um dia ruim.

Os outros eram muito mais amistosos. Havia um sujeito muito alto chamado Risotto, um garoto corpulento chamado Dif e uma menina bonita chamada Koyomi, que disse a ela que não ligasse para Tanji. Koyomi tinha longas tranças presas de cada lado da cabeça. Alita gostou do estilo e se perguntou se poderia deixar o próprio cabelo crescer para fazer um penteado igual.

— Você sabe — disse Hugo, voltando-se para Alita enquanto os outros retornavam para a pista —, às vezes o melhor jeito de aprender é simplesmente se juntar aos outros.

Alita apertou o controle na palma da mão, tomando cuidado para não usar uma força excessiva, como da última vez; entretanto, mesmo assim, as rodas aceleraram mais rápido do que ela esperava. Os braços rodopiaram enquanto se esforçava para manter o equilíbrio, e por um momento ela achou que ia cair novamente. Por fim, porém, endireitou o corpo, dobrou os joelhos e se inclinou para a frente, do jeito que Hugo havia recomendado.

— Ei, acho que estou pegando o jeito! — avisou a Hugo, quando conseguiu se equilibrar.

Alita apertou o botão com mais força e as rodas aceleraram justo quando ela percebeu que não tinha ideia de como fazer uma curva ou frear. Ela se chocou em uma coluna de concreto, mas em vez de cair foi lançada de volta para a pista, onde passou a patinar dando rodopios descontrolados e ziguezagueando enquanto os outros passavam zunindo por ela. Ainda tentando recuperar o controle, tropeçou em um meio-fio, foi lançada para a frente e bateu em uma velha placa de sinalização antes de, por fim, cair de costas, com os pés para cima, as rodas ainda girando loucamente.

— Hum, acho que agora você pode largar o botão — sugeriu Hugo.

Alita relaxou o punho.

— Droga — disse ela com uma voz fraca, humilde.

Hugo a ajudou a se levantar e voltar a patinar, dessa vez se mantendo na pista. Ele patinou ao lado dela, lembrando-a de dobrar os joelhos e se inclinar para a frente, e fez um gesto para os outros. Alita ficou nervosa quando todos se juntaram a eles dois, mas Hugo continuou falando com ela, encorajando-a.

Koyomi passou por ela, com a bola na mão. Alita teve um segundo para pensar no que devia fazer antes que Koyomi arremessasse a bola na sua direção. Ela ficou surpresa quando conseguiu pegar a bola sem perder o equilíbrio nem sair da pista. Acho que estou *mesmo* pegando o jeito, pensou. Pouco depois, porém, foi atropelada por alguma coisa. A bola escapou das suas mãos, e ela caiu de bruços no chão.

Alita ergueu os olhos, confusa. Koyomi lançava um olhar irritado — não para ela, mas para Tanji, que havia pegado a bola. O garoto deu um salto e executou um vistoso quase espacate no ar ao arremessar a bola na baliza.

— Me desculpe, princesa — disse para Alita, rindo, ao passar por ela patinando de costas.

— Boa, Tanji... — comentou Hugo, aborrecido. — É a primeira vez que ela joga!

Ainda se mostrando, Tanji descreveu um oito perfeito em uma rampa improvisada.

— Se não sabe brincar, não desce pro play — comentou, patinando para longe.

Hugo ofereceu a mão para Alita. Ela a ignorou, levantou-se sozinha e ficou observando Tanji dando uma volta da vitória lentamente para retornar ao ponto de partida. Hugo estava falando alguma coisa, provavelmente lembrando que ela devia dobrar os joelhos e se inclinar para a frente, mas sua voz parecia vir de um lugar muito distante. Uma força crescia dentro de Alita, dizendo ao seu corpo exatamente o que fazer quando ela se alinhou na posição de largada com os outros e se agachou.

A bola foi lançada, e Alita cerrou o punho com força, imprimindo o máximo de aceleração aos motores e partindo junto com os outros, embora mal tivesse consciência da presença deles. Tinha olhos apenas para Tanji enquanto se esforçava para ganhar velocidade. As rodas abaixo dela ameaçaram fugir do controle, mas Alita reagiu instintivamente, deslocando o centro de gravidade para a frente sempre que elas tentavam correr mais rápido que ela.

A bola passou zunindo por Alita e foi direto para as mãos de Tanji. Ele se virou para a baliza com um ar presunçoso. Imediatamente, Alita percebeu

que, carregando a bola, Tanji perdia equilíbrio e velocidade. Ela acelerou ainda mais e zuniu atrás dele.

Tanji pareceu surpreso durante meio segundo ao ver a garota ao seu lado e depois tentou disfarçar, mantendo o ar arrogante. Logo iria arrancar aquele ar presunçoso do rosto dele, pensou Alita, ficando à sua frente. Tanji fez uma finta para a esquerda e foi para a direita, levantando o braço para acertar o cotovelo no rosto dela. Era exatamente o que Alita esperava. Ela segurou o braço de Tanji e o torceu, então girou o corpo e deu um chute na parte de trás do joelho dele. Tanji caiu, deslizou para fora da pista com braços e pernas completamente tortos e se chocou em uma parede. Alita arrancou a bola das mãos dele, deu um salto e a colocou na baliza.

O barulho que a bola fez ao acertar a baliza tirou Alita do transe de fúria que a possuía. Ela mal conseguiu manter o equilíbrio quando seus patins voltaram a tocar a pista e freou até parar enquanto, chocada, reproduzia na memória o que havia acontecido no último minuto. O que ela havia feito?

Koyomi lhe deu um tapinha nas costas, sorrindo como se tivesse acabado de presenciar uma grande conquista. Hugo havia se materializado do outro lado de Alita, parecendo impressionado, enquanto o pobre Tanji se levantava, trêmulo, apoiando um braço.

— Me desculpe, Tanji. Eu não queria... — disse Alita, quando o garoto passou por ela patinando em um pé só, sem conseguir se apoiar no outro pé.

Tanji a ignorou e parou na frente de Hugo.

— Sua namoradinha esquisita tem sérios defeitos de fabricação — comentou ele.

Hugo olhou para o amigo com uma expressão profundamente preocupada.

— Eu lamento muito — disse ele, e de repente começou a rir — que ela tenha humilhado você desse jeito!

Ele passou a mão na cabeça de Tanji.

— *Ã-hã, sei* — respondeu Tanji, afastando a mão de Hugo com um tapa e patinando para longe.

— Ah, esquece isso, cara — disse Hugo. — Quem manda nessa cidade?

Tanji deu meia-volta e os dois trocaram um cumprimento com as mãos espalmadas.

— Somos nós!

— OK, a gente se vê de noite — avisou Hugo, resistindo à tentação de dizer que estava aliviado ao ver que o braço do amigo estava melhor. — E ela não é minha namorada.

— Ela é um ciborgue de substituição total — comentou Tanji. — Você sabe o que a gente pensa desse tipo de gente.

— Ela é só uma menina — protestou Hugo, parando de rir.

— E daí?

— Ela é de Zalem.

— Que seja — disse Tanji, e se afastou.

Alita os ouviu, mas estava cansada demais para prestar atenção. Precisou usar suas últimas energias para tirar dos pés os patins emprestados.

— Você leva jeito para isso — comentou Hugo, sentando-se ao lado dela.

É assim que as pessoas veem o que eu fiz?, perguntou-se Alita. *Ser violenta com um garoto de carne e osso, sem nenhuma parte mecânica, é levar jeito?* Remorso e confusão fervilhavam nas suas entranhas; tudo o que ela queria era ir embora antes de começar a chorar feito um bebê ou fazer algo tão idiota quanto.

— Preciso voltar para casa — avisou. — Idô não quer que eu fique na rua depois de escurecer.

— Quer uma carona? — ofereceu Hugo.

De repente, Alita perdeu a vontade de chorar; na verdade, seus lábios se abriram em um sorriso largo.

Hugo achava difícil acreditar que ela nunca tivesse andado de giro, mas o jeito como Alita segurava forte sua cintura e dava gargalhadas enquanto o vento agitava seus cabelos... Sem dúvida ela estava apreciando o passeio mais que qualquer pessoa a quem ele dera uma carona. Era como se fosse uma grande novidade. Embora, na verdade, pelo que Alita lhe contara, *tudo* era novidade para ela.

— Então você não se lembra de *nada*? — perguntou ele. — Nem de família, nem de amigos... nem mesmo da sua comida favorita?

— Foi o que eu disse. Pensando bem, talvez laranjas. Mas isso é só desde ontem.

— Que absurdo! Isso é inaceitável.

— Como assim? — questionou ela, intrigada.

Hugo subiu no meio-fio e parou diante de uma barraca. Aquela garota precisava provar uma comida boa *de verdade*.

— Uma barra de chocolate, por favor — pediu ele à mulher que tomava conta da barraca, passando-lhe algumas moedas. Ele entregou a barra para Alita. — Come isso. Vai mudar sua vida. Acredite em mim.

Alita hesitou, segurando a barra entre o polegar e o indicador enquanto a examinava de perto, como se fosse algo de outro planeta — o que para ela era verdade, pensou Hugo, fazendo que sim com a cabeça para encorajá-la. Ainda hesitante, Alita deu uma pequena mordida em um canto da barra.

— Ai, meu Deus! — exclamou, extasiada. Ela deu outra mordida, muito maior, e depois outra, mastigando furiosamente até a barra acabar. — Isso é *delicioso*! — disse, por fim, lambendo as pontas dos dedos. — Hugo, eu tenho uma comida favorita!

Hugo riu, apreciando a reação da garota. A mulher da barraca também estava rindo, embora parecesse um pouco intrigada. E com razão, pensou Hugo. Sem dúvida era a primeira vez que estava diante de uma garota que jamais havia sentido o gosto de chocolate. Ele sentiu orgulho de ter sido a pessoa que introduziu Alita aos prazeres do chocolate.

Hugo se virou para ligar a giro quando viu uma figura familiar se aproximando. Os transeuntes abriram caminho para ele passar.

— Olha só — chamou Hugo, dando um tapinha no braço de Alita. — Um guerreiro-caçador.

O ciborgue tinha parado para olhar as pessoas em volta, um predador em busca da presa. Ele era todo feito de metal e orgulho, o corpo de ciborgue uma versão idealizada da forma masculina, decorado com uma profusão de desenhos feitos obviamente para que as pessoas pensassem que significavam coisas muito importantes. E isso podia ser verdade, até onde Hugo sabia. O sujeito havia gastado uma fortuna, tanto em cirurgia plástica quanto em decoração corporal, para parecer elegante e perigoso. Podia parecer idiota, e, em qualquer outra pessoa, provavelmente passaria essa impressão. Nele, entretanto, surtia o efeito desejado, deixando-o bastante intimidador.

— Quem é ele? — perguntou Alita em voz baixa.

— É um caçador de recompensas. O nome dele é Zapan — respondeu Hugo. — Está procurando alguém. Eu não gostaria de ser essa pessoa.

Zapan caminhava mais uma vez na direção deles. Quando passou, Hugo viu que ele havia reformado o rosto, instalando novas maçãs e um queixo mais forte. Tinha também alguns desenhos novos nas costas, mas ainda carregava sua arma favorita.

— Qual é a da espada? — perguntou Alita.

— Armas de fogo e IAs avançadas são proibidas na Cidade do Ferro. São punidas com a morte. Essas coisas podem representar uma ameaça para Zalem.

Alita parecia tão impressionada que ele se arrependeu de ter tocado no assunto, especialmente levando em conta que ela não se lembrava de nada a respeito do seu passado. Então lhe ocorreu que poderia fazer algo para compensar e voltou a dar a partida na giro.

Alita encarou boquiaberta a enorme ruína de uma igreja enquanto Hugo parava a giro. Aquele devia ter sido um lugar muito importante para ser tão grande, pensou ela. As janelas agora eram apenas buracos vazios, e parte do teto havia desabado; o que restara sustentava turbinas eólicas que giravam preguiçosamente. Mas ela conservava certa — Alita procurou e encontrou a palavra certa — *majestade*.

Ela é realmente majestosa, pensou. Embora esteja reduzida a escombros, ela se recusa a morrer.

Alita olhou para Hugo, que tinha adquirido um ar solene.

— Esse mundo é cruel — começou ele. — Aqui embaixo, os fracos são presas dos mais fortes e a Fábrica não se importa com ninguém. É por isso que a gente tem que se manter focado nos nossos sonhos.

— Qual é seu sonho, Hugo?

— Vou mostrar para você — avisou ele, e pediu com um gesto que ela o seguisse.

Não demoraram muito para escalar a fachada da ruína — havia muitos lugares para apoiar os pés e as mãos. Hugo a levou a uma plataforma acoplada a uma das torres. A visão da Cidade do Ferro fez Alita perder o fôlego.

— Esse é meu lugar secreto — explicou Hugo. — A melhor vista da cidade.

— Legal — disse Alita, olhando para os pontos luminosos que começavam a aparecer no fim da tarde. — Gostei.

— Não, não é *dessa* vista que estou falando — corrigiu Hugo, apontando para o alto. — Eu estou falando *dessa* vista. Olha para cima.

— Ah — murmurou ela, olhando para a cidade flutuante. As construções perto da borda tinham adquirido uma coloração dourada, e aqui e ali Alita viu luzes que brilhavam como joias. Ou talvez como estrelas.

— Especialmente a essa hora do dia — acrescentou Hugo. — O jeito da luz. É a coisa mais bonita desse mundo horrível.

Alita gostaria de poder ver melhor os prédios. Os moradores de todos aqueles edifícios que brilhavam à luz do sol poente... O que estavam

fazendo? Será que estavam apreciando o crepúsculo? Era mais bonito visto lá de cima? Ou eles tinham coisas mais belas para contemplar?

— Imagino como devem ser as coisas lá em cima — comentou Alita, com ar sonhador.

— Melhores que nesse depósito de lixo. *Têm* que ser.

Alita adoraria que Hugo não soasse tão amargo, que ficasse tão feliz por estar ali com ela quanto ela se sentia estando com ele em seu lugar especial.

De repente, Hugo colocou a mão no ombro dela e disse:

— Escuta só!

Ela ouviu um som sibilante acima da cabeça, ergueu o olhar e viu um tubo comprido que se estendia até a cidade flutuante.

— Esse é o som dos produtos enviados a Zalem pela Fábrica. Os tubos servem para transporte de equipamentos, comida e outras coisas, mas não de pessoas. — Hugo suspirou; a frustração se irradiava dele como se fosse calor. — Sabe de uma coisa? Se eu fosse forte como você, subiria por esse tubo até Zalem nesse exato momento.

Alita olhou para ele, surpresa.

— Mas eles não deixam ninguém subir.

Hugo deu uma risada triste.

— É isso que eles *querem* que a gente pense. É preciso conhecer as pessoas certas. É o meu caso. — Ele apontou para os arranha-céus que começavam a cintilar enquanto o sol se punha. — É preciso estar disposto a fazer o que for preciso, *não importa* o que seja. Um dia, e esse dia não está muito longe, eu vou acenar lá de cima para esse monte de lixo.

Alita não conseguia tirar os olhos do rosto de Hugo. Era como se ele reluzisse enquanto o vento agitava seus cabelos pretos. A aparência de Hugo neste momento... *Ele* era a coisa mais bela que ela já vira, não Zalem, e Alita gostaria de ter coragem de dizer isso a Hugo.

— Você está olhando para mim de um jeito engraçado — comentou ele.

— Não. — Alita sorriu. — Eu estou só... olhando.

— Você acha que eu estou louco — disse Hugo, em tom acusador.

— Não — protestou Alita. — Eu respeito seu sonho.

Alguma coisa se mexeu no ar perto dela. Alita estendeu a mão e uma borboleta pousou no seu dedo, as asas laranja e pretas batendo devagar e ritmadamente, quase como um batimento cardíaco. Um coração com asas. Ela deixou que Alita a estudasse por alguns segundos antes de voar novamente, descendo sem pressa para o interior da igreja, onde um raio de

sol dourado penetrava pelo buraco deixado por uma das janelas e criava uma pequena área verde no meio dos escombros.

— Eu quero tanto ver o que existe lá em cima que quase sinto o *gosto* — prosseguiu ele. — E o curioso é que — Hugo deixou de olhar para Zalem e fitou Alita — você já viu, mas não se lembra.

— Como assim? — perguntou a menina, surpresa.

— O doutor encontrou você no depósito de lixo. Na pilha dos rejeitos que vêm de Zalem. Isso quer dizer que você morou lá.

— Ah. Bem... Eu acho que... Não sei. — Ela franziu a testa, sem saber o que dizer.

Hugo a segurou pelos ombros e a encarou.

— Se pelo menos você pudesse me contar o que seus olhos viram...

— Eu gostaria de poder — disse ela, pensando que ele não fazia ideia de como gostaria, se isso fosse fazê-lo feliz. — Mas, para ser sincera, tenho a sensação de que não era alguém importante. Era só uma garota insignificante que foi jogada fora com o lixo. — Ela olhou para Zalem e, como se em resposta ao que dissesse, o lixo começou a cair da cidade flutuante.

Os dois ficaram ali sentados, observando, enquanto o refugio continuava sendo despejado.

CAPÍTULO 7

Ido surpreendeu Alita tentando entrar em casa despercebida. Ele estava no alto da escada do porão, usando um avental, o que deveria deixá-lo ridículo, com todos aqueles babados e plissados, mas isso não acontecia, nem um pouco.

— Eu pedi que você voltasse para casa antes de escurecer — declarou ele, muito sério, conduzindo-a até a cozinha e fazendo-a se sentar à mesa.

— Me desculpe. Eu perdi a noção do tempo.

Ido suspirou.

— Eu já disse que você não deve confiar em ninguém. As pessoas são capazes de fazer coisas horríveis umas às outras nessa cidade.

Alita olhou para o antebraço de Ido. Ele havia trocado o curativo depois que ela saíra, mas o novo tinha uma manchinha de sangue. Alita levantou os olhos.

— Você está bem? — perguntou, dando uma leve ênfase no “você”.

— Estou — respondeu ele secamente, colocando um prato de comida diante de Alita. — Coma. Você precisa alimentar o cérebro.

Ela hesitou, olhando desconfiada para o jantar. Cheirava bem, mas não parecia particularmente apetitoso. Alita olhou para Ido.

— Tem chocolate em casa?

Os dois se entreolharam por um longo tempo, então começaram a rir. Ele ainda estava rindo quando passou a explicar as virtudes do milho, da batata, da ervilha e do frango, que na verdade era um derivado fortificado de frango, e como cada comida ajudaria a manter saudáveis o cérebro e o sistema nervoso central dela, porque mesmo os ciborgues de substituição total não podiam viver apenas das nanomáquinas contidas no cybersangue. Tudo era

gostoso, mas não chegava nem perto de chocolate.

Alita foi para a cama assim que Ido mandou, bocejando exageradamente e dando a impressão de que mal conseguia manter os olhos abertos, mas era tudo encenação. Ela estava bem desperta quando ouviu os passos dele no corredor, e estava preparada. Tinha prometido a si mesma contar até trinta antes de segui-lo, para não correr o risco de ser descoberta, mas mal chegou a vinte; pensou que perdê-lo de vista seria pior.

Felizmente, a mala o fazia andar mais devagar. Não era muito grande, mas era difícil arrastá-la na calçada em péssimo estado. Era também mais pesada do que ela imaginava. Ido precisava incliná-la e fazer com que rodasse sobre apenas duas rodas para passar pelos meios-fios e pelos buracos da calçada. Seguindo-o pela rua, Alita era forçada a manter uma distância tão grande que corria um risco enorme de perdê-lo de vista.

Entretanto, *havia* uma forma de segui-lo de perto sem ser vista — e ela devia agradecer a Hugo por isso. O edifício que escalou não tinha tantos pontos de apoio quanto a igreja, mas havia peitoris e canos e eram apenas dois andares. Ela conseguiu segui-lo pulando de um telhado para o outro sem nenhum problema. Às vezes conseguia até se adiantar um pouco e ficar esperando para ver por qual Ido iria, se iria dobrar à esquerda, à direita ou seguir em frente.

Foi em uma dessas ocasiões que notou a mulher. Tudo o que podia ver, na verdade, era um par de pernas bem torneadas e uns poucos centímetros de uma saia curtíssima; o restante estava escondido por um casaco com capuz. A princípio, Alita pensou que ela simplesmente estivesse voltando para casa depois de uma balada e não conseguira um táxi. No entanto, embora a mulher estivesse caminhando com passos decididos — o salto alto fazia tanto barulho na calçada que Alita sabia onde ela estava apenas pelo som —, não parecia estar com pressa.

Ela também parecia estar fazendo o caminho mais longo para voltar para casa; Alita viu que ela passava por várias ruas sem avançar muito em nenhuma direção. Será que estava perdida? Se estava, não parecia. Ela não parava para ver o nome das ruas, nem para olhar ao redor. Limitava-se a caminhar e caminhar e caminhar, como as pessoas fazem quando sabem exatamente aonde estão indo.

O mesmo valia para Ido. Alita percebeu, de sua posição privilegiada, que o caminho escolhido por ele tinha alguma relação com o da mulher. Às vezes

Ido ficava a menos de um quarteirão de distância dela e Alita tinha certeza de que ouvia o barulho do salto alto na calçada. Mas ele nunca permitia que a mulher o visse...

Ido, concluiu horrorizada, estava *perseguindo* a mulher de capuz.

Não, não podia ser. Ele *não* faria uma coisa dessas.

A mulher entrou em uma passagem estreita e desceu uma escada de cimento, parando por um instante para olhar para trás. Ido não estava lá. Ele tinha tomado uma rua diferente e estava parado em uma esquina. Alita prendeu a respiração. Depois de descer a escada, a mulher estava a apenas um quarteirão de distância de Ido e seguiu diretamente para ele.

E Ido sabia disso.

Ele abriu a mala e tirou algumas varas de metal. Uma delas tinha uma ponta estranha — parecia um martelo. De onde estava, Alita não conseguia entender exatamente o que era aquilo. Ela saltou para outro telhado, um pouco mais baixo. Tentou ser discreta, mas fez um leve ruído ao pousar.

Ela congelou, prendendo a respiração, esperando que Ido olhasse para a direção do barulho, mas ele não olhou. Por fim, Alita se arrastou até a pequena parede de tijolos na beira do telhado e espiou lá embaixo. Ido parecia estar tão ocupado montando sua arma que não tinha ouvido nada, a não ser o barulho do salto alto da mulher. Ele atarraxou as peças e acionou uma chave. O objeto estremeceu nas suas mãos e Alita teve certeza de que Ido iria usá-lo para atacar a mulher. Sentindo o coração partido em um milhão de pedaços, ela saltou na rua, bem na frente dele.

— Não! Pare! — exclamou Alita, segurando o cabo da arma com as duas mãos.

Ido ficou de queixo caído.

— Alita?! O que...

— Eu *não* vou deixar você matar aquela mulher! — gritou ela, tentando arrancar a arma das mãos dele.

Alita se virou para olhar para a mulher, mas ela não estava à vista. Não havia ninguém na rua, a não ser ela e Ido.

No instante seguinte, ela ouviu uma gargalhada vinda do labirinto de becos que os cercava, os becos pelos quais a mulher tinha caminhado. As sombras em volta pareceram se agitar, aproximando-se deles e se transformando em uma silhueta com três metros de altura.

Alita ouviu um som áspero na rua atrás dela e de Ido. Eles se voltaram e viram um segundo ciborgue, um esqueleto desengonçado de metal com um

tufo de cabelo branco e roxo e um sorriso perverso, segurando uma faca.

— Uma armadilha — comentou Ido, com uma voz surpreendentemente calma.

— Procurando por mim, doutor? — disse a sombra de três metros. — Ou devo chamar você de *guerreiro-caçador*?

Alita olhou para Ido, surpresa. O dr. Ido, o cybercirurgião que havia construído um corpo para ela que era uma verdadeira obra de arte, um guerreiro-caçador? Só podia ser um engano...

— Ah, não! — exclamou o esqueleto, fingindo estar com medo. — Parece que ele encontrou a gente! Eu estou *tão apavorado*!

Ido se posicionou à frente de Alita, com ar protetor.

— Alita, não se mexa!

— Obrigado por trazer uma menina — disse o esqueleto, esfregando a faca nas costelas para produzir faíscas. — Isso vai poupar nosso tempo.

Ido e o esqueleto investiram um contra o outro. Alita recuou, ouvindo o martelo emitir um som grave. Uma chama azul surgiu na parte de trás da cabeça do martelo quando ele atingiu o antebraço do esqueleto e o decepou. O membro emitiu um som metálico ao cair no chão e o esqueleto cambaleou para trás, rindo.

— Belo golpe para um cara de carne! — comentou ele, em tom zombeteiro.

Ido tentou acertá-lo novamente, mas o esqueleto se esquivou e o martelo arrancou um pedaço de uma parede de concreto. O esqueleto riu e atingiu o ombro de Ido com a faca. Para horror de Alita, o martelo escapou das mãos de Ido quando ele cambaleou para trás, sangrando.

— Nããão! — gritou Alita.

Ido se abaixou para pegar a arma, mas uma perna bem torneada com um sapato de salto alto pisou no cabo do martelo e uma longa lâmina apareceu colada à sua garganta. A mulher que Alita tinha achado que Ido queria matar se ajoelhou ao lado dele e aproximou o rosto bem maquiado do rosto do médico.

— Você queria me salvar? Que *adorável*! — Ela usou a faca para retirar os óculos de Ido. — Ei, você tem lindos olhos.

— *Ele é meu*! — gritou o esqueleto, com a mão no braço mutilado. — Você pode ficar com a *menina*.

Alita recuou mais um pouco, entrando no beco atrás dela.

— Eu não me importo, contanto que eu fique com os olhos dele — disse a

mulher, encostando a ponta da faca no rosto de Ido.

O esqueleto levantou Ido pelos cabelos.

Ido fechou os olhos e gritou:

— Alita, corre!

Alita correu...

... a toda a velocidade, com passos pesados e rápidos, seus pés martelando o chão conforme ela corria cada vez mais rápido e mais rápido e *mais rápido*, então Alita pulou. Houve um ruído metálico muito alto quando ela acertou o esqueleto, fazendo-o cambalear e ir parar longe de Ido. Alita continuou perto do esqueleto, seus punhos se movendo tão rápido que era quase impossível acompanhar com os olhos, até que ela o reduziu a uma pilha de metal no meio da rua.

Ido, incrédulo, olhou para Alita e para os destroços que ela havia criado.

— Meu Deus. — Ele suspirou. — Alita...?

Em seguida, o gigante saiu das sombras com um rugido de raiva. Ele tinha ombros extremamente largos e musculosos e braços compridos demais, uma cabeça do tamanho de um barril e um corpo que parecia ter sido um tanque de guerra martelado até assumir uma forma mais ou menos humana.

— *Rasga essa pulga ao meio!* — gritou ele, apontando para Alita.

O outro ciborgue tirou o capuz, e Alita viu que o rosto e as pernas bem torneadas eram os únicos traços humanos. Da cintura para cima, o corpo de metal preto e reluzente era segmentado como o de um inseto. Ela estendeu os braços, exibindo as articulações triplas que pareciam as de um louva-a-deus e as lâminas de aspecto maligno na ponta de cada braço.

— Você é *muito* bonita — cuspiu para Alita. — Vou te abrir para ver se você é feia por dentro, igual todas as outras.

O mal podia mesmo tomar forma naquela cidade, pensou Alita, lançando-se sobre ela.

Ido tentou se recuperar da surpresa que o deixara momentaneamente imobilizado. Sua garotinha precisava de ajuda...

Precisava mesmo?

Quando a faca da insetoide cortou o ar, Alita se esquivou com tanta facilidade que parecia levitar. Ela pulou para uma coluna da velha passagem elevada e tomou impulso para avançar sobre a ciborgue. Ido se abaixou para pegar o martelo, ligou-o, levantou o braço para empunhá-lo...

Só para descobrir que estava de mãos vazias. O monstro de três metros

segurou o martelo com uma das mãos e o pescoço de Ido com a outra. Ele o imprensou contra uma parede, virando sua cabeça, forçando-o a olhar para Alita.

— Quero que veja a menina morrer.

A loucura homicida da insetoide estava a todo vapor quando ela atacou Alita com as lâminas. Alita se esquivou de cada golpe e se aproximou aos poucos até estar perto o suficiente para desferir um chute violento que lançou a insetoide na direção de uma parede. Entretanto, pouco antes de se chocar com a parede, a insetoide se virou com uma agilidade surpreendente e atingiu a parede com os pés, sem sofrer nenhum dano. Um segundo depois, com um sorriso largo, investiu contra Alita.

Alita já estava em movimento. Ela acertou a insetoide em pleno ar, gerando um ruído metálico, arremessando-a de novo contra a parede. Movendo-se com os movimentos fluidos e graciosos de uma dançarina, Alita se virou, apontou os dedos dos pés para o crânio da insetoide e o imprensou contra a parede. O corpo segmentado escorreu para o chão, sem cabeça, o cybersangue jorrando do pescoço feito um chafariz. Alita deu um mortal para trás e ficou parada diante do ciborgue de três metros.

O monstro largou Ido e sorriu para ela, exibindo dentes metálicos afiados como facas.

— Vem cá, pulguinha. — Ele ergueu o braço e fez um movimento de pinça com o indicador e o polegar. *Tic! Tic! Tic!* — Vem cá para eu arrancar essa sua cabecinha.

Alita saltou na direção dele, esquivando-se com facilidade do seu braço, que atingiu um muro de concreto com força suficiente para fazer o corpo inteiro do esqueleto tremer. Ela pousou atrás do monstro e imediatamente deu outro salto, preparando-se para o movimento seguinte. Porém, no momento em que passava por cima do monstro, ele levantou o braço e a acertou em cheio, arremessando-o de costas para a...

Um clarão ofuscante.

O tempo parou.

Alita estava olhando do alto para uma paisagem desolada, em preto e branco, rochas sem vida e poeira sob um céu preto repleto de estrelas indiferentes. O tempo voltou a passar, mas parecia se arrastar conforme ela descia para a superfície estéril, coberta de poeira. Seu corpo era diferente, com uma

blindagem muito mais resistente. Era um corpo feito para o perigo, para o combate, embora ela não fizesse ideia de como sabia disso, assim como não sabia por que o número 99 estava gravado no seu ombro. Alita só sabia que estava pronta.

Sua sombra estava à sua frente, na superfície. As pontas dos seus pés encontraram suas sombras levantando uma nuvem de poeira antiga. Imediatamente, o tempo voltou à velocidade normal, e ela corria pelo terreno desolado em direção a um pelotão de soldados inimigos, também usando armaduras de combate. Alita sabia que eles estavam tão prontos quanto ela.

Alita entrou em ação, transformando-se numa tempestade letal de socos e chutes, movimentos que não eram levados pelo frenesi e sim pela disciplina, nascidos da arte marcial que ela vivia para seguir e agora a mantinha viva. Cada soldado inimigo que avançava para matá-la morria em suas mãos; cada morte era um passo à frente. Tinha que continuar avançando, rápida e mortal demais para que alguém pudesse detê-la.

Um após outro, os soldados inimigos foram ao seu encontro, investiram contra ela e foram repelidos quando Alita os golpeou, retorcendo seus corpos, rasgando-os ao meio. Abrindo caminho entre eles, ela se virou para ver a pessoa que lutava ao seu lado com movimentos igualmente rápidos e mortais. O rosto que retribuiu o olhar era um que Alita via todo dia, feroz, destemido e implacável: Gelda, a líder do seu pelotão.

Houve um súbito clarão no céu e tudo ficou branco. Alita ouviu Gelda gritar:

— Em aproximação!

O branco se desvaneceu, e Alita ergueu os olhos para ver naves de guerra singrando o céu escuro, disparando mísseis e raios de energia enquanto as estrelas observavam em silêncio.

O centro de comando do inimigo estava à vista. Alita tomou impulso e saltou outra vez. Gelda observou sua trajetória com um orgulho de guerreira.

— Você vai ser a melhor! — gritou para Alita. — A melhor do mundo... do nosso exército e do deles!

Alita atravessava o vazio, viu a Terra imersa no vazio negro antes que o clarão a ofuscasse outra vez. A batalha desapareceu e havia um muro de concreto se aproximando rapidamente.

A memória do combate encheu seu corpo de conhecimento e perícia que permitiram que ela se movesse sem pensar. Alita se pendurou no alto do

muro em vez de se chocar nele. Estavam agora no elevado, onde a estrada fazia uma curva para receber rampas de acesso que não mais existiam. Mais além havia uma escuridão que não era quebrada nem mesmo por lâmpadas de rua. Alita se firmou no muro e olhou para a ciborgue que se aproximava. Atrás dele, o olhar de Ido encontrou o dela; pouco depois, ele corria na direção do ciborgue.

Quando o ciborgue se virou para enfrentar Ido, Alita dobrou os joelhos e mirou no ponto onde o braço dele se encontrava com o ombro, dando um grito de guerra que vinha de algum lugar da sua memória corporal, mesmo que sua mente não se lembrasse. Atingiu o ombro do ciborgue com os pés, então girou bruscamente logo após o impacto — outro movimento da sua memória corporal. Houve um rangido metálico, logo abafado pelo grito de raiva e incredulidade do ciborgue quando seu braço caiu no chão, espalhando cybersangue.

Alita se curvou e rolou para longe, levantando-se com o martelo foguete na mão quando o ciborgue se aproximou.

— Quem é você? — rugiu ele.

Em resposta, ela enfiou o martelo no peito dele.

Houve um *crac!* muito alto de algo enorme se partindo, algo que devia ser invencível mas tinha encontrado uma força à qual não podia resistir, uma força que abalara tanto a estrutura material do ciborgue quanto a confiança que estava por trás. Alita viu as rachaduras se espalharem no seu peito e, por um momento, teve a impressão de que o monstro iria se despedaçar. Entretanto, ele usou o braço que sobrara para se segurar enquanto cambaleava para trás. Ido estava boquiaberto, como alguém em estado de choque, embora não corresse perigo. Alita ergueu o martelo e avançou sobre o ciborgue para acabar com ele.

— Você vai pagar por isso, pulguinha — rosnou ele, recuando. — Grewishka não esquece! Um dia eu vou me vingar de *vocês dois!*

Antes que a garota conseguisse fazer alguma coisa, ele pulou do elevado. Alita correu para a mureta e olhou para baixo, mas não conseguiu ver nada na escuridão.

— Alita, você está bem? — perguntou Ido, preocupado. — Alita?

— Mais um segundo — rosnou a garota, encarando a escuridão. — Mais um segundo e eu teria acabado com ele.

Ela levantou a cabeça e de repente sentiu o vento frio da noite no rosto. A frustração e a decepção de não conseguir destruir o inimigo desapareceram,

dando lugar a uma sensação de leveza que veio depois de gastar tanta energia em tão pouco tempo. Não era tanto uma exaustão, mas um retorno a um nível normal que, em condições de combate, não existia.

— Alita? Você está me *ouvindo*?

Ela olhou para Ido e viu o sangue escorrendo pelo corpo dele, sangue humano.

— Ai, meu Deus, Ido — disse ela, ao perceber que ele estava ferido. — Como você está?

O médico a encarou, e Alita não sabia dizer se ele estava irritado ou triste, assustado ou confuso. Talvez, depois de ver o que havia feito com aquele corpo, se arrependesse de tê-lo construído para ela, pensou; talvez estivesse pensando que, após encontrar aquele cybernúcleo na pilha de lixo, devia tê-lo deixado onde estava.

De repente, Ido se virou, fazendo um gesto para que Alita o acompanhasse.

A pequena máquina de matar que se parecia tanto com sua filha caminhou em silêncio ao seu lado pelas ruas escuras. Não havia sinal de agressividade ou beligerância, nem mesmo do mau humor típico dos adolescentes. Desde a longa queda de Grewishka da borda do elevado, ela voltara a ser apenas uma garota, preocupada com o ferimento de Ido, querendo apenas voltar para casa.

Ou, mais precisamente, desde cerca de meio minuto *depois* da queda de Grewishka, quando ela havia olhado para baixo e se queixara de que com mais um segundo teria acabado com ele. Como se *ela* fosse a guerreira.

O que, Ido compreendia agora, era verdade. Todos os belos desenhos de flores, todas as incrustações em prata e ouro não mudavam esse fato. Talvez pudesse conter esse instinto se fosse um bom pai e a mantivesse longe do perigo, missão na qual havia falhado outra vez e de um jeito ainda mais espetacular que da primeira.

Quando entraram em casa, ela insistiu em fazer um curativo no ombro de Ido e ele deixou. Alita parecia muito arrependida enquanto preparava a bandagem e limpava o ferimento. Uma garota de 14 anos tentando compensar o fato de que havia sido desobediente, saíra de casa sem permissão e se envolvera em uma situação de perigo.

Embora, se ela não tivesse feito isso, a essa altura eu estaria morto, lembrou Ido com tristeza. E agora Alita estava fazendo um serviço de

primeira no seu ombro, passando uma camada fina de pasta no ferimento, sem excessos. Não sabia se era algo que Alita aprendera com Gerhad ou se era uma técnica usada nos campos de batalha que vinha com sua natureza guerreira.

No entanto, a noite ainda não havia terminado — ele precisava entregar as provas do seu trabalho à Fábrica para receber a recompensa. Ainda que não quisesse levar Alita, temendo que acontecesse alguma coisa que a fizesse reverter ao modo de combate, não podia deixá-la sozinha em casa, não depois de tudo o que aconteceu. Ela precisava conversar com ele, precisava de Ido para não ter que refletir sozinha sobre os acontecimentos da noite. Além do mais, havia a possibilidade de Alita o seguir às escondidas mais uma vez. E também a chance de que amigos dos dois ciborgues que mataram aparecessem na sua casa em busca de vingança. Se fizessem isso...

Melhor não pensar no assunto. Era pouco provável, dada sua reputação entre os ciborgues da Cidade do Ferro, mas não era algo totalmente descabido.

Ido decidiu levar Alita com ele até a Fábrica. Caso encerrado. Não precisava mais ficar angustiado pensando no assunto.

Ele olhou de relance para Alita enquanto se dirigiam para a Fábrica. Ela ainda estava quieta, ainda parecia arrependida, como qualquer outra adolescente que tivesse desobedecido aos pais e se visse diante de uma situação muito mais séria do que imaginava. Agora ela provavelmente estava pensando no que aconteceria no futuro, perguntando-se se ele estava irritado demais, se iria castigá-la, se o relacionamento entre os dois voltaria a ser como era antes.

Você tem certeza?, perguntou uma vozinha na mente de Ido. *Já que foi ela que salvou o seu pescoço, será que não está tirando conclusões equivocadas? Ela é realmente a única que deve pedir desculpas? Sim, ela pensou que você fosse o assassino... mas, se não fosse isso, Grewishka teria enfiado sua cabeça num espeto e a insetoide estaria usando seus olhos como brincos.*

Alita — *aquela* Alita — estava em sua vida havia apenas dois dias, não quatorze anos. Ela não era uma adolescente de verdade, não do modo como sua filha tinha sido. A filha era uma menina indefesa, precisava de sua proteção. Aquela Alita não precisava de proteção. Ela podia estar preocupada com o fato de Ido estar zangado com ela, mas talvez ele devesse se preocupar com o fato de *ela* estar zangada com *ele*. Porque tinha visto o que acontecia

quando Alita ficava zangada.

O instinto assassino estava no cybernúcleo da menina. Não era um hábito ruim que ela pudesse abandonar ou um problema a ser corrigido com aulas de controle de raiva; fazia parte da sua natureza. Por outro lado, não era um simples desejo de matar. Por mais empolgada que ela estivesse, sabia distinguir amigos de inimigos. Entretanto, depois que entrava em movimento, queria ir até o fim. Alita não parava assim que o perigo imediato tinha passado.

Mais um segundo e eu teria acabado com ele.

Só de se lembrar da voz de Alita, Ido sentia um frio na espinha.

Quando estavam subindo a escada da porta da Fábrica, Ido percebeu que Alita estava olhando interrogativamente para ele. Quando chegaram ao alto da escada, ele sopesou o saco que estava carregando e se virou para ela.

— Escute — começou, e de repente não soube como continuar. — Escute — repetiu, tirando do bolso sua identificação de guerreiro-caçador. — Você... Nós matamos dois dos criminosos mais procurados dessa cidade e irritamos um terceiro. Grewishka *vai* tentar se vingar de nós, mesmo que os amigos dos outros dois não façam nada.

Alita acenou positivamente com a cabeça.

— Eu entendo.

— Antes da Queda, havia uma polícia para prender os criminosos e proteger os inocentes — explicou Ido. — Agora, a Fábrica paga pessoas como eu para fazer o trabalho sujo de matar os criminosos. — *E ninguém protege os inocentes*, pensou. Ele levantou a identificação acima da cabeça. — Guerreiro-caçador 17739.

— Você é *mesmo* um guerreiro-caçador? — indagou Alita, com a voz trêmula.

— Você promete ficar aqui enquanto eu estiver lá dentro? — perguntou Ido. — Promete não sair daqui, aconteça o que acontecer?

— Prometo — respondeu Alita em voz baixa.

— Ótimo.

A ideia de deixá-la do lado de fora não lhe agradava, mas Ido não queria que a garota participasse do negócio que estava fazendo, nem mesmo como testemunha. Por outro lado, não estava preocupado com sua segurança — ninguém que tivesse amor à vida ousaria fazer algo contra ela nos degraus de entrada da Fábrica.

As enormes portas se abriram. Antes de entrar, Ido se virou para Alita e acrescentou:

— *E não mate ninguém.*

— Pode deixar — disse Alita com uma voz meiga.

Ido virou o saco e despejou as duas cabeças em uma placa de metal para que pudessem ser escaneadas. Um deckman deslizou para o outro lado do balcão. A utilidade dos deckmen era um dos mistérios da Fábrica. Até onde Ido sabia, sua única função era aparecer de repente e assustar as pessoas. Pareciam latas de lixo com um rosto de desenho animado e voz mecânica.

— A recompensa pelo ciborgue Nyssiana é de vinte mil créditos — informou o deckman. — A recompensa pelo ciborgue Romo é de quatorze mil créditos.

Ido teve vontade de dizer ao deckman que, pelo trabalho que tivera para conseguir as cabeças, a Fábrica devia pagar muito mais. Além disso, Romo teria ficado ofendido se soubesse que Nyssiana valia mais que ele.

A vida é assim, meu caro, pensou Ido, vendo um braço mecânico varrer as cabeças para um tubo de descarga. *As pernas dela eram muito mais bonitas que as suas.*

De repente uma imagem se formou na mente de Ido: as cabeças dos ciborgues descendo pelo tubo e caindo, caindo e caindo até pousarem em um monte de lixo no qual uma versão mais triste e ainda mais decrepita de humanoides catava o lixo enquanto olhava para cima, para a Cidade do Ferro, acreditando que era um lugar melhor e pensando em como seria viver lá.

Seu devaneio foi interrompido quando outro braço mecânico colocou um saco de moedas no balcão a sua frente. Ele guardou o saco no bolso do casaco.

Alita estava esperando exatamente onde ele a havia deixado, apesar de ter começado a chover forte e haver uma marquise a poucos metros de distância. Uma máquina de matar que não sabia se proteger da chuva. *O que faria com ela?*

— Você devia ter me contado qual era sua verdadeira profissão — disse ela.

Eu poderia dizer a mesma coisa para você, pensou ele, e se conteve para não dizer isso em voz alta.

— Você faz isso apenas por dinheiro? — quis saber Alita, enquanto

desciam a escada a caminho de casa.

— Eu preciso do dinheiro *para a clínica* — respondeu Ido, em um tom mais na defensiva do que gostaria. — Se não fosse esse dinheiro, eu teria sido obrigado a fechar a clínica há muito tempo. Existem outros motivos para eu fazer esse trabalho, mas prefiro não falar a respeito.

— Mas você *precisa*! — insistiu ela, puxando-o pela manga do casaco. As emoções de uma garota de 14 anos estavam sempre afloradas. — Você não é quem eu pensava... mas, essa noite, descobri que *eu* também não sou quem eu pensava!

Alita parou e segurou as mãos de Ido. Aquelas mãozinhas delicadas, decoradas com flores e outros desenhos, eram tão fortes que ele não conseguiria se libertar mesmo que quisesse.

— Você sabe mais a meu respeito do que me disse. Eu *sei*. Preciso saber a verdade.

Ido estava indefeso diante dela, mais indefeso do que se estivesse diante da máquina de matar. Depois de alguns instantes, ele se ouviu dizer:

— Eu tive uma filha. O nome dela... O nome dela era Alita...

CAPÍTULO 8

Olhar do alto para a Cidade do Ferro confirmou a Vector mais uma vez que a melhor coisa da vista não era como, durante o dia, o horizonte se estendia sem limite em todas as direções ou como, à noite, parecia haver uma fortuna em joias reluzentes espalhada abaixo dele.

Não, a melhor coisa era que a cidade era *sua*. Era sua para explorar, para controlar, para manter. Seria para sempre sua e apenas sua. Era como ser dono de um pedaço do mundo. Ou, talvez, de todo ele.

Vector ouviu um leve farfalhar de lençóis na cama atrás dele. Eram lençóis muito caros. Não eram feitos do famoso algodão egípcio, mas de algo ainda mais especial, graças a certos nanomecanismos têxteis, muito especiais e muito difíceis de conseguir, que também eram seus. A mulher com quem compartilhava seus tesouros dissera que adorava a textura desses lençóis. Ele sabia que Chiren também adorava a vista, pela expressão no seu rosto quando permitia que ela a apreciasse.

Ultimamente, entretanto, tinha a impressão de que ela não vinha demonstrando o mesmo grau de apreciação pelas coisas finas, ou de gratidão pela generosidade do homem que se dispunha a partilhar suas posses com ela. Não era como se Chiren pudesse encontrar algo melhor ao seu alcance, só esperando por ela.

Vector se virou para olhar para ela. Chiren estava deitada de costas para ele e para a vista. Mais uma vez de mau humor. Estava na hora de lembrar a ela o que era importante. Foi até a cama e rolou seu corpo, de maneira suave mas firme, até que ficasse de frente para ele.

— Meus jogadores só devem perder quando eu mandar — declarou ele.
— Você me prometeu campeões.

Chiren o encarou com olhos azuis frios e intensos.

— E você me prometeu tudo do bom e do melhor. Arranje aqueles servomotores de grau militar que eu pedi. Ou mande seus capangas roubarem alguma coisa que preste, para variar.

Vector acariciou seu belo queixo, principalmente para manter sua bela boca fechada.

— Você não tem a atitude de uma vencedora — acusou Vector. Falava em um tom suave, mas havia certa censura inegável. — Como estamos para o jogo de amanhã?

Chiren lhe dirigiu um olhar de vítima, como se ele estivesse tornando sua vida mais difícil do que o necessário, como se ela não fosse a pior inimiga de si própria.

— Claymore passou por uma reforma completa. Zariki não está funcionando bem nas curvas de força g muito alta.

— É mesmo? Você sabe que muita gente vai apostar em Zariki. — Ele se inclinou sobre a cama, querendo que ela sentisse sua respiração no rosto. — O tempo que você vai levar para chegar a Zalem depende da qualidade do seu trabalho. E do volume dos meus lucros.

Chiren ergueu a cabeça como se fosse beijá-lo.

— Vou estar preparada.

Vector não precisou dizer a ela que era melhor que estivesse. Ele se levantou e saiu, parando para tornar a janela opaca.

Quando Vector saía de um cômodo, para ele, era como se o lugar ficasse vazio. Certamente foi essa a impressão de Chiren nesse momento. Houve uma época em que ela consideraria esse tipo de atitude completamente inaceitável; teria feito alguma coisa, reclamaria, se oporia. Mas essa época tinha ficado para trás. Tudo agora estava vazio — aquele quarto, aquele prédio, aquele mundo. Sua vida.

Estava prestes a fechar os olhos para não ver o vazio exterior e se retirar para o vazio interior quando ouviu um barulho estranho do lado de fora da janela. A preciosa vista de Vector; irritada, vestiu uma blusa e saiu da cama. Se algum dos capangas de Vector tivesse subido de novo até ali, iria derrubá-lo do peitoril para ele ver se gostava *daquela* viagem.

Chiren acionou o controle que tornava a janela transparente e quase gritou ao ver um monstro coberto de sangue olhando para ela. Instintivamente, deu um pulo para trás; no mesmo instante, o vidro foi quebrado e a coisa caiu

dentro do quarto, sujando de sangue vermelho e fluido azul o dispendioso carpete de Vector. O quarto não estava mais vazio.

Sua respiração saía em golfadas roucas quando ele rolou no chão e fixou o olhar aflito em Chiren.

— Me... ajude... — pediu.

— Grewishka! — exclamou Chiren, em tom desdenhoso. Era difícil acreditar que aquela coisa ensanguentada aos seus pés tinha sido um astro de Motor Ball e um sério candidato ao título de campeão final. — Você não é mais um jogador famoso! Por que eu deveria desperdiçar meu precioso talento com *você*?

Grewishka deixou escapar um som abafado, gorgolejante.

— Olha só... *Olha só* o que ela fez comigo! A cyberputinha do Ido!

De repente, o mundo começou a girar, e Chiren precisou se apoiar na parede para não cair.

— O que foi que você disse? *Quem* fez isso com você?

— A... li... ta — respondeu Grewishka, pronunciando cada sílaba com enorme esforço.

Alita. Chiren olhou para o ciborgue, para a armadura rachada que mal continha suas entranhas, para o soquete vazio no seu ombro onde ficava o braço. Ela jamais tinha visto um ciborgue em um estado tão deplorável, nem na pista de Motor Ball nem em nenhum outro lugar.

Alita.

Assim que Ido prendeu Alita na estrutura estereotóxica, seu lado de médico assumiu o controle. Ele estabeleceu um bloqueio neural para evitar que ela sentisse dor e removeu as pernas para exame e diagnóstico. As pequenas rachaduras que encontrou estavam nos lugares que esperava. Fora isso, as belas pernas, decoradas com flores, estavam em boas condições. Agora ele examinava os órgãos da cavidade torácica e verificava a eficiência da circulação tanto do sangue humano quanto do cybersangue na parte superior do corpo.

— Não encontrei nenhum dano interno — avisou ele. — Só algumas buchas rachadas na sua perna. Vai ter que ir devagar até eu arranjar peças de reposição.

Pela primeira vez, havia uma coisa em sua lista de compras mais importante que servomotores. Gerhad ia surtar.

Ele estava fazendo uma lista mental de outras peças que poderia substituir

por peças mais modernas quando ouviu Alita dizer:

— Então essa menina era sua filha? Você construiu esse corpo para ela, não foi?

Alita estava olhando para um holograma na mesa de trabalho do médico. Era a última foto que havia tirado da filha. Ela parecia magra e frágil, como sempre fora durante sua curta vida. Entretanto, tinha um sorriso que podia iluminar o ambiente. Tinha um ar esperançoso, como se estivesse certa de que algo bom estava para acontecer. Esse tinha sido o erro de Ido.

— É verdade. Essa era minha filha, Alita. — O dr. Dyson Ido, cybercirurgião, cambaleou ligeiramente e teve que respirar fundo para continuar. — Ela estava aguardando ansiosamente um novo par de pernas, pernas que funcionassem, que permitissem que ela caminhasse e corresse, que a levassem a qualquer lugar.

Com a visão periférica, viu lágrimas aflorarem nos olhos de Alita e torceu para que ela não começasse a chorar. Ele não sabia se conseguiria manter o controle caso isso acontecesse, e ela precisava de um médico para fechar a cavidade do peito e instalar as pernas de volta, não de um pai de luto.

— Você fez um par de pernas para ela — disse Alita.

— Ela não chegou a usá-las — replicou Ido. Ele queria encerrar o assunto, mas não conseguiu. — Um dos meus pacientes apareceu na clínica certa noite... à procura de drogas. Ele era um paladino, um astro da pista... ou tinha sido, antes de o Motor Ball usá-lo e descartá-lo. O Jogo fazia isso com as pessoas. Ainda faz. Muitos caçadores-guerreiros começaram em busca de glória na pista. Os mais afortunados acabaram caçando criminosos nas ruas. Os menos afortunados...

Ele quase conseguia ver o ciborgue enlouquecido vasculhando o laboratório, como se isso tivesse acontecido menos de uma hora atrás. No passado, aquele ciborgue fora um homem como outro qualquer, imperfeito mas razoável, um homem que buscava algo diferente do sistema da Fábrica de produzir bens para pessoas que levavam vidas melhores em um lugar melhor. Se não podia morar lá em cima, tentaria aproveitar ao máximo o que a Cidade do Ferro tinha a oferecer, e, como acontecia com a maioria dos habitantes da Cidade do Ferro, tinha dado tudo errado.

— Eu era um restaurador da Primeira Liga — continuou Ido — e, quando olhei para ele, tudo o que vi foi alguém forte e saudável, ideal para receber melhorias mecânicas. Construí para ele um corpo dotado de uma força descomunal, e depois o tornei ainda maior e mais forte.

Pelos aplausos da multidão; porque, quando o público aplaudia o paladino que Ido havia criado, ele sentia que os aplausos também eram para ele, pelo seu talento, pelas suas habilidades, pela sua dedicação ao Jogo. Ele não se cansava de ouvir os aplausos. Na época, considerava a adulação dos fãs de Motor Ball uma droga inofensiva, apesar de ser a mais viciante do mundo. Ele estava tristemente, terrivelmente, horivelmente errado.

— Eu o transformei em um demônio... *Meu demônio* — acrescentou Ido —, e ele voltou para me castigar.

Ido mal havia reconhecido a criatura que virou seu laboratório do avesso, arrancando as portas dos armários, abrindo gavetas, jogando equipamentos para fora das prateleiras e das mesas em busca das drogas que o tornaram invencível na pista. O braço direito fora amputado logo abaixo do cotovelo; o esquerdo era uma mixórdia de componentes baratos que ele havia instalado depois de vender o braço original para comprar drogas.

A princípio, Ido julgou que poderia conversar com ele por tempo suficiente para se aproximar e injetar um sedativo. Entretanto, seu demônio decrepito e mutilado olhou para ele e soube de imediato, com os instintos aguçados e certos que todos os viciados adquirem, que não poderia contar com a ajuda do médico, que Ido queria apenas imobilizá-lo e que, quando isso acontecesse, a sensação de que era invencível estaria perdida para sempre. Por isso, agarrou Ido com a mão que restava e o arremessou em cima dos equipamentos, destruindo aparelhos delicados que ele levaria meses para consertar. Seu demônio fizera dele próprio parte da destruição.

Enquanto Ido se esforçava para se levantar, se retraindo por causa dos cacos de vidro presos no seu rosto e nas suas mãos, o ciborgue finalmente desistiu de procurar a droga que seu organismo tanto pedia. Ele se virou e atravessou as portas duplas que davam para o corredor, onde...

— Alita... — disse Ido, com a voz trêmula.

Alita não conseguiu sair do caminho a tempo.

A menina franzina em uma cybercadeira, sempre cheia de esperança, sempre otimista, havia escolhido a hora errada para visitar o pai no laboratório. Ido teve um vislumbre do seu rosto, pálido e assustado, antes que o demônio descarregasse sobre ela toda a sua loucura; Alita sequer teve tempo de gritar. Aquela imagem do rosto da filha, que ficou gravada para sempre na mente de Ido (ele não conseguia se lembrar do seu sorriso sem o holo) o fez pensar que, na verdade, não tinha sido rápido para ela, que o terror que sentira havia feito o último segundo de sua vida parecer uma

eternidade.

Não para o demônio, no entanto — ele matou Alita sem diminuir a velocidade. Ido chegou ao corredor a tempo de vê-lo sair pela porta do outro lado, enquanto a cadeira de rodas amassada de Alita rolava pelo corredor atrás dele, como se estivesse tentando alcançá-lo para protestar.

— Chiren, a mãe de Alita, não conseguiu lidar com a morte dela — disse Ido, depois de uma pausa. — Ou talvez não tenha conseguido lidar comigo depois da morte dela. Ou as duas coisas. — Ele deu de ombros. — Provavelmente as duas coisas. Ela me deixou... Foi trabalhar para a melhor equipe da liga. Mas eu nunca mais quis participar do Jogo. Em vez disso, eu me tornei um guerreiro-caçador.

Todo guerreiro-caçador precisava de uma arma. Não uma arma qualquer, mas a arma *certa*. Ido havia procurado essa arma por toda parte. Como não a encontrou, decidiu fabricá-la. Foi a primeira e única coisa que fez com o objetivo de tirar uma vida em vez de salvá-la. Assim que pegou o produto finalizado, teve a sensação de que aquela era a arma *certa*, como se fosse uma coisa que ele estava destinado a construir. E usar.

— Eu precisava matá-lo. Ou talvez eu estivesse esperando que ele me matasse.

Porém, ele não tinha feito isso, e, bem no fundo, sabia que não faria. Ido se lembrava de cada momento, de cada movimento em cada execução. Sempre que saía para caçar, não tinha dúvida de que voltaria com uma ou mais cabeças para receber a recompensa. Mesmo naquela noite, quando Romo o levantara pelos cabelos e ameaçara cortar seu pescoço, ele tinha certeza de que voltaria para casa com um saco de créditos da Fábrica.

— Matar não me trazia nenhuma paz de espírito — desabafou ele, com toda a calma; aparentemente, seu lado médico havia chegado à conclusão de que a confissão lhe faria bem. — Havia outros demônios como ele à solta, e eu tinha a impressão de que, de alguma forma, eu era responsável por todos eles. Foi por isso que me tornei um guerreiro-caçador. Não houve nada de nobre na minha decisão.

— Você conseguiu encontrar a paz em algum momento? — perguntou Alita.

Ido sorriu.

— Eu encontrei você.

— Mas eu não sou sua filha — retrucou Alita, com ar de quem pede

desculpas. — Eu não sei *o que* eu sou.

— Eu sei. — Ido apertou o botão PROJEÇÃO de uma das telas. Imediatamente surgiu uma imagem tridimensional translúcida de Alita, em tamanho real, mostrando todos os seus mecanismos internos. — Dê uma olhada no seu cybernúcleo original.

Com um gesto, Ido chamou atenção para a cabeça, para o pescoço e para o peito.

— Aqui está seu cérebro — avisou ele, apontando. — É um cérebro normal e saudável de uma garota adolescente... se é que isso existe. — Ele deu uma risadinha e baixou a mão para o tórax. — Esse é o coração, que faz parte do núcleo original. É alimentado por um microrreator de antimatéria.

— Isso quer dizer que eu tenho um coração forte, certo?

Ela não estava entendendo, é claro. Como poderia?

— Seu coração poderia alimentar a Cidade do Ferro inteira... por *anos*. E seu crânio... é feito de um compósito reforçado com nanotubos de carbono.

A expressão de perplexidade da garota o fez sorrir.

— Essa é uma tecnologia perdida. Ninguém fabrica esse material desde... *antes da Queda*.

Alita o encarou com surpresa e começou a rir.

— ã-hã, claro. Como se eu tivesse 300 anos!

Ido esperou que ela parasse de rir, então disse:

— Minha querida... é isso mesmo.

* * *

É isso mesmo. É isso mesmo.

As palavras de Ido ecoaram na mente de Alita quando ela se sentou na cama abraçando os joelhos e olhando pela janela para a lua cheia abaixo de Zalem. Ela estivera lá, lutara lá. Matara lá.

O que você viu foi um lampejo da sua vida passada, dissera Ido. *Você foi alguém muito especial, muito importante.*

Seu olhar caiu em um bicho de pelúcia e ela o pegou. Havia pertencido a outra adolescente, que não se lembrava de ter lutado e matado na lua ou em qualquer outro lugar. Como *ela* podia estar segurando o bicho em suas mãos?

Alita se levantou e foi até o espelho de corpo inteiro.

Quem eu fui?, perguntara a Ido.

Boa pergunta. De repente, ela estava se movendo com força e graciosidade, executando à perfeição uma kata marcial, passando de uma

posição de ataque para outra com uma precisão que lhe pareceu familiar.

Com o tempo, você vai se lembrar, respondera Ido.

Alita deu um soco na direção do espelho e interrompeu o movimento quando os nós dos dedos estavam a exatamente um centímetro de distância do vidro. Ela não fazia ideia de como sabia que a distância era de um centímetro, mas sabia.

Ela baixou o braço. A garota no espelho parecia perdida.

CAPÍTULO 9

— Uma batalha *espacial*? — perguntou Hugo, de pé ao lado de Alita, enquanto ela observava a pista improvisada de Motor Ball que haviam montado no canal de drenagem.

Não havia dúvida de que a garota não era dali, como Ido dissera, mas Hugo realmente não sabia como lidar com essa informação.

— Você acha mesmo que era uma lembrança da Guerra? A Guerra?

Em vez de responder, Alita patinou para longe dele. Quando estava a cinquenta metros de distância, deu meia-volta e patinou a toda a velocidade. Hugo pegou uma vara de bambu e a segurou no caminho dela, na altura do joelho. Alita pulou a vara com facilidade e aterrissou sem perder o equilíbrio. Hugo balançou a cabeça. No dia anterior, quando ela havia patinado pela primeira vez, mal conseguia se manter de pé. Depois, humilhara Tanji e agora parecia ter nascido sobre rodas.

— Quero dizer, se você é realmente *tão* velha — prosseguiu Hugo — e tem um cérebro orgânico...

— Ido disse que minha idade biológica está entre 14 e 18 anos — afirmou Alita, num tom despreocupado que fez Hugo sorrir. Mais para 14 que para 18, pensou ele. — Em algum momento, de alguma forma o tempo para mim deve ter parado.

Então, como se tivesse acabado de dizer algo trivial, como que achava que ia chover (o que, no caso da Cidade do Ferro, era sempre um bom palpite), Alita saiu patinando de novo. Hugo ficou olhando enquanto ela percorria a pista de obstáculos que ele e Tanji haviam montado para treinar, que contava com barris, caixotes e bonecos de madeira. Tanji ficaria furioso se soubesse que ele estava deixando Alita usar a pista, pensou Hugo. Mesmo a toda a

velocidade, ela conseguiu se desviar de todos os obstáculos sem esbarrar em nenhum.

— Espera um pouco — pediu Hugo quando a menina passou por ele, segurando-a pelo braço para evitar que se afastasse de novo. — Você estava em uma batalha espacial e de repente o tempo parou? *Como assim?*

— Animação suspensa — respondeu Alita, dando de ombros. — Ido acha que eu entrei em uma espécie de campo temporal.

Como se isso explicasse tudo... Embora, para Ido, talvez fizesse sentido. Era provável que fosse um termo usado por cientistas e gênios para descrever algo complicado demais para pessoas comuns entenderem, e Alita estava apenas repetindo o que ouvira.

Antes que Hugo tivesse tempo de falar, Alita deu outra volta na pista. Só que, dessa vez, fez questão de *acertar* tudo que encontrava pela frente: barris saíram voando, caixotes e bonecos foram estilhaçados, a pista ficou cheia de lascas de madeira. Hugo não sabia o que iria dizer a Tanji. Talvez não precisasse dizer nada; só de olhar para a pista, Tanji saberia o que havia acontecido.

— Tudo isso é brincadeira de criança para você — disse para Alita quando ela se aproximou novamente. — Acho que vai ser preciso exigir mais de você para despertar essas memórias. Você precisa de um desafio maior.

Alita fez que sim com a cabeça, com ar pensativo. Depois de um momento, olhou para os patins.

— OK, arranca os meus pés.

Hugo achou que não tinha ouvido direito.

— O que foi que você disse, Ali?

— Os profissionais usam pés com rodas em vez de patins, certo? Isso faz muita diferença. Eles podem manobrar mais rápido. É isso que eu preciso fazer. Você tem um par de pés com rodas que eu possa usar, não tem?

Alita estava certa quanto à questão de navegabilidade, mas Hugo hesitou.

— Vai ser uma grande mudança — afirmou, devagar. — Mas está bem. Vou instalar para você. Senta ali — ele apontou para um barril na lateral da pista — que eu vou buscar os pés e as ferramentas.

Alita sorria feito uma criancinha enquanto ele removia os patins. Eram patins de boa qualidade, mas ela os levava ao limite. Hugo tirou as meias e parou. Os pés de Alita eram tão belos quanto o restante do corpo, com um formato elegante, com desenhos de flores e incrustações de prata e ouro. O trabalho de Ido era inconfundível pela qualidade, mas, nesse caso, ele se

superara. Não eram apenas pés, eram obras de arte, ou, melhor, faziam parte de uma obra de arte maior e ainda mais bela.

Hugo olhou para Alita.

— Tem certeza? Eu adoro seus pés. Eles são especiais... Você fica muito bem com eles.

— Arranca fora — pediu Alita, fazendo um gesto displicente com a mão.

Hugo obedeceu. Removeu-os, tomando cuidado para não danificar as conexões. Colocou-os no chão, ao lado do barril, e se deu conta, horrorizado, de que estava tentando calcular quanto valeriam no mercado negro.

Os pés de Alita... Os pés da sua amiga.

Começou a instalar os pés com rodas, torcendo para que Alita não descobrisse nenhum dos seus pensamentos, para que jamais soubesse que ele era uma pessoa capaz de pensar no valor das suas peças. Não se roubava uma amiga, nem se sacaneava uma peça criada pelo dr. Ido. Era tão óbvio que aqueles pés eram fruto do trabalho do doutor que, mesmo que ele tivesse sido suficientemente desrespeitoso para roubá-los, jamais teria coragem de vendê-los.

Havia uma palavra que definia pessoas que sabiam o preço de tudo e não davam o valor a nada, não havia?

Claro, pensou; na Cidade do Ferro, essas pessoas eram chamadas de “normais”.

— Sabe de uma coisa? Eu nunca vi alguém aprender a jogar tão rápido — comentou Hugo, apenas para puxar conversa, enquanto refazia as conexões dos músculos e dos nervos.

O doutor havia feito pernas tão versáteis que provavelmente aceitariam até mesmo um par de pedras como pés.

— Estou falando sério, Ali — acrescentou, verificando novamente as conexões antes de passar para a outra perna. — Você tem talento suficiente para se tornar uma profissional e ganhar muito dinheiro.

A garota sorriu para ele, mas Hugo percebeu que ela estava ficando impaciente; estava ansiosa para ver do que seria capaz com pés com rodas. Assim que ele terminou, Alita saltou do barril e saiu patinando como se tivesse passado a vida toda com aqueles pés. A menina era incansável.

Sem perder tempo, enfiou um pedaço de madeira na mão de Hugo e explicou como deveria usá-lo.

— Mira na minha cabeça — explicou — e tenta me acertar com toda a sua força. Entendeu?

Sem esperar pela resposta, patinou para colocar de volta alguns dos obstáculos que havia derrubado, os poucos que ainda eram aproveitáveis. Quando terminou, afastou-se um pouco e lembrou a Hugo, por gestos, que devia tentar atingi-la na cabeça com o pedaço de madeira.

Hugo fez um sinal positivo com o polegar. A menina tinha talento, mas também era muito autoritária, o que mais tarde poderia ser um problema. Apenas jogadores com uma montanha de talento podiam se dar bem mandando em todo mundo.

Não importa, pensou, vendo Alita se aproximar a toda a velocidade.- Quando ela começasse a competir com profissionais, seu talento provavelmente seria do tamanho de uma cordilheira.

Definitivamente ela era mais rápida usando pernas com rodas e controlava melhor cada movimento, mudando o passo e a postura como um maratonista descalço. Ou, melhor, como um maratonista descalço pronto para lutar. Usando golpes de mão aberta, Alita acabou com três dos quatro bonecos — esses estavam inutilizados, pensou Hugo conforme eles eram reduzidos a lascas — e destruiu o último depois de dar um pulo e desferir um chute circular perfeito.

Hugo franziu a testa. Quando Alita havia aprendido a fazer *isso*?

Ela aterrissou e, sem perder um momento sequer, patinou em direção a Hugo, tão rápido que ele teve a impressão de que iria atropelá-lo; mesmo assim, continuou onde estava e, quando Alita passou por ele, tentou golpeá-la com o pedaço de madeira como ela havia pedido, com toda a sua força. Ela ergueu o antebraço quase displicentemente para bloquear o golpe; o impacto arrancou o pedaço de madeira das mãos de Hugo.

Ele se perguntou se Alita daria outra volta na pista — não parecia fazer muito sentido, já que ela havia acabado com todos os obstáculos. Em vez disso, ela se desviou para a rampa mais próxima, começou a subi-la sem reduzir a velocidade e executou uma longa cambalhota para trás que, Hugo percebeu tarde demais, apontava diretamente para ele.

Quando deu por si, estava caído no chão, com Alita montada no seu peito, o rosto a milímetros do seu e um punho preparado para um golpe que, felizmente, não desferiu.

— E aí? — perguntou Hugo, depois de engolir em seco. — Isso despertou alguma memória em você? Funcionou?

A expressão de Alita se suavizou. Ela saiu de cima dele.

— Não. — E suspirou. — Isso foi *tão* frustrante!

Hugo se apoiou nos cotovelos e olhou para a pista coberta de destroços.

— Acho que não restou mais nada para você quebrar. — *Exceto eu*, acrescentou sem dizer em voz alta.

Mas ele não corria perigo. Alita o ajudou a se levantar, colocando-o de pé como se não pesasse nada (o que o fez se lembrar do dia em que se conheceram) e patinou de volta para o barril onde seus belos pés a esperavam. O treinamento estava encerrado por hoje. Hugo sentiu um alívio enorme. Quando começou a remover o pé esquerdo, uma ideia lhe ocorreu de repente.

— Olha, talvez tenha que ser de verdade. Quero dizer, talvez sua memória só volte se você estiver envolvida numa situação de vida ou morte. Foi o que aconteceu da outra vez, não foi?

Alita fez que sim com a cabeça, os grandes olhos ficando pensativos e distantes enquanto Hugo se arrependia de não ter mantido a boca fechada. Porque sabia muito bem que ela iria tentar fazer algo muito arriscado só para recuperar a memória, e ele não conseguiria dissuadi-la. Na verdade, Alita provavelmente ficaria irritada com ele por não ter se esforçado o suficiente para matá-la.

Por outro lado, pensou Hugo, olhando para os destroços da pista de obstáculos que havia montado no começo do dia, *eu seria um idiota se apostasse contra ela*.

CAPÍTULO 10

Os gritos e gemidos de Grewishka estavam deixando Chiren com dor de cabeça. Por outro lado, Grewishka era uma dor de cabeça mesmo no seu auge como jogador de Motor Ball. Era talentosíssimo e um sério candidato ao título de primeiro campeão mas também era um sujeito instável, exigente, ególatra, intransigente, egoísta e beligerante. Era como lidar com uma criança gigante de 2 anos com armadura e armas letais à disposição.

Agora ele era um desperdício de espaço e recursos que, na visão de Chiren, devia ter sido encerrado há muito tempo. Entretanto, alguém muito importante o protegia por razões que ela desconhecia, mas era obrigada a aceitar. Provavelmente eram razões válidas para essa pessoa muito importante, mas, para ela, eram absurdas, como tudo mais em sua vida.

Felizmente, estava quase terminando o processo delicado de desconectar o cybernúcleo do que restara do seu corpo. Grewishka insistira para que não usasse um bloqueio neural, o que o pouparia da dor. A ideia de que ele sofria intensamente durante toda a operação tinha proporcionado a Chiren certo prazer perverso, mas a sensação havia durado pouco. O sofrimento parecia ser o novo vício de Grewishka — ele se submetera voluntariamente àquele tipo de tortura e parecia estar gostando. Ser obrigada a ouvir os gritos de raiva de Grewishka logo ficou cansativo.

Enfim, os braços robóticos desligaram o último nervo e removeram o núcleo do corpo avariado. Isso deveria ter posto fim à dor física de Grewishka, mas ele não deixara de sofrer. Na estrutura estereotóxica, parecia um enorme verme de metal preso a uma cabeça humana. Ele era exatamente isso, pensou Chiren — um verme humano. Mas pelo menos ela podia parar e tomar alguma coisa para a dor de cabeça.

— Quero rasgar aquela garota ao meio! — gritou Grewishka quando Chiren pegou dois comprimidos. Ela parou, acrescentou um terceiro e engoliu os três sem água.

Chiren se virou e descobriu que Vector tinha entrado na sala. Sua cabeça latejava. Vector sabia que ela não gostava de que ele entrasse sem pedir licença quando estava no meio de uma operação, mas isso era parte dos seus exercícios de poder. Ele precisava demonstrar constantemente que era dono de tudo, que o laboratório era seu, que o equipamento era seu, que ela era sua.

— Grewishka — começou Vector, em tom de desprezo. — A que ponto você chegou! Você sabe que apostei em você na partida final do campeonato. Quando você perdeu, *eu* perdi. — Ele se virou para Chiren. — Então, vamos desmontá-lo para vender as peças?

Chiren hesitou e depois achou que, já que Vector estava ali, era melhor mostrar a ele.

— Quero que você veja uma coisa — disse, enquanto apertava o botão PROJETAR em uma das telas, fazendo surgir uma imagem tridimensional do crânio de Grewishka. — Está vendo isso aqui? — perguntou, apontando para um pequeno objeto em forma de disco na base do cérebro. — É um chip de telepresença. Ele está conectado — acrescentou, em resposta à expressão interrogativa de Vector. — Transmitindo para alguém de Zalem.

— E daí? — perguntou Vector, dando de ombros. — Essa cidade está cheia de espiões. Você sabe disso.

Chiren jamais havia sentido tanta vontade de dar um tapa em Vector, mas conseguiu se controlar.

— Acho melhor remover o chip antes de instalar um corpo novo.

— Por que você está desperdiçando seu talento com esse... com esse pedaço de lixo? — questionou Vector, e deu uma risada cruel. — Ninguém se importa com ele.

— Ele vale alguma coisa para alguém — protestou Chiren. — Alguém muito importante. É uma questão pessoal.

Vector se empertigou. Chiren era alta demais para que ele a olhasse de cima, mas isso não o impedia de tentar.

— Estamos falando de *negócios*, e questões pessoais não têm nada a ver com negócios — declarou ele, no seu melhor tom professoral. — Não perca mais tempo com ele. Grewishka já deu o que tinha que dar. Aproveite o que puder e jogue o resto no lixo.

Chiren se virou para Grewishka, com a intenção de dizer a Vector que

fosse fazer seus exerciciozinhos de poder em outro lugar e a deixasse terminar o serviço, mas teve uma surpresa. Grewishka havia parado de gritar, o que era um alívio, mas seu rosto estava calmo e sereno de um jeito que Chiren jamais tinha visto, e ela não gostou nada disso. Os olhos dele estavam firmes e penetrantes quando os desviou da mulher e os fixou em Vector.

— Me diga uma coisa, Vector — começou Grewishka, em um tom formal que deixou Chiren arrepiada. — Você gosta do seu emprego?

Ela nunca tinha visto Vector tão amedrontado. Se um dos seus empregados o visse naquele estado, ele perderia toda a autoridade.

— Quem... — Ele teve que engolir em seco. — Quem está falando?

— *Você sabe muito bem quem sou eu* — respondeu a voz que não era de Grewishka. — E se você gosta do seu emprego, com todos os confortos, privilégios e regalias que o acompanham... — Seus olhos se voltaram brevemente para Chiren, e ela detestou o modo como ele a encarou. — Se você não quer perder tudo isso, deixe a dra. Chiren trabalhar em paz. Negócios são negócios, mas quem manda nos seus negócios sou *eu*. E, se *eu* digo que alguma questão pessoal para *mim* é um *negócio* para você, é melhor escutar.

A pele normalmente negra de Vector ficou cinzenta, e Chiren achou que ele ia desmaiar.

— Nova. Eu não sabia que o senhor estava... — Vector pigarreou. — Por favor, aceite meu pedido de desculpas. — Toda a sua arrogância havia desaparecido; ele soava quase humilde. A que ponto você chegou, não é? — O que nós podemos fazer pelo senhor?

Nós? Isso parecia perigosamente próximo de dividir os méritos com alguém, algo que, na opinião de Chiren, Vector era incapaz de fazer. Podia ser uma piada, mas essa era outra coisa que Vector também era incapaz de fazer.

— Grewishka é como se fosse um filho para mim — disse o supervisor, Nova, em tom sombrio. — Quem fez isso com ele?

Vector se virou para Chiren. Eis a explicação para o *nós*, pensou ela, apoiando-se discretamente na mesa para manter o equilíbrio. A coisa que falava pela boca de Grewishka a estava deixando nauseada.

— Foi uma ciborgue... uma garotinha ciborgue. — Chiren achou importante acrescentar o detalhe. — Esses pontos de impacto... — Ela apontou para vários lugares diferentes do corpo castigado de Grewishka. — Para produzir danos tão grandes, seria necessária uma força descomunal. Não

entendo como um corpo tão pequeno pôde ser capaz de tal façanha.

A presença por trás dos olhos de Grewishka respondeu com uma risada sardônica e ameaçadora.

— Não foi a força do *corpo* que fez esse estrago, foi a força da *mente*. Essa pequena ciborgue — prosseguiu, com ódio na voz — conhece as técnicas de luta de Panzer Kunst. Ela deve ser eliminada. Reconstrua Grewishka. Torne-o melhor, mais forte, mais letal. Ele deve trazer a menina para mim. — Uma pausa. — *Morta*.

Os olhos de Grewishka perderam o foco e as feições grosseiras se contorceram em uma máscara grotesca de dor quando a parte inferior do seu núcleo começou a se agitar de novo.

— Ele se foi — comentou Chiren, aliviada, pensando que, se Vector não tivesse juízo suficiente para ir embora, ela pediria que deixasse imediatamente a sala de operação.

Em vez disso, porém, ele se colocou à sua frente.

— Não, eu *não* fui embora... Apenas mudei de lugar.

Era a voz de Vector, mas ao mesmo tempo não era. Chiren teve que se conter para não sair correndo. A presença do supervisor por trás dos olhos de Vector era muito pior, muito mais monstruosa. Ela se forçou a permanecer onde estava e concentrou o olhar em uma pequena região entre suas sobrelanceiras para que Nova pensasse que estava olhando nos olhos dele sem pestanejar.

— Você é uma mulher muito esperta, doutora, nunca duvidei disso — comentou Nova, em tom melífluo. — É por isso que vou fazer uma proposta: se e quando você satisfizer meus desejos, vou fazer sua vontade. Você terá a coisa que mais deseja.

E lá estava: aquilo que ela queria ouvir, a *única* coisa que ela queria ouvir. *Finalmente*.

— Zalem. Você vai me mandar para Zalem.

— Eu estou aqui neste momento — comentou Nova, no tom superior e despreocupado que era a marca dos poderosos. — Quando eu fechar os olhos aí embaixo e os abrir aqui em cima, vou sair para a varanda do oeste e apreciar o pôr do sol. Você se lembra de como são os crepúsculos aqui, Chiren? De como é ver o sol quando se está tão alto que o restante do mundo já está lançado na escuridão?

Agora Chiren encarava Nova diretamente, olhando para os buracos escuros de suas pupilas, querendo que o supervisor sentisse a força do seu

olhar e da sua presença. *Eu estou aqui, eu sou real.*

— Pode contar comigo — disse ela.

De repente, Nova a segurou pela nuca, colocou a boca de Vector sobre a dela e enfiou a língua de Vector na sua, um beijo profundo, penetrante, que era ao mesmo tempo brutal e lascivo. Parecia o bote de uma cobra, cruel, indiferente, inumano.

Por fim, Nova recuou com um sorriso maldoso.

— Selado com um *beijo*.

Enojada, Chiren passou as costas da mão nos lábios doloridos, sabendo que jamais se livraria daquele gosto desagradável. Ao mesmo tempo, os olhos de Vector tremularam. Ele caiu de joelhos e teria tombado de lado se ela não o tivesse segurado pelos ombros. Vendo a mistura de choque e confusão no seu rosto, Chiren quase sentiu pena dele. Quase. *Seja bem-vindo ao meu mundo, seu cretino... É assim que eu me sinto todos os dias da minha vida.*

— Agora que você é você de novo — recomeçou Chiren, levantando o queixo de Vector para fazê-lo olhar para ela —, se importa de me dizer com quem eu acabei de fazer um pacto?

— Com o supervisor — respondeu Vector. Ele colocou as mãos na cintura de Chiren para se apoiar enquanto se levantava. — Reze aos céus para que nós possamos fazer o que ele quer.

Nós. Seria um jeito de falar ou Vector queria mesmo que ela pensasse que ele também estava envolvido no pacto?

— Quanto maior e mais forte for o novo corpo de Grewishka, mais difícil vai ser controlá-lo — comentou Chiren.

— Controlar? — Vector deu um sorriso irônico. — Ele só precisa matar. — Ajeitou as roupas, tirando do casaco uma poeira imaginária. — Vamos ao trabalho.

Aí — *esse* era o Vector que ela conhecia e não amava, pensou Chiren, quando ele saiu e deixou a sala vazia.

Alita estava dando voltas em torno do quiosque dos procurados, desviando-se dos passantes enquanto tentava ver cada tela e cada notícia de jornal. Ido suspirou. Ela insistira em acompanhá-lo, apesar de ele dizer que não gostava que Alita ficasse na rua depois de escurecer, mesmo em sua companhia. Ela, no entanto, se mostrara irredutível; queria ver pessoalmente os anúncios dos procurados. Se dependesse de Alita, teriam visitado todos os quiosques da cidade.

Ela não dissera o que estava procurando, mas Ido sabia. Depois que Alita deu mais umas seis voltas em torno do quiosque, ele decidiu acabar com a angústia dela.

— Pode desistir de encontrar alguma coisa a respeito de Grewishka — avisou Ido. — Não existe nenhuma recompensa por ele. Nem esta noite, nem amanhã, nem semana que vem, nem nunca.

Os grandes olhos de Alita ficaram ainda maiores.

— Mas você o denunciou à Fábrica, não foi? Você contou que foi ele que matou todas aquelas mulheres com a ajuda de dois comparsas, não contou?

Ido acenou positivamente com a cabeça, com ar resignado.

— Grewishka está sob a proteção de alguém. Alguém muito importante.

— Quem? — perguntou Alita. — Quem pode ter tanto poder?

— Alguém fora do nosso alcance, fora do alcance de qualquer habitante da Cidade do Ferro — explicou ele. — Por isso, devemos permanecer o máximo possível longe das ruas. Se formos discretos, correremos menos riscos.

Ido colocou a mão no ombro de Alita, com a intenção de conduzi-la de volta para casa, mas a menina permaneceu onde estava. Quando Alita se recusava a se mover, era *impossível* movê-la.

— Seja razoável, Alita...

— Não, me escuta, eu tive uma *ótima* ideia. Vou seguir seu exemplo e me tornar uma caçadora-guerreira.

Ido franziu a testa. Do jeito como os enormes olhos de Alita brilhavam, parecia que ela havia feito um pedido simples, como ter aulas de balé.

— *Não*, definitivamente *não* — recusou ele, tentando ser delicado mas firme. — Esqueça essa ideia.

— Mas a gente pode trabalhar junto! — insistiu Alita. — A gente *já* trabalha junto! Foi assim que...

— Você não sabe nada sobre ser uma guerreira-caçadora — argumentou Ido, tentando disfarçar sua impaciência. — É um trabalho sujo, perigoso. Não estou falando apenas do desgaste físico. Matar alguém deixa cicatrizes na alma...

Alita o encarou com os grandes olhos faiscando de raiva.

— Por que você está sempre me impedindo de fazer qualquer coisa?

Sempre? Ido olhou para ela. Mesmo em meio a massacres e catástrofes, uma adolescente era uma adolescente. *Por que você está sempre me impedindo de sair por aí matando ciborgues enlouquecidos?* Naturalmente,

dado que ela estava em sua vida há apenas três dias, sua queixa de que ele estava sempre tentando controlá-la podia não ser tão exagerada assim.

— Não posso deixar e pronto — concluiu Ido, com toda a segurança paterna que conseguiu demonstrar, tentando mais uma vez puxá-la para longe do quiosque.

Alita, porém, não se mexeu nem um pouco.

— O que dá a *você* o direito de dizer o que *eu* posso ou não fazer?

E aí estava essa pergunta tão típica da adolescência que os pais têm dificuldade para responder. Alguém esbarrou em Ido, fazendo-o perder o equilíbrio. A mesma pessoa esbarrou em Alita, que nem se mexeu. Ela notou isso; Ido viu seu queixo se projetar para a frente de forma beligerante. Ele sabia que essa pequena demonstração de superioridade física convenceria Alita de que ele não tinha nada que cercear sua liberdade. Também sabia que era melhor apalpar os bolsos para ter certeza de que o passante aparentemente desastrado não tinha deixado com ele algum dinheiro ou circuito roubado que pretendia recuperar depois. Os criminosos da Cidade do Ferro eram cheios de recursos, e essa era apenas uma das muitas coisas que sua menininha teimosa não sabia.

— Eu disse que isso está fora de questão e pronto. Você não se lembra das buchas rachadas na sua perna? Seu corpo não foi projetado para suportar grandes esforços físicos...

— Então faça com que ele fique *mais forte*! — exclamou Alita, como se isso fosse a coisa mais fácil do mundo e a solução do problema. — Quando estou lutando, eu não só me *lembro* de quem eu fui, mas eu me *sinto* quem eu fui, mesmo que por apenas um momento.

Ido se sentiu fraquejar.

— Alita, se essa é a única forma de você se lembrar, é melhor deixar para lá. — Ele segurou aquelas mãos delicadas e virou as palmas para cima. — Não quero sangue nessas mãos.

Alita recolheu as mãos, trêmula de raiva e frustração. Quando Ido tentou segurá-la, ela se virou e saiu correndo.

— Alita! — gritou ele, mas a menina já havia desaparecido na noite.

Hugo estava na frente do café CAFÉ com Tanji e o restante da turma, conversando sobre a próxima partida, quando seu celular começou a vibrar. Quando viu que era Alita, deu um sorriso; Tanji logo adivinhou o motivo e olhou para ele de cara feia. O pobre coitado ainda se ressentia da surra que

Alita havia lhe dado. Talvez porque Hugo não se cansava de sacaneá-lo. Hugo se afastou um pouco do grupo para atender.

— Onde você está? — perguntou ela.

— Daqui a pouco vou para a arena assistir à partida dessa noite — respondeu Hugo, sorrindo novamente ao ouvir a voz da garota, o que deixou Tanji ainda mais carrancudo.

— Você pode me levar?

O sorriso de Hugo ficou ainda mais largo e ele montou na giro.

— Me diz onde você está que eu vou te buscar.

CAPÍTULO 11

— ... e ele quer que eu seja sua *menininha perfeita* — queixou-se Alita quando entrou com Hugo no estreito túnel de acesso à pista de Motor Ball.

Desde que Hugo a pegara, ela não havia parado de desabafar sua frustração com a atitude de Ido. Alita não fazia ideia de quanta frustração tinha acumulado em tão pouco tempo. Agora, porém, estava enfim relaxando. Hugo lhe dissera que teria coisas melhores para pensar naquela noite, e o barulho distante de milhares de pessoas torcendo e gritando parecia prometer exatamente isso. O coração de Alita bateu mais rápido.

Hugo lhe passou um crachá com um cordão, como o que estava usando no pescoço.

— Coloca isso — instruiu. — Com ele, nós podemos ir a qualquer lugar.

Alita obedeceu, sentindo uma onda de prazer ao ouvi-lo dizer *nós*.

— Então você vai viver de acordo com as regras dele ou com as suas? — indagou Hugo.

A pergunta a pegou totalmente de surpresa, em parte porque não sabia ao certo se ele havia prestado atenção às suas queixas.

— Você vive de acordo com as regras de *quem*? — perguntou ela, verdadeiramente curiosa.

— De ninguém.

A objetividade desafiadora da resposta fez Alita perder o fôlego de admiração. *Ninguém*. A palavra continha um mundo inteiro de liberdade. *Ninguém* podia obrigá-lo a fazer alguma coisa. *Ninguém* podia impedi-lo de fazer qualquer coisa. *Ninguém* podia mexer com ele — exceto ela, porque tinha um passe igual ao dele, com o qual podiam ir a qualquer lugar, e juntos eram *nós*.

Alita ainda estava maravilhada quando depararam com um homem de aspecto ameaçador usando uma camiseta preta na qual estava escrito SEGURANÇA em grandes letras amarelas fosforescentes. Ela observou como Hugo havia mostrado o crachá ao sujeito e tratou de imitá-lo, para que o homem soubesse aonde eles podiam ir — a qualquer lugar — e às regras de quem eles obedeciam — *de ninguém*.

— Eu tenho uma pequena equipe — dizia Hugo — e a gente só lida com peças caras. — Ele teve que levantar a voz para se fazer ouvir por causa do barulho da torcida, que estava cada vez mais alto. — Baixos custos, altos lucros... É assim que as coisas funcionam.

Alita fez que sim com a cabeça, saltitando alegremente ao seu lado. Baixos custos, altos lucros, não obedecer às regras de ninguém — era assim que as coisas funcionavam. Fácil de lembrar, também.

O túnel subia e desembocava em um estádio enorme, feericamente iluminado, onde uma partida já estava em andamento. Devia haver dezenas de milhares de pessoas, todas gritando o nome dos seus jogadores favoritos, enquanto um locutor que parecia possuído narrava a ação.

Alita não parava de olhar para todo lado, tentando ver tudo ao mesmo tempo. Hugo segurou sua mão e a conduziu para um corredor ao lado da pista, margeado por um muro baixo de concreto que sustentava barreiras de plástico com três metros de altura. Arranhões e marcas no alto do plástico mostravam os lugares onde os jogadores haviam colidido com força.

— Leva um tempo para alguém ficar conhecido nesse ramo — comentou Hugo, que agora tinha que gritar. — Eu, por exemplo, me especializei em peças difíceis de encontrar. Hoje as pessoas sabem que, se estão com problemas para conseguir alguma peça, eu sou a pessoa certa para procurar.

Alita percebia o orgulho em sua voz e se sentiu orgulhosa também. Baixos custos, altos lucros, peças difíceis de encontrar e não obedecer às regras de ninguém; ela jamais teria aprendido essas coisas com Ido.

Hugo parou e apontou para uma confusão de paladinos ciborgues com armaduras pesadas que se aproximava a toda a velocidade. Quando passaram por eles, um jogador de armadura vermelha e preta com braços em forma de espadas desferiu um violento chute circular em um jogador que usava uma armadura cromada reluzente, como os cavaleiros que Alita tinha visto em um livro no seu quarto. O paladino de armadura cromada saiu da pista e se chocou com a barreira de plástico perto de onde eles estavam. Alita se encolheu, assustada mas empolgada. Um segundo depois, um terceiro

jogador com uma armadura cor de sangue saltou por cima dos dois e pousou em segurança, longe da confusão. Aquele paladino era uma mulher, pensou Alita enquanto ela passava voando. Mulheres podiam ser paladinas! Ela já sabia disso, mas ver ao vivo uma mulher de armadura sobre rodas fez seu coração disparar. *Olá, irmã!*

Ela sentiu os lábios de Hugo próximos ao seu ouvido.

— Bem-vinda ao Motor Ball.

Alita sorriu, pensando que era mais como *bem-vinda* ao lar.

— *E que sequência de golpes!* — esbravejou o narrador para mais de quinze mil espectadores ensandecidos. — Um chute circular duplo de Ajacutty faz Claymore sair da pista e se chocar com as barreiras enquanto Vento Rubro deixa os dois comendo poeira... *e lá vem Jashugan!*

Hugo sorriu quando as imagens da câmera de Jashugan foram exibidas temporariamente nos telões do estádio para mostrar ao público o ponto de vista do paladino. Os espectadores eram borrões quando Jashugan entrou e saiu de uma curva inclinada; houve um leve movimento rítmico de um lado para o outro quando ele aumentou a velocidade, seguido por uma breve visão da motorball na sua mão antes que a vista panorâmica da pista voltasse a ser exibida.

Alita estava com o rosto encostado na barreira de plástico, os grandes olhos acompanhando a partida sem perder um só detalhe. Hugo não pôde deixar de rir. A última vez que vira aquele olhar no rosto de uma garota, ela estava apaixonada. Mas aquela menina... Bem, já havia percebido que ela não era como nenhuma outra que conhecera, especialmente no que dizia respeito ao seu talento para Motor Ball. No momento, estava totalmente concentrada no jogo.

Quando Hugo ia propor que fossem assistir à corrida de outro lugar, uma coisa enorme passou por cima deles, alto suficiente para não colidir com as barreiras mas tão perto que sentiram um vento nos cabelos, e aterrissou em um paladino bem à frente deles. Que coisa, pensou Hugo, essa garota parecia um ímã para a ação. As coisas aconteciam ao seu redor.

— ... e Kinuba passa por cima do corredor dos boxes e derruba o número sete, Takie! — dramatizou o narrador. — Isso *não* está no livro de regras!

Kinuba... Fazia sentido. Hugo viu o campeão — não um campeão final, embora Kinuba agisse como tal — erguer os braços para cumprimentar o público enquanto patinava de costas a quase duzentos quilômetros por hora.

Kinuba era um bom jogador e um sério candidato a campeão final, mas o que sabia fazer melhor era se mostrar.

Hugo cutucou Alita e apontou para o telão. Ajacutty tinha acabado de sair de uma curva inclinada e se aproximava rapidamente de Kinuba, balançando os braços como se estivesse cortando o ar com facas. Ajacutty não era um dos jogadores mais famosos — pelo menos até o momento — e tinha um número menor de fãs que a maioria dos paladinos. Hugo nunca prestara muita atenção nele, mas, se conseguisse tirar Kinuba da jogada, sua carreira receberia um belo impulso enquanto Kinuba sofreria um revés — algo que Hugo estava ansioso para ver. Pelo modo como os torcedores gritavam quando Ajacutty se aproximou de Kinuba, muitos deles pensavam da mesma forma.

Quando Ajacutty estava a poucos metros dele, Kinuba se virou e apontou um dedo para o outro paladino.

O que ele estava fazendo?!, pensou Hugo. Ajacutty pareceu desconcertado com o gesto. Um segundo depois, o dedo de Kinuba se projetou de sua mão e seguiu em direção a Ajacutty, preso por uma longa tira de metal retorcido.

Ajacutty se encolheu, tentando se esquivar, mas estava indo rápido demais. O grindcutter cortou sua armadura, separando as pernas do restante do corpo e depois cortando-as de novo, abaixo dos joelhos. Ele caiu no meio de uma poça de cybersangue azul misturado com sangue humano vermelho. Hugo engoliu em seco. No telão, uma câmera apontada para a plateia mostrou que alguns torcedores desmaiaram. Bem, não seria uma festa *de verdade* se ninguém passasse mal.

O grindcutter sibilou, como se estivesse cortando o próprio ar, quando o dedo de Kinuba voltou para o lugar. Os pés de Ajacutty continuaram rolando por alguns metros e depois, como se percebessem que era inútil continuar em movimento sem o restante do ciborgue, tombaram inertes. A plateia entrou em um novo nível de êxtase.

— ... o campeão Kinuba usou seu recém-adquirido grindcutter para cortar Ajacutty feito uma faca em brasa cortando um bloco de manteiga. E ele tem mais quatro desses, pessoal! — disse o narrador, empolgado com aquela nova demonstração de violência. — Alguém me diz se isso é *permitido*!

A passagem começou a ficar congestionada quando os mecânicos correram para receber os paladinos e trocar as peças danificadas.

— Vem comigo — chamou Hugo e os restauradores puxando Alita para longe da barreira. — Eu conheço os mecânicos de todas as equipes. Vou apresentar você a eles. Se pretende jogar Motor Ball, tem que conhecer esses

caras. Eles podem salvar sua carreira, ou até sua vida. Eu estou falando *sério*.

Hugo conduziu Alita ao longo do corredor dos boxes enquanto ela tentava olhar para trás, até que chegaram a outro cara da SEGURANÇA. Mel era corpulento e tinha apenas uma expressão — assassino a sangue frio —, mas ergueu as sobrancelhas ao ver Alita. Hugo sorriu para ele, mas recebeu a expressão de assassino a sangue frio. O bom e velho Mel.

Hugo deu a Alita uma explicação breve sobre como os boxes eram organizados e disse que cada equipe dispunha de uma série de equipamentos para reparos de emergência. Os paladinos tinham prioridade absoluta no corredor dos boxes, de modo que era preciso abrir caminho sempre que um deles aparecia.

Os grandes olhos de Alita ficaram ainda maiores enquanto ela presenciava todo aquele frenesi de atividade. Ela fez Hugo parar por um momento para ver as equipes de Ajacutty e de Claymore se apinhando em cima deles. O barulho das ferramentas era mais alto que o da torcida. Ela parecia fascinada com a rapidez com a qual os mecânicos trocavam peças e até mesmo membros inteiros.

— Bem, quem é o melhor jogador? — perguntou ela.

— O melhor jogador *de todos os tempos* foi Grewishka — respondeu Hugo, e não entendeu a reação da garota.

Alita pareceu surpresa, embora não houvesse razão para isso. Como ela não sabia nada a respeito de Motor Ball, não tinha como ter ouvido falar dele. A menos que Ido tivesse lhe contado algo. Considerando que o doutor não queria mais saber do jogo, isso parecia improvável.

— Grewishka teve uma vida estranha — continuou Hugo. — Ele passou toda a infância literalmente debaixo da terra, tipo, em galerias de esgoto e tal. Alguém o descobriu, não me pergunte quem ou como, ninguém sabe. Mas ele recebeu o melhor treinamento e se tornou um campeão final, o melhor paladino que já existiu.

— Mas não foi assim que as coisas transcorreram — comentou Alita, com ar pensativo.

Hugo fez uma pausa para pensar. Ele gostaria de sentir pena de Grewishka, mas não conseguia simpatizar com alguém que tinha tudo para ser um sucesso — dinheiro, um lugar para morar, o melhor treinador — e colocara tudo por terra.

— Grewishka entrou em colapso e se tornou um criminoso. Foi expulso do Jogo. Chegaram a proibir que seu número voltasse a ser usado.

Ele puxou Alita para dar passagem aos mecânicos de Jashugan, que corriam para recebê-lo. Pouco depois, o paladino passou por eles no sentido contrário enquanto os mecânicos o examinavam com sensores, em busca de danos.

— Uau — murmurou Alita, olhando para Jashugan com um ar de adoração que não fez Hugo sentir ciúme. Não podia culpá-la. Mesmo depois de ver Jashugan de perto milhares de vezes, ele mesmo ainda ficava impressionado.

— No momento, eu diria que esse cara, Jashugan, é quem tem mais chance de se tornar o primeiro campeão — comentou Hugo. — Você sabia que algumas das peças que ele usa foram fornecidas por mim? Muitas peças, na verdade.

Ele não saberia dizer se Alita tinha ficado impressionada ou não, embora, na verdade, fosse difícil alguém se impressionar com algo quando Jashugan estava por perto.

Hugo e Alita seguiram o paladino e sua equipe até o boxe e ficaram observando os mecânicos o prenderem a uma estrutura estereotóxica para que pudessem abri-lo. Jashugan parecia totalmente à vontade. Eles retiraram o capacete para revelar um rosto sereno e calmo, com olhos cinzentos fixos em alguma coisa ou em algum lugar distante que só ele podia ver. Todos diziam que os melhores paladinos, os verdadeiros jogadores, eram aqueles que conseguiam encontrar um local tranquilo em meio ao caos das partidas em vez de se deixar seduzir pela vida agitada, com bebidas, drogas e outros prazeres, até acordarem um dia sem nervos, sem reflexos e sem uma equipe de mecânicos porque tinham passado a trabalhar para alguém com mais juízo.

— O que é um campeão final? — quis saber Alita.

— É a maior honraria que um paladino de Motor Ball pode receber. De tempos em tempos, quando há um número de bons jogadores que faça isso valer a pena, são disputadas umas eliminatórias. O vencedor recebe o título de campeão final e o direito de ir para Zalem.

Hugo achou que estava na hora de saírem dali antes que Alita ficasse excessivamente fascinada. Mostrou a ela vários outros boxes, apresentou-a a vários mecânicos, restauradores e chefes de equipe que o cumprimentavam efusivamente. Agora ela parecia impressionada, e Hugo percebeu quanto queria impressioná-la, quanto queria que Alita soubesse que ele era importante ali e não uma pessoa que apenas frequentava o estádio de Motor Ball fingindo ser especial.

Ele ia comentar de novo com Alita que tinha fama de conseguir peças difíceis para os mecânicos quando percebeu que ela olhava fixamente para uma direção, com uma expressão de surpresa. Seguiu seu olhar e viu uma mulher alta, de cabelos escuros, em um dos boxes. Ela segurava um servomotor de aparência sofisticado em uma das mãos e dava uma bronca em alguém pelo headset.

— O vinte e dois precisa parar *imediatamente* no boxe! — exclamou, furiosa. — A não ser que você *goste* de perder! É isso que você quer? Perder? Não? Então faça com que ele venha para o boxe *agora*!

A mulher levantou os olhos e deparou com Hugo e Alita. Para surpresa do rapaz, ela teve a mesma reação de Alita. Era quase como se Chiren a tivesse reconhecido, embora Hugo soubesse que isso não era possível. De repente, ela se virou para falar com um sujeito de pele escura usando roupas elegantes que supervisionava toda a atividade sentado em uma cadeira atrás dos boxes. Ou talvez fosse um trono.

— Aquele cara? O nome dele é Vector — explicou Hugo. — Ele é o mandachuva do Motor Ball. Teoricamente, o jogo é organizado pela Comissão da Fábrica, mas, na verdade, todas as decisões importantes são tomadas por Vector: quem vai jogar, quem não vai, que equipe vai jogar contra que equipe e quando, quem é um sério candidato ao título e quem não tem chance. Eu e meu pessoal fazemos muitos negócios com ele e com as equipes que ele dirige pessoalmente e sempre conseguimos as melhores peças para o seu novo restaurador.

— Chiren — comentou Alita, fazendo que sim com a cabeça. — A gente se conhece.

Hugo ficou boquiaberto. Pela primeira vez, ele não soube o que dizer.

— Ei — disse Alita, os grandes olhos cintilando de diversão ao ver a reação de Hugo —, você não é o único com *conexões*, sabia?

Que droga, pensou ele, quando continuaram caminhando pelo corredor dos boxes. Como vou impressioná-la agora?

Chiren viu os dois se afastarem e voltou a se concentrar no que estava fazendo. Em uma tela próxima, Kinuba emergiu de outro embate praticamente intacto, apenas com a armadura chamuscada. Estava segurando a Motor Ball acima da cabeça e a multidão foi ao delírio ao ver que a mão decepada, fumegante, de outro paladino ainda estava presa nos furos da bola. Meu Deus, como aquele sujeito gostava de se mostrar!

Vector deu um tapa no seu ombro que não estava muito longe de ser uma pancada e enfiou uma tela do tamanho da palma da mão perto do seu nariz.

— Olhe para isso — ordenou. — É Kinuba. Ele ficou forte demais com essa nova arma e está atrapalhando as apostas. Já perdemos muito dinheiro.

Como se o problema fosse *meu*, pensou Chiren, irritada. As apostas eram o terreno de Vector; ela era responsável pela tecnologia.

— Já falou com ele?

— Claro que falei — afirmou Vector, quase gritando. Quase; ele não gostava de fazer cenas em público. — O idiota se recusou a perder de propósito, mesmo quando ofereci uma garantia de doze partidas.

— Esses grindcutters são *extraordinários* — comentou Chiren. — Acho que podemos usar algo parecido no nosso, hum, outro projeto.

Um sorriso de aprovação surgiu lentamente no rosto de Vector. A ideia não tinha lhe ocorrido, pensou Chiren, escondendo sua surpresa. Vector, o poderoso chefe, o homem que tomava todas as decisões, o maioral. Fazia Chiren se perguntar como ele tinha conseguido se manter nessa posição por tanto tempo.

Ah, sim — ele contava com sua ajuda.

Vector segurou um mecânico-chefe pelo braço quando estava passando e apontou para o rapaz acompanhado por uma menina de olhos enormes.

— Ei, como é o nome daquele garoto que arranja peças para nós? Você sabe, aquele que se encarrega das peças difíceis?

O mecânico olhou para onde Vector apontava.

— O nome dele é Hugo. Não conheço a menina, mas ela é muito bonita.

— É mesmo — concordou Vector, sorrindo ao voltar a se sentar. — Obrigado.

O momento mágico da noite havia chegado, a hora em que parte do público não se contentava com presenciar atos de violência e passava a imitar o que via na pista. Em várias ocasiões, Hugo teve que puxar Alita para que ela não ficasse no meio de uma briga ou fosse atropelada por espectadores descontrolados tentando invadir a pista. Mas não era por medo de que ela se machucasse — ele duvidava de que mesmo o mais corpulento torcedor pudesse feri-la.

— E aí, o que achou do jogo? — perguntou ele.

O sorriso que Alita ofereceu em resposta foi praticamente selvagem. Ela

ouvira um chamado e mal podia esperar para responder.

— Eu *adorei*.

Antes que Hugo pudesse dizer mais alguma coisa, Tanji apareceu com o restante do pessoal.

— Tem um VIP precisando da gente — avisou a Hugo. — A gente tem que ir.

Isso só podia querer dizer uma coisa e não era *Vamos tomar uma cerveja*.

— Me desculpe, Alita — disse Hugo. — Você consegue voltar para casa sozinha?

— É claro.

A garota tentava não parecer desapontada, mas seus olhos diziam tudo. Ela jamais conseguiria esconder seus sentimentos, pensou Hugo, o que não era bom na Cidade do Ferro.

Atrás dele, Tanji pigarreou com impaciência para lhe lembrar que ele estava deixando todos esperando, o que significava que estava deixando o VIP esperando, e não era assim que eles faziam negócios. Mesmo assim, Hugo hesitou; tinha que pensar em alguma coisa ou aqueles grandes olhos tristes passariam a noite na sua cabeça.

— Ei, que tal a gente se encontrar de novo amanhã? — perguntou a Alita. — Quero mostrar a você um lugar que eu e Tanji conhecemos. — Ele olhou para Tanji e sorriu, como se o amigo não estivesse tentando explodir sua cabeça com um olhar que mais parecia um raio da morte. — Fica nas Terras Abandonadas. Pode ser que ajude você a recuperar a memória.

O rosto de Alita se iluminou e Hugo sentiu o mundo inteiro brilhar.

— Eu adoraria. Obrigada. — Ela o segurou pelo braço quando ele se virou para ir embora e acrescentou: — *Por tudo*.

Por um momento, o sorriso radiante da menina o deixou paralisado e ele pensou em ficar mais um pouco; entretanto, Tanji não aguentava mais esperar e o restante da turma estava começando a ficar impaciente. Hugo pulou a cerca que separava o corredor dos boxes da primeira fila de assentos para se juntar ao seu pessoal, que já seguia Tanji a caminho do túnel de acesso. Mas ele não resistiu a dar uma olhada rápida para trás.

Alita estava de novo com o rosto encostado a uma das barreiras. Vista de perfil, parecia estranhamente séria, como se achasse que o Motor Ball pudesse ser a resposta a todas as perguntas que a incomodavam.

CAPÍTULO 12

Havia basicamente três tipos de estabelecimentos para se beber na Cidade do Ferro: botecos, pés-sujos e inferninhos. O Bar Kansas estava decididamente na terceira categoria, mas não era um inferninho qualquer — era um inferninho frequentado por caçadores-guerreiros.

O dono há muito tempo se resignara com o fato de que os caçadores de recompensas haviam feito do bar seu estabelecimento preferido; isso significava que, entre outras coisas, eram eles que decidiam quem podia beber ali. Em geral, ou eram companhias atraentes que apreciavam o convívio com caçadores-guerreiros sem insistir em compromissos, cafés da manhã ou ser lembradas na noite seguinte, ou eram paladinos, em grande parte porque muitos caçadores-guerreiros foram paladinos. Pouquíssimos eram como Dyson Ido, que era bem-vindo em qualquer lugar.

Em geral, a clientela do Bar Kansas preferia beber com vencedores, como paladinos com pelo menos meia dúzia de jogos ganhos em um ano. O número não era um mínimo absoluto, mas servia como orientação. Ter vencedores presentes aumentava o valor de todos; perdedores eram excluídos na primeira oportunidade, antes que o bar se tornasse sinônimo de fracasso.

Kinuba tinha feito por merecer um lugar no Bar Kansas várias e várias vezes. Ele não só era um campeão como também era um protegido dos caçadores-guerreiros. Havia muitas vantagens em ser um protegido dos caçadores-guerreiros. Para começar, ele não lembrava a última vez em que tinha pago a própria bebida; no Bar Kansas, isso significava muito. Os caçadores-guerreiros que bebiam ali podiam se dar ao luxo de ser generosos, mas não praticavam caridade. Se alguém lhe pagava uma bebida, é porque era merecido.

Além disso, podia sair do bar com as três mulheres mais bonitas da noite sem que ninguém lhe desse um tiro na cara. Bem, a não ser, é claro, que tentasse roubar a companhia de outro freguês, e Kinuba jamais esteve *tão* bêbado ou louco a ponto de fazer algo do tipo. Ele tinha *princípios*, cacete. Infelizmente, nem todo mundo era assim.

O mundo era assim, e ele sabia que não devia se surpreender quando deparava com alguém sem princípios. Entretanto, por alguma razão, isso acontecia com uma frequência fora do comum, quase sempre porque esses infelizes apareciam em lugares onde não deveriam estar.

Como aquele filho da puta do Vector. Ele era diretor do Jogo de Motor Ball e dono de várias equipes de paladinos. O sujeito tinha dinheiro saindo por todos os buracos do corpo, por todos os *poros*, e mesmo assim não achava que era rico o suficiente. Vector tinha chegado a lhe pedir que perdesse de propósito só para ganhar mais dinheiro com as apostas.

No começo, Kinuba achara que era uma brincadeira de mau gosto. Quando percebeu que estava errado, sentiu vontade de usar o grindcutter em Vector e depois patinar pela pista com a cabeça dele espetada em um pedaço de pau. Na verdade, precisou ser contido pelos mecânicos, que lhe disseram que ele não viveria tempo suficiente para completar uma volta na pista e que eles também não durariam muito. O mecânico-chefe o aconselhou a guardar a raiva para quando estivesse competindo, e, embora soasse idiota, tinha funcionado. Ele ganhara três partidas seguidas depois de Vector o procurar com aquela proposta indecente, e cada vitória tinha sido mais gratificante que a anterior. A próxima seria ainda melhor. Ele continuaria ganhando — não precisava que Vector lhe desse uma garantia de doze jogos; podia consegui-los sozinho. Ganharia todos, e cada vez que ganhasse Vector podia voltar para seu luxuoso apartamento de cobertura na Fábrica e chorar até não poder mais. Enquanto ele comemorava com as garotas mais lindas no Bar Kansas.

Naquela noite, ele precisava de três — duas para segurá-lo, uma de cada lado, enquanto carregava a terceira no ombro. Felizmente, aquelas garotas eram bonitas e fortes; estavam se saindo bem no trabalho de mantê-lo de pé. É claro que estava usando no momento o corpo casual, não o de competição. O corpo casual não era tão pesado, embora estivesse com o grindcutter. Nunca a tirava, para sua segurança e para não desapontar as garotas que pedissem uma demonstração.

Quando saíram do Bar Kansas, cambaleando pela rua naquela noite, Kinuba chegou à conclusão de que o problema não estava na quantidade de

álcool que havia bebido e sim no fato de que a garota que carregava no ombro o estava fazendo perder o equilíbrio. Devia ter saído com quatro — uma em cada ombro o estabilizaria.

Mas não era tarde demais. Ainda estavam na porta do bar; ele podia entrar de novo. Para evitar qualquer mal-entendido, deixaria claro para a número quatro que tinha sido convocada apenas para servir de lastro.

Ainda estava pensando no assunto quando alguma coisa atingiu o chão à sua frente e explodiu em chamas.

— Que merda foi essa? — vociferou ele, enquanto as garotas começavam a gritar e saíram correndo, incluindo a que estivera no seu ombro.

Bem, as garotas eram assim — morriam de medo do fogo, a menos que fossem paladinas, de modo que, mesmo que ficassem, não poderia contar com elas para ajudá-lo. Quando isso acontecia na pista, em geral era porque algum idiota tinha se descuidado com o tubo de combustível. No entanto, ele não estava na pista e não era um idiota — podia estar bêbado feito um gambá, mas não era estúpido de patinar por cima do tubo de combustível.

Mas ele não estava patinando, estava na rua e não estava carregando um suprimento de combustível. Kinuba tentou pensar. Ele estava... Ele estava...

Ele estava na merda, percebeu, quando uma rede caiu sobre sua cabeça e ombros. Dois pilotos de giros deram algumas voltas ao seu redor, enrolando a rede. Os rostos deles estavam escondidos por óculos e bandanas, o que lhes dava a aparência de ciborgues insetoides sobre rodas. *Pequenos* ciborgues insetoides — eles eram *meninos*.

— Seus moleques cretinos, eu vou matar vocês! — gritou Kinuba, sacudindo a rede.

Os moleques aceleraram as giros. Não na direção das chamas — que já estavam quase apagando —, mas dando voltas ao redor dele com as giros tão inclinadas que na certa iriam ralar os joelhos.

Infelizmente, o movimento o desequilibrou ainda mais. Ele cambaleou e tropeçou, levantando os braços na tentativa de se manter de pé e se livrar da rede. De repente, o chão subiu até acertar o lado esquerdo do seu corpo, e o choque emitiu um barulho metálico alto o bastante para abafar temporariamente seus xingamentos abafados.

Será que *ninguém* ouviu isso?, pensou, enquanto se esforçava para se levantar usando mãos e joelhos. Deve ter soado como a colisão de um caminhão com um edifício. Esse tipo de ruído deveria ter feito todos os centuriões da cidade correrem para esse local. O que estava acontecendo? Por

que não havia nenhum centurião por perto quando se precisava deles?

Quando Kinuba conseguiu ficar de joelhos, viu outros dois meninos montados em giros segurando o que pareciam ser lanças. Ele teve um segundo para pensar como era injusto um campeão como ele ser derrotado por um bando de garotos antes de um raio o atingir na nuca.

Todos os nervos do seu corpo explodiram com dor. Os braços e as pernas enrijeceram e se agitaram desordenadamente. Seu tronco começou a tremer e se contorcer. Era como se cada parte do seu corpo quisesse se libertar das outras. Os cinco grindcutters saíram da sua mão e ficaram se agitando no chão, como se estivessem tentando fugir. Ele tentou recolhê-los, mas sua mente estava tomada pela dor, e os raios continuaram até que ele deitou no chão, sem fôlego, tonto e totalmente dormente do pescoço para baixo.

— Seus cretinos — disse Kinuba, ofegante, olhando para o céu escuro. Em algum lugar atrás dele, ouviu o barulho de um caminhão se aproximando. — Seus ladrões cretinos, podem se considerar mortos! Estão me ouvindo? Mortos!

Kinuba ainda estava xingando os meninos quando prenderam um cabo de aço nele. Usaram o cabo para puxá-lo de costas, fazendo-o subir uma pequena rampa, e o colocaram na caçamba do caminhão. Os grindcutters subiram atrás dele e depois voltaram para sua mão. Três outros meninos o amarraram.

— Quem manda nessa cidade? — gritou um deles.

— Somos nós! — responderam os outros, antes de fecharem a porta.

Eles ignoraram as promessas de uma morte lenta e dolorosa para todos enquanto o caminhão dava um tranco para a frente e começava a se acelerar. Os malditos moleques nem sabem dirigir direito um caminhão, pensou Kinuba. Ele iria matá-los *duas vezes*.

Separar o cybernúcleo de um ciborgue de substituição total era uma operação delicada para um cybercirurgião; para um ladrão de peças médio, porém, era apenas um serviço pesado. O problema era que, em geral, as pessoas que estavam sendo desmontadas não paravam de reclamar.

Colocar essas pessoas para dormir, ou mesmo sedá-las, tornaria tudo mais fácil, porém isso jamais funcionava. O processo de retirada de peças jogava o nível de adrenalina lá em cima e elas *nunca* calavam a maldita boca.

Muitos ladrões de peças começavam a carreira cheios de escrúpulos. Não queriam roubar um corpo inteiro. Porém, no fundo, quem queria? Em tempos

como esse — ou seja, desesperados —, mesmo os mais bem-intencionados acabavam cedendo. De bolsos vazios e sem nada na geladeira, faz-se o que é preciso fazer.

Em geral, um sequestro era suficiente para fazer mesmo o mais sensível principiante sofrer de um caso grave de fadiga de compaixão. Do jeito que a pessoa do cybernúcleo gritava e protestava, qualquer um pensaria que ela estava sendo assassinada em vez de assaltada, quando nada podia estar mais longe da verdade. Os núcleos dos ciborgues de substituição total eram construídos de tal forma que podiam sobreviver por vários dias sem um corpo. Eles entravam em modo de espera, que era uma espécie de coma, até que os prefeitos da Fábrica fossem buscá-los. Os ladrões de peças não eram selvagens; eles sempre ligavam para os prefeitos para avisar que havia um cybernúcleo abandonado em tal e tal lugar. Os prefeitos colocavam o núcleo em um sistema de suporte da vida até ele poder receber um novo corpo. Não era exatamente divertido, mas não era um assassinato. E não doía nada.

Além disso, a maioria dos ciborgues de substituição total tinha recursos mais que suficientes para comprar um novo corpo. Como Kinuba, por exemplo — ele era um campeão de Motor Ball e tinha ganhado muito dinheiro com a vitória daquela noite. O que ele economizava simplesmente porque sempre pagavam bebidas para ele era suficiente para comprar um modelo top de linha. Qual o problema de perder algumas partidas? Ele voltaria com um corpo de ST cem vezes melhor que o antigo. Os ladrões estavam na verdade lhe fazendo um favor.

Não que *ele* fosse aceitar esse argumento, é claro. Mesmo depois que estivesse confortavelmente instalado em um corpo melhor, ainda se queixaria dos ladrões grandes e malvados que haviam roubado suas peças. Kinuba estava tão bêbado que mal conseguia ficar de pé, mas foram necessários quatro desses ladrões grandes e malvados para derrubá-lo e outros três para colocá-lo na caçamba do caminhão depois que ele foi paralisado.

Os homens ricos não passavam de uns bebezões, e Kinuba era um dos piores. Podia ser valente na pista de Motor Ball, mas na rua só faltava chorar e chamar a mamãe.

Os ladrões, ainda mascarados, estavam trabalhando na caçamba do caminhão quando faróis apareceram na outra extremidade do beco. O carro se aproximou devagar, iluminando a cena. Todos eles pararam, esperando alguma indicação de se deviam fugir ou ficar. Os óculos refletiam a luz dos faróis.

O carro parou e dois homens saltaram. Vistos contra a luz, não passavam de silhuetas, mas eram familiares. Um era alto e elegante e o outro tinha o físico e a postura de um guarda-costas.

Um dos ladrões se empertigou e fez um gesto para os outros continuarem trabalhando. Ele saiu do caminhão e foi ao encontro dos homens, levantando os óculos e baixando a bandana que cobria a parte inferior do rosto.

— Bom trabalho, Hugo — elogiou Vector. O tom era de aprovação, ou mesmo de simpatia, mas sua expressão quando viu o que estava acontecendo no caminhão era mais de desprezo que de satisfação. — Seu pessoal está de parabéns.

— Muito obrigado, sr. Vector. Vou repassar o elogio a eles.

Hugo se retraiu, achando que tinha soado como um puxa-saco da Fábrica com a esperança de ser escolhido como funcionário do mês.

Vector pareceu achar graça na resposta. O guarda-costas lhe passou um pacote, que ele entregou a Hugo. Moedas de créditos; pelo peso, parecia ser mais que o combinado. Hugo se sentiu constrangido ao guardar as moedas no bolso do casaco e disfarçou dizendo que ia ver como seu pessoal estava se saindo no desmonte de Kinuba.

— Ei — disse Tanji, separando-se dos demais e se agachando na beira do caminhão. — Quando você vai contar para sua enferrujadinha que ganha dinheiro roubando ciborgues?

— Nunca — vociferou Hugo. — E nem você, se sabe o que é bom.

Tanji balançou a cabeça.

— O que eu sei é que essas garotas de metal só servem para uma coisa. E você também sabe; foi você que me disse isso. — Ele apontou com a cabeça para o volume no bolso de Hugo. — A propósito, cadê a *minha* parte?

Os protestos de Kinuba recrudesceram. Os garotos tinham acabado de separar o cybernúcleo do corpo e três deles carregaram o núcleo até a rampa do caminhão. Kinuba gritou de raiva quando seu núcleo desceu a rampa e rolou pelo chão do beco. Hugo instintivamente colocou os óculos no lugar e puxou a bandana para cima. A última coisa que queria era ser perseguido por um paladino em um corpo novo e mais poderoso com sede de vingança.

— Levem o corpo para Chiren imediatamente — ordenou Vector. — Usem a entrada de serviço.

Hugo franziu a testa. Como Vector não estava mascarado, provavelmente não via problema em mencionar o nome de Chiren. Pelo menos, não tinha usado o nome de Hugo. Vector era tão poderoso que devia achar que o fato

de ser identificado por Kinuba era irrelevante. Mesmo assim, Kinuba era bastante popular e os fãs de Motor Ball podiam não gostar de saber que Vector estava por trás daquele assalto.

A não ser que Vector estivesse planejando comprar o silêncio de Kinuba. Ele tinha dinheiro suficiente para isso. Subornos eram a especialidade de Vector. Kinuba poderia barganhar um pouco, mas eles chegariam a um acordo. E Kinuba continuaria a ter quem pagasse por suas bebidas. Hugo tinha certeza de que Vector poderia cuidar dessa parte.

Hugo percebeu que Vector estava olhando para ele com impaciência. Então apontou com a cabeça para o cybernúcleo de Kinuba.

— E quanto a ele? — quis saber Hugo.

— Não se preocupe. Meu pessoal vai avisar aos prefeitos — respondeu Vector. — Eles vão cuidar de Kinuba. Agora vá terminar o serviço.

Eu não acredito em você, pensou Hugo, olhando para Vector. Mas devia estar errado. Vector não mentiria para ele, logo para *ele*. Não em um caso como *esse*. Ele não teria chegado aonde chegara mentindo para as pessoas com quem fazia negócios e então apunhalando-as pelas costas. Quando se vive fora da lei, sua palavra deve ser sua garantia. Todo mundo sabia disso.

Ainda assim, Hugo achava que algo não cheirava bem, mas não havia nada que pudesse fazer. Não é como se fosse uma possibilidade levar essa mercadoria para outro comprador.

Ele fechou a caçamba do caminhão e bateu na porta duas vezes.

— Vamos — gritou.

O caminhão acelerou e ele o seguiu com sua giro.

Assim que eles foram embora, Vector se aproximou do que restava de Kinuba e se ajoelhou para que o paladino pudesse vê-lo de perto.

— Vector, seu *desgraçado*! — rosou Kinuba. — Eu devia saber que você estava por trás de tudo!

— Não — retrucou Vector, com uma risada sardônica —, o que você *devia* saber, meu amigo, é que ninguém, *ninguém* é mais importante que o Jogo.

Ele estendeu a mão para algo fora do campo de visão de Kinuba e depois o segurou bem na frente dos olhos dele. Não era nada especial, apenas um maçarico do tipo usado pelos mecânicos de todas as equipes do Jogo.

Durante alguns segundos, Vector se permitiu saborear a expressão no rosto de Kinuba quando compreendeu o que iria acontecer em seguida.

Então acendeu o maçarico e mostrou a ele.

CAPÍTULO 13

As entradas e as saídas da Cidade do Ferro eram rigidamente controladas. Ninguém chegava ou partia sem ser autorizado e registrado. Era uma questão de manter as estatísticas em dia — quantos entraram, quantos saíram — e barrar a entrada de artigos perigosos ou ilegais. O trabalho não exigia muita inteligência, o que o tornava ideal para os centuriões. A única decisão que eles precisavam tomar era um simples sim ou não, e, no caso de sim, tinham apenas uma coisa a fazer: abrir fogo.

Como os centuriões não eram de muita conversa, os que não tinham nada a esconder perdiam pouco tempo, enquanto os que tentavam contrabandear produtos proibidos não tinham chance de discutir ou apresentar desculpas; o produto era sumariamente apreendido. Não havia burocracia, nenhum sistema jurídico atulhado de processos pendentes, e a Fábrica não precisava gastar recursos com comida, roupas e acomodação para criminosos, quando as mesmas coisas podiam ser vendidas com margem de lucro para os habitantes da Cidade do Ferro. A economia de tempo e dinheiro era substancial.

Além disso, a Fábrica lidava com os dados de tal forma que ninguém precisava preencher formulários. Na verdade, os habitantes da Cidade do Ferro não sabiam o que era papelada. A cidade surgira não muito tempo depois de uma era penosa de burocracia, repleta de formulários e papéis.

Embora o objetivo da Fábrica não fosse tornar a vida mais simples e descomplicada para a população da superfície, esse acabou sendo o resultado final. Naturalmente, embora a maioria dos habitantes não fosse idiota, ninguém compreendia a natureza de sua existência bem o suficiente para criticar o sistema. Mas isso não era problema da Fábrica. Não havia com quem se queixar; as pessoas não tinham acesso à Fábrica a não ser por meio

dos deckmen ou dos prefeitos. Ou dos centuriões.

As únicas coisas que restaram da era menos eficiente e muito mais complicada eram o Hidromuro e o Portão da Vitória. Na verdade, as duas construções pertenciam ao mesmo complexo, feito originalmente para ser um memorial de guerra. O Portão da Vitória fora construído para comemorar o fato de Zalem ter sido a única cidade flutuante que restou depois da queda de todas as outras. O Hidromuro era uma espécie de fonte, embora fosse muito mais belo e sofisticado que os modelos antigos, que simplesmente jogavam água para cima.

A ideia era que os visitantes atravessassem um túnel de água corrente para chegar ao enorme Portão da Vitória, feito de metal reluzente, que deveria despertar sentimentos de orgulho e felicidade. Infelizmente, os prognósticos de vitória tinham sido ligeiramente prematuros. O Portão ficou bastante danificado no ataque final, durante a Guerra da qual poucos se lembravam. A Fábrica o havia restaurado e encontrado uma utilidade para ele — era usado agora para controlar a entrada e a saída da população.

O Hidromuro foi deixado como estava. Os moradores o apreciavam, e o ruído brando da água corrente tinha um efeito calmante sobre as pessoas que estavam na fila para entrar ou sair da cidade sem que a Fábrica precisasse fazer nada. Muito conveniente.

* * *

Hugo estava certo a respeito do Hidromuro, pensou Alita. Era de fato magnífico e o som era agradável e relaxante. Embora, depois de passar horas esperando em uma fila interminável para sair da Cidade do Ferro, ele começasse a se tornar mais monótono que magnífico. E barulhento.

Por outro lado, Alita não podia dizer que se importava de ficar sentada ao lado de Hugo enquanto ele dirigia.

No banco traseiro, Koyomi parecia ter cochilado, enquanto Tanji estava totalmente desperto e de cara feia, como sempre. Ele ainda estava irritado com Alita pelo que ela fizera com ele na partida de Motor Ball. Bem, Tanji devia saber que receberia o troco. De qualquer forma, ele era bom em guardar rancor.

Alita se ajeitou no assento, tentando não parecer impaciente ou inquieta. Era muito bom estar com Hugo e ela estava feliz só de pensar que iriam passar o dia juntos. Mas a fila quase não andava. Nesse ritmo, iriam levar metade do dia só para chegar ao Portão. Ela havia esperado algo mais

divertido que esperar em uma fila para os centuriões decidirem não atirar neles.

— Ora, vejam só — disse Tanji. — É a mão de ferro da Cidade do Ferro. Todos tremem diante dos seus senhores.

Hugo fez um gesto para que Tanji se calasse quando um centurião se aproximou do carro. Alita percebeu que Hugo estava nervoso e isso a deixou nervosa. Ele dissera que não haveria nenhum problema e ela acreditara, então por que Hugo parecia preocupado? Alita tinha ficado surpresa quando ele foi buscá-la dirigindo um caminhão; ela achava que fariam o passeio usando giros. E o caminhão era grande — *muito* grande. Onde Hugo o havia conseguido, pensou, e por que ele precisava de um veículo daquele tamanho?

No entanto, ela resolvera manter as perguntas para si mesma e mais tarde tocaria no assunto. E se o centurião estranhasse o fato de apenas quatro pessoas estarem fazendo um passeio em um caminhão tão grande? E se desconfiasse que eles pretendiam fazer algo ilegal? O centurião confiscaria o caminhão e depois atiraria neles? Ou atiraria neles antes de confiscar o caminhão?

Quando o centurião os abordou, Alita mal conseguia respirar. Ele enfiou a cabeça de metal dentro do caminhão, usando a janela de Hugo, e olhou para os ocupantes, um por um.

Um século depois, tirou a cabeça.

— SIGAM EM FRENTE — disse, com uma voz mecânica, sem entonação, afastando-se para investigar o veículo atrás deles.

Alita sentiu que todos ficaram aliviados quando Hugo engatou a marcha do caminhão, mas só quando estavam no túnel sombrio do Hidromuro, com água sendo lançada dos dois lados, foi que eles realmente se acalmaram.

— Eles sempre me deixam nervoso — disse Hugo, sorrindo para Alita. — Mesmo sabendo que sair é ridiculamente fácil. A verdade é que eles não se importam nem um pouco com o que as pessoas vão fazer nas Terras Abandonadas.

Hugo dirigiu o caminhão para uma rampa de acesso e entrou na rodovia, onde, ao contrário do que acontecia na Cidade do Ferro, não havia tráfego nenhum.

— Bem-vinda à terra da liberdade — disse Hugo, alegremente.

— Terra da liberdade... Essa é boa — comentou Tanji, em um tom que não era tanto de sarcasmo, e sim de melancolia.

Alita não pôde deixar de admirar a extensão de terras cultivadas que ladeavam a rodovia. Elas se estendiam em todas as direções até perder de vista e não havia nenhuma pessoa trabalhando, apenas uma ou outra máquina levantando nuvens de terra e poeira enquanto fazia a colheita ou plantava sementes em longos sulcos no solo. As nuvens de poeira fizeram Alita se lembrar do impacto das suas botas na superfície lunar.

— Então — começou, afastando-se da janela do carona, na qual estivera debruçada na última meia hora —, quem começou a Guerra?

Tanji ficou tão surpreso que se esqueceu de fechar a cara, mas não disse nada. Koyomi se encarregou de responder.

— Acho que ninguém se lembra dos motivos da Guerra, ou mesmo de quem venceu. As escolas da Fábrica não ensinam absolutamente nada sobre assunto.

— Porque não querem que a gente aprenda nada — acrescentou Hugo.

Alita franziu a testa. Isso não parecia certo. Alguém devia se lembrar do que havia acontecido. Por outro lado, era provável que Hugo estivesse certo a respeito de a Fábrica não querer que a população soubesse muita coisa. Se a Fábrica protegia um assassino como Grewishka, era difícil saber o que mais poderia estar escondendo, ou até onde iria para manter seus segredos.

Durante a hora seguinte, voltaram várias vezes a falar da Guerra. As terras cultivadas deram lugar a capim alto e ervas daninhas. Aqui e ali, no acostamento, havia ruínas do que Koyomi chamou de muretas. Elas não deviam servir para muita coisa — tudo que restava eram pedaços de concreto, alguns com as ferragens à mostra. A estrada e o campo eram mais ou menos nivelados, sem nenhum declive abrupto.

Koyomi disse que a estrada em que estavam tinha sido parte de um sistema que começava no litoral do mar oriental e se espalhava pela terra, como uma gigantesca teia de aranha, até o mar ocidental.

— Se é que existe um mar ocidental — interveio Tanji. — Eu pessoalmente acho que não existe.

— Ai, lá vem você de novo — disse Koyomi, revirando os olhos.

— Por que você não acredita que o mar ocidental exista? — perguntou Alita a Tanji.

— Porque existe terra e existe água. A terra está num lugar e a água está em outro. O que chamam de “mar ocidental” — Tanji fez sinal de aspas com as mãos — é só o outro lado do mar oriental.

Alita franziu a testa, lembrando-se do aspecto da Terra na sua memória da batalha.

— A coisa não é bem assim.

Tanji deu uma risada enquanto Koyomi iniciava uma longa explicação a respeito de mares e continentes, falando tão depressa que Alita mal conseguia acompanhar.

— Não liga para os dois — disse Hugo quando Tanji começou a argumentar. — Ele diz essas coisas só para irritar Koyomi. As escolas da Cidade do Ferro são péssimas, mas eu nunca ouvi nada *tão* idiota quanto isso.

Alita pensou de novo na Terra do jeito que a tinha visto.

— Espero que você esteja certo.

Os campos começaram a alternar com trechos cheios de árvores até desaparecerem por completo. O ar foi tomado por um aroma que Alita só conseguiu classificar como *esverdeado*.

— Tudo aí fora é um imenso matagal — explicou Koyomi quando Alita comentou a respeito. — Ninguém toma conta dessa parte da terra, mas a Fábrica manda gente para cá de vez em quando para colher amostras e fazer medições.

— Para quê? — perguntou Alita.

— Para que eles possam saber o grau de contaminação do solo, das árvores e das plantas. A Fábrica não pode aproveitar a terra até que todos os venenos tenham se decomposto. É por causa da Guerra. Por isso ninguém mora nessa região...

— Isso não é verdade — protestou Tanji. — Algumas pessoas moram. Mas você não gostaria de conhecer nenhuma delas. Elas viviam da terra, de caças e de plantações, mas agora estão todas deformadas e sofreram mutações. A guerra biológica acabou com o mundo.

— O mundo *inteiro*? — perguntou Alita, horrorizada.

Tanji e Koyomi fizeram que sim ao mesmo tempo.

— Você acha que as pessoas ficariam na Cidade do Ferro se tivessem outro lugar para ir? — perguntou Tanji.

— Pois é — confirmou Koyomi.

* * *

Estavam viajando há quase duas horas quando Hugo saiu da rodovia e entrou em um estreito caminho de terra que levava ao interior da floresta.

— É melhor você se segurar — recomendou Hugo desnecessariamente a

Alita, enquanto o caminhão avançava aos solavancos.

— Seria mais fácil se estivéssemos usando as giros — comentou Tanji. — Mas parece que alguém acha que a gente pode encontrar alguma coisa grande que valha a pena levar para casa.

— Nunca se sabe — disse Koyomi, em um tom levemente implicante.

— Ai, lá vem — disse Tanji, revirando os olhos, enquanto Koyomi piscava para Alita. — Mas o que se poderia esperar de alguém que acredita na existência de um mar ocidental? Um dia vão dizer que a Terra é plana e ela vai acreditar.

— Se a Terra fosse plana, você já teria tropeçado e caído da borda — comentou Koyomi, dessa vez em um tom sem dúvida implicante.

— Chegamos — avisou Hugo, freando o caminhão e desligando o motor. — A estrada acabou. Daqui em diante, a gente vai ter que ir a pé.

Todos saltaram e Alita esticou as pernas, feliz por não estar mais confinada no caminhão. Ela ouviu um grito e levantou os olhos para ver um falcão circulando acima das árvores.

— Aqui tudo parece tão *livre* — declarou, com um suspiro de felicidade.

— É mesmo — concordou Hugo.

— Mas pode ser perigoso — acrescentou Tanji. Alita viu que ele tinha deixado escorregar para fora da manga uma coisa que parecia uma barra de metal. — Fique alerta.

Koyomi revirou os olhos quando Hugo fez um gesto para que o seguissem floresta adentro.

* * *

— Tudo o que a gente sabe com certeza — explicou Hugo, enquanto subiam uma encosta íngreme — é que o Inimigo lançou um último ataque com todas as naves que tinha e derrubou todas as cidades voadoras em uma única noite. Todas, exceto Zalem.

Durante a última hora, a conversa se tornara um pouco mais difícil por causa do esforço para atravessar a floresta densa. Isto é, mais difícil para Hugo, Koyomi e Tanji. Alita tentou respeitar o cansaço dos outros, mas estava louca para saber o que eles sabiam, mesmo que não fosse muito. Queria comparar a versão deles com o que Ido lhe contara. Ele parecia ter omitido ou abordado de forma superficial algumas coisas.

— Quem era esse Inimigo, afinal? — perguntou Alita, afastando um aglomerado de galhos para que Koyomi pudesse passar.

— As RUM — respondeu Tanji, em um tom sóbrio, como se estivesse dizendo *o bicho-papão*.

— As Repúblicas Unidas de Marte — explicou Koyomi, olhando de cara feia para Tanji. Ela parou para recuperar o fôlego. — Você sabe, R-U-M, RUM.

— Já entendi — disse Alita.

O que não entendia era por que Ido nunca havia mencionado as RUM nas conversas.

— Na última noite da Guerra — continuou Hugo, segurando os galhos para subir os últimos metros que faltavam para chegar ao alto da colina —, dizem que a terra tremeu e o céu ficou em chamas. É o que *dizem*. — Ele olhou por cima do ombro e sorriu para Alita. — Mas na manhã seguinte o sol nasceu e Zalem ainda estava lá em cima.

Chegando ao topo da colina, ele apontou.

— O que eu queria te mostrar está logo ali.

Alita deu passos largos, como quando ela subia uma escada de três em três degraus, e chegou ao lado de Hugo. E o que viu a deixou sem fôlego.

O lago tinha no mínimo quinhentos metros de diâmetro e era alimentado por uma cachoeira turbulenta na margem direita. Mas não era um lago natural e sim uma cratera criada por um objeto de tamanho descomunal. A natureza o havia reclamado; o mato e a erosão do vento e da chuva tinham escondido ou aplainado muitas das antigas cicatrizes, mas algumas rochas fragmentadas ainda eram visíveis.

Mas era o objeto de tamanho descomunal que dominava a cena. A espaçonave estava parcialmente submersa no meio do lago, o casco bastante danificado. Os pedaços que faltavam deixavam visível a estrutura interna. Agora ela estava sucumbindo aos ataques finais de ferrugem e corrosão, mas ainda não estava totalmente arruinada — aqui e ali, Alita via uns poucos pontos reluzentes.

— Essa nave participou da Batalha de Zalem, a última batalha — explicou Hugo. — Eu achei que se você visse alguma coisa do tempo da Guerra isso te ajudaria a se lembrar. E seria mais seguro do que... bem, você sabe, a outra opção.

Alita ouviu apenas metade do que ele disse antes de começar a descer a encosta em direção ao lago.

Hugo mostrou a Alita que parte da nave estava suficientemente próxima da margem para que pudessem caminhar sobre ela até a parte principal dos

escombros. Antes que ele pudesse lhe mostrar o melhor trajeto, Alita já estava a meio caminho do centro, andando com mais segurança que os outros no metal molhado.

— Saqueadores já levaram muita coisa daqui — comentou Hugo, quando finalmente a alcançou. — Principalmente pedaços de metal. — Ele apontou para pequenas falhas e buracos. — Mas, como se trata de tecnologia das RUM, eles não tocaram nas coisas maiores. As pessoas têm medo de mexer no que não conhecem, porque não sabem o que pode acontecer.

— Tem certeza de que é mesmo uma nave das RUM? — perguntou Alita, de olhos arregalados.

Tanji deu uma risada sarcástica.

— É difícil vender uma peça quando ninguém sabe se ela pode explodir a qualquer momento, ou...

Alita o calou com um *shhh*. Com a visão periférica, viu que Tanji revirou os olhos e fez uma careta para Hugo, mas não se importou. Estava ouvindo alguma coisa, ou, melhor, estava *quase* ouvindo alguma coisa — o som ia e vinha, como se estivesse no limiar da audição. Era especial, raro e muito mais importante que o olhar condescendente de Tanji.

Mas não conseguia ouvir bem. Por mais que se esforçasse, o som parecia evitá-la.

Alita observou atentamente os destroços, medindo a nave com os olhos, tentando estimar suas dimensões.

— A gente precisa ir até a ponte de comando — avisou, depois de alguns instantes, apontando para o meio do lago. — Fica naquela direção.

— Como é que ela sabe? — perguntou Koyomi, ao mesmo tempo que Tanji perguntou:

— O que ela quer dizer com *a gente*?

Alita viu Hugo pedir aos dois que ficassem em silêncio e sorriu consigo mesma. Ela caminhou ao longo do casco até chegar ao ponto a partir do qual ele estava submerso.

— Não tem como passar daqui — disse Tanji. — Que pena! Então, o que a gente vai fazer agora? Eu voto por não nadar.

Ainda sorrindo, Alita saltou do casco e mergulhou de pé na água turva do lago. Desceu devagar, embora não tão devagar como quando estava na Lua. Plantas aquáticas abaixo dela abriram caminho, perturbadas pela água que Alita deslocava.

Olhou para baixo. Quando chegou ao fundo, seus pés foram envolvidos

por nuvens de lama. Levou um momento para se orientar na água lamacenta. Olhando para cima, pôde ver vagamente o casco e uma sombra que provavelmente era Hugo procurando por ela.

Não se preocupe, Hugo. Eu vou voltar.

Alita baixou o olhar. A parte submersa da espaçonave estava decorada com áreas cobertas de musgos, quase todos verdes, mas alguns com toques dourados, outros com um pouco de vermelho. Ou talvez fosse ferrugem.

Alita deu alguns passos longos e arrastados, levantando mais nuvens de lama, até chegar ao casco. A espaçonave estava profundamente enterrada na lama — seria muito difícil retirá-la dali. Esse devia ser um dos motivos pelos quais a Fábrica não a desenterrara para aproveitar o que fosse possível. Além, naturalmente, do fato de que, como Hugo dissera, as pessoas têm medo de mexer no que não conhecem. O que podia significar que a Fábrica também não estava familiarizada com a tecnologia alienígena. Bom saber, pensou ela, quando colocou a mão no casco, pouco acima de uma área verde irregular de musgo.

O som que não tinha conseguido ouvir saltou para sua mão e atravessou todo o seu corpo, como uma corrente elétrica. Agora ele falava com Alita, dizendo que havia esperado por muito tempo que ela o encontrasse e que tinha muito para lhe contar.

Mantendo a mão no casco, Alita começou a caminhar na direção da ponte de comando, cada passo produzindo ondas de lama no fundo do lago. Não era como na Lua — não havia inimigos ali e o lugar era tudo, menos deserto. Ainda assim, ela teve uma sensação de déjà-vu. Talvez fosse a nave.

Hugo olhou do celular de pulso, que exibia a hora, para o ponto na água onde Alita havia desaparecido várias e várias vezes, ciente de que estava há tanto tempo sem fazer quase nada além disso que o sol já havia mudado de posição no céu e as sombras tinham ficado mais longas. A menina era praticamente invencível em terra, mas não havia nada nela que indicasse que era capaz de respirar debaixo d'água.

— Por quanto tempo vocês acham que ela é capaz de prender a respiração? — perguntou Hugo.

Koyomi estava andando de um lado para o outro, com ar preocupado. Tanji se limitou a dar de ombros, parecendo entediado.

Hugo consultou mais uma vez o celular. Se alguma coisa acontecesse a Alita, Ido o mataria. Mas não era essa sua preocupação.

A sensação auditiva a levou a um lugar onde a escuridão era total, mas ela continuou em frente, confiando no que sua mão lhe transmitia. Após um tempo, a sensação mudou e Alita percebeu que precisava nadar para cima. Um minuto depois, sua cabeça saiu da água em algum ponto no interior da espaçonave. O chamado agora estava muito mais intenso, porém a escuridão ainda era total.

Alita sentiu os arredores até encontrar uma superfície que parecia suficientemente sólida e estável para sustentar seu peso. No momento em que emergiu totalmente da água, a escuridão foi substituída por uma luz violeta suave. Estava em uma espécie de antecâmara. Depois de afastar o cabelo molhado do rosto, ela se levantou; a superfície na qual estava apoiada permaneceu estável, sem ceder ou se mover. Ela olhou em torno, viu uma porta aberta e foi na direção dela.

A luz ficava mais forte conforme ela se aproximava da porta, ainda com a mão encostada em uma parede curva e bastante enferrujada. Estava curiosa, mas ao mesmo tempo se sentia estranhamente confortável. Aquele lugar estranho não *parecia* um lugar estranho, mas ela não sabia por quê.

Quando atravessou a porta, o zumbido que a estava chamando se transformou em uma vibração profunda, visceral. Era a ponte de comando, o que significava que os esqueletos que ocupavam a meia dúzia de assentos pertenciam à tripulação. Os uniformes não existiam mais e os esqueletos estavam cobertos com vários tipos de mofo que floresciam na umidade tropical.

A tripulação devia ter sido predominantemente biológica, com apenas alguns implementos, em vez de ciborgues de ST como Alita. Considerou isso um pouco estranho — teria apostado que os tripulantes de uma nave de combate seriam todos ciborgues de substituição total. Talvez não tivessem tido tempo suficiente para construir novos corpos para eles, pensou, aproximando-se da cadeira do piloto. As órbitas do crânio do esqueleto repousado no assento apodrecido foram alargadas para acomodar melhorias oculares. O que quer que tenham sido essas melhorias, porém, não estavam mais ali. Alita usou um dedo para virar o crânio. Um buraco oval na parte traseira dele mostrava que alguma coisa tinha sido acrescentada ao córtex visual. A peça também havia desaparecido. Será que alguém tinha entrado nos destroços e se apoderado dos artefatos apenas para mais tarde descobrir que a tecnologia era desconhecida? Ou os próprios tripulantes os haviam destruído ao perceber que não iriam sobreviver?

Alita largou o crânio; ele rolou de volta para a posição original, com as duas órbitas maiores que o normal voltadas para ela. *Será que nós nos conhecemos?*, pensou ela. *Será que você estava naquele céu escuro acima de mim na Lua?*

A vibração queria que ela continuasse caminhando. Mas para onde?, perguntou-se, olhando ao redor. Não havia nenhuma outra porta aberta. A luz violeta ficou um pouco mais intensa, e Alita avistou uma grande porta de metal fechada.

Depois de lançar um último olhar de relance para a tripulação, ela se aproximou da porta e sentiu que a vibração tinha ficado ainda mais intensa. Enquanto estava parada diante da porta, pensando no que fazer, sua mão se moveu espontaneamente e abriu uma portinhola na altura do seu peito, revelando uma alavanca grossa. Talvez tivesse sido a vibração que guiara sua mão, pensou Alita enquanto girava a alavanca cento e oitenta graus. Um motor em algum lugar da porta foi ligado emitindo um ruído que passou de grave a agudo, como se estivesse acordando de uma longa hibernação.

O metal enferrujado rangeu em sinal de protesto quando a porta deslizou para a esquerda. O lugar era aquele, pensou ao ver uma luz violeta mais forte no interior. O que quer que a tenha chamado, estava bem ali.

Assim que Alita entrou, porém, sua expectativa se transformou em perplexidade. Quase todo o aposento estava ocupado por uma enorme esfera espelhada, deixando pouquíssimo espaço para qualquer outra coisa, incluindo ela própria. A esfera, na verdade, era grande demais para aquele compartimento; a parte de cima passava do teto e a parte de baixo penetrava no piso. Estranha, mas também incrivelmente bela. A superfície cintilava com lampejos de luz violeta conforme uma energia dançava sobre ela. Ou seria dentro dela?

Após um segundo ou dois, Alita percebeu que a luz pulsava no ritmo da vibração. O mesmo acontecia com seus nervos — seu corpo inteiro, na verdade, vibrava no ritmo da coisa que estava no interior da esfera. Cautelosamente, mas sem medo, ela encostou na superfície. A luz dançou em volta da sua mão e lançou longas centelhas a partir de cada ponto de contato. Alita sentiu um formigamento agradável, como se seu toque fosse bem-vindo, mas foi incapaz de descobrir pelo tato de que material a esfera era feita, se era de tecido, de plástico, de metal ou mesmo se estava viva.

Alita fechou os olhos e imediatamente teve a sensação de que o brilho cintilante fluía ao redor dela, através dela. Depois de um tempo, estendeu o

braço e apoiou a outra mão na parede. Ainda estava de olhos fechados, mas sentiu um teclado se formar debaixo dos dedos, que sabiam exatamente o que fazer. Eles dançaram pelas teclas em um padrão preciso, perfeito, que parecia lógico, agradável, correto.

Como a memória dos sentidos permanece no núcleo e é transferida de corpo para corpo, não há necessidade de reaprender movimentos de uma encarnação para a seguinte. O ciborgue é uma resposta para o que já foi chamado de “o problema difícil”. A consciência está contida no cybernúcleo e se adapta com facilidade a qualquer corpo, de modo que...

Ah, agora não, professor. Estou ocupada com...

As palavras evaporaram da mente de Alita quando ela abriu os olhos. No mesmo instante, a esfera piscou e desapareceu.

Alita deu um salto para trás, surpresa, mas não com medo, e olhou ao redor. A parte do aposento que tinha sido ocupada pela esfera estava lisa, reluzente, totalmente desprovida de umidade, ferrugem ou corrosão. Era como se o tempo não tivesse passado naquela parte da nave.

Não, não era *como se* — ali, o tempo *não* tinha passado. Seria o mesmo tipo de campo temporal no qual, de acordo com Ido, ela havia entrado quando o tempo parara para ela? A diferença entre as partes do aposento que ficaram fora da esfera das que ficaram dentro era evidente — a ferrugem e a sujeira cessavam de repente em uma linha curva perfeitamente regular.

Tecnologia das RUM. Adoraria que Ido estivesse ali com ela para também ver aquela cena. Exceto pelo fato de que ele provavelmente teria tentado impedi-la de entrar na nave. Ainda assim, gostaria de que ele pudesse ver tudo aquilo, especialmente o objeto no centro do aposento, a coisa que insistira em chamá-la e chamá-la e chamá-la até finalmente trazê-la àquele lugar.

O cybercorpo pendurado na parede era uma obra de arte, mas de um tipo diferente do corpo que Ido lhe dera. Seu corpo viera do coração de Ido, uma obra de amor e agora um memorial à filha que havia perdido. Porém, por mais amável e sincero que fosse aquele presente, seria sempre um corpo construído para outra pessoa, para a menininha perfeita de Ido.

O corpo diante dela era um instrumento magnífico: forte, firme, resolutivo, feito para durar, para defender e proteger. Não era belo com flores e folhas. Sua beleza era selvagem e poderosa.

Suas linhas suaves eram andróginas; serviria a um núcleo masculino, feminino ou não binário. Isso por si só era uma tecnologia muito superior a

tudo encontrado na Cidade do Ferro.

Alita se aproximou e estendeu a mão para tocar no corpo.

Uma descarga de energia azul e branca saltou do corpo para os dedos de Alita. Não era um choque, mas uma ligação, uma conexão. No momento seguinte, ela ouviu o corpo expirar longa e lentamente e compreendeu que ele reconhecia que agora os dois estavam unidos. Havia esperado pacientemente por um longo tempo e enfim ela viera. Agora pertenceriam um ao outro enquanto existissem.

Hugo havia insistido em que todos voltassem à margem do lago para que Koyomi pudesse andar de um lado para o outro sem correr o risco de escorregar e cair na água. Agora, com o sol prestes a se pôr, estava ficando cada vez mais preocupado. Alita tinha simplesmente pulado no lago, sem medo de se afogar. Como ela podia saber o que estava fazendo? Ele não achava que ela já tivesse mergulhado alguma vez. Que diabo, ele não sabia nem mesmo se ela havia pego chuva. E se ela tivesse sofrido um curto-circuito? Ou se suas engrenagens tivessem emperrado por causa da lama? Ou...

Tanji deu um cutucão forte nas costelas dele e apontou para o lago. Hugo se levantou em um movimento rápido na pedra onde estava sentado com Tanji e ficou olhando boquiaberto enquanto Alita saía do lago carregando nos braços o que parecia ser um corpo sem cabeça.

— Isso *não* pode ser uma boa ideia — comentou Tanji para Koyomi, que o ignorou e saiu correndo com Hugo ao encontro de Alita.

Pouco depois, Tanji foi atrás deles, embora tivesse certeza de que nada de bom poderia sair dos destroços de uma espaçonave das RUM, especialmente se parecia um corpo sem cabeça.

— Você me ouviu: a resposta é não — avisou Ido, sem tirar os olhos dos cálculos complicados que apareciam no monitor. — Preciso soletrar para você? N-Ã-O. Não. Pode esquecer.

— Mas você *tem* que fazer isso! — insistiu Alita, com o desespero típico da adolescência. — Só assim a gente vai poder se defender de Grewishka e de qualquer outro que venha atrás da gente!

Ido olhou por cima do ombro para o cybercorpo na mesa de operações. Alita estivera adejando em volta de Ido feito uma borboleta desde que levara aquilo para casa. Agora tinha levantado o braço direito do corpo e estava

dobrando o cotovelo para ver até onde ia. Não era preciso ser um cybercirurgião para sentir a força contida naquele corpo. Ido se virou novamente para o monitor antes que Alita pudesse ver que ele estava espiando.

— Esse corpo tem a força de que eu preciso — afirmou Alita. — E também a flexibilidade e a resistência. E eu estou *ligada* a ele... Ele é *meu*. Nós dois estamos unidos para o resto da vida. Ele pode ser quem eu sou, quem eu sempre fui.

Ido suspirou e fez a cadeira girar para encará-la.

— Alita, você tem a chance de começar uma nova vida a partir do zero. Quantas pessoas que você conhece tiveram essa oportunidade? Quase ninguém. Na verdade, ninguém que eu conheça.

— Eu não quero começar uma nova vida se não posso me lembrar de onde eu vim — retrucou Alita. — E não pode ser um começo *do zero* se eu consegui ligar uma espaçonave das RUM. Você tem ideia de por que isso aconteceu?

Ido se levantou, pretendendo sair da sala, mas Alita colocou uma maca na sua frente para barrar o caminho.

— Eu *conhecia* aquela nave. — Ela olhou Ido nos olhos, como se estivesse tentando mantê-lo onde estava com a força da mente. — Eu já estive em naves como aquela, não estive? *Não estive?*

Ido se apoiou na maca, subitamente vencido pelo cansaço. Tinha a sensação de que cada dia da sua vida fora um pouco mais exaustivo que o anterior, e agora mal conseguia se manter de pé sob o peso acumulado.

— Quem quer que você tenha *sido*, não é quem você *é*.

Alita se aproximou de novo da mesa onde estava o cybercorpo. Ele respirava lentamente. Ela colocou as mãos sobre ele. A mente de Ido formou uma imagem absurda de Alita fazendo-o levitar como se fosse mágica. *Apresentando o ciborgue voador da Cidade do Ferro. É como a cidade voadora de Zalem, mas em forma humanoide.*

Ele lamentava não estar com Alita na espaçonave das RUM quando ela estendera a mão para o corpo, para que pudesse puxá-la para longe ou mesmo desacordá-la antes que a descarga de energia saltasse do cybercorpo para Alita. Não sabia ao certo o que aconteceria se o corpo tivesse liberado uma descarga de energia e não houvesse ninguém para recebê-la. Provavelmente ele teria ficado onde estava, esperando, respirando devagar, desorientado, permanentemente inativo.

Ou talvez a descarga a tivesse encontrado. Poderia ter ido direto para ela, sem necessidade de contato físico, e nesse caso Alita ficaria ainda mais irritada com ele.

— Alita — começou Ido.

— Esse é um corpo guerreiro das RUM — disse a menina, interrompendo-o —, e eu o ativei quando toquei nele. O que só pode significar que *eu sou* uma guerreira. E você *sabia* disso. Você *sempre* soube.

Ido baixou os olhos. Por que Hugo não a havia levado para outro lugar? Meninas de 14 anos deviam voltar para casa com um buquê de flores silvestres ou um punhado de pedras brilhantes, não com um cybercorpo letal.

Um barulho alto causado pelo impacto de metal com metal o assustou. Alita tinha batido com os dois punhos na borda da mesa, deixando marcas profundas. Essas marcas ficariam aí para sempre.

— Isso é um Berserker — Ido se ouviu dizer. — O Berserker é um sistema de armas humanoide criado pela tecnarquia das RUM. Seu córtex foi projetado para interagir com esse tipo de corpo. — Ido se aproximou de Alita e tocou suavemente sua têmpora. — Seu código pessoal o ativou.

O rosto de Alita pareceu se iluminar, como se fosse a melhor coisa que tinha ouvido na vida.

— A técnica instintiva de luta que você usa é chamada de Panzer Kunst — continuou Ido. — É uma arte marcial criada especificamente para corpos mecânicos e usada quase exclusivamente por Berserkers. Por isso você é atraída para conflitos sem hesitação nem medo. Foi para isso que você foi treinada.

Enquanto escutava, Alita abria e fechava os punhos. Ido não sabia se ela estava fazendo isso conscientemente ou se era um reflexo do treinamento.

— Você não é apenas uma Berserker, Alita — disse Ido, desejando que conseguisse se conter. — Você é uma Berserker *das RUM*, o mais avançado ciborgue de combate de todos os tempos.

A informação pareceu deixar Alita um pouco assustada. Talvez descobrir que era uma arma fosse demais para ela.

— E é por *isso* — acrescentou — que eu *já* vou unir você a esse corpo.

Eles ficaram parados, olhando um para o outro no laboratório, por um tempo indefinido. Ido esperava que Alita compreendesse que ele havia tomado essa decisão porque acreditava que nenhum ser humano deveria ser transformado em uma máquina de matar, especialmente uma menina de 14

anos. Mesmo que, na verdade, ela tivesse mais de 300 anos.

Alita pareceu determinada.

— Está bem.

Ido sentiu um aperto no peito quando Alita deu meia-volta e saiu de casa.

CAPÍTULO 14

As enormes portas da Fábrica se abriram ruidosamente, como da primeira vez que Alita estivera ali com Ido. Naquela noite, o médico estava bravo com ela e a havia feito esperar do lado de fora, a despeito do fato de que, não fosse por Alita, Ido não estaria lá para receber a recompensa. Na verdade, se não fosse por ela, ele não poderia fazer *nada*, pois estaria reduzido a uma massa sangrenta na rua, com três ciborgues homicidas disputando seus ossos, um deles interessado em usar seus olhos como brincos.

Mas Ido havia demonstrado alguma gratidão? De forma nenhuma! Alita tinha salvado sua vida e em troca ele a forçara a viver uma mentira, a ser alguém que não era, ocultando sua verdadeira identidade.

Pois bem, essa noite era *ela* quem estava furiosa com *ele* e disposta a tomar as rédeas da própria vida — da *própria* vida. Agora era Alita quem estava no comando, e, se Ido tentasse transformá-la em sua bonequinha, cobrindo-a de flores, ela deixaria bem claro às regras de quem obedecia: *de ninguém*.

Alita passou entre as portas gigantescas. (Se tentassem fechá-las enquanto estava passando, ela as destruiria com *um único golpe* de mão aberta.) Seus passos ecoavam no cavernoso saguão de entrada; ela gostou do som.

Havia centuriões alinhados ao longo das paredes que ladeavam seu caminho, e Alita conseguia sentir que era observada. Eles estavam prontos para abrir fogo se ela fizesse qualquer coisa que não estivesse de acordo com o regulamento. Alita os encarou com ar desafiador. *Vocês sabem às regras de quem eu obedeco? De ninguém. O que vocês vão fazer a respeito, suas pilhas de lixo ambulantes?*

Ela olhou fixamente para a plataforma à frente. Talvez descobrisse que

havia uma regra contra o que pretendia fazer. Se fosse o caso, que pena — se os centuriões fizessem *menção* de impedi-la, ela mandaria todos para o céu das pilhas de lixo ambulantes. Seus passos ecoavam ainda mais quando ela chegou à plataforma e subiu os degraus que levavam ao balcão. Alita apoiou os cotovelos no balcão, fingindo que era alto demais para que pudesse fazer isso com facilidade. Alguns segundos se passaram. Que inferno, pensou ela, o turno da noite estava dormindo em serviço? Não havia nem mesmo um botão para chamar alguém, apenas uma lata de lixo atrás do balcão.

De repente, a lata de lixo deu meia-volta e Alita se viu diante de um focinho de gato de desenho animado.

— Diga o que deseja — ordenou a lata de lixo com uma voz que era ao mesmo tempo mecânica e cartunesca. Os recepcionistas da Fábrica eram *latas de lixo*? Esse lugar era sério?

— Estou aqui para me registrar como caçadora-guerreira — respondeu Alita. — Algum problema?

— Nome? — perguntou a lata de lixo.

Alita saiu e encontrou Hugo sentado onde o havia deixado, no alto da escada da entrada. No mesmo lugar onde Ido a deixara, lembrou-se, para então afastar essa memória; a situação era totalmente diferente.

— E aí, como foi? — perguntou o garoto. — Eles criaram algum caso?

Alita fez cara feia, então abriu um sorriso triunfal enquanto exibia o novo cartão de identificação. Ela deixou que Hugo visse de perto a foto e o número de identificação antes de guardar o documento.

— Parabéns — disse Hugo. — Agora você é oficialmente uma caçadora-guerreira. Nossa, o doutor vai ficar furioso!

De repente, Alita voltou a fazer cara feia.

— Ele pode ficar furioso o quanto quiser. Às regras de quem eu obedeço?

Ela olhou para Hugo, uma sobrancelha erguida, e começou a descer a escada com passos firmes, seguida de perto pelo rapaz.

De acordo com a experiência de Hugo, havia dois tipos de caçadores-guerreiros: a) grandes; e b) grandes e bêbados. Os dois que saíram cambaleando do Bar Kansas certamente pertenciam ao segundo tipo. Eles descreveram um pequeno círculo, que fez Hugo pensar com desconforto em Kinuba, antes de sair ziguezagueando pela rua, apoiando-se mutuamente para se manterem de pé. Hugo torceu para que isso fizesse Alita mudar de ideia

quanto aos planos de vida, mas não teve sorte. Ela estendeu a mão para a maçaneta como se fosse uma frequentadora do Bar Kansas.

— Espera um pouco! — Hugo segurou o braço dela. — Você tem certeza de que quer mesmo fazer isso? Esse lugar é um antro de caçadores de recompensas...

Alita esfregou o documento na cara de Hugo.

— O que você acha que é isso aqui, uma lista de compras? Além do mais, todo mundo ali dentro *odeia* Grewishka! Eu tenho certeza disso!

Hugo sentiu alguma coisa roçar na sua perna e olhou para baixo. O cachorrinho vira-lata que Alita havia salvado dos centuriões no mercado estava dando voltas nos seus pés, mostrando a língua e abanando amistosamente o rabinho.

— Ei, eu conheço você!

Alita parou para fazer carinho no cachorro e coçar atrás das orelhas dele enquanto ele lambia seu rosto. Hugo balançou a cabeça. Ela estava prestes a entrar no mais perigoso bar de caçadores-guerreiros da cidade, mas antes precisava deixar um cachorrinho lambe seu rosto. A noite poderia ficar ainda mais surreal?

Depois de acariciar e coçar devidamente o cachorrinho, Alita se levantou.

— OK, me dá cobertura lá dentro — pediu, enquanto entrava no bar.

Hugo estava prestes a segui-la quando o cachorro entrou na frente dele.

— Ei, rapaz, ela estava falando *comigo* — avisou Hugo, e depois se perguntou se tinha falado mesmo.

Hugo viu que o interior do bar já estava bastante animado. Assim que entraram, Zapan derrubou um caçador em cima de uma mesa, que foi completamente destruída. De alguma forma, Zapan ainda conseguiu passar a impressão de que estava fazendo uma pose, para o caso de alguém estar tirando fotos ou filmando.

— Que droga, Zapan! — queixou-se o barman, com o rosto suado e vermelho de raiva. — Você sabe as regras: se quiserem quebrar alguma coisa, quebrem uns aos outros... *não* as mesas!

Zapan se virou para olhar para o sujeito. Atrás dele, o caçador que havia acabado de esmurrar se levantou. Sem olhar para trás, Zapan lhe deu uma cotovelada no rosto, o que o fez cair desacordado.

— Isso é para você aprender — disse Zapan, em tom triunfante.

Ele estava posando no centro do bar como se estivesse à espera de

aplausos, pensou Hugo. O sujeito era um excelente caçador, mas estava perdidamente apaixonado por si mesmo. Hugo não sabia por que Zapan ainda caçava, dado o enorme risco de ser atingido no rosto; cirurgias plásticas custavam caro. Se bem que Zapan podia pagar por elas. Parecia que tinha reformado *novamente* as maçãs do rosto nos últimos dias.

De repente, Hugo percebeu que o olhar de Zapan havia encontrado Alita. O caçador se limpou, passou a mão no cabelo ralo e desfilou até a menina. Ele achava que estava transpirando sedução quando estava apenas transpirando. Hugo se encostou em uma coluna para ver como essa parte do Show de Zapan iria se desenrolar.

— E o que uma garota bonita feito você veio fazer nesse belo estabelecimento? — perguntou Zapan, em tom lisonjeiro. — Veio ver de perto alguns caçadores-guerreiros de verdade? Tão de perto que possa tocá-los? — Ele ofereceu o braço a Alita. — Não precisa fazer cerimônia.

Em vez disso, Alita lhe mostrou a identificação de caçadora-guerreira. Zapan olhou para o documento com ar de incredulidade por alguns segundos. Depois, arrancou-o das mãos da menina e o levantou acima da cabeça, dando uma gargalhada.

— Vocês não vão acreditar nisso! Estão vendo o Docinho aqui? Ela é uma *caçadora de recompensas*!

Todos os presentes, incluindo o barman, encararam Zapan em silêncio. Nunca tinham visto uma menina alegando ser uma caçadora-guerreira. Hugo sentia que isso não ia acabar bem; ele só não sabia quão mal acabaria e para quem.

Zapan se virou de novo para Alita e se agachou, colocando as mãos nos joelhos como se estivesse se dirigindo a uma criança.

— Então você foi com esse seu belo traseiro até a Fábrica e disse a um deckman o que queria. Quem te recebeu, o que parece um gatinho ou o palhaço triste?

— Parecia mais uma lata de lixo — murmurou Alita.

Zapan não ouviu a resposta.

— E agora você tem uma identificação de caçadora-guerreira, o que significa que *você é uma de nós*!

Hugo franziu a testa e balançou levemente o braço direito. O paralisador compacto que mantinha dentro da manga para emergências escorregou para sua mão em concha. *Me dê um motivo*, disse ele silenciosamente a Zapan enquanto o guerreiro-caçador fazia um estardalhaço apresentando Alita às

peessoas no bar, falando com uma voz exagerada, como se fosse um apresentador de game show. *Só um motivo.*

— Permita que eu lhe apresente alguns dos seus colegas de profissão! — dizia Zapan, apontando para um sujeito asiático muito forte, de olhar soturno, sentado sozinho a uma mesa. Era totalmente orgânico, se vestia como um samurai e estava ocupado em esvaziar a garrafa diante dele, uma dose de cada vez; os olhos escuros e o rosto tomado por cicatrizes pareciam convidar o resto do mundo a ir para o inferno.

— Aqui temos o mestre Clive Lee da Palma Incandescente! — exclamou Zapan. — Com quase duzentas mortes confirmadas...

— Duzentas e sete — corrigiu mestre Clive Lee, em uma voz cavernosa.

— Duzentas *e* sete! *Me desculpe!*

Zapan fez uma mesura e conduziu Alita para outra mesa.

— Ali está o primeiro e único McTeague, o Domador de Cães, com seus temíveis cães infernais!

McTeague era grisalho e parecia ainda menos amistoso que Lee; não era um ciborgue de substituição total, mas seu corpo certamente tinha mais metal que carne. Os cachorros deitados no chão à sua volta eram meio a meio. Enormes, eles se levantaram e rosnaram quando Zapan deu um passo em direção à mesa.

Zapan recuou e ergueu os braços.

— O único problema de McTeague é ter alguma coisa para mostrar das suas vítimas na hora de receber a recompensa — acrescentou, rindo, como se tivesse dito algo muito engraçado.

Hugo tinha se esquecido do cachorrinho vira-lata orgânico até ele correr na direção dos cães infernais e começar a saltar em volta deles, como se quisesse brincar. Hugo fechou os olhos, horrorizado, para não ver o que aconteceria em seguida. Entretanto, em vez de ouvir os sons terríveis de um massacre canino, ouviu lambidas. Ele abriu os olhos; um dos cães de McTeague lambia com sua língua enorme o corpo do cãozinho, que se contorcia, extasiado.

McTeague se abaixou, pegou o cachorrinho e o colocou no colo.

— Quem quer ser um cão infernal? — perguntou, com a voz grave cheia de ternura. — *Você quer ser um cão infernal, não é? Eu sei que quer!*

Hugo piscou os olhos, sem acreditar no que estava vendo.

Zapan pareceu tão desconcertado quanto o garoto ao ver McTeague passar a mão afetuosamente no pelo do cachorrinho. Ele fez Alita se virar para

encará-lo.

— E aqui, naturalmente, estou *eu*! — Ele fez uma pose que supunha ser heroica. — Eu sou Zapan, o maior de todos os caçadores-guerreiros, escolhido para ser o guardião... — ele desembainhou a espada com um gesto teatral — ... da Lâmina Damasco!

Zapan manejou a espada no ar em uma série de movimentos complexos antes de colocar a lâmina diante de Alita, na altura dos olhos, para que ela se maravilhasse com o efeito de sua iridescência fantasmagórica. Apesar de tudo, Hugo não pôde deixar de ficar impressionado. A lâmina parecia uma mescla sobrenatural de diamantes e aço.

— Ela foi afiada a nível monomolecular; pode cortar uma armadura como se fosse feita de manteiga — disse Zapan, em tom melodramático. — Foi forjada antes da Queda usando as artes perdidas da metalurgia das RUM...

— É mesmo? — Alita parecia entediada, mas Hugo sabia que Zapan tinha aguçado seu interesse quando mencionara as RUM. — Quem você matou para conseguir essa arma?

Zapan olhou para Alita por cima da lâmina e não gostou do que viu. Ele embainhou a espada e apoiou o braço nos ombros da menina, em uma falsa camaradagem. Hugo calculou quantos segundos precisava para se aproximar e encostar o paralisador na nuca de Zapan.

— Docinho, você precisa entender que um guerreiro-caçador é um predador, um lobo solitário. Sem ofender ninguém! — acrescentou, quando os cães infernais voltaram a rosnar. — O que eu quero dizer é que, cada vez que você sai para caçar, está competindo com a gente... com *todos* nós. Está me entendendo?

Para deleite de Hugo, Alita se desvencilhou do braço de Zapan e se afastou um pouco.

— Prestem atenção — começou ela, dirigindo-se a todos. — Eu vim aqui porque preciso da ajuda de vocês. Nós temos um inimigo em comum. Vocês sabem de quem estou falando: Grewishka. Ele já foi um paladino, um campeão. Chegou a disputar o título de campeão final. Dizem que nunca houve alguém como ele. Mas desperdiçou todas as oportunidades que teve. Não é mais um campeão; hoje não passa de um ladrão, de um assassino. Ele mata mulheres e rouba caçadores-guerreiros... rouba vocês. Ele rouba suas armas e as usa para matar pessoas!

Alita se virou para Zapan.

— Você quer perder sua espada para ele? Ou você... — ela olhou para

McTeague — ... quer que ele roube seus cães infernais?

McTeague pareceu desconfortável, mas não disse nada. Ninguém disse nada. O bar nunca tinha ficado tão silencioso nas horas de funcionamento, pensou Hugo. A maioria estava simplesmente *escutando* o que a garota tinha a dizer.

— Grewishka está sendo protegido pelo sistema — prosseguiu Alita, muito séria. — Ele pode destruir, matar, fazer o que quiser, e ninguém se mexe para impedi-lo. Agora ele quer se vingar de Ido... e de mim. — Ela se virou lentamente, olhando para todos, e Hugo notou que vários dos presentes desviaram o olhar. — Foi por isso que procurei vocês, meus irmãos caçadores-guerreiros, para pedir sua ajuda. Se nos unirmos, poderemos capturá-lo e nos livrar dele de uma vez por todas.

Zapan esperou dois segundos antes de se colocar ao lado dela.

— Ninguém mais? Que surpresa! Estou chocado! É uma pena, Docinho.

Ele mais uma vez apoiou o braço nos ombros de Alita, e Hugo teve outro ataque de fúria.

— Olha só, minha queridinha, eu não costumo colocar um principiante sob minha proteção e oferecer os benefícios dos meus vastos conhecimentos, experiência e sabedoria, mas sua história é tão tocante que, por você, vou fazer uma exceção. — Zapan apertou levemente o ombro de Alita. — Tudo o que precisa fazer é se livrar daquele cara de carne — ele apontou com o queixo esculpido para Hugo, que tinha começado a tremer de raiva — e deixar que eu pague para você uma bebida ou duas e vamos ver aonde a noite nos leva. O que acha?

Hugo pensou que alguém estava realmente merecendo um paralisador na nuca.

— Ei, presta atenção — disse Hugo, em tom de advertência, e deu um passo à frente, pronto para estripar aquele nojento como se fosse um porco e ver aonde a noite o levaria.

Alita, no entanto, fez um leve gesto para ele com uma das mãos — *espere* —, e Hugo se conteve. Mas apenas por enquanto, disse a si mesmo. A carga do paralisador devia durar mais umas dezoito horas. Ele podia esperar.

Alita se voltou para Zapan e o olhou de cima a baixo, incluindo ostensivamente os vários desenhos entalhados no seu corpo de metal.

— É uma proposta interessante — comentou, por fim. — Mas o que *eu* posso aprender com um sujeito pretensioso, arrogante, que obviamente gasta todo o dinheiro em *cirurgia plástica*?

Houve um momento de silêncio. Então todos explodiram em gargalhadas. Até os cães infernais de McTeague riram. Homens que Hugo jamais vira sorrir, caçadores com tantas cicatrizes no rosto que era difícil mudarem de expressão, batiam nas mesas com os punhos cerrados ou com os pés no chão. Ciborgues estavam às gargalhadas, se contorcendo de tanto rir. Hugo também estava se divertindo até ver a expressão de Zapan. O rosto pretensioso, arrogante, de galã tinha se convertido em um esgar de raiva. Ele estava tão irritado que se esqueceu de posar.

O coração de Hugo bateu mais rápido. Alita tinha ido longe demais. Um sujeito como Zapan não admitiria que alguém o humilhasse daquela forma, nem mesmo uma menina bonita. *Especialmente* uma menina bonita.

Quando todos se aquietaram o suficiente para ouvir o que Zapan tinha a dizer, ele olhou para Alita e a ameaçou.

— Talvez eu deva arrancar esses seus belos braços e pernas e chutar sua cabeça algumas vezes em volta do quarteirão para ensinar boas maneiras.

— É melhor não fazer isso. Pode bagunçar seu cabelo — retorquiu Alita, e mostrou a língua para ele.

Isso foi demais para Zapan, pensou Hugo, quando o guerreiro-caçador investiu contra Alita. Ela se esquivou com facilidade. Com movimentos que pareciam casuais, Alita segurou o braço de Zapan, torceu-o para trás e empurrou as costas dele com a palma da mão. Zapan foi de encontro à coluna onde Hugo estava apoiado. Hugo saiu da frente a tempo e olhou de relance para o mestre Clive Lee da Palma Incandescente, para ver se ele estava tomando notas. Deveria estar.

Zapan se virou, com sangue pingando de um talho na testa antes perfeita, e desembainhou a espada. Alita se esquivou do ataque desferido com selvageria e se aproximou o suficiente para dar dois golpes de mão aberta. O primeiro arrancou a espada da mão de Zapan e o segundo atingiu em cheio o nariz dele. Antes que Zapan pudesse gritar de dor, Alita saltou com a graça de uma bailarina e deu um chute que fez Zapan atravessar o bar e cair no chão como uma pilha de roupa suja.

Alita usou a ponta do pé para suspender para sua mão a Lâmina Damasco e a atirou contra uma parede, onde ficou espetada.

— Você não merece uma arma tão magnífica — disse a Zapan.

Alita atravessou o bar com passos firmes enquanto olhava para ele de cima antes de voltar a atenção para os outros presentes.

— Ouvi dizer que vocês eram considerados os “heróis da Cidade do

Ferro!”. *Heróis* — repetiu em tom de desprezo. — Não é assim que *eu* chamaria vocês. *Nenhum* de vocês.

Ai, Deus, não, pensou Hugo, e se aproximou de Alita com dois passos muito largos.

— OK, eu acho que você já se divertiu bastante essa noite — disse ele, tentando puxar Alita para a porta. — Está na hora de a gente ir embora...

Alita o empurrou.

— Uma situação de *vida ou morte*, lembra? — comentou ela, em voz baixa. — Agora chega para trás. Eu preciso de espaço.

Hugo recuou até sentir uma parede atrás dele. Tinha a sensação de que a parede não estava longe o bastante.

— Me escutem! — gritou Alita, evidentemente irritada. — Eu me proponho a lutar com qualquer um de vocês... *Qualquer um!* Se eu vencer, vocês concordam em me apoiar contra Grewishka. Que tal? — Ela esperou um pouco. — Tudo bem, quem vai ser o primeiro?

Zapan se sentou no chão, uma das mãos cobrindo o rosto.

— A filha da puta quebrou meu nariz — lamentou.

— Compra um novo — disse Alita, sem olhar para ele.

Ela correu e saltou, caindo no meio de uma mesa onde meia dúzia de caçadores-guerreiros tomava cerveja.

— *Heróis* — zombou ela, olhando para os caçadores com ar de desdém. — Não existe nenhum herói nessa pocilga. Tudo o que vejo é um bando de arruaceiros, cyberlixo de segunda e jogadores de Motor Ball fracos demais para medir forças com paladinos *de verdade*.

E lá se foi a paciência de todos eles, pensou Hugo, vendo o bar explodir quando um bando de caçadores-guerreiros muito ofendidos resolveu liberar sua fúria assassina contra a menina. Dois ocupantes da mesa avançaram sobre Alita. Ela deu um pulo e desceu com força na borda da mesa, fazendo-a girar como se fosse uma moeda. Canecas de cerveja saíram voando; alguns chutes e socos certos as lançaram no rosto dos agressores mais próximos.

Caçadores do outro lado do bar se levantaram, observou Hugo. Sujeitos que nunca se envolviam nos dramas dos outros estavam deixando suas bebidas pela metade, dispostos a dar uma lição naquela intrusa que tivera a petulância de questionar o pouco de honra que lhes restava. Ou que pensavam que lhes restava.

Mas eles não iam se sair melhor que Zapan, pensou Hugo, ao vê-los se dirigir ao centro do bar, onde todos que chegavam eram impiedosamente

surrados. Porque, naquela luta, tamanho *não era* documento, algo a que aqueles homens não estavam acostumados. Eles eram fortes, mas pouco ágeis; resistentes, mas lentos; bem treinados, mas pouco adaptáveis; enquanto Alita era tudo isso e muito mais, além de estar sóbria. Era fácil para ela se esquivar dos golpes desferidos a esmo, derrubando os caçadores antes que percebessem onde ela estava. Dois caçadores corpulentos pensaram que a haviam encurralado; Alita deu um dos seus saltos de bailarina, ao mesmo tempo forte e gracioso, e eles se chocaram violentamente, ficando inconscientes.

Hugo olhou para o barman, que também era dono do bar. Ele estava assistindo à confusão com um ar de tristeza e resignação no rosto flácido. Provavelmente não sobrariam muitas mesas ou cadeiras. Hugo sentiu um pouco de pena do sujeito, mas depois deu de ombros. Não era do seu feitio esse tipo de sentimento.

Uma cadeira saiu voando em direção ao balcão. O barman se abaixou a tempo, mas a cadeira atingiu a prateleira de bebidas e quebrou todas as garrafas. Ele se levantou, encharcado de álcool e enfeitado com cacos de vidro no cabelo.

— Que inferno! — exclamou o barman miseravelmente, antes de desaparecer de novo atrás do balcão.

Ido correu da clínica até o Bar Kansas com o martelo-foguete na mão, torcendo para que o que tinha ouvido a respeito da briga fosse exagerado. As pessoas sempre exageravam quando falavam de brigas de bar, dizendo coisas absurdas.

Como afirmar que uma garota bonita tinha começado a briga. Ido sabia que garotas bonitas são a causa de muitas brigas de bar. Porém, em todas as histórias de brigas de bar que ouvira ao longo dos anos, jamais tinha ouvido falar de uma na qual uma garota bonita desafiara todos os frequentadores para uma luta e depois desferira o primeiro golpe. Isso tinha que ser pura invenção — talvez fosse a fantasia de algum monte de músculos que gostaria de ser escravo de uma jovem dominatrix.

Na verdade, era provável que a briga já tivesse acabado quando chegasse lá. O dono do Bar Kansas, cansado de sempre ter que comprar novas mesas e cadeiras, dissera que qualquer um que se exaltasse seria retirado do recinto.

Ido conseguira manter a esperança durante todo o percurso; entretanto, ao chegar ao bar, a janela da frente explodiu quando dois ciborgues a

atravessaram e caíram na calçada. Provavelmente não era isso que o dono do Kansas queria dizer quando ameaçara os frequentadores de “retirá-los do recinto”, pensou Ido. Pulando por cima de um dos ciborgues, ele se aproximou da janela quebrada para dar uma olhada, mas teve que se abaixar quando um terceiro ciborgue passou voando e foi aterrissar na calçada do outro lado da rua.

— Ai, meu Deus, não pode ser — gemeu Ido, e entrou no bar.

Era um caos lá dentro. A primeira coisa que ele viu foi Hugo usar um paralisador em um caçador que estava prestes a acertar Alita com uma cadeira. Alita nem havia percebido; estava ocupada dando em dois caçadores uma surra que deixaria pessoas normais com cicatrizes para o resto da vida.

Ido empurrou Hugo para o lado e atravessou o bar, abrindo caminho com o martelo-foguete enquanto gritava para pararem de brigar. Vários caçadores se viraram para ele com os punhos cerrados, mas recuaram imediatamente ao ver de quem se tratava. Ido chegou ao balcão do bar e subiu nele.

— Parem *já* com isso — berrou ele —, ou *nada mais de consertos de graça!*

Todos pararam, como se alguém tivesse virado uma chave. Por um segundo, a única coisa que Ido ouviu foi a respiração um pouco ofegante de Alita depois de tanto esforço físico. Ela estava parada no meio do bar, em uma postura de luta: os joelhos ligeiramente dobrados, os braços erguidos com as mãos prontas para proteger o rosto e os ombros baixos. O cabelo preto reluzente estava ligeiramente despenteado, mas, fora isso, ela parecia em ótimo estado. Ido olhou com ar de censura para Alita e depois para todos os presentes. Quando teve certeza de que todos entendiam que a festa havia acabado, desceu do balcão.

Hugo se aproximou com o paralisador na mão.

— Eu estou com ela — disse a um ciborgue que segurava uma perna de cadeira. — E com ele também — acrescentou, apontando com a cabeça para Ido.

Houve um coro dissonante de resmungos e gemidos quando os caçadores começaram a se recompor, saindo à procura de armas, armaduras, roupas e outras coisas que perderam durante o período de insanidade temporária pelo qual haviam passado.

— Ei, alguém viu meu braço? — perguntou um ciborgue, em tom queixoso, enquanto passava por Ido. — É uma peça comprida de metal, com uma dobradiça no meio e uma mão na ponta.

— Tenta refazer seus passos, Vovô — sugeriu alguém.

— Quando foi que você viu seu braço pela última vez? — perguntou outro caçador.

— Alguém estava me batendo com ele — murmurou o ciborgue, continuando a busca.

Ido se virou para Alita. Ela não estava mais lutando; no entanto, para consternação do médico, não parecia nem um pouco arrependida de toda a confusão que havia causado, para não falar dos danos materiais. Ido olhou para o dono do Kansas, que se levantara e agora estava apoiado no balcão, vendo a noite seguir para um desfecho extremamente deficitário.

— Eu sinto muito — disse Ido.

O dono não lhe deu atenção. Ido olhou ao redor e encontrou uma cadeira tombada, mas milagrosamente intacta. Ele a endireitou e a empurrou até uma mesa. O dono parecia inconsolável. Ido não podia culpá-lo.

— Você e eu precisamos ter uma conversa — avisou ele a Alita, segurando-a pelo braço.

Alita se desvencilhou.

— A gente *já* teve uma conversa. Você não me deixou escolha.

Antes que Ido pudesse argumentar, houve um *clang!* ensurdecador de algo se anunciando com metal batendo em metal, seguido por uma explosão que estilhaçou a porta da frente.

— Por que, meu Deus? Por quê? — gemeu, baixinho, o barman.

A criatura que entrou pelo buraco da porta era maior que todos os ciborgues presentes. Cada parte do corpo de metal era deliberadamente exagerada, excessiva, intencionalmente monstruosa. O metal em si tinha um aspecto brutal, como se o corpo fosse feito de peças tiradas de armas por alguém disposto a construir algo que fosse a antítese da humanidade.

O rosto, porém, era bastante familiar, e não só para Ido. Qualquer fã de Motor Ball da Cidade do Ferro teria reconhecido aquele rosto. Estava mais velho, com mais cicatrizes e bem mais feio que da última vez que Ido o vira, o que era surpreendente, já que isso acontecera havia apenas alguns dias.

— Grewishka! — exclamou um caçador, surpreso. — Minha nossa, é *Grewishka!*

— É mesmo, mas o que aconteceu com ele? — perguntou o caçador ao seu lado.

Grewishka apontou para o segundo guerreiro-caçador.

— Para responder a sua pergunta...

Um dedo saiu da sua mão, deixando para trás uma longa corrente de metal. Ele cortou o ar, envolveu o caçador tão depressa que a vista não podia acompanhá-lo e voltou para seu lugar na mão de Grewishka.

A expressão do segundo guerreiro-caçador passou de curiosidade para confusão. Pouco depois, seu corpo se despedaçou, os pedaços fazendo ruídos desagradáveis, de algo molhado, enquanto se separavam uns dos outros e caíam no chão.

— Passei por uma pequena reforma — comentou Grewishka, displicentemente.

Ido ficou boquiaberto. Com o canto do olho, viu que Hugo empalidecera; ele parecia estar prestes a desmaiar. Pobre rapaz, pensou Ido; ele provavelmente se considerava o rei do mercado negro, sem saber quão negras as coisas podiam ficar e quão cruéis as pessoas podiam ser.

E, como se o destino ou o carma precisassem lembrá-lo do mesmo, Chiren saiu de trás do monstro, antisséptica e friamente bela, parecendo muito orgulhosa do seu brinquedo recuperado.

— Impressionante, não é? — disse, olhando para o monstro com admiração, quase adoração.

— Meu Deus, Chiren. — Ido suspirou. — O que foi que você fez?

— Logo, logo você vai descobrir — respondeu ela, como se isso fosse apenas uma partida inocente de Motor Ball.

Grewishka deu um passo à frente e depois mais um, com o olhar furioso fixo em Alita.

— Eu só quero a menina — declarou, em um rosnado gutural.

— No que depender de mim, ela é toda sua — disse uma voz muito anasalada.

Todos se voltaram para olhar para Zapan, que ainda escondia com a mão o nariz quebrado.

Ido ligou o martelo-foguete. Hugo preparou um coquetel molotov. Ele ficou ao lado de Ido, com a cabeça erguida e os ombros baixos, mas extremamente pálido. O pobre rapaz claramente estava morrendo de medo. Ido olhou em torno, para os outros caçadores-guerreiros, ou pelo menos para aqueles que não tinham fugido sorrateiramente pelo buraco aberto por Grewishka ao entrar no bar.

Seu olhar chegou a Clive Lee, que balançou a cabeça.

— A cabeça de Grewishka não está a prêmio — justificou ele. — Se não existe recompensa, não é problema nosso.

O rosto de Ido ficou vermelho de raiva.

— Esse... Esse *animal* já matou muitas mulheres. Não só matou, como esquartejou. E agora está usando armas que não são dele. Ou vocês não se lembram de quem usava um grindcutter no Motor Ball? Kinuba venceu naquela noite... Ele esteve aqui para comemorar e vocês todos pagaram bebidas para ele. Alguém o viu desde então? *Alguém?* — Ido olhou ao redor, cada vez mais exaltado. — Qualquer um de vocês pode ser o próximo. Mas aqui está ele, no bar preferido de vocês, rindo na cara de todos porque sabe que ninguém vai fazer nada. Porque *não é problema de vocês*.

Ido olhou mais uma vez ao redor, porém o bar parecia estar mais amplo, porque teve a impressão de que todos os caçadores estavam muito longe.

— Eu sinto muito, doutor — disse Clive Lee, de sua mesa, agora distante. — Você está sozinho nessa.

Ido se virou para Alita. Ela *não estava* distante. Estava muito próxima — muito, *muito* próxima —, e seus olhos enormes tinham uma expressão tão serena que ele sentiu um frio na espinha.

Então, como se as coisas ainda não fossem suficientemente estranhas nesse mundo, um cachorro começou a latir.

Ido olhou, surpreso, para a mesa de McTeague e viu um cãozinho que não era nem remotamente diabólico saltar do colo do caçador. Ele se postou diante de Grewishka e mostrou os dentes.

— O único aqui que tem coragem — comentou Grewishka, com um sorriso sarcástico. — Um inocente — acrescentou, apontando para o cachorro.

Ido virou o rosto. O metal cortou o ar. Todos ouviram um ganido assustado, seguido por ruídos desagradáveis de carne sendo cortada e, depois, o som do grindcutter voltando para o lugar.

— A Cidade do Ferro não é lugar para inocentes — disse Grewishka, em tom presunçoso.

Ido tentou olhar para Grewishka sem passar pela massa sangrenta que jazia no chão, mas não conseguiu.

Todos ouviram o som de uma cadeira sendo arrastada quando McTeague se levantou. Os cães infernais se levantaram também, rosnando; tinham sentido o cheiro de sangue orgânico no ar. Ao lado de Ido, Alita olhava para o sangue do pobre cachorrinho se espalhando pelo chão. Quando a poça de sangue chegou ao bico da sua bota, Alita se ajoelhou e mergulhou um dedo nela.

Grewishka riu.

— Está na hora de começar a brincadeira, pulguinha.

A sensação que se espalhou pelo corpo de Alita não era tão diferente da que ela havia sentido momentos antes, quando estava desferindo golpes a torto e a direito e mostrando a um bar cheio de caçadores-guerreiros que eles não eram tão grandes e perigosos quanto pensavam. Desta vez, porém, a sensação estava se espalhando muito mais rápido. Tinha uma intensidade e um propósito que vinham de um lugar mais profundo, do seu verdadeiro *eu*, da própria substância da qual ela, Alita, tinha sido forjada.

Palavras subitamente passaram pela sua mente, uma memória que se libertara de todas as amarras, algo que vinha do passado remoto.

De profundis clamavi ad te. Das profundezas clamo a ti...

O que ela estava clamando das profundezas?

A resposta lhe ocorreu imediatamente:

— Eu não ficarei parada diante do mal.

Alita usou o dedo sujo de sangue para traçar uma linha reta no rosto abaixo do olho direito e depois fez o mesmo do lado esquerdo. O sangue ainda estava quente. Sangue orgânico de um ser mais valente que um bando de homens que se consideravam heróis.

Ela ergueu a cabeça. Grewishka se aproximou, seu rosto feio ainda mais feio pela certeza de que não havia nada no mundo mais poderoso que a crueldade.

Alita se levantou, ciente de que todos os olhares estavam voltados para ela, ciente de quem eles eram e onde estavam, ciente da presença de Ido, de Hugo e de Chiren.

— *Eu não ficarei parada diante do mal* — repetiu, mais alto, para ter certeza de que todos ouviriam aquele clamor das profundezas, aquela promessa da sua alma.

O grindcutter partiu da mão de Grewishka e todos se jogaram no chão em busca de abrigo.

Vão em frente e se escondam, seus arruaceiros, pensou Alita, quando se projetou no ar, *mas continuem olhando, não quero que percam o que está prestes a acontecer*. No meio do salto, ela se esquivou do grindcutter e deu um pulo de costas para cair de pé fora do alcance do grindcutter, que cortou ao meio a única mesa ainda intacta e a cadeira que Ido tinha colocado no lugar. Os caçadores de recompensa se espalharam, tentando encontrar lugares

mais seguros, alguns deles se escondendo debaixo do balcão junto com o dono do bar.

Como se houvesse algum lugar realmente seguro nesse mundo, pensou Alita. O motor do martelo-foguete de Ido soou incrivelmente alto; Alita olhou na direção do som e viu Ido levantar o braço para golpear Grewishka, que se virou e disparou um dos grindcutters na direção dele. Ido só não foi atingido porque Hugo se lançou sobre ele e os dois saíram rolando no chão coberto de detritos.

Hugo era bom nisso, pensou Alita, sentindo uma onda de afeição na qual, no momento, não tinha tempo para se concentrar.

— Ei, feioso! — gritou ela para Grewishka, então fez uma estrela no chão, saltou dos restos de uma mesa e aterrissou em cima do balcão. A visão dos caçadores-guerreiros abrigados atrás do balcão lhe deu uma vontade ainda maior de destruir o monstro de Chiren. — Aqui, sua pilha de escória!

Grewishka disparou outro grindcutter, com um sorriso maléfico. Alita saltou para longe, mas o grindcutter atingiu o balcão em cheio, fazendo-o em pedaços e pondo para correr todos os que estavam escondidos atrás dele — todos, exceto o dono do bar, que permaneceu onde estava, olhando para os destroços.

— Último aviso — disse ele, quase chorando. — Vocês não precisam voltar para casa, mas não podem ficar aqui. Porque não tenho mais nada para servir a vocês. Por que eu estou falando? Ninguém está ouvindo...

Alita não disse a ele que estava prestando atenção, embora tivesse ouvido tudo. Ela deu outro salto para acertar um chute no rosto repugnante de Grewishka. Ele a afastou com um tapa, fazendo-a atingir uma coluna e cair no chão.

Grewishka começou a rir e zombou dela dando um salto parecido. Alita rolou no chão e ele disparou um grindcutter para o lugar onde ela estivera momentos antes. Deliberadamente, percebeu ela. Grewishka tinha errado de propósito. Levantou-se e assumiu a posição de luta, enquanto o grindcutter levantava nuvens de poeira e lascas de madeira ao atingir o chão. Grewishka riu e saltou de novo, aterrissando no lugar em que o piso tinha sofrido o impacto do grindcutter — e *continuou* descendo, até desaparecer, deixando um buraco no chão.

Alita correu até o buraco e olhou para baixo. Estava tão escuro que não dava para ver nada, mas ouviu a voz de Grewishka, que disse, em tom zombeteiro:

— O que está esperando, pulguinha? Vem me pegar!

Ela levantou a cabeça e deu uma rápida olhada em volta, para avaliar a situação no bar. Todos pareciam bem, mas onde estavam Ido e Hugo? Ela levou alguns segundos para vê-los tentando se desvencilhar de uma pilha de reboco e de cadeiras e mesas quebradas. Tinham alguns arranhões e hematomas, mas nenhum dos dois estava gravemente ferido. No momento, não precisava se preocupar com eles.

Alita teve um breve lampejo dos seus rostos horrorizados e os ouviu gritar “*Nããããão!*” em uníssono quando pulou no buraco.

CAPÍTULO 15

Em sua queda, Alita atravessou a escuridão total e continuou caindo. *Das profundezas a ti clamo, e nas profundezas eu caio*, pensou ela, com o vento fustigando seu rosto e soprando seus cabelos para trás. Estava sendo engolida pela terra, e era um longo caminho até o ventre da besta, uma longa queda, e ela caía e caía e caía e caía e caía...

Uma pilha de lixo foi ao seu encontro. Cair em depósitos de refugos estava se tornando um hábito, pensou Alita, enquanto escorregava para a base do monte e assumia uma posição de luta. *É verdade, foi uma longa queda. O que mais você vai aprontar?*

Uma gargalhada, que parecia vir de todos os lados, retumbou na escuridão. Havia uma reverberação metálica, como se ela estivesse dentro de um tanque. Alita piscou e torceu para que seus olhos se adaptassem rapidamente à escuridão enquanto procurava o inimigo nas sombras.

— Seja bem-vinda ao submundo... ao *meu* mundo.

Ali embaixo, a gargalhada profunda de Grewishka era mais alta e mais agressiva. Agora Alita conseguia ver as paredes úmidas e rachadas e canos enferrujados em grupos de quatro ou cinco, tudo coberto por enormes manchas de mofo. Às vezes os canos faziam uma curva para cima e desapareciam nas sombras; outras vezes, os canos entravam em túneis escuros por aberturas abobadadas, como as janelas vazias da igreja de Hugo.

Mas aquilo não era uma igreja nem nenhum tipo de lugar sagrado. Se Grewishka estava ali, o lugar era o oposto de sagrado.

— A partir daqui, existem mundos acima de mundos acima de mundos — disse Grewishka, saindo da escuridão. — Eles vão mais longe do que uma pulguinha é capaz de imaginar. — Sua voz estrondosa tinha assumido um

tom zombeteiro. O modo como ecoava a tornava ainda mais repulsiva; cada palavra era como um soco. — O lixo de cada mundo cai no mundo que está logo abaixo e assim por diante, até que todo o lixo vem parar aqui. Essa é a terra do inaceitável, do indesejável, do intolerável. — Grewishka havia se aproximado para que a garota pudesse ver que ele sorria para ela como uma cybergárgula. — Era aqui que eu vivia...

— E é aqui que você vai morrer — prometeu Alita.

Ela saltou na direção de Grewishka, se esquivou de um soco, passou por cima da cabeça do monstro, tomou impulso em uma parede e projetou um pé contra seu ombro, com a intenção de mais uma vez arrancar seu braço. Em vez disso, ela ricocheteou e caiu no chão imundo sem feri-lo. Chiren havia reforçado aquela articulação, tornando-a mais resistente. Mas ela não teria como torná-lo mais desagradável, pensou, quando Grewishka estendeu a mão direita, com os dedos bem abertos.

Os cinco grindcutters foram lançados ao mesmo tempo. As pontas dos dedos se cravaram na parede, espalhando pedaços de concreto úmidos e cobertos de gordura. Alita se levantou e deu uma série de saltos mortais, enquanto os grindcutters serpenteavam no escuro, produzindo um som sibilante.

— É isso aí... Dance, pulguinha, dance! — exclamou Grewishka, rindo, como se cada movimento de Alita fosse feito ao seu comando, para sua diversão.

Ela ficou pulando de um lado para o outro, enquanto se aproximava aos poucos, então se lançou diretamente contra Grewishka. Atingiu-o com o corpo inteiro e desferiu golpes violentos com as duas mãos.

Grewishka foi arremessado para trás e se chocou com uma parede coberta de mofo que desabou sobre ele, enterrando-o debaixo de pedaços de concreto de tamanho considerável. Alita rolou para trás e ficou de pé em posição de combate, mas sua perna direita se dobrou. Ela olhou para baixo e viu um filete de cybersangue escorrer do joelho, enquanto centelhas de energia dançavam em torno da articulação. Uma falha no servomotor— que *hora* para isso acontecer!

De repente, sentiu uma mudança no ar viciado e olhou para a direita. Grewishka investia contra ela, os grindcutters se contorcendo. Alita deu um salto mortal para trás, buscando impulso para dar um mortal duplo. Se agisse com rapidez, a perna com defeito não iria atrapalhá-la. Ao atingir o chão, porém, Alita cambaleou para a direita. O joelho tinha perdido muito

cybersangue. A lâmina de um grindcutter passou acima da sua cabeça, mas abriu um corte profundo no seu quadril quando voltou para a mão de Grewishka. *Droga!* Seria difícil compensar aquele ferimento, além do defeito no joelho.

Difícil? Melhor dizer *impossível*. Ela se escondeu atrás de uma coluna de concreto bem grossa, entre a abertura de dois túneis que vinham de lados opostos, para ter uma chance de respirar e pensar.

Se estava perdida, iria levar aquele filho da puta com ela. Só precisava descobrir como.

— Isso tudo é culpa *sua*! — exclamou Ido, furioso, enquanto descia uma escada.

Abaixo dele, Hugo tirou a mão de um degrau bem a tempo de evitar que Ido pisasse nela.

— Ei, foi *você* que levou Alita a fazer isso, não *eu* — protestou.

Tinham descido apenas meia dúzia de andares até o momento e Ido passara o tempo todo culpando Hugo por tudo de errado que havia acontecido. Hugo se lembrou de Alita se queixando de Ido na noite em que a levara para assistir a uma partida de Motor Ball. Era como se eles fossem pai e filha, pensou. A lembrança o fez dar um sorriso breve. Naquela mesma noite, sua turma tinha sequestrado Kinuba a mando de Vector, o que os levava à situação atual. Que droga, talvez fosse mesmo culpa *sua*, pensou Hugo, mortificado. As coisas ficariam ainda piores se Ido soubesse do sequestro.

Hugo resolveu não pensar mais no assunto e continuou descendo as escadas. Ido dissera que elas eram usadas pelo pessoal da manutenção, mas Hugo tinha certeza de que a última vez que um funcionário da manutenção usara aquelas escadas ele ainda não havia nascido. Os degraus estavam cobertos por camadas grossas de poeira engordurada e sabe lá mais o quê. Para tornar a experiência realmente especial, o cheiro de lixo ficava mais forte a cada andar. Se continuasse assim até chegarem ao fundo, eles morreriam de tanto vomitar antes que pudessem ajudar Alita.

Ido chegou ao fim da escada e passou batido por ele. O médico tinha transformado a camisa em uma mochila improvisada para carregar o martelo-foguete, deixando as mãos livres, mas com isso ficava difícil manter o equilíbrio. Ele ia precisar de muita sorte para não tropeçar e cair antes de chegarem ao fundo.

O médico já havia encontrado a escada seguinte; elas estavam dispostas de

forma aparentemente aleatória.

— *Ei*, sr. Rei do Mercado Negro! — chamou Ido. — Acorda! Ainda temos muitos andares para descer!

Alita estava de pé, encostada na coluna. O ferimento no quadril ainda sangrava profusamente e o joelho podia entrar em curto-circuito e parar de funcionar a qualquer momento. Enquanto isso, Grewishka gostava tanto do som da própria voz que não parava de falar um só minuto. Do *que* ele estava falando?

— Eu fui esquecido — dizia o monstro em um resmungo solene, como se fosse a história mais importante jamais contada. — Fui rejeitado, deixado para apodrecer com o resto do lixo. Pensei que meu destino era apodrecer, desaparecer na decadência e na putrefação sem ser lamentado pelo mundo indiferente que havia produzido aquele mesmo lixo que me faria companhia.

Você pode acabar com isso logo?, pensou ela. *Eu quero te matar antes de morrer*. Alita arriscou colocar o pescoço para fora da coluna, viu Grewishka sorrindo para ela e recolheu a cabeça rapidamente.

— Então, alguém me viu... alguém *me* viu, do jeito que eu era, e me aceitou. E assim eu fui salvo, redimido pela mesma mão que está moldando *seu* destino nesse exato momento!

Alita sentiu o mundo girar, como se o monstro o tivesse tirado do eixo com um chute. E depois lhe dado um chute na barriga, tão forte que mal conseguia respirar.

Não. Ela chutou o mundo de volta ao lugar de sempre, empertigou-se e saiu de trás da coluna.

— *De quem é essa mão?* — exigiu saber. — Você não quer conversar? Então responda: *de quem é essa mão?*

O sorriso de gárgula de Grewishka ficou mais largo.

— Do meu mestre. — Ele levantou o punho cerrado. — Do meu mestre, Nova.

— O que você sabe a meu respeito? — gritou Alita.

Grewishka abriu os dedos e lançou os cinco grindcutters. Alita deu um salto e tentou se esquivar, mas as armas agora pareciam antecipar seus movimentos. Elas convergiram na sua direção e ela sentiu uma lâmina afiada atravessar seu peito, amputando um braço. Outra lâmina a cortou ao meio na cintura e uma terceira amputou as pernas na metade da coxa.

Alita estava caindo de novo, uma queda não tão longa quanto a anterior,

mas, ainda assim, pareceu levar muito tempo até ela e o chão de concreto se encontrarem. O cheiro de água suja e pedra úmida se misturou ao perfume límpido do cybersangue que jorrava dos membros amputados que caíam ao seu redor. De algum lugar na escuridão, uma voz parecida com a de Ido deu um grito de horror. Alita supôs que todos tinham seus clamores das profundezas e da escuridão.

Erguendo a cabeça, ela dobrou o único braço que havia lhe restado e começou a se arrastar para longe de Grewishka. Seu deslocamento era absurdamente lento. Era como o dia em que eles estavam no caminhão esperando para sair da Cidade do Ferro, quando Hugo a levou para conhecer as Terras Abandonadas; tinha sido um dia maravilhoso! Agora ela avançava ainda mais devagar, mas se recusava a parar. Não estava morta, ainda não...

Uma explosão silenciosa de luz branca substituiu a escuridão úmida, suja, e ela descobriu que estava...

Voando. Estava voando, sem peso, na esfera de treinamento em gravidade zero, completamente livre, sem nada que restringisse seus movimentos, nada que a impedisse de girar, virar e rolar.

E ela era jovem, muito jovem... Estava com 10 anos. Era uma ciborgue de 10 anos e já sabia usar o bastão de combate que tinha nas mãos. O bastão era mais que familiar para ela; era como se tivesse sido feito sob medida. Ela conhecia a massa, o comprimento, sabia como equilibrar o peso, sabia como se defender da mulher que se aproximava com um bastão do mesmo tipo.

Gelda. A mulher era Gelda, e um dia elas lutariam lado a lado na Lua, mas no momento Gelda era sua sensei.

— Dizem que você é muito jovem, muito pequena — comentou Gelda, com o rosto corado por causa do exercício físico e do orgulho de guerreira. — Mas estão errados!

Alita reagiu ao ataque com uma série de chutes e socos, aparando os golpes do bastão de Gelda e acertando alguns golpes com o seu — apenas alguns.

— Eu sei pelo que você passou — continuou Gelda. — Você tem uma alma de guerreira!

O coração de Alita se encheu de orgulho e ela atacou Gelda com mais vigor, esforçando-se para merecer o elogio da sua sensei.

— Você é determinada — disse Gelda, apenas levemente ofegante depois de aparar o golpe de Alita. — Você é imbatível. Imbatível.

Gelda ameaçou atacá-la por um lado e Alita se preparou para se defender

do golpe. Gelda esticou o braço e a puxou para perto. Seus rostos estavam a centímetros de distância, e Alita sentiu a lâmina fria da faca de Gelda encostar na sua garganta.

— Saiba perceber o que está oculto — disse a sensei de Alita, em tom de censura.

Gelda observou Alita fixamente depois que a soltou. Alita a encarou sem hesitar, transformando o rosto em uma máscara pétrea, inexpressivo, que não demonstrava sua derrota. Nunca mostre ao oponente que você admite uma derrota, nunca o deixe perceber que você se sente vencido, nem mesmo se você estiver à beira da morte.

— Sempre se pergunte: o que eu não estou vendo? — disse Gelda.

Foi então que Alita viu um homem na galeria de observação. Ele estava acompanhando o combate, embora não tivesse olhos. No lugar deles, havia câmeras cromadas implantadas. Cromo era o maior nível, usado apenas pela elite da elite, uma classe social tão exclusiva que jamais era vista por pessoas de classes inferiores, incluindo a própria Alita.

Só que a menina o estava vendo, e notou que o estranho olhava para ela. Por mais sofisticadas que fossem as câmeras cromadas, pareciam ter sido implantadas por um cirurgião descuidado, que deixara a maior parte da prótese se projetando para fora do rosto.

O homem sorria, mas não para ela. Era como se estivesse achando graça de uma piada que ninguém entendia.

— Você só pode vencer quando é capaz de ver o que está escondido! — exclamou Gelda. — De novo!

Alita girou no ar...

E estava de volta no chão de concreto, tentando se arrastar com apenas um braço enquanto Grewishka, ajoelhado ao seu lado, ria sem parar. Ele a segurou pelos cabelos e a levantou. Alita ficou balançando como se fosse uma boneca quebrada.

— Ah, minha bonequinha não quer mais brincar? — O rosto dele estava tão próximo que ela conseguia sentir seu hálito fétido.

Alita o encarou, deixando claro que se recusava a esmorecer, ceder ou desistir.

— Vou transformar você num pingente vivo para enfeitar meu peito — disse Grewishka, em um sussurro doentio. — Vou usar você o tempo todo para poder ouvir você chorar e pedir misericórdia a cada momento de cada dia.

Alita fez um movimento para se afastar de Grewishka e ele chegou para a frente — como ela esperava. Ela o golpeou no rosto com a palma da mão aberta e conseguiu se desvencilhar enquanto ele caía de costas no chão. Com sua massa reduzida, um braço era tudo de que precisava. Alita conseguiu uma aterrissagem perfeita com a mão aberta e desceu suavemente para o chão. Ainda estava perdendo cybersangue, mas o sangramento havia diminuído. No momento, estava em uma poça de líquido azul, mas restava o suficiente dentro dela para o que pretendia fazer.

Grewishka se levantou com dificuldade, rugindo de ódio. Ótimo; a raiva era inimiga da razão. Quando investiu num frenesi contra ela, Alita levantou o corpo, dobrou o cotovelo e se projetou no ar. Girando, mirou o próprio corpo em Grewishka. Esticou o braço, juntou os dedos formando com eles uma lâmina e perfurou o olho do monstro.

O grito de Grewishka foi agudo, cheio de dor e medo. Alita sorriu e ajeitou o corpo para olhar diretamente para o outro olho.

— Que se *foda* a sua misericórdia — disse ela.

Alita tentou tirar a mão, mas ela estava presa em alguma coisa, provavelmente uma melhoria interna. De certa forma, isso era melhor ainda, pensou. Ela girou o braço com força até que o antebraço quebrou logo acima do pulso e ela caiu para trás.

Que tal essa lembrança? É melhor que um pingente. Tem uma flor desenhada. Eu deixei uma flor no seu olho, uma bela flor. De nada.

Os gritos de Grewishka passaram a ser também de revolta, ainda que não fosse o maior motivo para ele gritar — havia mais dor que qualquer outra coisa em sua voz. Alita o viu se arrastar na sua direção, com a mão cobrindo o olho onde havia uma flor. A flor estaria para sempre ali, pensou Alita; mesmo depois que a removessem e instalassem um olho novo e melhor, ele sentiria a dor daquela florzinha enquanto vivesse.

Ela sorriu para Grewishka quando ele ergueu a perna para esmagá-la.

No momento seguinte, Grewishka estava cambaleando para o lado. O coração de Alita se encheu de alegria quando ela ouviu o som inconfundível do martelo-foguete. Ao mesmo tempo, Grewishka foi atingido por um coquetel molotov e começou a gritar, com o corpo em chamas da cintura para cima.

Alita viu Hugo de relance antes que um animal feroz se lançasse contra Grewishka, rosnando e grunhindo. Então os outros cães infernais também investiram, rasgando sua armadura, mordendo as entranhas expostas.

Ainda gritando, Grewishka se desvencilhou dos cães e correu para um túnel. Os cães infernais o seguiram, latindo furiosamente, até que McTeague apareceu e chamou:

— Parem! Voltem! Aqui!

Os cães infernais voltaram correndo e formaram um círculo protetor em torno de McTeague, Ido e Hugo. Alita se lembrou do amigo, o cãozinho viralata, e seus olhos se encheram de lágrimas. McTeague olhou para ela com simpatia.

— Ele não gostava de cachorros — disse, em tom de censura. — Odeio gente assim.

* * *

Ido mal ouviu o comentário de McTeague. Ele se ajoelhou ao lado do corpo mutilado de Alita e afastou o cabelo do seu rosto. A menina olhou para ele, e Ido descobriu que, ao contrário do que pensava, seu coração podia ser partido novamente.

Sua garotinha. Ela era sua garotinha, e a tragédia voltou a acontecer. Um demônio que ele havia ajudado a criar tivera um surto psicótico e sua garotinha fora a maior vítima. O fato de o monstro ter sido literalmente criado pelas mãos de Chiren era um mero detalhe — ele havia iniciado a cadeia de eventos que levava àquela tragédia, e não fizera nada para impedir o terrível desenlace.

Sua pequena Alita. Ela não estava totalmente indefesa; tinha lutado contra a criatura com todas as suas forças — todas *mesmo* — e o havia danificado seriamente. O demônio, entretanto, era forte demais, insano demais, cruel demais. Por mais que o tivesse ferido, não tinha de fato nenhuma chance contra Grewishka. Ido tivera uma chance de protegê-la — e falhara.

Sua garotinha. A única coisa que poderia protegê-la estava deitada em uma mesa no laboratório, mas ele se recusara a fornecê-la a Alita. Em vez disso, fora um tolo pretensioso e moralista, convencido de que *não* dar a ela o poder do corpo Berserker era a melhor forma de protegê-la do mal.

Isso poderia ter sido verdade em qualquer outro mundo, mas não nesse.

Sua pequena Alita. Depois de tudo o que havia acontecido, ele continuara ignorando a natureza daquele mundo e os perigos que a cercavam. Pior ainda, ignorara quem ela *era* e tentara transformá-la em uma menina doce e bela, enfeitada com flores. Em consequência, havia falhado miseravelmente.

Ido a ergueu nos braços.

* * *

Quando chegaram à rua, Ido deixou Hugo ir à frente, balançando o martelo-foguete de um lado para o outro para abrir caminho para ele e a carga preciosa que carregava nos braços. Mantinha Alita apertada contra o peito, sentindo-a arquejar intensa e penosamente, sem pensar em nada a não ser em levar sua menina de volta ao laboratório.

Então Chiren surgiu das sombras perto do Bar Kansas, agora fechado.

Se Hugo usasse o martelo-foguete nela, pensou Ido, ele faria de conta que não tinha visto.

— Você acha que vai ser fácil assim? — perguntou Chiren. — Conserte-a, se quiser, mas podemos fazer isso quantas vezes for preciso! Você consegue fazer a mesma coisa? Consegue, Dyson?

Ido passou por Chiren como se ela não estivesse ali. Viu que Chiren estava parada, olhando para ele, e a imaginou murchando, encolhendo, implodindo, porque não havia nada no interior dela, nada mesmo.

Ido estava correndo, mas Chiren não tentou se enganar — ele não estava correndo dela. Agora Ido tinha algo *pelo que* correr. Ela havia perdido isso fazia muito tempo, ambos perderam, e nada poderia mudar esse fato.

Mas agora ele estava correndo.

E ela estava parada.

CAPÍTULO 16

A cirurgia foi uma maratona que levou duas vezes mais tempo que a primeira, embora boa parte desse tempo tenha sido gasto para desconectar o cybernúcleo de Alita dos destroços do que havia sido a obra de arte de Ido.

Quando Gerhad viu o que Grewishka tinha feito com Alita, quase teve um colapso nervoso, não só por causa de Alita mas também por causa de Ido. Ainda que Chiren tivesse criado o monstro que destruíra a menina, a enfermeira sabia que Ido estava se culpando. Ela achava que não havia nada que pudesse fazer Ido se punir mais do que já se punira, mas, aparentemente, não fazia ideia do que Chiren era capaz. Aquela mulher devia ser a pessoa mais fria, mais desalmada da Cidade do Ferro, o que não era pouco. Era difícil acreditar que um dia ela tivesse sido mãe, ainda mais de um ser humano.

Gerhad olhou para a menina na mesa de operações. Depois de quase dois dias, o trabalho de instalação do novo corpo estava terminado; todos os nervos tinham sido ligados e os dois sistemas circulatórios — de cybersangue e de sangue humano — estavam em funcionamento. Na verdade, Gerhad jamais tinha visto um rosto ficar corado tão depressa. Era como se aquele fosse o corpo ideal para Alita.

Ainda assim, Ido se opusera radicalmente a unir Alita àquele corpo. Gerhad temia que isso levasse a uma cisão permanente entre ele e Alita, que os afastasse de tal forma que sua relação jamais voltasse a ser como antes. Pior, Gerhad suspeitava de que Ido não sabia o que estava fazendo. Depois que Chiren foi embora, o isolamento passara a ser seu estado normal. Gerhad era próxima dele, mas apenas no campo profissional, como enfermeira. Dada a natureza do trabalho de Ido, a relação deles envolvia certa dose de

intimidade; o bem-estar dos pacientes dependia de um bom entrosamento entre os dois. Mas não era a intimidade pessoal compartilhada por bons amigos.

Durante algum tempo, Gerhad julgou que fosse. Uma equipe cirúrgica era uma máquina bem azeitada e seus integrantes eram as peças, todas trabalhando para o mesmo fim. Era fácil se sentir mais próximo da equipe que de qualquer outra pessoa, incluindo gente da própria família, o que também era uma forma rápida de perder a família. Nem ela nem Ido tinham famílias para perder; o único problema teria sido se Ido mostrasse algum interesse romântico por ela. Felizmente, isso não havia acontecido. Gerhad não levava muito tempo para perceber que ele não estava interessado em nada além de uma relação profissional. Ido tolerava seus desabafos pessoais sem impaciência, mas evitava falar de sua vida particular.

Ido seria sempre o homem que lhe devolvera a vida, e ela sempre o amaria por isso. Mesmo que fosse apenas pragmatismo por parte dele, a completa aceitação da sua pessoa, sem fazer perguntas, era mais do que ela havia experimentado em qualquer relacionamento, profissional ou pessoal. Assim, Gerhad continuava sua carreira de enfermeira em circunstâncias que, embora não fossem perfeitas, eram plenamente satisfatórias.

Ela jamais pensara em fazer algo que perturbasse o equilíbrio entre ela e o médico. Mas Ido levava para casa o cybernúcleo de Alita, e Gerhad tinha ficado curiosa para saber o que pretendia fazer com ele. Ido parecia disposto a ser pai de novo, mas Alita não era sua filha. Gerhad sabia que, com o passar do tempo, a menina se comportaria cada vez menos como sua filha. Como as coisas iriam se desenrolar?

Então Alita trouxera para casa o corpo Berserker e o mundo de Ido sofrera uma reviravolta. A discussão havia começado quando Gerhad ainda estava fazendo a limpeza depois de um exaustivo dia de trabalho. Sabia que Ido esperava que ela saísse discretamente assim que a discussão começou a ficar mais acalorada; no entanto, em vez disso, Gerhad descera para o porão e fingira que estava separando a roupa lavada, voltando para cima só depois que Alita tinha saído de casa.

Ido fora até a cozinha para tomar uma xícara de chá. Gerhad sabia que ele não queria companhia e, por isso, foi ver de perto o corpo Berserker. Era um trabalho magnífico — Gerhad não imaginava que algo como aquilo pudesse existir. Em outras circunstâncias — se, por exemplo, ela fosse uma enfermeira com um braço só e desempregada —, poderia se sentir tentada a

embrulhar o corpo em um tapete e arriscar a sorte no mercado negro.

Ela tentara imaginar uma criatura angelical como Alita usando aquele corpo e não conseguira. Aquele não era um corpo de menina.

Talvez esse fosse o *verdadeiro* problema, pensou Gerhad. Ido podia dizer que não queria ver as belas mãos floridas de Alita sujas de sangue, que não queria que ela usasse armas de guerra, que Alita tinha sorte de poder começar uma nova vida do zero. Gerhad, entretanto, suspeitava que, na verdade, ele não queria se separar de sua garotinha. Ido tinha dado a Alita o corpo que havia construído para a filha, com belas flores e incrustações de ouro e prata, e queria que ela continuasse assim.

Ao perder a filha, ele perdera a oportunidade de vê-la crescer. Sua Alita tinha 14 anos e teria 14 anos para sempre.

Gerhad estivera perto de ir à cozinha naquele dia, sentar-se à mesa com Ido e dizer isso a ele. No entanto, teria sido a última coisa que diria ao médico. Ido não teria argumentado, nem gritado com ela, nem mandado que ela fosse cuidar da própria vida; ele simplesmente a teria demitido, e, mesmo que depois se arrependesse — mesmo que reconhecesse que Gerhad estava certa —, ela jamais voltaria a pôr os pés na clínica.

Bem, se aquela tivesse sido uma discussão mais típica entre pai e filha — algo menos drástico, que não envolvesse uma substituição total do corpo, mas apenas uma pequena melhoria corporal ou mesmo métodos anticoncepcionais —, ela teria coragem de conversar com Ido a respeito?

Claro que não! Ela não tinha filhos. Por mais boa vontade que tivesse, os únicos conselhos que estava qualificada a oferecer aos pais sobre crianças diziam respeito a primeiros-socorros, boa alimentação e como medir a temperatura. Sugerir que eles não aceitavam muito bem a ideia de que a criança estava crescendo não era da sua alçada, mesmo que tivesse razão.

Agora, no entanto, as circunstâncias tinham forçado Ido a unir Alita ao corpo Berserker. Em defesa de Ido, ele não hesitara, não havia usado um dos corpos para ciborgues de substituição total que mantinha em estoque. Ele tinha dado à menina o que ela queria, sem relutar. Ido se inclinara para perto de Alita e sussurrara:

— Nunca mais vão ter coragem de machucar você.

Gerhad se aproximou da mesa e viu que os olhos de Alita estavam se movendo de um lado para o outro por trás das pálpebras fechadas. Com o que a menina estaria sonhando? Certamente não era com Grewishka — sua expressão era tranquila.

Ela parecia entretida com os sonhos que sua mente havia criado. Talvez as memórias perdidas estivessem passando como filmes em sua cabeça. Porém, quando acordasse, esqueceria tudo, porque nada era fácil assim para ninguém, nem mesmo para uma menina em um corpo Berserker.

E seria ainda mais difícil para Ido, pensou Gerhad. No momento, ele era apenas um cybercirurgião, cercado de monitores e girando na cadeira de um lado para o outro, depois indo com ela até a mesa para examinar a paciente. Logo, porém, voltaria a ser Ido, o pai enlutado.

Gerhad franziu a testa e se aproximou da mesa. Ela estava tendo visões ou os dedos de Alita estavam mais compridos que da última vez que olhara? Sim, *estavam*, e ganharam mais um milímetro enquanto ela observava. Isso foi um alívio. Era inútil ficar maluca na Cidade do Ferro, que era o lugar mais insano de um mundo insano.

Naturalmente, ela não precisava ficar louca para ter visões; bastava estar muito cansada. Duas cybercirurgias importantes em um período tão curto de tempo — isso era levar ao extremo tanto a resistência humana quanto os recursos tecnológicos. Gerhad resolveu executar uma análise rápida do seu braço mecânico. Ele também revelaria qualquer problema do operador humano.

O exame mostrou que o braço estava ótimo. Na verdade, estava mais que ótimo. Ido o havia construído para realizar tarefas e procedimentos mais complexos que os que normalmente eram executados na clínica. Para ligar Alita a um novo corpo, usara toda a capacidade do braço. Gerhad também parecia estar em boas condições, mas o teste mostrou que a fadiga era algo que exigia atenção imediata. O computador recomendou um mínimo de oito horas de sono ininterrupto. Gerhad pensou que precisava era de umas vinte.

A fadiga era uma das principais razões pelas quais as pessoas decidiam usar um implemento cibernético. Em muitos casos, uma intervenção levava a outra — melhorias em uma área tendiam a deixar as pessoas insatisfeitas com as partes que ainda eram inteiramente orgânicas. Gerhad jamais sofrera dessa loucura por melhorias, mas isso se devia provavelmente ao fato de que, no seu caso, o braço cibernético não havia sido uma melhoria opcional. Ou talvez ela ainda não estivesse suficientemente cansada.

Então ela percebeu que os ombros de Alita estavam mais largos e o peito ficava menos andrógino a cada segundo. Gerhad achou isso tão perturbador que precisou desviar os olhos. Em seu trabalho de enfermeira, ela já vira de tudo — coisas nojentas, esquisitas, estranhas, assustadoras, absurdas, até

mesmo milagrosas —, mas nada tão louco quanto a tecnologia das RUM.

Gerhad esperou um minuto antes de voltar a olhar para Alita. Sim, lá estavam os seios. A cintura de Alita tinha ficado mais estreita e os quadris agora eram decididamente mais femininos. Por outro lado, não havia flores na pele rosada, nem incrustações de ouro e prata. O corpo biomecânico era belo, mas se tratava de uma beleza forte e poderosa que também calhava de ser anatomicamente correta.

— É a tecnologia adaptativa do corpo Berserker — explicou Ido. Gerhad se assustou; ela havia esquecido que o médico estava na sala. — A estrutura corporal está se reconfigurando para corresponder à imagem que Alita tem de si própria. À *nova* imagem, quero dizer. O cérebro dela sabe que houve uma mudança no corpo. Esse corpo foi reconhecido como biologicamente mais maduro, com uma capacidade aumentada, e o cérebro reagiu de acordo. Trata-se de uma realimentação mútua entre o núcleo e o corpo enquanto se adaptam um ao outro para formar uma unidade.

Gerhad fez que sim com a cabeça. Uma troca de corpo era um processo delicado. Caso o cybernúcleo se comportasse como se o corpo antigo estivesse presente, o novo corpo não funcionaria corretamente. Às vezes bastavam uns poucos ajustes errados de pH para que o paciente acordasse com um problema sério de dismorfia ou mesmo de rejeição total.

— Eu nunca vi nada parecido — prosseguiu Ido. — O corpo está se encarregando da maior parte do trabalho, fazendo microajustes em todos os sistemas e em todos os níveis.

Ele inclinou a cabeça para observar os monitores. A quantidade de dados em cada um deles era suficiente para deixar qualquer outra pessoa confusa — e não estava sendo fácil nem para o cérebro privilegiado de Ido, pensou Gerhad, ao ver os olhos inchados e injetados do médico e sua aparência cansada. Aquela cirurgia o havia levado ao limite de sua capacidade, e provavelmente ele estava tão ocupado tentando se manter à altura do desafio que não fazia ideia de quão fatigado estava.

— Bem, aconteça o que acontecer, uma coisa é certa: Alita não é mais sua garotinha — comentou Gerhad, alegremente. — Ela cresceu. Oficialmente, agora é uma mulher.

Ido enrubesceu e desviou o olhar.

— É verdade. E, sendo assim, acho que devemos respeitar sua, hum, privacidade. Você se incomoda de, hum...

Gerhad já havia pego um lençol cirúrgico na prateleira embaixo da mesa.

Ela o abriu e o usou para cobrir a ex-garotinha de Ido.

— Obrigado, enfermeira — disse Ido em um tom seco, profissional, antes de voltar aos monitores.

Gerhad tapou a boca para conter uma risada. O pobre sujeito não fazia ideia do que o aguardava. Alita de fato *não era mais* uma garotinha. Na verdade, as crianças da região cresciam muito rápido. A Cidade do Ferro era esse tipo de lugar. No entanto, entre as forças sociais e psicológicas que agiam sobre uma criança comum, não estava serem mutiladas por um monstro até quase morrerem num esgoto.

Mesmo quando tudo que restara a Alita era um único braço, cuja mão quebrada estava enfiada no olho de Grewishka, ela o desafiara, recusando-se a admitir a derrota, ainda que o monstro estivesse prestes a matá-la. Depois de sofrer algo parecido, era bem provável que um morador típico da Cidade do Ferro passasse vários anos em posição fetal, com um caso extremo de estresse pós-traumático. Alita, não — ela estaria novamente de pé e pronta para se vingar, mesmo *sem* um corpo Berserker.

Com um, então...

A tecnologia avançada das RUM podia tê-lo surpreendido, mas Ido estava prestes a descobrir que, no caso da sua menina — que *não era mais* uma menina —, surpresas ainda maiores estavam por vir.

Seja bem-vindo à nova fase da paternidade, pensou Gerhad. *Meu pobre coitado*.

Alguém lhe deu um beijo na testa.

Ido acordou e percebeu que estava deitado no sofá. Devia ter dado mais atenção a Gerhad, pensou, sentindo-se culpado enquanto se sentava, ainda sonolento, tentando abrir mais os olhos. Tinha que ver como estava sua garotinha. Alita não... Ela não...

Alita não era mais sua garotinha, lembrou-se, olhando para a linda jovem que estava de pé diante dele. Olhou para os braços esguios, mas musculosos, para o porte seguro, gracioso. Pelo menos ela tem uma boa postura, balbuciou sua mente. Sem tirar os olhos dela, estendeu a mão e sacudiu Gerhad, que estava dormindo na cadeira ao lado do sofá. Ela afastou sua mão com um tapa, começou a dizer alguma coisa e então percebeu por que ele a havia acordado.

— Ora, ora — disse Ido a Alita, depois de um momento, quando se certificou de que não iria chorar. — Olha só para você.

A jovem sorriu. Inclinou-se para um lado, como se fosse pegar um objeto no chão, e, com a maior naturalidade, ficou de cabeça para baixo apoiada em uma das mãos. Então foi fechando a mão e passou a se equilibrar em apenas um dedo. Lentamente, sem nenhum esforço visível e perfeitamente equilibrada, abriu um espacate.

Ido agradecia por Gerhad ter tido a ideia de vesti-la com roupa de baixo quando Alita flexionou o cotovelo e voltou a ficar de pé com uma cambalhota.

— Você estava certa, Alita — disse ele, humildemente. — Um espírito guerreiro precisa de um corpo guerreiro.

Ela levantou a mão direita, mostrando pequenos furos no antebraço, enquanto uma pequena chama azul dançava na ponta dos seus dedos.

— Os furos são para sugar o ar e produzir plasma — explicou Ido. — Mas não me pergunte o que está controlando isso. Quero dizer, você, é claro, mas o mecanismo exato... — Ele franziu a testa. — Infelizmente, você não veio com um manual de instruções. — Ido apontou para outros furos mais acima, no bíceps. — Eles fazem parte de outro tipo de arma, provavelmente também baseada em algum tipo de plasma. E isso é tudo o que eu posso dizer. Agora você sabe tanto quanto eu a respeito de quem você é.

Alita se sentou ao lado dele no sofá. Ela ainda estava sorrindo, mas havia um traço de insegurança em sua expressão.

— Sabe, tudo isso... — Ido fez um gesto indicando o corpo de Alita. — Toda essa beleza, força e agilidade... é só um invólucro que pode ser usado para o bem ou para o mal. Depende de você.

Alita o surpreendeu apoiando a cabeça no seu ombro. *Ela não é mais minha garotinha, a não ser quando é*, pensou Ido, envolvendo seus ombros com um braço. Durante um período de tempo difícil de medir, eles permaneceram naquela posição, observando a chuva do fim de tarde escorrer pelas janelas. Ido e Gerhad passaram a maior parte do dia dormindo, mas ele ainda precisava de mais horas de sono. Estava começando a cochilar quando Alita quebrou o silêncio.

— Grewishka me disse que alguém lá de cima o salvou e o transformou no que ele é. — Pausa. — Ele disse que o nome do seu mestre é Nova.

Ido suspirou.

— Grewishka é um monstro psicopata, criado para jogar um jogo corrupto por um sistema ainda mais corrupto. Na verdade, ele é apenas o último de uma série. Já foram criados muitos monstros como ele, que vagam pelas ruas

até pessoas como eu os tirarem de circulação.

— Não é no jogo nem nas ruas que está o problema — comentou Alita. — O problema está lá em cima.

— Mas nós estamos aqui embaixo, nesse mundo. Nosso mundo — retrucou Ido. E sorriu para Alita. — Eu disse a Hugo que o chamaria quando você acordasse.

Alita se levantou com um sorriso radiante.

— Eu vou até ele!

— Você não pode ir vestida desse jeito — protestou Gerhad. — Vou arranjar para você umas roupas que não sejam tão in... — ela hesitou — ... tão hospitalares.

* * *

Caminhar — o simples ato de colocar um pé na frente do outro — era muito melhor agora, pensou Alita, enquanto percorria as ruas apinhadas no início da noite. Tinha parado de chover, ainda que, na verdade, a chuva não afetasse muito a vida noturna da Cidade do Ferro. Era mais fácil caminhar no meio da multidão com o corpo Berserker, embora isso talvez se devesse ao simples fato de ela ter ficado mais alta; as pessoas abriam caminho para uma mulher mais prontamente que para uma criança. Ser mais corpulenta também ajudava. Não que antes fosse muito frágil, mas agora parecia alguém difícil de tirar do caminho.

Parte dela lamentava um pouco o que havia acontecido com seu corpo antigo — a obra do amor de Ido. Talvez fosse o alívio de finalmente voltar a ser quem realmente era que lhe permitia compreender o que aquele pequeno cybercorpo significara para Ido. Ele merecia um destino melhor — um destino muito, *muito* melhor.

Por outro lado, se *Ido* tivesse compreendido o que o corpo Berserker significava para *ela* e tivesse feito o que ela pedira, sua obra de arte não teria sido retalhada por um monstro no esgoto. Assim, ambos tinham uma parcela de culpa, e, se ela compreendia isso, Ido provavelmente compreendia também, embora não tivesse feito nenhum comentário a respeito. Alguns adultos eram assim — como Gerhad havia falado certa vez: algumas pessoas simplesmente não dão o braço a torcer.

No caso de Ido, porém, as coisas eram um pouco diferentes. No momento em que percebeu o que o corpo Berserker significava para ela, ele não havia hesitado nem tentado convencê-la a aceitar um corpo diferente. Ninguém era

perfeito, mas Ido tentava ser, isso precisava admitir. Era muito mais do que podia dizer da maioria das pessoas, especialmente da rainha gelada, que havia instigado Grewishka contra eles. O coração daquela mulher devia ser uma pedra de gelo, pensou Alita; talvez um dia ela congelasse por completo e se tornasse um iceberg. O que poderia acontecer em breve, se aqueles gélidos olhos azuis fossem o primeiro sinal.

Alita tentou pensar em coisas mais leves, sem saber por que havia se lembrado de Chiren quando podia estar simplesmente explorando as possibilidades que o novo corpo lhe proporcionava. Ela não se lembrava do tempo em que havia sido totalmente orgânica, mas achava que a sensação devia ser parecida com a atual — isto é, se o corpo orgânico em questão estivesse em excelente forma física.

Entretanto, não era apenas uma questão física. O poder que sentia nos braços, nas pernas, nos ombros, no peito e nas costas parecia algo que sempre estivera com ela, esperando ser encontrado. Ou ser desperto? Talvez só precisasse perceber que esse poder existia. Força e resistência eram características de um corpo, mas era algo em seu âmago — no âmago do seu âmago — que as alimentava. A memória do que havia acontecido com ela ainda estava nebulosa, mas o que sentia no momento era sua memória muscular de estar viva, consciente e encarnada. Ela era um espírito guerreiro em um corpo de guerreira.

Alita parou e olhou ao redor. O movimento estava aumentando, tanto na rua quanto nas calçadas. A multidão só diminuiria depois de uma da manhã. Por mais agradável que fosse andar a pé, levaria muito tempo para localizar Hugo, especialmente nos locais mais agitados na cidade. Mas havia uma forma melhor.

Alita saiu da calçada e entrou em um beco estreito entre dois prédios. Durante um minuto, estudou a superfície das construções, à procura de pontos de apoio: peitoris, grades de ferro de varandas, canos, restos de escadas de incêndio parcialmente destruídas por saqueadores. Em seguida, lançou-se no ar.

O simples prazer físico do salto pareceu lhe dar um impulso adicional. Enquanto pulava da parede de um edifício para a do outro, de canos para peitoris e de peitoris para barras de ferro, ocorreu-lhe que o que fazia fora conhecido, em um passado remoto, pelo nome de *parkour*, embora não fizesse a menor ideia de como sabia disso. Não tinha importância. Devia ser um fragmento de informação proveniente de algum canto obscuro de sua

memória. Havia muita coisa que ela não *conseguiu* lembrar e também não sabia por quê, mas as coisas eram assim e pronto.

Chegando ao telhado, Alita parou para respirar fundo, não por estar sem fôlego, mas para apreciar o cheiro de chuva no ar. Olhou para cima, para o céu nublado, e viu alguma coisa piscar. Não era uma estrela, e sim a luz de um arranha-céu na borda de Zalem. A cidade era uma sombra ligeiramente mais escura nas nuvens de chuva do céu noturno. Era quase como se Zalem tivesse percebido o que ela sentia no momento e quisesse alertá-la para o fato de que havia um limite, alguma coisa que permaneceria para sempre fora de alcance, mesmo para ela.

Vamos ver, disse Alita silenciosamente para a sombra.

O collant que Gerhad tinha arranjado para ela era uma bela peça de roupa, pensou Alita enquanto saltava de telhado em telhado, parando para observar as ruas abaixo. O tecido preto era leve, mas resistente, além de facilitar a transpiração, portanto ela não sofria de superaquecimento ao fazer esforço físico. (O que era uma boa coisa, já que Ido havia insistido para que ela também usasse uma capa de chuva.) Era como uma segunda pele, apenas sem os receptores de dor.

Não que soubesse muita coisa a respeito da pele humana ou de receptores de dor. Um espírito guerreiro não se importava com a dor. Ela havia dominado a dor há tanto tempo que não se recordava mais da sensação. Como podia saber isso ao mesmo tempo que não se lembrava de quase nada era outro dos pequenos mistérios ao lado de por que só conseguia desenterrar memórias antigas quando provocava a Morte.

Alita tinha tantas perguntas; chegava a ter perguntas a respeito de perguntas. Mas isso podia ficar para mais tarde. No momento, tudo o que ela queria era encontrar Hugo. Ele teria uma surpresa e tanto!

* * *

Alita finalmente encontrou Hugo em frente ao café CAFÉ, com Koyomi, Tanji e alguns outros membros da sua turma. Ao vê-lo, a sensação foi de que o sol havia nascido no seu interior, enchendo-a de luz. E de calor. Ela teve que respirar fundo para se acalmar antes de descer para a rua, apoiando-se em peitoris de janelas, canos e centímetros de tijolos aparentes. Por fim, saltou de um antigo anúncio em falso neon para fazer uma aterrissagem perfeita na calçada, assustando um casal que trocava olhares românticos. Alita

cumprimentou o casal com um sinal de positivo com o polegar e se aproximou de Hugo.

Tanji estava conversando com ele. Seu olhar passou por Alita sem reconhecê-la — ela teve certeza disso porque ele não fechou a cara imediatamente. Segundos depois, Tanji olhou de novo para ela, franziu a testa e começou a dizer algo para Hugo. Koyomi a havia reconhecido; ela cutucou Hugo e apontou na sua direção.

Hugo a reconheceu mais rápido. Não de imediato, mas Alita notou quando ele percebeu quem era; seu rosto se iluminou de alívio e alegria, então correu ao seu encontro. Ele a levantou nos braços — com dificuldade — e a fez girar — com muito mais dificuldade.

— Alita! Você está bem! Você está...

Hugo a colocou no chão quando percebeu que ela havia passado por algumas mudanças desde a última vez que a vira. Ele recuou e a observou dos pés à cabeça.

— Puxa! — exclamou, notando a roupa que ela vestia por baixo da capa de chuva. — Você está tão...

— Inteira? — propôs Alita, o que fez os dois rirem.

— Isso, você está *muito* inteira. Você parece tão... hum...

Alita quase conseguia ver as engrenagenzinhas na cabeça dele tentando encontrar a palavra certa.

— Diferente — ofereceu Hugo, por fim.

Atrás dele, Koyomi sorria enquanto oferecia a Alita os dois polegares em sinal de positivo. Tanji parecia indiferente, mas precisava se esforçar tanto para exibir essa expressão que mal conseguia ficar de cara amarrada. Alita sentia pena dele. Ela deu uma piscadela para Koyomi e pegou Hugo pelo braço. Ele colocou sua mão sobre a dela e os dois caminharam juntos.

— É nanotecnologia pra lá, é nanotecnologia pra cá — disse Alita a Hugo. Ela não sabia há quanto tempo estavam caminhando nem onde estavam, mas não se importava. — Eu não entendo quase nada e Ido me disse que tem muita coisa que ele ainda não conseguiu entender.

— Então agora você está mais forte? — perguntou Hugo.

Alita fez que sim com a cabeça.

— E mais rápida. E me sinto muito mais... muito mais *eu mesma* .

Hugo olhou para ela de canto de olho, pensativo.

— Sabe de uma coisa? Uma garota como você pode deixar muitos caras

intimidados.

— É mesmo? — Alita piscou para ele. — Por quê?

— Ora, talvez porque você seja capaz de arrancar o braço de qualquer pessoa e usá-lo para espancá-la até a morte — respondeu Hugo, muito sério.

— Bem, existe uma solução muito fácil para isso — comentou ela, sorrindo. — É só não me tirar do sério.

Hugo jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. Alita o imitou, feliz (e um pouco aliviada) por ele ter achado graça.

— Eu sempre achei que havia uma guerreira em você, Alita — disse ele quando pararam de rir. — E agora o resto do mundo também vai saber disso.

Alita. Ele disse meu nome.

Não era a primeira vez, nem mesmo a primeira vez naquela noite. Mas era a primeira vez que ele a chamava de Alita e queria dizer Alita, a guerreira. Ela jamais havia pensado que se sentiria tão feliz com alguma coisa.

* * *

Quando chegaram à ponte, Alita percebeu que tinham descrito um grande círculo e estavam se aproximando de novo do café CAFÉ, mas não fazia ideia do tempo que levaram nem da distância que percorreram. Sua impressão era de que o tempo havia parado. Se isso havia acontecido, ela não tinha nenhuma reclamação.

Quando estavam no meio da ponte, pararam para observar o rio. A água tinha subido bastante e a correnteza estava mais forte que de costume. Devia ter chovido sem parar enquanto ela estava sendo consertada, pensou Alita. Ela ia comentar o assunto com Hugo quando ele segurou sua mão e entrelaçou seus dedos nos dela.

Será que ele sente falta das flores, pensou ela, ou das incrustações de ouro e prata com padrões desenhados? Ou das linhas sinuosas na ponta dos dedos?

— Eu também estou mais sensível — comentou ela. — Ido disse que é por causa de uma concentração muito maior de transdutores de pressão. Isso significa que... — Alita recolheu a mão, tirou o braço da manga da capa e estendeu a mão para ele de novo. — Experimenta.

Hugo passou os dedos nas costas da mão dela e depois subiu pelo braço até o ombro.

— Você sentiu isso?

Alita fez que sim com a cabeça, perguntando-se se ele fazia ideia do quanto ela estava apreciando aquele toque.

— Fecha os olhos — pediu Hugo, e ela obedeceu. Pouco depois, Alita sorriu quando o dedo de Hugo roçou suavemente seu pescoço. — Onde eu estou agora?

Ainda de olhos fechados, Alita colocou os dedos sobre os dele. Hugo acariciou sua face com a outra mão e ela sentiu o rosto dele se aproximando do seu, chegando tão perto que podia sentir o calor irradiado por sua pele.

— E onde eu estou agora? — perguntou Hugo, beijando-a.

Seus lábios eram surpreendentemente macios, e Alita retribuiu o beijo, esperando que ele sentisse quanto ela estava adorando aquela sensação. A garota coberta de flores tinha enfrentado um monstro, mas não estava preparada para aquilo; a mulher na qual havia se tornado.

— Você está aqui comigo — sussurrou Alita, quando se afastaram. De repente, ela sentiu vergonha e baixou os olhos. — Como você pode ver, eu posso fazer qualquer coisa que uma garota normal é capaz.

— Qualquer coisa? — perguntou Hugo.

— Qualquer coisa — repetiu ela, sorrindo, enquanto seu dedo traçava uma linha da têmpora até o queixo dele. — Você não se incomoda com o fato de que eu não sou... você sabe... totalmente humana?

Ele colocou um dedo sob o queixo de Alita e o usou para levantar sua cabeça e olhá-la nos olhos.

— Você é a pessoa mais humana que eu conheço.

Eles se beijaram novamente e então voltou a chover, uma chuva de gotas pesadas que os deixou encharcados em um minuto. Hugo em seu casaco leve e Alita em uma capa de chuva meio vestida, e nenhuma noite fora tão perfeita quanto aquela.

Sentado à mesa perto da janela do café CAFÉ, Tanji fez um muxoxo; Koyomi levantou os olhos do celular de pulso e seguiu o olhar dele. A visão de Hugo e Alita se beijando a fez sorrir de orelha a orelha. Tanji balançou a cabeça.

— Cara, qual é a sua? — perguntou Koyomi, aborrecida. — Por que você não gosta dela?

— Eu não gosto dessa coisa de ela ser uma enferrujada — respondeu Tanji, com seu olhar de reprovação de sempre. — E aquele corpo das RUM que ela está usando serviu feito uma luva. O que significa que ela provavelmente lutou do lado do inimigo.

Koyomi revirou os olhos.

— Ah, claro... há trezentos anos. Você não acha que já passou da hora de

superar isso?

CAPÍTULO 17

Seu corpo estava deitado na escrivaninha de Vector, mas seus olhos estavam fixos em Zalem.

As janelas altas atrás da mesa proporcionavam uma boa visão do céu. Algumas poucas luzes dos arranha-céus perto da borda do disco conseguiam atravessar as nuvens de chuva. Mais cedo ou mais tarde, as nuvens se dissipariam e ela poderia ver Zalem em sua totalidade. Chiren precisava ver a cidade; tinha que manter os olhos no seu objetivo, não importa o que acontecesse, fosse com o mundo em geral, fosse com ela em particular.

Como isso que estava acontecendo neste momento na mesa — tinha a ver com poder masculino, imaginava ela. Era desagradável, mas podia aguentar. Vector pelo menos não a machucava. E dali era fácil ver Zalem.

De repente, Vector tirou as mãos dela. Chiren estava abrindo a boca para perguntar o que havia acontecido quando viu os olhos.

— Você.

Chiren sentiu o estômago embrulhado e por um momento pensou que fosse vomitar. Ela saltou da escrivaninha, abotoou a blusa e voltou a enfiá-la por dentro da saia.

— Por que você não está reconstruindo Grewishka? — perguntou o supervisor, Nova, usando o corpo de Vector. O som da voz fez Chiren ter certeza de que Vector estaria com a garganta doendo quando o supervisor fosse embora.

— Ele não me deixa tocá-lo — explicou Chiren. — Não consigo nem chegar perto dele. Esse é o problema.

— Nesse caso, por que não falamos com ele? — sugeriu Nova, e Chiren logo compreendeu que isso não era uma sugestão, e sim uma ordem.

Ela sabia que Nova não ia gostar do que veria.

Chiren ficou parada à porta do laboratório ao lado de Nova. O laboratório era espaçoso, três vezes maior que o lugar triste e caindo aos pedaços que Ido chamava de clínica. O equipamento também era superior. Tudo, dos scanners aos instrumentos cirúrgicos, passando pelos tubos de ensaio, era de primeira linha, não improvisado e remendado com cuspe e fita adesiva.

Ou, melhor, havia sido assim, antes de Grewishka entrar de novo pela janela, com cybersangue azul iridescente pingando de mordidas de cachorro e uma mão mecânica enfiada no olho. Pelo aspecto e pelo cheiro dele, parecia que Grewishka passara vários dias escondido no esgoto, fazendo coisas indizíveis com animais peçonhentos.

Depois de finalmente ter conseguido chegar ali, ele descarregou a frustração destruindo o laboratório. Quando Chiren e Vector perceberam que ele também era capaz de destruir qualquer um que se aproximasse, usaram as portas blindadas para prendê-lo e ficaram aguardando que ele perdesse os sentidos. Ou que morresse.

Um dia depois, Grewishka ainda vagava furioso pelo laboratório, mas não restava nada para quebrar. Embora ele tenha conseguido a façanha de agravar os próprios danos; a mão com os grindcutters estava em pedaços, a armadura fora quase totalmente destruída e os órgãos internos começavam a vazar pelo peito. E *ainda* estava com a maldita mão enfiada no olho.

Nova se voltou para Chiren e ergueu uma sobrancelha. Era uma expressão que o próprio Vector costumava exibir de vez em quando, mas o supervisor a tornava muito mais estranha.

— Foi o que eu disse. Ele não me deixa chegar perto — explicou Chiren, odiando o tom defensivo da própria voz. — Ele não me deixou nem mesmo dar um jeito no olho. Disse que quer *sentir* essa dor.

Grewishka se virou ao ouvir a voz de Chiren. O que *estava* mantendo a mão de Alita no olho dele?!, perguntou-se Chiren. O desejo de Grewishka pela dor ou a fúria de Alita? Chiren não ficaria surpresa se fosse o segundo caso. A garota deve ter sido como uma formiga lutando contra um centurião. Ela não deveria ter nenhuma chance contra Grewishka, e no entanto o havia danificado seriamente. Pior, havia incitado outros a ajudá-la. Tudo isso deveria ter convencido Nova a tratar Grewishka como uma causa perdida e escolher um novo passatempo que não envolvesse usar Vector como um giro.

— *Basta!* — gritou Nova de repente, fazendo Chiren dar um pulo.

Mas não, ele não tinha lido seus pensamentos. Nova estava falando com Grewishka. O ciborgue rugiu de revolta e cambaleou indo na direção de Nova, cerrando o punho da mão boa. Chiren recuou, tentando puxar Nova com ela. Grewishka podia não estar no melhor de sua forma, mas ainda tinha força suficiente para mutilá-los ou coisa pior. Nova não tinha por que se preocupar com o corpo que estava ocupando no momento — ele podia simplesmente se transferir para outro, mas, se Chiren perdesse Vector, perderia sua melhor chance de voltar para Zalem.

O cretino não se mexeu, só ficou ali parado enquanto Grewishka se aproximava. Antes que o monstro percorresse metade da distância, porém, ele caiu de joelhos e se curvou até a cabeça tocar o chão. Chiren percebeu que ele estava chorando. De certa forma, ver Grewishka em uma atitude submissa era ainda mais perturbador que vê-lo possuído por um frenesi assassino.

Nova afastou a mão de Chiren do seu braço e foi até o ciborgue, que agora estava aos prantos.

— Grewishka, minha pobre criança torturada — começou Nova, com ternura na voz.

Chiren ficou de estômago embrulhado. Ela mordeu o lábio, esforçando-se para não vomitar ou mesmo produzir qualquer som. Nova ainda estava convencido de que precisava dela, mas isso podia mudar se o irritasse. Ela se empertigou e assumiu uma expressão indiferente de mera espectadora. No momento, ela estava observando cybersangue azul e óleo estragarem a calça e os sapatos de Vector. Ele ficaria furioso, até ela lhe contar os detalhes. Ou talvez ele já soubesse.

— Quando você foi deixado para morrer no esgoto pela sua mãe — disse Nova, com uma voz estranhamente melosa —, quem lhe estendeu a mão?

— O senhor, mestre — respondeu Grewishka, em tom respeitoso.

— Porque eu vi ódio ardendo nos seus olhos, como uma chama desafiando a escuridão — prosseguiu Nova. — Seu ódio clamava por um corpo igualmente poderoso. Quem foi que lhe deu esse corpo?

— O senhor, mestre — respondeu o ciborgue, ainda mais humildemente.

— E em troca você me *decepcionou*! — exclamou Nova. — Levante-se!

Grewishka obedeceu, com a cabeça ainda baixada, tubos e órgãos internos pendendo do peito aberto.

— Você *jamais* vencerá se não compreender *o que ela é*! — esgoelou Nova. Chiren viu Grewishka se encolher. — Há trezentos anos não existe alguém como ela... *Trezentos anos*! Ela é a última de sua espécie e a arma

mais poderosa produzida pela tecnarquia das RUM!

Como se Grewishka soubesse o que era “tecnarquia”, pensou Chiren, ainda nauseada. Se a conversa continuasse por muito mais tempo, ela iria vomitar. Tentaria esperar até poder fazer isso nos sapatos caros de Vector.

— Sua mera existência é um perigo terrível! — dizia Nova. — Ela é uma variável que ameaça a própria ordem mundial!

— Então por que não enviar alguns centuriões para abatê-la com projéteis de vinte milímetros? — deixou escapar Chiren, sem conseguir mais se conter. — Caso encerrado.

Nova se voltou para ela com uma expressão de revolta que jamais vira no rosto de Vector e esperava nunca mais voltar a ver.

— Porque eu quero a garota *morta*, não *obliterada* — retrucou, destacando as sílabas como se estivesse falando com uma criança. — O núcleo dela contém tecnologias que estão perdidas há séculos.

Ele se virou para Grewishka e o tom ficou mais brando.

— A dra. Chiren vai tornar você mais rápido e mais forte do que nunca. E você vai *deixá-la fazer seu trabalho*. Entendeu?

— Entendi, mestre — respondeu Grewishka, em tom contrito.

— Preciso que você *destrua* Alita — disse Nova. — Quero que me traga o *coração dela*.

Grewishka se ajoelhou de novo, um cavaleiro grotesco reverenciando um rei ainda mais grotesco.

— Mestre, eu vivo apenas para matá-la.

Eles ficaram assim por um longo tempo. Depois, Vector — agora apenas Vector — deu meia-volta e correu para o banheiro. Chiren ouviu a água da pia e lhe deu alguns segundos antes de ir até lá.

— Cacete, eu *odeio* quando ele faz isso — comentou Vector, ainda molhando o rosto com água fria. Ele estava falando baixo e deixou a torneira aberta para Grewishka não ouvir.

— Pensando bem, existe um lado positivo — disse Chiren, rindo, enquanto passava uma toalha para Vector. — Ele beija melhor que você.

Vector acabou de enxugar o rosto e jogou a toalha no chão.

— Pode brincar à vontade, mas não se esqueça de que ele é alguém que não tolera fracassos.

A não ser no caso de criaturas que ele encontra no esgoto, pensou Chiren.

— Não estou disposto a arriscar meu futuro apostando em um pedaço de ferro que não deixa nem você tirar uma lança do olho dele — comentou

Vector.

— Na verdade, é uma mão — corrigiu Chiren, recuperando a compostura —, com o pulso e parte do antebraço. Você tem algo melhor em mente?

Vector pareceu pensativo por alguns segundos e depois sorriu. Chiren entrou em uma das duas cabines, sabendo que isso faria Vector sair do banheiro imediatamente, e ficou apenas sentada, ouvindo a água correr na pia. Seu estômago já havia se acalmado, mas ficou ali por mais algum tempo, pensando em Vector e no futuro dele — ela não tinha deixado de notar que ele dissera *meu futuro* e não *nosso futuro*. Pensou em como iria reconstruir Grewishka e em quanto tempo levaria para consertar tudo o que ele destruía no laboratório. Por que Nova queria tanto que *Grewishka* fosse o encarregado de levar o coração de Alita para ele, depois de já ter sido derrotado pela menina duas vezes e quando havia muitas outras formas de chegar até ela por meio de Ido? O que Nova estava tentando provar? E por que ele estava tentando fazer isso usando um instrumento grosseiro como Grewishka, quando dispunha de um instrumento de precisão como ela própria?

Talvez ele fosse louco. Não uma loucura do tipo que era normal para os habitantes da Cidade do Ferro, mas clinicamente psicótico, da variedade que era um perigo para os outros, especialmente porque ele tinha poder suficiente para agir com base em suas obsessões ou alucinações.

O mais seguro a fazer, pensou, era começar a trabalhar na reconstrução de Grewishka. Pelo menos isso a manteria longe do escritório de Vector. E fora da sua escrivania.

Entretanto, ela levou mais cinco minutos para se convencer a sair do banheiro vazio.

— Aos sonhos — brindou Vector, erguendo um copo com uma dose generosa de uísque cor de âmbar.

O copo fazia parte de um conjunto de seis antiguidades genuínas pré-Queda que ele encontrara em um canto esquecido da Fábrica. O vidro dos copos era grosso e eles tinham uma curvatura que os tornava agradáveis de segurar. Vector os usava apenas em ocasiões especiais, e naquela noite precisava de apenas dois.

— Aos sonhos — repetiu Hugo, levantando o outro copo, que continha uma dose ainda mais generosa.

Ele estava instalado na cadeira maior e mais confortável do suntuoso escritório de Vector, apreciando o piso de mármore, a vista deslumbrante e a

escrivaninha reluzente que provavelmente era maior que o buraco de rato que o menino chamava de lar.

Hugo parecia muito mais à vontade do que quando Vector o apanhara na sua limusine para uma conversa inesperada. Eles tinham chegado à Fábrica na hora da mudança de turno, a tempo de ver uma longa fila de operários na Entrada e outra longa fila na Saída.

Não era a visão mais estimulante do mundo: as pessoas que saíam estavam tão cansadas e sem vida que lembravam mais robôs que ciborgues. As que entravam pareciam um pouco mais animadas, mas só um pouco. Era fácil ver que não encaravam com muito entusiasmo as próximas oito horas.

A maioria deles era de ciborgues de ST, e os outros estavam quase lá. Mas não tinham os corpos vistosos, reluzentes, dos paladinos — essas pessoas eram todas ferramentas ambulantes, equipadas para uma tarefa específica, fosse ela qual fosse. Ninguém naquele grupo tinha nenhum adorno, como uma pintura customizada ou um desenho gravado. A Fábrica tratava qualquer ornamento que não tivesse relação com o trabalho como um risco em potencial: podia distrair outros empregados, e um empregado distraído era um convite a um acidente. Poderia também confundir os sensores que monitoravam os empregados em atividade, causando erros nas listas de presença. Em consequência, um empregado podia deixar de receber, e ninguém queria isso. Erros na folha de pagamento eram notoriamente difíceis de corrigir, às vezes levando mais de seis meses, o que era tempo demais para ficar sem salário.

A expressão no rosto de Hugo ao ver os dois grupos infelizes deu a Vector a ideia de que aquele podia ser o que chamavam de lição objetiva ou momento de aprendizado.

— Se você não estiver à frente de todos — disse Vector —, sua vista vai ser sempre a mesma.

Hugo tinha se virado para ele com olhos arregalados e Vector percebeu instintivamente que o menino estava pensando em algo muito parecido. Ele podia tornar a ideia ainda mais clara, pensou Vector, e resolveu fazer um pequeno desvio a caminho do escritório.

Quando chegaram aos elevadores executivos, Vector fez questão de dispensar os centuriões antes que lessem seu crachá. Ele sabia a impressão que isso causaria a Hugo, como se ele tivesse mais poder do que as pessoas comuns podiam imaginar.

Em seguida, fizeram uma parada no posto de controle, muito acima do

piso da Fábrica, para que Hugo pudesse ter uma ideia de como era ver de cima os operários trabalhando através de janelas que iam do chão ao teto.

A visão era surpreendente. Ciborgues trabalhavam em meio a braços robóticos muito maiores, seus apêndices mecânicos executando tarefas com perfeito sincronismo. Os operários humanos estavam tão integrados à cadeia de produção que era difícil dizer onde o trabalho deles terminava e o trabalho das máquinas começava, mesmo quando era possível ver os rostos, que pareciam flutuar em torno da linha de montagem como balões com desenhos de fisionomias cansadas e infelizes.

Quando a expressão de Hugo mostrou que ele estava perto de vomitar, Vector achou que o garoto tinha sofrido o bastante e era hora de levá-lo ao seu escritório.

Vector não era adepto de deixar o lixo das ruas ocupar seus móveis de luxo; teria achado melhor que o garoto primeiro tomasse um banho e talvez fosse fumigado para eliminar todo aquele cheiro de pobreza e fracasso. Mas, para se obter a colaboração daqueles ratos de esgoto, era preciso passar a impressão de que se estava do lado deles, de que tinham uma chance real de sair do buraco onde nasceram.

— Suave, não é? — perguntou Vector, como se achasse que Hugo estava em condições de julgar. — Esse é o uísque que mandamos para Zalem, não aquele mijo de rato agitado que servem aqui.

— Então é como sentir o gosto de Zalem — comentou Hugo, alegremente, como se realmente acreditasse nisso.

— Sabe, Hugo, eu nasci em um vilarejo pobre na periferia das Terras Abandonadas — contou Vector, em tom coloquial, transpirando sinceridade em cada palavra. Ninguém era capaz de se fazer de honesto como ele. — Eu vim para a Cidade do Ferro quando tinha 9 anos e me vi cercado de escória. Para onde quer que eu olhasse, era tudo escória, o tempo todo. Mas eu sobrevivi. Trabalhei duro e logo conquistei uma reputação. As pessoas me conheciam, sabiam quem eu era.

Ele parou para olhar por uma das janelas e o menino olhou também. *Sua* vista, embora o menino provavelmente ainda não soubesse disso. Mas ele logo saberia, a menos que fosse menos inteligente do que parecia.

— Os pobres desse mundo sofrem e trabalham, trabalham e sofrem — continuou Vector. — É assim que sempre foi e sempre será. Os insetos não sabem que são insetos. — Ele se voltou para o rapaz, com o ar de quem estava dizendo palavras sábias. — Mas nós conhecemos a verdade, não é? —

perguntou, como se “nós” quisesse dizer ele e Hugo.

— Bem... — disse Hugo, franzindo a testa. — Eu sei que não sou um inseto.

Não, você é um verme.

— Gosto do seu jeito — comentou Vector, exagerando um pouco no tom, como se não costumasse fazer isso, mas Hugo fosse tão especial que ele não conseguia esconder a apreciação. — Você é uma pessoa determinada. Pode ter um futuro brilhante na minha organização.

Hugo bebeu outro gole do uísque que Vector estava desperdiçando com ele.

— Meu futuro está em Zalem — disse ele, em tom confiante. — Todo dia eu me lembro da sua promessa.

O sorriso de Vector não se alterou. Sua política era esquecer as promessas logo depois de feitas, ou mesmo *enquanto* as fazia. Sempre que algum idiota o procurava para cobrar uma promessa, Vector encontrava um jeito de mostrar que ele não havia cumprido sua parte do acordo e que, portanto, não tinha direito a nada a não ser um puxão de orelha por tentar explorá-lo.

Neste caso, porém, o menino parecia desconfiar de que estava sendo enganado.

— Sabe do que estou falando, não é, de me mandar lá para cima? — perguntou Hugo. — O senhor disse que, se eu arrumasse um milhão de créditos, me mandaria direto para Zalem.

Vector disfarçou a surpresa tomando um gole de uísque.

— *É claro* que eu me lembro — mentiu ele, em tom amigável. — Você já conseguiu um milhão de créditos?

— Quase — respondeu Hugo, parecendo muito orgulhoso. — Mais uns dois meses e... — Ele olhou pela janela e apontou para Zalem. — Lá vou eu.

— *É mesmo?* — disse Vector, colocando uma dose ainda mais generosa no copo do menino. — Hugo, eu estou *impressionado*. Não se vê esse tipo de determinação em muitos jovens de hoje em dia. Na verdade, nem em adultos. — Ele voltou a encher seu copo. — Vamos brindar a Zalem.

Eles brindaram e Vector o viu beber um grande gole. Esse merdinha devia estar vivendo de vento, pensou Vector, tomando cuidado para não demonstrar seu espanto. Ele poderia estar morando em um bom apartamento — isto é, bom para os padrões da Cidade do Ferro —, usando roupas de grife e levando garotas bonitas para jantar em restaurantes onde *não havia* brigas toda noite. Em vez disso, estava vivendo como um mendigo para economizar dinheiro

em busca do grande sonho. Quase chegava a *gostar* daquele menino. Ele era melhor que muitos dos seus empregados.

Por outro lado, sujeitos como Hugo podiam de repente ter uma crise de consciência na pior hora possível. Embora, lembrou-se Vector, o menino vivesse de assaltar ciborgues; ele sabia muito bem que não era nenhum anjo. Mas era esperto; não duvidava que fosse capaz de começar a questionar ordens recebidas. Fosse como fosse, Vector acabaria precisando se livrar dele, porque era impossível confiar em alguém assim.

Entretanto, não se importaria de ter alguém tão trabalhador ao seu serviço; seria bom enquanto durasse. Talvez ele conseguisse convencer o menino a mudar de ideia.

— Concorde que Zalem é um ótimo lugar — afirmou Vector, antes que Hugo pudesse dizer mais alguma coisa a respeito do seu real sonho —, mas, pessoalmente, eu prefiro ser um rei no inferno a servir no paraíso, se é que você me entende. — Hugo fez que sim com a cabeça, mas sua visão estava começando a ficar embaçada. Vector apontou para as luzinhas no céu noturno. — Se fôssemos lá para cima neste exato momento, teríamos que recomeçar do zero, na base da cadeia alimentar. Aqui embaixo, no entanto — ele fez um gesto abrangente com as duas mãos —, podemos viver como reis. Podemos fazer nossas próprias regras. Eles fingem que não veem nada porque precisam de mim para manter as rodas da Fábrica girando e os Jogos acontecendo. Alguém tem que manter a massa distraída; pão e circo, sabe. — Hugo não sabia; Vector lhe ofereceu um sorriso reluzente como se ele soubesse. — É assim que eu vivo. É assim também que você pode viver, se for esperto.

Ele voltou a encher o copo do garoto. Depois, pegou uma cadeira, menor e menos confortável, e se sentou diante do menino para olhar nos olhos dele.

— Então, Hugo, me fala da sua namorada — pediu Vector, em tom de confidencialidade. — Aquela que você levou para conhecer a pista outro dia.

— O senhor está falando de Alita? — perguntou o garoto, parecendo surpreso com a súbita mudança de assunto.

— Ah, o nome dela é Alita? — disse Vector, com ar inocente. — Ouvi dizer que ela é uma exímia jogadora de Motor Ball. Melhor que muitos caras — acrescentou, como se toda a cidade estivesse comentando a respeito.

— Ela é o *máximo*! — O rosto de Hugo estava corado por causa do uísque e dos seus sonhos. E também, se Vector não estava enganado, por causa de uma paixonite. — Ela tem um talento natural como eu nunca vi. Ela poderia

jogar na Segunda Liga amanhã. Amanhã, não. Essa noite!

Vector fez uma cara de quem estava impressionado.

— Se ela é *tão* boa assim, leve-a aos treinos da Segunda Liga e vou providenciar para que ela faça um teste.

— O senhor quer dizer... no *estádio*? — Se o menino arregalasse ainda mais os olhos, eles se desprenderiam da cabeça e cairiam no copo de uísque.

— O senhor está falando *sério*?

— Hugo, você e eu temos um traço em comum — disse Vector, em um tom ainda mais confidencial. — A gente é capaz de descobrir novos talentos.

— O senhor não vai se arrepender.

— Ah, eu sei — afirmou Vector.

O rapaz estava tão empolgado que nem percebeu o elogio. Ele devia gostar mesmo da menina. Vector tornou a encher o copo de Hugo para ter certeza de que ele ficaria bêbado demais para pensar em sair correndo e dar as boas notícias a Alita. Faltavam algumas semanas para os treinos; ela poderia usar o tempo para praticar. Vector queria que ele e a menina estivessem tão cheios de fé, esperança e amor que, quando ela fosse destruída, Hugo ficasse tão arrasado que nunca mais diria a palavra *Zalem*.

CAPÍTULO 18

Eventualmente, Hugo percebeu que o calor que sentia no rosto eram raios de sol. Já devia ter amanhecido. Além disso, a julgar pelo ângulo da luz e pelo fato de estar muito suado, deduziu que havia se jogado na cama sem trocar de roupa na noite anterior.

O sol estava ficando mais forte, como se estivesse insistindo para que ele se levantasse e fizesse alguma coisa para justificar sua existência, quando tudo que queria era voltar a dormir. A única forma de evitar a ressaca monumental que o aguardava seria não se mexer. Nunca mais.

De repente, uma sombra caiu sobre ele e Hugo sorriu, aliviado. Um segundo depois, a sombra desapareceu e ele franziu os olhos enquanto o sol ameaçava cozinhá-lo. A ressaca decidiu que não iria mais esperar; o cérebro do rapaz se transformou em um bumbo que batia sem parar.

A sombra voltou e dessa vez continuou onde estava. A ausência do sol foi bem-vinda, mas não aliviou a dor de cabeça. Ocorreu-lhe que a sombra devia esperar alguma coisa dele. Hugo torcia para que fosse o Anjo da Morte, enviado para pôr fim ao seu sofrimento. Ele abriu um olho.

Não era o Anjo da Morte, mas sua cabeça doía tanto que ele não conseguiu sorrir.

— Oi — murmurou.

— *O que aconteceu com você?* — perguntou Alita, realmente preocupada.

Era como se ela nunca tivesse visto alguém de ressaca, pensou Hugo, até se dar conta de que era bem provável que isso fosse verdade.

Com movimentos lentos, ele se sentou, segurando a cabeça para que o bumbo não a arrancasse do pescoço e a fizesse sair rolando pelo chão.

— Ah, nada — respondeu, tentando parecer casual. — Eu me encontrei

com Vector ontem à noite. Teve álcool. Aparentemente. Ele disse que era dos bons.

Todo mundo dizia que uísque de boa qualidade não dava ressaca. Obviamente, todo mundo estava mentindo. Grande novidade!

— Vector? — perguntou Alita, agachando-se ao seu lado para olhá-lo de perto. — Ele é o seu contato para entrar em Zalem?

— Isso.

— Ah — disse ela, e Hugo viu Alita murchar como se tivesse perdido a última razão de viver. — Eu esperava que você decidisse ficar.

Minha nossa, às vezes ele era tão tapado...

— Não vai ser por agora — apressou-se a dizer. — Primeiro eu tenho...

— Não, tudo bem — disse Alita, e Hugo viu que ela estava tentando se controlar. — É o seu sonho. O que você sempre desejou.

— Costumava ser. — Hugo se levantou e chutou as roupas amontoadas no chão, à procura de uma camisa que estivesse pelo menos um pouco mais limpa que a que estava usando. — Eu sempre tive tanta certeza disso... Depois você apareceu e as coisas deixaram de ser tão claras para mim.

Hugo parou para olhar pela janela para o complexo da Fábrica. Alita acompanhou seu olhar e o encarou interrogativamente.

— Tudo o que eu sei é que não quero acabar como meu pai — comentou Hugo. — Um drone da Fábrica que toda hora tinha que trocar os membros.

Na noite em que seu pai havia voltado para casa com o braço extensível, Hugo ficara assustado com a quantidade de metal e borracha, e quando o pai o abraçara com o braço de verdade, o cheiro de óleo e cola plástica o fizera ter ânsia de vômito. Ele ainda era muito pequeno, mas mesmo assim sentia vergonha do modo como havia fugido, chorando.

— E para quê? — perguntou Hugo, com um sorriso triste. — Para um dia cair morto na linha de montagem de tanto trabalhar. Ele nem *tentou* arranjar um emprego melhor. Mas eu vou dar o fora daqui antes que seja tarde demais. — Hugo fez uma pausa. — Meu pai costumava brincar dizendo que havia uma regra da Administração segundo a qual se você sentisse que ia desmaiar devia desmaiar *longe* das máquinas, caso contrário iria interromper a produção. Muito engraçado, não é? Ou talvez o engraçado seja que, no caso dele, a produção foi interrompida.

Alita ficou em silêncio por um longo tempo. Então disse:

— De quanto mais você precisa para pagar a viagem?

— Noventa mil créditos — respondeu Hugo, embora, com a ressaca que

sentia naquele momento, parecia que não conseguiria arrumar nem mais nove créditos.

— Eu posso ganhar esse dinheiro em recompensas! — exclamou Alita, voltando a se animar. — É só ver quem são os criminosos mais procurados e acabar com eles!

Hugo olhou para ela com ar incrédulo. Até sua cabeça estava surpresa demais para latejar.

— Eu *já* pediria que você fizesse isso por mim! — protestou.

— Eu faria *qualquer coisa* por você — disse Alita, alegremente, como se não fosse nada de mais.

Ela levantou a blusa e apertou um botão na base do pescoço, que abriu a cavidade do peito.

Hugo ficou horrorizado.

— *O que* você está fazendo?

Alita enfiou uma das mãos na cavidade torácica, pegou o coração e o apresentou a Hugo, como se estivesse oferecendo um sanduíche. Ou uma barra de chocolate. Pela primeira vez na vida, Hugo não conseguia falar, não conseguia se mexer, não conseguia fazer nada a não ser ficar olhando para aquele elegante coração branco de cerâmica que pulsava na mão de Alita, bombeando sangue humano e cybersangue para os tubos ligados a ele.

— Eu daria meu coração a você — disse Alita, e Hugo compreendeu que ela estava falando sério.

Ele nunca havia desmaiado, mas estava com a sensação de que era uma possibilidade agora. A menos que despertasse primeiro.

— É um ótimo coração — prosseguiu Alita. — A fonte de alimentação é um microrreator das RUM. Vale *milhões*.

Tanji apareceu de repente na imaginação de Hugo, mais carrancudo que nunca. *Não fica aí parado, otário... Pega essa merda e sai correndo! A gente nunca mais vai ter que trabalhar!*

— Com seus contatos, a gente não vai demorar para encontrar um comprador — dizia Alita. — Com o dinheiro, *nós dois* podemos viajar para Zalem. Lá vamos poder arranjar um coração mais barato para mim.

A memória da turma descartando o cybernúcleo de Kinuba passou pela mente de Hugo. Porém, quando o ciborgue caiu na rua, na mente do garoto era Alita, olhando para ele com olhos arregalados. *Eu disse que faria qualquer coisa.*

— Não! — exclamou Hugo.

Alita o cutucou.

— Ah, deixa disso. Você compra e vende peças o tempo todo.

Quando você vai contar para sua enferrujadinha que você ganha dinheiro roubando ciborgues?

— Não — repetiu ele, um pouco mais baixo, mas com a mesma firmeza.

— Escuta... Você não deve simplesmente *dar* suas coisas para outras pessoas, por mais que ache que elas mereçam ou... ou por qualquer outra razão. Especialmente coisas tão importantes quanto um coração.

— Comigo é tudo ou nada, Hugo — declarou Alita, muito séria. — É assim que eu sou.

Hugo empurrou delicadamente a mão da jovem em direção à cavidade no peito. Por um momento, seu dedo tocou o coração e ele o *sentiu* pulsar.

— Por favor, guarda seu coração de volta — implorou a ela. — *Por favor.*

Alita obedeceu sem discutir. Hugo a viu fechar o peito e baixar a blusa, sabendo que a sensação de um coração pulsante iria assombrá-lo por muito tempo, talvez pelo resto da sua vida.

— Tudo bem, está vendo? — disse ela, alegremente. — Mas você ficou impressionado, não ficou? — acrescentou.

— É, *bastante* impressionado — concordou Hugo, e voltou a procurar a camisa para que ela não visse quão abalado ele tinha ficado. Mas pelo menos isso parecia ter afugentado a ressaca.

Quando saíram para a rua, Hugo estendeu a mão para ligar a giro, mas parou e olhou para Zalem.

— Talvez haja outra forma de a gente chegar lá. Vector quer que você tente participar da Segunda Liga.

— *O quê?!* — exclamou Alita, sem ter certeza de que tinha ouvido direito. — O que foi que você disse?

— Ora, se você se tornar uma estrela do Motor Ball, vai ganhar uma fortuna e vamos poder ir juntos para Zalem.

Alita começou a dar uma risadinha.

— Do que você está falando? Eu não posso me tornar jogadora profissional de Motor Ball!

Hugo se virou e segurou a cabeça da jovem com as duas mãos.

— Alita, você *pode* ser uma campeã. De verdade. Eu não estou brincando. Caso se saia bem na Segunda Liga, os olheiros vão disputar você a tapa.

Alita franziu a testa.

— Bem, vamos dar uma volta enquanto eu penso no assunto.

Hugo deu de ombros, virou-se para ligar a giro e Alita voltou a rir. Ela o segurou pela cintura e apertou.

— Está bem, eu vou tentar! Mas só se você for meu treinador!

— Se é isso que você quer — ele lhe deu um beijo rápido —, pode contar comigo!

Ela estava inclinada para trás na giro, atrás do rapaz, esticando o corpo, deixando o vento agitar seus cabelos como se não tivesse nada com que se preocupar. Como se nada de ruim pudesse lhe acontecer. Como se não estivesse na Cidade do Ferro, onde todas as coisas boas acabavam mal, muitas vezes antes mesmo de começar.

— Você vai matar a garota? — perguntou o ciborgue, com a voz irritante.

— Pior — respondeu Zapan, observando o casal feliz se afastar. Ele esfregou a ponte do nariz, que nunca mais seria o mesmo. — Eu vou partir o coração dela.

— O que foi que você disse? — perguntou o ciborgue.

Zapan se conteve para não arrancar a cabeça do ciborgue e jogá-la no meio da rua. Afinal, o sujeito tinha localizado o garoto para ele. Mas Zapan se recusava a chamá-lo de Vovô, embora fosse o nome dele. As pessoas poderiam interpretar mal.

— OK, vou simplificar para você — disse Zapan. — Cala. Essa. Boca.

Vovô fez que sim com a cabeça.

— Foi o que eu pensei.

CAPÍTULO 19

As semanas que Alita achava que jamais iriam passar finalmente ficaram para trás. O dia do teste pareceu durar tanto quanto o mês inteiro. Várias vezes, Gerhad teve que assegurar a Alita que o sol iria se pôr e a noite chegaria. Ido prometeu que iria acompanhá-la até o estádio e a ajudaria a colocar o equipamento de proteção, os pés com rodas e tudo mais. Hugo, para sua enorme decepção, disse que iria encontrá-la no estádio porque tinha algumas coisas para fazer, mas lhe assegurou que estaria lá. Depois de passar tanto tempo treinando Alita, não iria abandoná-la na última hora. Gerhad disse a mesma coisa, garantindo que Hugo só não iria ao estádio se estivesse morto.

— Eu não reconstruí você para vê-la destruída numa pista de Motor Ball — queixou-se Ido quando ele e Alita entraram no túnel de acesso.

— Não se preocupe. Se alguém vai ser destruído, vão ser meus adversários, eu garanto.

— Está bem, está *bem* — aceitou Ido, de cara feia.

— Eu sabia que você ia confiar em mim — disse Alita, determinada e feliz quando se aproximaram do cara da SEGURANÇA.

O orgulho que havia sentido ao entregar a Ido um crachá com um cordão se dissipou completamente quando o SEGURANÇA mandou que passassem com um gesto, sem olhar para os crachás. Bem, era só uma leve decepção, disse a si mesma. Hugo estaria à espera no corredor dos boxes.

Mas ele não estava lá.

O telefone de Hugo tocou quando ele estava no meio do trânsito com sua giro. Ele não precisou olhar para a tela para saber quem era.

— O que foi, Alita?

— O que foi? O que você acha? Onde você *está*? — perguntou a jovem.

— A caminho — respondeu Hugo, alegremente. — Só vou fazer mais uma entrega e...

— Se você não vier, eu te *mato*.

— Ei, eu vou, confia em mim! Eu só preciso... — ele ouviu um clique quando ela desligou no meio da frase — ... fazer essa entrega — concluiu, sem necessidade, acelerando a giro enquanto se desviava do tráfego usando às vezes a rua e às vezes a calçada.

Confiar nele? É claro que confiava nele, bufou Alita, sentindo-se mais perigosa que o normal. Ela havia passado muito tempo treinando com ele; Hugo devia saber que gozava de sua total confiança. E que ele podia confiar totalmente — que ela o *mataria* se ele chegasse atrasado.

Pouco depois, Alita esqueceu completamente Hugo quando Jashugan apareceu diante dela, uma visão da realeza do Motor Ball em sua armadura preta e dourada, enquanto os mecânicos o cercavam com sensores acústicos, ópticos e térmicos, gritando uns com os outros.

— A cambagem ainda está errada do lado direito — avisou Jashugan, com a voz serena repleta de autoridade e conhecimento, enquanto os mecânicos tomavam nota febrilmente, um deles escrevendo no braço com uma caneta hidrográfica.

Jashugan ia dizer mais alguma coisa quando seu olhar caiu em Alita e o tempo parou.

Em seguida, o tempo voltou a correr quando suas feições nobres, apolíneas, se abriram em um sorriso largo, luminoso, que fez seus olhos cinzentos brilharem. *Jashugan estava feliz em vê-la*.

Foi preciso apenas uma fração de segundo para que a história se desenrolasse na cabeça de Alita. Hugo tinha comentado com Jashugan sobre o teste e seu tremendo potencial, e Jashugan queria conhecê-la. E ser amigo dela! Respeito mútuo de jogadores. Irmandade dos paladinos. Heróis do Jogo. Alita via tudo isso no rosto de Jashugan quando ele se aproximou e estendeu a mão.

Só que a mão passou por ela e encontrou a de Ido.

— Doutor! — exclamou Jashugan, em tom caloroso. — Não vejo você há séculos! Seja bem-vindo!

— Oi, campeão — saudou Ido, com ar casual, trocando um aperto de mão com ele. — E aqui — Ido colocou o braço nos ombros da jovem — eu

gostaria de lhe apresentar Alita.

— Olá — disse Jashugan, educadamente, desta vez estendendo a mão sem sombra de dúvida para Alita. — Meu nome é Jashugan.

— Ah, eu sei! — balbuciou Alita, segurando a mão dele com as duas mãos e balançando-a para cima e para baixo. — Eu sou uma *grande* fã sua, uma grande fã *mesmo...* A *maior*! Vim fazer um teste para a Segunda Liga!

Jashugan a olhou com curiosidade benigna e de repente ela se sentiu mais como a pequena Alita coberta de flores do que como a feroz guerreira que estava treinando com Hugo para ser o terror da pista de Motor Ball.

— Sei — disse Jashugan. — Então você pretende participar do maior jogo de todos os tempos?

— Sim senhor — respondeu Alita, com orgulho na voz.

— E o que você busca no jogo? — perguntou Jashugan. — Fama? Riqueza? Glória?

Alita enfrentou seu olhar com confiança e certeza.

— Eu sigo o caminho do guerreiro.

Ela deve ter dito a coisa certa, pensou Alita; Jashugan estava sorrindo e parecia realmente satisfeito com a resposta.

— Então talvez nosso próximo encontro seja na pista — comentou Jashugan.

— É verdade, isso mesmo, ótimo! — exclamou Alita, entusiasmada, esperando que ele se retirasse com os mecânicos.

Por que Jashugan continuava ali parado? Estava esperando que ela dissesse algo mais inteligente que *É verdade, isso mesmo, ótimo?*

Não. De repente, Alita se deu conta de que ele estava apenas esperando que ela largasse sua mão.

Envergonhada, Alita largou a mão de Jashugan e ele inclinou a cabeça para ela. (Ele fez *uma mesura* para mim! Jashugan fez uma *mesura* para mim!) Ele deu outro sorriso largo para Ido e se dirigiu para o vestiário, seguido de perto pelos mecânicos.

— *Puxa!* — exclamou Alita, olhando, em êxtase, para o grupo que se retirava.

Será que os mecânicos faziam ideia do privilégio que era trabalhar para um paladino daquele calibre? Ela voltou para o corredor dos boxes e esbarrou em um homem corpulento que usava um macacão de mecânico sujo de graxa. O alto da cabeça dele chegava apenas até pouco abaixo do seu nariz.

— Então você é a nova aposta de Hugo — comentou, com uma voz

arrastada, quase preguiçosa. — Eu sou o Ed, como é que cê tá? — Antes que Alita pudesse responder, ele entregou à jovem uma bolsa grande e pesada. — Aí tem uns apetrechos usados que eu arranjei pra você. Não tem de quê.

E foi embora, deixando Alita e Ido desconcertados.

Vector olhou para os homens agressivos, cheios de cicatrizes, que estavam com ele no vestiário, xingando e fazendo especulações sobre a paternidade uns dos outros. Seu guarda-costas estava postado do lado de dentro da porta, embora Vector não estivesse preocupado com a possibilidade de alguém entrar no recinto sem ser convidado. Qualquer paladino que o visse ali dentro escolheria outro lugar para estar. Paladinos de verdade não se misturavam com esses valentões que sequer conseguiam arranjar um patrocinador. Vários deles estavam proibidos de entrar na maioria dos bares da cidade, com a alegação de que sua presença desvalorizaria o local.

Mas Vector não precisava se preocupar com nada disso. O fato de ser dono do Jogo lhe conferia uma série de privilégios. O máximo a que um paladino podia aspirar era ser o campeão final, mas Vector era o rei. E era muito bom ser o rei, melhor que tudo.

Vector pigarreou e eles fizeram silêncio.

— Quero agradecer a todos por atenderem ao meu chamado apesar de ter sido feito tão em cima da hora — começou ele. — Vocês... Bem, não sei se devo usar o termo “jogadores”, porque, francamente, vocês são a escória do Jogo.

Eles não esconderam o desagrado. Houve vaias e zombaria, mas ninguém jogou nem uma toalha em Vector, e não só porque seria transformado em uma peneira pelo guarda-costas com a automática que carregava debaixo do casaco. Não era preciso ser muito inteligente para saber que uma vida muito desagradável estava reservada para quem desrespeitasse o rei.

Vector levantou as mãos, sorrindo, e todos se calaram.

— Essa noite, entretanto, vocês são uma escória *escolhida a dedo... Minha* escória. Porque essa noite não vamos ter um jogo nem um treino. Vamos ter uma caçada. E eu vou pagar quinhentos mil créditos a quem matar a garota chamada Alita.

Agora eles estavam prestando atenção.

Alita parou de mexer nas conexões da perna e olhou para Ido com um ar tão desamparado que o médico teve vontade de abraçá-la, fazer carinho na sua

cabeça e lhe dizer que ia dar tudo certo. Mas não era assim que se tratava uma fera do Motor Ball.

— Um humano pode amar uma ciborgue? — perguntou a jovem, em tom esperançoso.

— Por que você quer saber? — retrucou Ido, com um sorriso. — Essa ciborgue ama um humano?

Ela suspirou.

— Eu amo Hugo.

Isso não era exatamente novidade para Ido, dado o tempo que os dois passavam juntos. O jeito como falava do rapaz, o jeito como se comportava quando voltava das sessões de treinamento, para não falar das manhãs em que fingia ter se levantado cedo quando, na verdade, tinha acabado de entrar em casa — ele podia não ter experiência com uma filha crescida, mas não era idiota. Gerhad o havia aconselhado a manter distância, a dar espaço para Alita, a deixar que ela o procurasse se e quando quisesse conversar. Agora ali estava a jovem, confessando-se com ele. Só que o momento não podia ser mais inadequado.

— Isso é maravilhoso — disse Ido —, mas no momento você precisa se concentrar no Jogo. As coisas podem ficar violentas na pista, mesmo que se trate apenas de um treino. — Ido tirou um par de pés com rodas da bolsa que estava carregando e os colocou no lugar dos pés usados que ela estava se preparando para instalar. — Tome, use esses aqui.

O rosto de Alita se iluminou.

— Você fez esses pés para mim?

Ido acenou positivamente com a cabeça enquanto guardava os pés usados na outra bolsa.

— Eles não vão dar a você supervelocidade, é contra o regulamento, mas são muito mais confiáveis.

Ed tinha conseguido algumas peças bem aceitáveis, mas rodas emprestadas podiam ser problemáticas para qualquer um, especialmente para Alita, com seu corpo tecnologicamente avançado. Ido fizera o possível para torná-los compatíveis com a tecnologia das RUM. Não chegavam ao nível do corpo de Alita, mas não haveria nem um microssegundo de *lag* entre o disparo dos nervos da jovem e a ação das rodas. Ido tinha visto os vídeos feitos por Hugo das sessões de treinamento para adaptar o tamanho e a posição das rodas à postura de Alita e seu estilo de patinar. E eram duráveis — resistiriam pelo menos a uma sessão inteira de treino. Mais tarde ele

poderia construir um par ainda melhor.

Observando Alita instalar os pés, Ido teve uma vontade súbita de tomá-la nos braços e correr de volta para casa. Gerhad lhe lembrara mais de uma vez que Alita não era mais sua menina — só que ela *era*, que droga, e não fazia ideia de como a partida podia ser brutal. Ela *achava* que sabia, só porque tinha visto alguns jogos e vinha treinando há algumas semanas. Mas as imagens das câmeras dos paladinos que eram exibidas nos telões do estádio não revelavam como era realmente estar no meio da disputa.

— O que foi? — perguntou Alita, olhando para ele, curiosa.

— Nada — respondeu Ido, forçando um sorriso, como se não estivesse preocupado com a segurança da jovem. — Agora preste atenção: você vai lá, ganha a prova e volta diretamente para cá, para esse vestiário. E você vai usar *todo* o equipamento de proteção: as ombreiras, as joelheiras, as caneleiras... e isso aqui — acrescentou, colocando o capacete na cabeça de Alita e ajustando a correia.

O sorriso de Alita se transformou em uma careta quando ela olhou para o equipamento de proteção empilhado no chão.

— Eu preciso *mesmo* de tanta coisa? Assim vou ficar mais lenta.

— Precisa, sim — assegurou Ido. — Lembre-se de que você não pode correr o risco de danificar esse corpo. Ele foi fabricado pelas RUM; eu não tenho como consertar isso.

Alita começou a colocar o equipamento de proteção imediatamente e Ido a ajudou enquanto se parabenizava por enfim ter dito a coisa certa. Ela nem mesmo se importou com a verificação que ele fez duas ou três vezes para ter certeza de que não havia nada frouxo. Ido levou mais alguns minutos para testar as rodas dos pés. Eram rodas de primeira; no passado, teria orgulho delas; agora, lamentava não ter algo melhor para oferecer a sua garotinha. Sua garotinha, a fera do Motor Ball.

Assim que acabaram de verificar tudo, Alita o surpreendeu pedindo que se retirasse.

— Preciso ficar um tempo sozinha — explicou Alita, a voz muito suave.

— Você sabe, para pensar no que eu vou fazer, para me concentrar.

Ido recuou e olhou para ela de cima a baixo, sua garotinha, um espírito guerreiro em um corpo de guerreira. Mesmo usando equipamentos de proteção emprestados, tinha um porte desafiador.

— Boa sorte, querida.

— Obrigada — respondeu Alita, distraidamente.

Ela havia encontrado uma caneta hidrográfica na bolsa e estava ocupada demais escrevendo 99 nas duas ombreiras para se despedir do médico.

Alita se deixou cair no banco, aliviada, quando a porta se fechou depois que Ido saiu. Não que ele a estivesse deixando nervosa, embora aquela história de verificar tudo mais de uma vez lhe parecesse um pouco de exagero. Queria que ele tivesse tempo de chegar à arquibancada para vê-la entrar na pista. Então perceberia que ela estava preparada e não precisava se preocupar.

Ela se concedeu alguns segundos de paz antes de patinar do vestiário para o saguão, onde quase colidiu com Ed, corpulento como sempre, mas que parecia ainda mais baixo porque ela estava usando pés com rodas. Ele não pareceu impressionado, talvez porque ela ainda não estivesse com sua expressão de combate, pensou.

— Você viu Hugo? — perguntou Alita.

— Eu vi todo mundo — respondeu Ed. — A pista é por aqui — avisou, entrando no corredor sem olhar para trás para ver se a jovem o estava acompanhando. — A não ser que você tenha mudado de ideia e prefira ir tomar um sorvete.

Ela mostraria o sorvete para ele, pensou Alita enquanto patinava atrás de Ed. Ela mostraria para todo mundo.

CAPÍTULO 20

Hugo os ouviu antes mesmo de dobrar a esquina e entrar no beco.

— Parem, por favor! — implorou o ciborgue a Tanji e Dif. Ele estava no chão, preso em uma rede. — Eu não fiz nada com vocês. Eu só quero ir para casa a tempo de ver os melhores momentos do jogo!

Era mais ou menos o que todos os ciborgues diziam quando eram assaltados. No passado, isso não significava nada para Hugo, era apenas um barulho que os ciborgues azarados faziam enquanto ele e a turma ganhavam a vida.

— Ei, são só *negócios* — dizia Tanji, exasperado, enquanto removia o atuador da nuca do ciborgue. Ele saiu com um estalo violento que deixou o estômago de Hugo embrulhado, embora ele próprio tivesse feito o mesmo inúmeras vezes. — Não é nada pessoal, *pode acreditar*.

Hugo derrapou com a giro até parar e a encostou apressadamente em um muro. Ele mal ouviu o barulho do veículo tombando enquanto corria até Tanji.

— Tanji, *para!* — gritou, puxando-o para longe do ciborgue.

Embora o rosto de Tanji estivesse totalmente coberto pelos óculos e pela bandana, sua perplexidade ficou evidente. Ele deixou cair no chão o atuador, aproximou-se de novo do ciborgue e deu uma pancada na cabeça dele com o pé de cabra, desacordando-o. Dif parecia paralisado, segurando um feixe de fios, material barato que provavelmente teria que jogar fora.

— Você disse meu *nome*, seu idiota! — exclamou Tanji, furioso. — O que tem de errado com você?!

— Não tem nada de errado *comigo* — replicou Hugo. — Eu não vou fazer mais esse tipo de coisa. *Não vou*.

Tanji deu um empurrão nele.

— Por que não? — Ele deu outro empurrão em Hugo, fazendo-o perder o equilíbrio e quase tropeçar na giro caída. — Você desaparece por semanas e depois aparece para atrapalhar? É tudo coisa da sua enferrujadinha, não é?

Hugo o segurou pela gola do casaco, girou com ele e o imprensou contra a parede.

— Acabou para mim, sacou? *Eu estou fora*, finito, obrigado e boa noite! E se você tivesse juízo faria a mesma coisa!

Tanji se desvencilhou de Hugo, levantou os óculos e baixou a bandana.

— Você devia ter roubado o corpo daquela piranha. Hoje você estaria a caminho de Zalem!

Quando Tanji fez menção de se encaminhar para o ciborgue, ainda inconsciente, Hugo deu um soco nele.

Tanji ficou mais surpreso que machucado. Ele atingiu o muro e voltou, em posição de luta. Hugo sabia que Tanji tinha a vantagem da experiência; ele já se envolvera em muitas brigas e ganhara a maioria. Por outro lado, Hugo sempre tentava recorrer ao diálogo, e, quando isso não funcionava, fugia correndo. No momento, porém, não estava com vontade de conversar *nem* de correr; tudo o que queria era dar uma surra em Tanji, e percebeu que o desejo era recíproco.

Tanji deu uma gravata em Hugo, que tentava morder o braço dele, quando os dois ouviram uma sonora gargalhada. Não era Dif, que continuava parado, segurando os fios inúteis. Hugo e Tanji se separaram e viram um rosto familiar sorrindo para eles.

— Bravo! — exclamou Zapan, batendo palmas enquanto olhava para o ciborgue caído no chão. — Um belo trabalho! *Muito* profissional!

Com a respiração pesada, Tanji limpou o sangue da boca com a manga do casaco e disse para o recém-chegado:

— Olha, a gente não quer arrumar problema com você. — Ele apontou para o ciborgue. — Se a cabeça dele está a prêmio, mil desculpas. Ele é todo seu.

Zapan o ignorou.

— Sério, Hugo? Assaltando ciborgues? Acho que sua namoradinha pode levar isso para o lado pessoal, não acha?

Hugo respirou fundo. Não queria imaginar a expressão de Alita caso ela estivesse ali. Sua vida inteira tinha sido um vazio até conhecê-la. Ele havia jurado que jamais seria como o pai, um drone em uma linha de montagem da

Fábrica, mas havia vários tipos de linhas de montagem, e nem todas ficavam na Fábrica. Ele se convencera de que o que fazia era uma forma de ganhar dinheiro e se mudar para Zalem, mas assaltar ciborgues tinha sido, na verdade, outro tipo de linha de montagem, e ele fora outro tipo de drone dedicado. Não havia substituído partes do corpo, mas da alma, que vinha trocando por módulos vazios chamados *Zalem*. Tudo isso lhe ocorreu como um único pensamento, totalmente formado, antes que Zapan voltasse a abrir a boca.

— Você sabe como são as garotas — disse o caçador em um tom exagerado, indiferente. — Primeiro, ela vai chorar e dizer ah-Hugo-como-você-pôde-fazer-isso. Mas no fim vai te perdoar... — a Lâmina Damasco reluzia enquanto ele a desembainhava — ... quando eu mostrar sua cabeça!

— Minha cabeça não está a prêmio — retrucou Hugo, sem desviar os olhos da espada.

— Não se preocupe, ela vai estar. — O rosto retocado de Zapan tornava seu sorriso ainda mais desagradável. — A recompensa por assassinos é bem razoável, mesmo no caso de ratos de esgoto como você.

— Eu nunca matei ninguém! — protestou Hugo.

A Lâmina Damasco descreveu uma curva no ar, primeiro descendo e depois subindo. No chão, a cabeça do ciborgue rolou para longe do corpo, deixando uma trilha que era uma mistura de sangue humano e cybersangue.

— Você acabou de matar — informou Zapan.

Logo depois, Hugo se viu imprensado no muro, com a Lâmina Damasco embaixo do queixo e o rosto de Zapan a centímetros do seu. Assim de perto, ele conseguia ver o estrago que Alita tinha feito no seu nariz. Ele *jamais* voltaria a ser o mesmo.

— Ela acha que pode *me* passar a perna e se dar bem? — vociferou o caçador, cravando os dedos de metal no ombro de Hugo.

Meu Deus, tudo isso é por causa de Alita!, pensou o rapaz quando os dedos do ciborgue rasgaram o tecido e penetraram na carne. O sangue jorrou, empapando o casaco, e ele não conseguiu evitar um grito de dor, mas logo em seguida Zapan o largou e deu um passo para o lado.

— Corre, Hugo! — gritou Tanji, levantando outra vez o pé de cabra, mas Zapan foi mais rápido e o arremessou contra o muro com um chute.

A Lâmina Damasco reluziu novamente e houve dois baques distintos quando Tanji caiu no chão.

Hugo ainda tinha um coquetel molotov no cinto; ele acendeu o estopim

com o polegar e o jogou em Zapan. O guerreiro-caçador tentou se esquivar, mas a pontaria de Hugo, mesmo com o ombro ferido, tinha sido certa. Zapan deu um grito e começou a praguejar quando todo o seu corpo foi envolto pelas chamas. Ele arrancou as roupas, e Hugo se perguntou brevemente se todos os ciborgues da Cidade do Ferro eram tão ignorantes a ponto de não saber que a melhor forma de se defender do fogo era se deitar e rolar no chão. Hugo saiu correndo do beco e ganhou a rua.

Lágrimas rolavam pelo seu rosto enquanto corria, e ele as afastou com a mão, dizendo a si mesmo que mais tarde poderia chorar por Tanji, quando Ido recebesse a recompensa pela cabeça de Zapan. Mas não naquele momento, não enquanto os gritos e xingamentos de Zapan ecoavam na sua cabeça.

Olhou para trás e descobriu que a voz de Zapan não estava na sua cabeça — o filho da mãe estava atrás dele, embora ainda estivesse pegando fogo! As pessoas se apressavam a abrir caminho para aquele louco que empunhava uma espada com o braço em chamas. Zapan estava na verdade se *aproximando* dele.

Hugo saiu da calçada e foi para o meio da rua, esquivando-se dos veículos. Ele quase perdeu a cabeça para o espelho retrovisor de um caminhão que passava no sentido oposto, pouco antes de o motorista de um carro arremessar nele um copo com algo gelado, marrom e viscoso. Ele era xingado por todo mundo, mas ainda conseguia ouvir Zapan no seu encalço.

Começou a sentir um aperto no peito e estava vagamente consciente de uma dor no ombro. Se conseguisse chegar ao trevo com a estrada velha, teria mais chance de despistar o caçador. Faltavam apenas alguns quarteirões. Ele duvidava que Zapan estivesse familiarizado com a região escura embaixo dos restos de viadutos em ruínas que não levavam mais a lugar nenhum.

Hugo começou a correr em zigue-zague em direção ao lado oposto da rua, enfurecendo mais motoristas até chegar à calçada e despertar a ira de pedestres e dos frequentadores da área externa de um café. Eles estavam todos assistindo a uma partida no estádio em uma grande tela, o que o fez pensar que Alita iria matá-lo.

Isso se Zapan não o matasse primeiro. O caçador o estava perseguindo do outro lado da rua, gritando imprecisões intercaladas com descrições do que faria com a cabeça de Hugo. Céus, será que ele *nunca* parava de falar?

Hugo chegou ao trevo rodoviário; tudo o que tinha que fazer era encontrar o lugar certo para saltar. Zapan estava atravessando a rua e ele não tinha

muito tempo para decidir. Hugo correu mais meio quarteirão e torceu para se lembrar corretamente do que o aguardava lá embaixo quando pulou por cima da mureta.

A queda foi mais longa do que esperava, mas a pilha de lixo estava ainda maior que da última vez. A aterrissagem o deixou abalado, mas sem ossos quebrados ou membros torcidos. Ele rolou pela encosta em direção a uma rua sem saída que servia de abrigo para os sem-teto nos dias de chuva.

Quando Hugo se levantou, alguns catadores de lixo, que separavam o material recolhido ao longo do dia, olharam para ele, mas apenas por um breve momento e sem o menor interesse. Aquelas pessoas já tinham problemas suficientes com que se preocupar e não precisavam arrumar nenhum novo, especialmente do tipo que estava atrás de Hugo.

Gerhad havia encontrado um lugar para eles com uma boa vista tanto da pista quanto do corredor dos boxes. Isso mostrava mais uma vez a excelente amiga que ela era, pensou Ido enquanto se sentava ao seu lado.

O estádio ainda estava esvaziando. A maior parte dos espectadores não ficava depois do jogo para assistir aos testes. Em geral, restavam apenas parentes e amigos dos candidatos e alguns agentes da equipe da Fábrica, uns poucos treinadores e olheiros à procura de alguém com potencial e um pequeno grupo de torcedores fanáticos que achava que era seu dever sagrado vaia os principiantes em uma tentativa de quebrar seu ânimo e destruir seus sonhos.

Ido estava mais preocupado com as pessoas que estariam na pista tentando quebrar e destruir coisas mais substanciais. Ele olhou ao redor, escutando o ruído dos motores e o som mais agudo, estridente, de turbinas baratas. Para algumas pessoas, tanto jogadores quanto fãs, os motores eram o que havia de melhor no Motor Ball. Ele se lembrava de ter construído um acessório de efeitos sonoros para...

De repente, sentiu a mão de Gerhad no seu joelho, apertando com força até sua perna parar de tremer.

— Obrigado — disse Ido. — Você sabe que eu não venho aqui desde...

Ele não conseguiu terminar a frase.

— Eu sei — disse Gerhad, em tom compassivo. Ela examinou por um momento o rosto do médico. — Você vai ficar bem essa noite?

Ido pretendia responder que sim, claro que ele ficaria bem, mas em vez disso ouviu-se dizer:

— Eu *odeio* esse jogo. — Pausa. — Quase tanto quanto eu adoro.

Gerhad deu um tapinha no braço dele.

— Você acha que nossa menina tem chance?

Ido deu um suspiro triste.

— Temo que sim.

— A próxima atração da noite! — anunciou o narrador pelos alto-falantes, fazendo Ido se sobressaltar. — Testes para a Segunda Liga! *Tudo* pode acontecer! Podemos testemunhar o nascimento do *próximo campeão*! Equipe de treinamento da Fábrica, por favor, dirija-se à linha de largada para mostrar do que é capaz!

Ido franziu a testa ao ver, de longe, os jogadores entrarem na pista. O telão em frente a ele e Gerhad mostrava apenas nuvens de poeira e fumaça, takes artísticos de rodas girando que pareciam filmagens antigas introduzidas apenas para o vídeo ficar mais bonito e algumas imagens de armaduras surradas, distorcidas pelo calor.

Era uma edição de vídeo excessiva para um simples teste, pensou Ido, enquanto ajustava os óculos para ver mais longe. Os jogadores ainda estavam produzindo muita fumaça e poeira, mas agora ele conseguia ver as armaduras em péssimo estado e os rostos em uma situação ainda pior, o que confirmou suas suspeitas.

— Essa não é a equipe da Fábrica! — exclamou Ido, irritado.

— O quê? — disse Gerhad, tirando um pequeno binóculo do bolso do casaco.

— Veja você mesma. Sabe aqueles dois sujeitos na extremidade direita, de vermelho e azul? Existe uma recompensa pela cabeça deles.

— Que droga!

— E os outros... Eles já foram jogadores, mas agora são caçadores de recompensa ou coisa pior. Eles não passam de um bando de marginais!

— E por que eles estão na linha de largada?! — questionou Gerhad, preocupada.

— Porque esse teste foi armado! — respondeu Ido, antes de pular a cerca e correr para os boxes.

— E aí vêm os candidatos! — anunciou o apresentador, como se mal pudesse conter a emoção. — Ah, um momento. Parece que só temos um candidato essa noite. Acho que o restante foi tomar sorvete. Sendo assim, uma salva de palmas para *Alita*!

Os pessimistas do estádio lhe deram a saudação que reservavam para os

principiantes — ou seja, polegares para baixo e um coro de vaias, intercaladas com gritos de “Volta pra casa, sua trouxa!” e “Vê se morre!”.

Ido percebeu que era tarde demais. Alita já estava na rampa de entrada. Seu rosto surgiu no telão; ela parecia forte, concentrada, determinada. Passou pela mente de Ido que ele não apostaria contra ela, mesmo usando uma armadura emprestada. Ele abriu caminho entre os mecânicos que se aglomeravam no corredor dos boxes, na esperança de conseguir falar com Alita antes que a prova começasse. Viu que ela estava olhando para as arquibancadas. Procurando Hugo, é claro. A propósito: onde ele estava?! Essa *não era* uma noite para brincar de Namorado Desaparecido. Se Hugo não aparecesse, Ido o mataria duas vezes antes de Alita ter a chance de colocar as mãos nele.

— Como temos apenas um candidato — explicou o narrador — não haverá *equipes*! Repito: *um* candidato, *nenhuma* equipe! Não há regras! Dez voltas. Todos os concorrentes, coloquem-se a postos na linha de largada.

Ido subiu na grade do corredor dos boxes.

— Alita! — gritou, acenando freneticamente para ela. — Alita, espere!

* * *

Vector desfrutava o uísque da reserva especial para Zalem enquanto assistia ao jogo da vista elevada em seu camarote envidraçado. Parte da parede dos fundos era uma enorme tela que exibia as cenas captadas pelas câmeras que Chiren controlava remotamente. Ela alternou as câmeras até encontrar o que procurava. Manteve a imagem em Alita enquanto ela patinava na pista. Vector precisava admitir que a piranha era intimidadora.

— Hugo trouxe a garota direto para nós — comentou ele, momentaneamente satisfeito com o estado do mundo e antecipando seu progresso iminente.

— E o que você prometeu a ele? — perguntou Chiren.

Vector tomou outro gole, saboreando a bebida.

— Mandá-lo para Zalem, é claro — respondeu, rindo, porque era de fato engraçado. Não, era mais que engraçado, era hilário. Estranhamente, porém, estava rindo sozinho. Voltou-se para Chiren e notou que ela o encarava com sua marca registrada, o Raio da Morte da Rainha Gelada.

— Quem você vai mandar para Zalem sou *eu* — declarou ela.

— Sim, sim, claro que vou — disse ele, despreocupadamente, torcendo para que ela calasse a boca e bebesse um pouco de uísque. Uísque sempre a

deixava com vontade de se deitar na escrivaninha ou em qualquer outro lugar que ele escolhesse.

Olhando para a tela, viu que Chiren agora estava focalizando a última pessoa do mundo que ele queria ver. Ido parecia estar histérico a respeito de alguma coisa, gritando e acenando para alguém que claramente também não queria olhar para ele.

Vector tornou a encher o copo. Ele estava tão cansado das bobagens de Chiren que não se deu ao trabalho de pedir a ela que tirasse a câmera do seu patético ex-marido e voltasse para Alita.

Ela logo iria cair na real, pensou Vector; Chiren tinha tanto a perder quanto ele.

* * *

Ido ficou olhando, impotente, enquanto Alita patinava para a linha de largada. Ele tentou chamá-la, mas não conseguia ouvir nem a própria voz por causa do barulho das turbinas e dos motores.

Eles devem ter chamado os caras mais durões da equipe de treinamento, pensou Alita, enquanto se espremia entre dois ciborgues corpulentos no meio da linha de largada. Sorriu timidamente para eles; eles responderam com cara feia. Ou talvez esse fosse o modo como os caras realmente durões sorriam. Ela deu uma risadinha forçada.

— Ei, rapazes, nada de violência, certo?

— Ah, é claro, menina — disse o sujeito da esquerda. — Você vai receber um tratamento especial.

Na identificação dele estava escrito “Antioch”, e Alita se perguntou por que nunca tinha ouvido esse nome. Nem o vira na pista. Na verdade, não se lembrava de ter visto nenhum daqueles caras nas provas às quais assistira. Os dois sujeitos de vermelho e azul, na ponta direita, eram familiares, mas ela não se lembrava de onde os tinha visto. Talvez a equipe de treinamento não participasse de muitas competições...

Quando posicionou a roda da esquerda na linha de largada, o telefone interno do capacete tocou. Se fosse Hugo dizendo que não podia comparecer, ela o mataria.

— Quem é? — vociferou Alita.

— Saia daí! — gritou Ido no seu ouvido. — É uma armadilha!

— Aos seus lugares! — disse o narrador, em tom dramático. — Dez

segundos para a largada!

— Querem *matar* você! — alertou Ido.

Alita olhou de um lado para o outro.

— Quem?

— *Todos eles!* — berrou Ido.

Um dos concorrentes à direita de Alita ligou um dispositivo na extremidade do braço: no lugar da mão, uma estrutura circular com diversas lâminas na extremidade. O nome na sua identificação era “Picada”.

— Bom saber — disse Alita, antes de desligar.

Havia uma enorme estrutura na frente da linha de largada com uma fila de lâmpadas dispostas na vertical. Elas começaram a piscar, uma de cada vez, começando pela de cima, vermelha, e passando para a de baixo, amarela.

Quando a última lâmpada piscou verde, Alita sentiu seu coração bater mais forte de empolgação quando avançou.

CAPÍTULO 21

Durante as semanas que havia passado treinando com Hugo, Alita aprendera muito a respeito do seu corpo Berserker. Ela precisava se acostumar com sua adaptabilidade. Conhecendo bem o próprio corpo, estaria mais preparada para lidar com situações inesperadas, o que, de acordo com Hugo, era o cerne do Motor Ball.

Foi por isso que instalaram motores na bola, explicou Hugo; vários pequenos motores atuavam sobre o centro de gravidade da bola para tornar sua trajetória imprevisível. Mesmo que alguns motores enguiçassem, os movimentos dela não seriam fáceis de prever. Muitos paladinos principiantes aprenderam isso da forma mais difícil, ao estarem prestes a pegar a bola e a trajetória dela mudar, indo na direção deles com muita força, quebrando o capacete, deixando-os inconscientes ou as duas coisas.

No caso dos jogadores, porém, a situação era diferente. As pessoas eram cheias de surpresas, mas mesmo assim, ao contrário de uma Motor Ball se movendo ao acaso, era possível conhecer seus adversários. Quando se estava participando de um jogo sem equipes, era preciso partir do princípio de que se era um alvo de todos, porque isso de fato era verdade. Era impossível ver ao mesmo tempo onde todos estavam, a menos que estivessem indo na sua direção em um grupo compacto, caso em que só lhe restava dar o fora o mais rápido possível. Isso, porém, era muito improvável. Os jogadores em geral estavam espalhados por toda a pista, e era necessário aprender a localizá-los sem vê-los.

Você precisa aprender a escutar, recomendara Hugo. Quando você está na pista, pode parecer que está ouvindo apenas um monte de ruídos aleatórios, mas isso não é verdade. Cada motor ou turbina tem um som

diferente por causa do modo como o jogador se move e do modelo dos equipamentos que ele está usando. Alguns jogadores aceleram e freiam bruscamente. O desgaste que isso causa nos motores faz com que eles tenham um som diferente, por exemplo, dos motores de Jashugan, porque ele usa coisas como a compensação das curvas para reduzir a velocidade em vez de recorrer aos freios o tempo todo.

Em seguida, Hugo falou dos hábitos. Todo mundo tem, e muitos não se dão conta disso. Bastam duas voltas na pista para descobrir muita coisa a respeito dos jogadores, mesmo que nunca tenha visto nenhum deles antes. Além dos que freiam bruscamente, existem aqueles que sempre cruzam sua frente após uma curva compensada. Também existem os dribladores, caras que seguem você e fingem que vão ultrapassar pela direita, depois pela esquerda, depois pela direita e assim por diante. Fuja deles. Vão deixar você maluca.

Hugo tinha ensinado várias manobras básicas para Alita. Havia muitas variáveis, muitas estratégias possíveis. Se você quer vencer na pista, disse Hugo, é preciso primeiro vencer na sua mente.

Alita ficara admirada com o conhecimento e a sabedoria de Hugo. Ele tinha dito que eram apenas coisas que absorvera convivendo com as equipes e procurando peças, mas depois do teste Alita iria sugerir que ele seguisse a carreira de treinador profissional. Hugo provavelmente recusaria, mas ela pretendia convencê-lo, mesmo que para isso fosse preciso abrir sua cabeça e enfiar à força tudo o que queria.

No momento, porém, Alita tinha certeza de que nenhum dos brutamontes cobertos de cicatrizes que estavam com ela na pista aquela noite sabia muito a respeito de estratégias ou vencer competições na mente. Cacete, eles não estavam nem ao menos jogando o mesmo jogo que ela. Alita estava ali para jogar Motor Ball; eles estavam a fim de jogar Mataball. E a bola era ela.

Outra coisa que Hugo dissera lhe ocorreu quando faltava meio segundo para a largada: *Não importa o que você faça, seja mais rápida que os outros.*

Então a última lâmpada ficou verde, e ela foi mais rápida.

O menor tempo de reação era uma das vantagens do corpo Berserker; era também o que dava a Alita uma chance de sobreviver à partida daquela noite.

O som das lâminas de Picada ficou ligeiramente mais alto quando ele tentou acertar o braço na cabeça de Alita. Ao mesmo tempo, ela ouviu um grunhido de Antioch quando ele avançou na sua direção. Um som humano,

mesmo um grunhido, era bem diferente dos sons produzidos pelas máquinas, e sua audição podia distingui-lo na cacofonia que a cercava e também detectar o aumento quase insignificante de frequência que mostrava que ele estava se aproximando.

O tempo de reação do corpo Berserker a havia colocado três metros à frente dos demais logo após a largada. Ela só precisou olhar de relance para trás para saber a posição de cada jogador; depois disso, tinha apenas que escutar para saber quando estavam se movendo. Ela sabia, por exemplo, que aquele que, de acordo com a etiqueta, se chamava “Gângster” — cujas pernas haviam sido substituídas por uma roda grande e tinha rodas menores ao longo dos antebraços — não conseguiria pegá-la de surpresa, porque ele emitia um barulho muito parecido com o da giro de Hugo (o que a fez lembrar que iria matar Hugo).

Havia também Parafuso, aquela de quatro braços. Se ter quatro braços fosse uma vantagem, ela não seria uma campeã em vez de trabalhar na equipe de treinamento? Sua arma era uma corrente de aspecto assustador com várias lâminas na extremidade, mas Alita podia imaginá-la com os quatro braços embolados na corrente.

Outro adversário, chamado Explosivo, tinha dois braços direitos e o que parecia um pequeno canhão no ombro esquerdo. Ele tinha rodas em vez de pernas, mas elas pareciam mais apropriadas para um carrinho de bebê ou um triciclo. Mesmo Picada, com as lâminas ameaçadoras no braço, tinha pés estranhos, ovais — eram esteiras que se moviam em torno de pares de rodas. Talvez o braço aterrorizante compensasse os pés ridículos, que ameaçavam enguiçar a qualquer momento.

Isso sem falar dos dois caras da ponta direita, parecidos em tudo, a não ser pelo fato de que um estava de azul e o outro de vermelho — o equipamento emprestado de Alita estava em melhores condições que os deles. No conjunto, o grupo parecia o estouro em câmera lenta de uma manada de animais mutantes.

Exceto que eles não eram animais e não estavam em câmera lenta. Seu corpo Berserker estava bombeando nutrientes para o cérebro que aceleravam os processos mentais, mas isso não duraria muito tempo. Alita precisava se lembrar de que tudo estava acontecendo bem rápido e de que tinha que ser ainda mais veloz.

Quando ela quebrou a barreira dos duzentos — quando sua velocidade passou de duzentos quilômetros por hora —, o morteiro foi disparado,

colocando a Motor Ball na pista. Alita ouviu a bola passar zunindo sobre sua cabeça, atingir a pista alguns metros à sua frente, quicar uma vez e viajar mais cinco metros, oscilando de um lado para o outro, como se estivesse desafiando os jogadores a pegá-la.

Alita não precisou olhar de novo para trás para saber que os outros corredores estavam se aproximando. Picada estava na liderança, agitando as lâminas. Era hora de mostrar seu valor, pensou ela, aumentando a velocidade sem perder de vista a Motor Ball, observando o modo como quicava. Quando chegou a três metros de distância, arriscou se jogar para a esquerda. Foi um bom palpite. A bola foi direto para suas mãos, como se ela a tivesse chamado. Entretanto, no momento em que segurou a bola, Picada se aproximou perigosamente.

— E a nova jogadora, Alita, está com a bola logo depois da largada! — exclamou o apresentador, à beira da histeria.

Alita sorriu. Se o apresentador achava que aquilo era empolgante, ele iria chorar de emoção quando visse o que ela pretendia fazer. Ainda no ar, Alita girou o corpo em torno da bola e em seguida, pouco antes de tocar o chão, arremessou-a com toda a força no rosto grosseiro de Picada.

Picada foi jogado para trás, em cima do bando de assassinos. Quatro caíram imediatamente, entre eles o da roda grande — Gângster — e o cara com porcas e parafusos saindo da cabeça, chamado Maça. Quem devia se chamar Parafuso era *ele*, pensou Alita, patinando de costas para observar o estrago que havia causado.

A verdadeira Parafuso tinha conseguido escapar do engavetamento, depois de quase tropeçar no braço solto de alguém, que atravessou a pista. O sujeito de vermelho não teve a mesma sorte. Ele conseguiu pular o braço, mas perdeu o equilíbrio e fez uma estrela involuntária. Apesar do fato de obviamente não ser um acrobata, poderia ter se recuperado se seu tubo de combustível não tivesse se rompido. As centelhas produzidas pelo choque com a pista inflamaram seu corpo, transformando-o em uma roda de santa Catarina de napalm. A plateia vibrou.

E agora era de fato uma plateia, observou Alita. O público não parava de aumentar. Parecia que havia circulado a notícia de que o teste daquela noite seria um massacre. Talvez fosse verdade, pensou Alita, com um sorriso que deixaria Ido assustado.

Ela voltou a atenção para a pista e tudo ficou mais lento de novo enquanto os assassinos em potencial se desvencilhavam uns dos outros, levantavam-se

e saíam ao seu encalço. Dois deles, Maça e outro chamado Kumaza, estavam na frente, seguidos de perto por Explosivo.

Maça brandia uma maça acima da cabeça. A superfície da enorme bola de metal na ponta da corrente era repleta de lâminas planas e circulares, além dos tradicionais espinhos. A arma devia pesar tanto quanto a própria motorball, e Maça não parecia ter a menor dificuldade em fazê-la girar enquanto patinava a duzentos quilômetros por hora. Ele podia não ter sido muito criativo na hora de escolher o nome de guerra, mas seu equilíbrio era quase tão bom quanto o de Alita. Quase.

Explosivo estava chegando pelo outro lado. Mais um adversário de nome pouco criativo e bom equilíbrio. Vista daquele ângulo, sua arma parecia mais uma turbina de jato que um canhão. De qualquer forma, ele estava carregando no ombro uma arma perigosa. Pelo modo como ele e Maça se posicionaram, parecia que queriam fazer um sanduíche de Alita.

Sinto muito, rapazes, mas isso não está no cardápio.

O tempo voltou ao normal. Alita percebeu a leve mudança de posição do braço de Maça, o que significava que ele atacaria. Ela se abaixou no momento em que Explosivo disparou uma bola de fogo em sua direção, ou, melhor, em direção a onde estivera. Maça se esquivou da bola de fogo, mas sua maça atingiu a cabeça de Kumaza e os dois caíram, levando Explosivo com eles. Os três escorregaram atravessando a pista ao chegarem à primeira curva.

Ainda segurando a Motor Ball, Alita saltou para a cerca de proteção da curva, de onde teria uma visão melhor da pista e do público, que havia aumentado para centenas de pessoas e continuava crescendo. Ninguém mais estava vaiando, embora soubesse que a maior parte dos aplausos não era para ela e sim para as colisões espetaculares. Mas podia conviver com isso.

Alita saltou da cerca externa e baixou de tal forma que a Motor Ball raspou na pista, produzindo uma chuva de centelhas. Os motores da bola a fizeram girar nas suas mãos, como se estivesse tentando escapar. Conseguiu sentir quase com a mesma clareza a raiva e o desespero dos assassinos que a perseguiam. Será que eles tinham prometido a Vector que a matariam na linha de largada? Quanto ele havia oferecido a eles? Cem mil créditos? Quinhentos mil? Um milhão?

Hugo precisava de um milhão para chegar a Zalem. Será que Vector ofereceria a mesma quantia pela sua vida? Pouco provável. Alita tinha a sensação de que Vector, como a maioria das pessoas ricas, era sovina. Devia

ser por isso que recorrera àquele triste grupo de marginais para matá-la, porque sabia que aceitariam qualquer oferta. Mas tudo bem. Mesmo que tivesse oferecido dez milhões, não teria feito diferença. Vector podia comprá-los, mas não podia comprá-la.

Alita ouviu Parafuso se aproximar, resfolegando. Alita reduziu ligeiramente a velocidade, ficando a quase um braço de distância dela, e depois saltou e desferiu um chute circular que a arremessou em cima de Gângster, que a empurrou na direção de Explosivo. Alita aproveitou para golpear Gângster no peito com a palma da mão, fazendo-o cair de costas, com a grande roda girando inutilmente no ar e o motor emitindo um rangido estridente que indicava sérios problemas mecânicos.

De repente, Picada emparelhou com ela pela esquerda. Sem dúvida imaginou que seu lado esquerdo fosse mais fraco — mal sabia que Berserkers não tinham pontos fracos. Alita ainda sorria quando deu um soco nas costelas de Picada antes que ele tivesse tempo de levantar o braço com lâminas. Ele derrapou para o lado e se chocou com Explosivo. *Vocês precisam olhar por onde andam*, pensou Alita, rindo, quando Parafuso fez uma manobra brusca para se desviar dos dois e esbarrou em Antioch. Alita continuou em frente, isolando-se na dianteira.

— Uma noite preguiçosa de terça-feira se revelou mais empolgante que a disputa do título, pessoal! — exclamou o apresentador, satisfeito por estar participando do que provavelmente seria o teste mais memorável da história. — Os fãs acabam de descobrir um novo ídolo, uma desconhecida com rosto de anjo e corpo feito para o combate!

Isso, me elogie à vontade, pensou Alita, sorrindo, enquanto o sujeito de azul emparelhava com ela. Ela saltou, executou um giro gracioso e jogou a bola na nuca do oponente. Cabeça e corpo se separaram, a cabeça voando para fora da pista e o corpo rolando por alguns metros até tombar. Talvez a cena viralizasse, pensou Alita.

— O objetivo do jogo era proteger a bola — dramatizou o apresentador —, mas nas mãos dela, *os outros* é que precisam se proteger!

Alguém chutou a cabeça de volta para a pista, onde ela rolou até parar de lado, voltada para o bando de marginais que se aproximava.

— Ai, merda — murmurou a cabeça, antes de desaparecer no meio de rodas e pernas blindadas, para delírio da multidão.

Alita se virou para patinar de costas e viu que os assassinos estavam vindo em sua direção em fila indiana. Hugo disse que isso jamais aconteceria,

pensou; não conseguia acreditar que ele estava perdendo esse espetáculo.

Antioch tomou a frente e Alita ficou admirada ao perceber como a expressão do rosto e a postura corporal dele revelavam *todas* as suas intenções. Ele planejava investir contra ela em linha reta, fingir que ia desviar para a direita — a direita dele —, depois para a esquerda, e finalmente mergulhar para acertar suas pernas. Não era de admirar que nunca tivesse chegado a competir profissionalmente; quase sentiu pena de Antioch, mas fora ele quem havia lhe prometido um tratamento especial.

De repente, viu o corpo do ciborgue se dividir em dois, as partes jorrando cybersangue para todos os lados enquanto se separavam. Picada tomou seu lugar, as lâminas pingando o cybersangue de Antioch.

Uma arma de respeito, pensou Alita, mas o dono era burro feito uma porta. Ele parecia ter se esquecido da última vez em que tentara tomar a bola dela. Mas que inferno, se ele queria tanto a Motor Ball, era melhor entregá-la.

Alita arremessou a bola na cintura do ciborgue. Ele caiu de costas, mas a maioria dos outros assassinos conseguiu se desviar e continuar a perseguição. Alita notou que eles sequer fizeram menção de pegar a bola. Aparentemente, ninguém mais estava preocupado em fingir que aquilo era apenas um jogo.

— Ei, vamos continuar assistindo, pessoal, e pode ser que aconteça um pouco de Motor Ball no meio dessa briga de rua — disse o narrador, com um riso nervoso.

Pobre homem, pensou Alita. Talvez ele enfim estivesse percebendo que aquilo não era um jogo. Ele provavelmente não estava preparado para narrar uma partida de Mataball.

A coisa está ficando complicada, minha amiga, e só tende a ficar pior, por isso tente não fraquejar.

De acordo com Hugo, o obstáculo à frente era chamado de “a armadilha” e podia ser muito traiçoeiro. Consistia em um tubo transparente cheio de problemas aleatórios — era assim que ele os chamava, problemas — que variavam de jogo para jogo. Às vezes chegavam a mudar durante um mesmo jogo.

O tubo em si era o maior problema, porque limitava o movimento dos jogadores. Ser capaz de pular muito alto não a ajudaria na armadilha, a menos que caísse em um poço realmente grande — e, se isso acontecesse, teria primeiro que encarar os espetos que a aguardavam no fundo. Mais importantes seriam o tempo de reação e a flexibilidade, tanto física quanto mental.

Jogadores com armas de grande porte teriam dificuldades na armadilha, a menos que pudessem retrai-las ou dobrá-las para facilitar os movimentos. Alita sorriu, pensando no Explosivo — o triciclo com um canhão no ombro —, em Gângster — com uma roda tamanho família — e no sujeito com braços de motosserra que não tinha feito nada até o momento a não ser se manter a uma distância prudente dos líderes e não se envolver em nenhuma confusão. Essa parte da prova prometia ser interessante.

Braços de Motosserra no momento a perseguia entre pilastras e buracos, mas tinha dificuldade para manter o equilíbrio no espaço apertado. Alita diminuiu a velocidade para que ele tentasse atingi-la; ela se esquivou e o braço do oponente acertou a pilastra ao lado, onde ficou preso, girou em falso algumas vezes e desligou. Enquanto tentava se libertar cortando o braço com a outra motosserra, levou um chute de Alita e caiu no chão. Ela atraiu outro adversário para um poço de piche e saltou por cima do buraco no último instante, quando era tarde demais para que ele fizesse o mesmo. Depois, fez com que um terceiro ficasse preso em uma rampa pela sua própria mão em forma de pistola de pregos.

Explosivo reapareceu, para deleite de Alita. Ela precisou de apenas cinco segundos para se colocar atrás dele, ajustar a alimentação de combustível para o máximo e detoná-lo. Esquivando-se dos destroços e de partes do corpo, ela deixou a onda de choque arremessá-la para a saída do tubo. Pouco antes de emergir, ouviu o som familiar de uma serra circular, o som de Picada destruindo os obstáculos, além de alguns jogadores. Bem, esse era um dos jeitos de abrir caminho.

O último obstáculo estava do lado de fora do tubo, na verdade: era uma enorme torre de metal, em forma de agulha, com um sulco profundo na superfície que obrigava os jogadores a descrever uma trajetória em espiral para chegar ao topo. Alita sabia que Picada tentaria segui-la de perto para fazer com ela o mesmo que fizera com Antioch. Ele queria que a morte dela fosse um espetáculo. Alita chegou ao alto da torre, deu um mortal triplo de costas e aterrissou na pista.

Picada tentou fazer o mesmo, mas movimentos acrobáticos não eram seu forte, além de não entender muito de física. A serra na ponta do braço tirou seu equilíbrio, e, em vez de voltar para a pista, ficou espetado na ponta da torre. Alita esperava que a cena viralizasse; ele jamais conseguiria repetir isso. Mesmo que *praticasse*.

Ela patinou de costas, lentamente, esperando para ver quem saía do tubo.

Maça, Kumaza e Braços de Motosserra apareceram, seguidos por Parafuso, que esbarrou neles porque tinham parado para ver Picada tentando sair da posição incômoda em que se encontrava. Depois, olharam de cara feia para Alita. Estavam tentando matá-la com o simples ódio no olhar?

— E aí? — perguntou Alita, que não pôde deixar de rir daquele bando triste. — Vocês vieram aqui para trabalhar ou para brincar? O que estão esperando?

Picada finalmente conseguiu se libertar da torre, escorregou para a pista e foi na direção de Alita com as lâminas girando, embora o motor soasse um pouco rouco e sobrecarregado. Ele não estava sangrando tanto quanto ela imaginava — seu corpo devia ter um selante. *Ele não sabia que o efeito do produto era temporário?*

O telefone de Alita tocou.

— Ali, sou eu! Eu estou com um problemão! — gritou Hugo.

Ele estava com um problemão?

— Não é uma boa hora, Hugo — resmungou ela, virando-se de costas para os perseguidores e acelerando.

— Ele está tentando me *matar*! — exclamou Hugo.

Imediatamente, nada mais importou para Alita.

— *Quem* está tentando matar você? — perguntou a jovem, correndo mais rápido, aumentando a distância entre ela e os assassinos.

— Zapan, o guerreiro-caçador! Ele matou Tanji!

O tom consternado de Hugo despertou na jovem um sentimento intenso de proteção e revolta. Tanji, apesar de mal-humorado, era parte da sua convivência com Hugo e a cabeça dele não estava a prêmio. Alita não havia esquecido o que Hugo tinha dito a respeito de Zapan quando ela o vira pela primeira vez: *Está procurando alguém. Eu não gostaria de ser essa pessoa.*

Se Zapan tinha conseguido matar Tanji, Hugo não teria a menor chance.

— Ah, merda, lá vem ele! — Houve o som de veículos e da respiração ofegante de Hugo.

Alita se virou para ver onde estavam os assassinos. Eles estavam de novo alinhados, com Picada um pouco à frente, do lado mais próximo do corredor dos boxes, para impedir que ela deixasse a pista. Não queriam que ela saísse dali viva, não importa o que custasse.

Que se danem, pensou. Estava cansada daquele jogo idiota.

— Onde você está? — perguntou a Hugo.

— Indo para a velha igreja — respondeu o rapaz, quase sem fôlego.

— Estou a caminho. Encontro você lá.

Alita fez uma volta completa em torno de si mesma, observando os perseguidores e depois o estádio, até encontrar o que procurava: uma área onde não houvesse assentos nem lojas, apenas um muro.

Muito bem, pessoal, o próximo movimento é o que eu chamo de “Levar a Luta para a Rua”. Alita manteve o olhar fixo no muro e aumentou a velocidade.

A princípio, as pessoas que estavam na rua pensaram que uma bomba havia destruído parte do estádio. Detritos foram lançados em todas as direções em um raio de meio quarteirão; um grande bloco de concreto e reboco atravessou o toldo de um café, assustando os fregueses, mas sem causar ferimentos graves. Outro grande pedaço caiu no meio de um cruzamento, bem na frente de um pequeno giro de carga, que precisou frear bruscamente, causando um engavetamento. Felizmente, nesse caso também ninguém se machucou gravemente. Mas as pessoas perto da área também viram uma jovem cair na rua com tamanho impacto que causou uma depressão no asfalto de uns vinte centímetros de profundidade. Vendo sua armadura e o número 99 no ombro, os passantes concluíram que era uma jogadora de Motor Ball pega na explosão, cujo cadáver tinha sido arremessado para fora do estádio.

Antes que alguém pudesse se aproximar, porém, a jovem se levantou e saiu patinando, como se ainda estivesse na pista de Motor Ball. Pouco depois, ciborgues também usando armaduras saíram pelo buraco no muro do estádio e foram atrás dela.

As testemunhas da cena inusitada tiveram diferentes reações. Algumas acharam que o Motor Ball tinha passado de todos os limites, enquanto outras aprovaram a novidade, alegando que o jogo vinha dando sinais de estagnação. Poucas, acreditando se tratar de uma alucinação, procuraram a clínica mais próxima em busca de atendimento médico.

Alita passou voando por uma esquina, entrou em um beco estreito, deu de frente com um pequeno caminhão preto e percebeu que havia cometido um erro. O beco dava para outra rua movimentada, e Alita tinha quase certeza de que iria cair numa emboscada. Embora o caminhão fosse pequeno, ocupava toda a largura do beco, de modo que ela não tinha como contorná-lo e voltar para a rua de onde viera. Então, a dez metros do fim do beco, viu que o edifício da esquerda tinha um pequeno recuo. Quando passou por ele, colou-

se à parede e prendeu a respiração; o caminhão passou a alguns centímetros do seu corpo e atropelou os assassinos no fim do beco, estragando a emboscada.

Dois deles foram atingidos pelo para-choque dianteiro, mas os outros dois saltaram no teto da cabine e patinaram até a traseira do caminhão. Alita já estava refazendo o caminho que tinha seguido na rua principal, procurando o desvio que havia perdido. Era apenas um espaço entre dois prédios, tão estreito que nenhum dos perseguidores conseguiria segui-la; ela teve que atravessar a passagem de lado.

Aguenta firme, Hugo, estou a caminho.

Hugo conhecia cada canto da Cidade do Ferro, cada esconderijo, cada lugar onde uma pessoa podia passar muito tempo sem ser incomodada. O problema era que isso também se aplicava a Zapan. Mas Hugo tinha um problema adicional: ele não podia correr indefinidamente a toda a velocidade. Os ciborgues, por outro lado, tinham uma resistência quase infinita; podiam passar dias correndo e só parariam se as pernas caíssem.

O pior de tudo, porém, era o instinto de caçador de Zapan. O homem era muito bom nisso, quase tão bom quanto os cães infernais de McTeague, com seu faro apurado, audição acurada, visão aguçada. Quando Hugo tentara passar para o nível superior, Zapan o localizara quase imediatamente. Por alguma razão, o guerreiro-caçador não havia descido para o nível inferior. Talvez não estivesse familiarizado com o terreno, ou — o que parecia mais provável — quisesse manter Hugo acuado. Não havia nada ali embaixo a não ser edifícios abandonados, os sem-teto e um estranho prédio da Fábrica quase sem janelas, guardado por centuriões. *Por quanto tempo Zapan vai continuar me seguindo?*

As palavras de Zapan vieram à sua mente: *Ela acha que pode me passar a perna e se dar bem?*

O caçador não ia descansar enquanto não matasse Alita, pensou Hugo. Do ponto de vista de Zapan, tudo começava e terminava com a humilhação que Alita lhe impusera. Nada mais importava.

Hugo continuou se deslocando pelas ruas do nível inferior, mantendo-se nas sombras sempre que possível. Ele pretendia encontrar um caminho para o nível superior e voltar ao lugar onde encontrara Tanji e Dif assaltando o ciborgue. Mas Zapan parecia estar um passo a sua frente; talvez o instinto de caçador lhe dissesse que Hugo pretendia voltar àquele local e ele já soubesse

o caminho que usaria. Ou talvez não precisasse nem pensar nisso — talvez tivesse capangas com óculos de visão noturna observando Hugo correr feito um inseto em uma garrafa.

Ele precisava sair dali.

Hugo se abrigou por um tempo na sombra de uma escada de pedra que levava ao nível superior. Ela dava em uma rua lateral, um lugar tão escondido pelos edifícios próximos que seria impossível encontrá-lo, a menos que se soubesse de antemão que ele estava ali. Muitos produtos vendidos no mercado negro subiam e desciam aquela escada. Zapan certamente sabia disso, mas com um pouco de sorte seus capangas tinham ido para casa dormir e ele ainda estava esperando que Hugo voltasse à cena do crime.

Ou não. Não fazia diferença. Hugo não aguentava mais esperar. A única chance que tinha de escapar de Zapan era se encontrar com Alita na igreja.

Ele respirou fundo duas vezes e subiu a escada. Quando chegou ao nível superior, agachou-se e ficou parado, prestando atenção para ver se ouvia xingamentos e ameaças de morte, mas tudo o que ouviu foi o barulho do trânsito e os passos apressados de pessoas a caminho de casa. Hugo endireitou o corpo devagar, fazendo uma careta quando os músculos da coxa reclamaram de tanta correria. Ele fez uma breve massagem na perna, como Tanji havia lhe ensinado quando ele tivera câibras em um jogo improvisado de Motor Ball.

A lembrança de Tanji o fez sentir um nó na garganta e ficar com os olhos marejados de lágrimas. Tinha que sair dali logo, caso contrário Zapan o encontraria pelo som do seu choro. A um quarteirão de distância à direita, a rua principal ainda estava relativamente movimentada, mas o trânsito começava a diminuir enquanto o fim de noite dava lugar ao começo da madrugada. À esquerda havia pouca coisa além de algumas lojas já fechadas e, mais adiante, outro centro de distribuição da Fábrica com um tubo de entrega no telhado. Os operários do turno da madrugada logo chegariam para separar os produtos a serem enviados a Zalem. Se queria se encontrar com Alita, precisava correr o risco de seguir pela rua principal.

Hugo começou a caminhar a passos rápidos, mantendo-se próximo dos edifícios até chegar à esquina, onde parou e olhou para os dois lados antes de pisar na calçada. Nada aconteceu. Ele colocou o capuz, enfiou as mãos nos bolsos e manteve a cabeça baixa para evitar qualquer contato visual com outros pedestres enquanto se dirigia para a igreja.

Conseguiu percorrer um quarteirão inteiro antes de ouvir a gargalhada de Zapan.

— Peguei você, seu criminoso! — gritou Zapan, parado do outro lado da rua. As pessoas ao redor dele se abaixaram e saíram correndo quando ele desembainhou a Lâmina Damasco e a brandiu no ar. — Eu vou cortar sua cabeça, assassino!

Com um sorriso maligno nos lábios e apontando para Hugo, Zapan estava prestes a sair da calçada quando o rapaz finalmente conseguiu um descanso. Ou, melhor, um para-choque.

Fazia anos que não pegava carona em um para-choque, mas não tinha tempo para pensar se ainda era capaz de fazer isso. O motorista do ônibus não percebeu que havia um passageiro pendurado no para-choque dianteiro; melhor ainda, ninguém o denunciou. Todos os cidadãos de bem àquela altura já deviam estar na cama.

Hugo esticou a cabeça para olhar para trás e, por um momento, teve medo de ver Zapan sorrindo para ele do para-choque traseiro. Mas dessa vez a sorte o ajudou; Zapan ainda estava na calçada, olhando ao redor com cara de puto da vida.

O telefone de Hugo tocou.

— Estou quase chegando — avisou ele. — Quase.

— OK — respondeu Alita.

Ela havia chegado ao mercado, que parecia outro lugar durante a madrugada. As pessoas não prestavam muita atenção ao que estava acontecendo em volta, por mais que fosse estranho ou desagradável, e pareciam ainda menos dispostas a ajudar alguém.

Alita escalou a construção até o topo, torcendo para que os perseguidores não tivessem a mesma habilidade. Para sua consternação, uns poucos seguiram seu exemplo sem nenhuma dificuldade, e gritaram instruções para os que ficaram na rua. Mas ela era ainda mais rápida ali em cima. Pular de telhado em telhado era, na verdade, mais fácil usando pés com rodas, porque podia pegar mais impulso. Alita continuou passando de edifício para edifício, cada vez mais depressa, até que parou de ouvir as vozes dos assassinos. Torcendo para que tivessem perdido seu rastro, ela usou peitoris e canos para voltar ao nível da rua...

... e se viu encurralada em um beco sem saída onde todos estavam a sua espera. Ela não os havia despistado; eles prepararam uma cilada. Havia mais

assassinos agora, vários que não tinham participado da prova, e pareciam estar divididos em dois grupos, um comandado por Antioch, que de alguma forma conseguira juntar suas duas metades, e outro comandado por Parafuso. Eles se aproximaram devagar, como se esperassem que ela suplicasse pela vida.

Achavam mesmo que ela faria isso?

Picada de repente saltou de algum lugar acima dela e ligou a serra circular.

Alita o atirou longe, pensando distraidamente que ele não era tão pesado quanto parecia. Quando ela se levantou, Parafuso lhe deu um tranco, jogando-a contra a parede. O restante da turma de Parafuso se juntou a ela, tentando derrubar Alita com socos e chutes.

Era como ser submetida a uma chuva de pedrinhas; Alita deu um chute na barriga de Parafuso que a fez atravessar todo o beco antes de aterrissar em uma caçamba cheia de lixo até a borda. Alita arremessou o restante do pessoal dela na mesma direção... *para fazer companhia a você, sua cretina.* Isso os desencorajou a continuar, assim como o grupo que estava com Antioch. O próprio Antioch parecia envergonhado ao fugir da luta, embora devesse ter noção de que não seria preciso muita coisa para suas metades voltarem a se separar.

De repente, Alita ouviu de novo o som da serra circular; um dos assassinos *ainda* não havia desistido de tentar matá-la. Ela deu um muxoxo, pegou Picada no ar quando ele tentou saltar de novo sobre ela, derrubou-o no chão, montou nele e arrancou sua cabeça.

— Eu *não*... — *Tum!* Ela bateu com a cabeça dele no chão — *tenho tempo...* — Outro *tum!* — *para isso!* — *Tum, tum, tum-tum!*

Se Picada não entendesse o recado agora, ele era idiota demais para viver, pensou Alita. Ela jogou a cabeça em uma lata de lixo e partiu para a igreja.

CAPÍTULO 22

Hugo saltou do para-choque quando o ônibus começou a fazer uma curva para a direita. Ele rolou no chão e ficou deitado de bruços, olhando para a rua vazia à frente. A igreja estava a apenas meio quarteirão de distância. Com sorte, Alita já estaria lá. Contaria a ela tudo o que havia acontecido e os dois, juntos, decidiriam o que fazer. Hugo olhou em torno e viu apenas sombras. Talvez ainda estivesse recebendo ajuda da sorte, pensou, ao se levantar e correr em direção à igreja.

Ou tentar correr. O caminho era irregular e as pernas lhe disseram que estavam fartas de tanta agitação. Os pulmões concordaram e o ombro se juntou ao coro para lembrá-lo de que iria sentir muita dor quando o nível de adrenalina no sangue baixasse. Hugo tentou se concentrar no que ele e Alita fariam para sair daquele aperto. Uma possibilidade era pedirem ajuda ao dr. Ido. Ele não ia gostar de saber como Hugo conseguia algumas das peças que vendia para a clínica, mas jamais acreditaria que ele era um assassino. Se havia alguém capaz de livrá-lo da falsa acusação de homicídio, esse alguém era Ido.

Antes de tudo, porém, queria encontrar Alita. Ela ainda não havia chegado — Hugo sabia disso porque estava quase na entrada da igreja e, se ela estivesse lá, teria ido ao seu encontro e...

De repente, ele se viu deitado de costas no chão, olhando para o céu escuro. Fora golpeado com força no pescoço. Estava tentando se sentar quando ouviu uma voz familiar dizer:

— Aonde você pensa que vai?

Zapan estava de pé ao seu lado, com o braço estendido para mostrar a Hugo que o havia derrubado com um *clothesline*. Hugo tentou se arrastar de

costas para longe de Zapan, mas o caçador o acompanhou, empunhando a espada, sorrindo com prazer. Ele tinha consertado os dentes, observou Hugo. Como alguém podia ser louco o suficiente para consertar os dentes enquanto estava perseguindo alguém?

Hugo sentiu uma parede atrás dele. Seu espaço tinha acabado. Seu tempo tinha acabado. Sua sorte tinha acabado.

O caçador olhava avidamente para o pescoço de Hugo quando ergueu a Lâmina Damasco. Entretanto, a espada Zapan não saiu do lugar, sem completar o golpe, porque uma mão de metal segurava o braço dele. O queixo bem delineado do caçador caiu quando Alita arrancou a espada de sua mão e a jogou longe.

Alita patinou até Hugo e se ajoelhou ao lado do rapaz. Ela fez menção de falar, parou e ficou olhando para alguma coisa atrás de Hugo com um misto de incredulidade e horror.

Hugo levantou a cabeça e seguiu o olhar da jovem. Os detectores de movimento da rua tinham registrado a presença de mais de duas pessoas e ativaram o telão montado no prédio em frente à igreja. Era assim que a Fábrica mantinha a população da Cidade do Ferro informada a respeito dos acontecimentos recentes.

O noticiário da noite mostrava o rosto de Hugo em alta definição, muito maior que o original, inconfundível e impossível de não ser visto. A legenda que corria abaixo da foto era igualmente clara:

Número 9107/HUGO — procurado por assalto e assassinato — 30.000 créditos de recompensa.

Já haviam colocado sua cabeça a prêmio.

Por um momento, Hugo quase desejou que Alita tivesse chegado tarde demais para segurar o braço de Zapan. A não ser pelo fato de que isso teria colocado trinta mil créditos no bolso do filho da mãe.

— Parece que o seu Hugo não tem sido totalmente honesto com você — comentou Zapan, ironicamente, com um sorriso nos lábios.

Alita percebeu vagamente que Zapan tinha dito alguma coisa, mas o som vinha de muito longe para fazer sentido. Ela se voltou da tela para Hugo.

— É verdade? — sussurrou.

— É que... Você não entende... — disse Hugo.

Alita suspirou de frustração e deu um soco na parede ao lado da cabeça de

Hugo, deixando a mão no buraco que havia feito.

— Eu *nunca* matei ninguém, *nunca*! — exclamou Hugo, desesperado, quase aos prantos. — A gente só... A gente só roubava *peças*. A gente paralisava ciborgues e ficava com as peças deles, mas isso era *tudo*. A gente nunca... — Ele interrompeu o que estava dizendo e desviou o olhar. — Eu precisava do dinheiro para me mudar para Zalem. Mas eu queria mudar de vida. Eu estava tentando quando... — Ele parou e olhou de novo para Alita. — Eu sinto muito — murmurou.

Missão cumprida, pensou Zapan ao pegar a espada. Melhor ainda, havia matado dois coelhos com uma cajadada só: partira o coração de Hugo e o da garota. Execuções sumárias eram uma boa ideia quando tudo o que importava era receber a recompensa; entretanto, quando havia uma questão pessoal em jogo, nada era mais doce que devastar a alma do inimigo. Criminosos mereciam o máximo de sofrimento possível, e ele era o guerreiro-caçador certo para levar a cabo essa missão.

— Com licença — disse ele a Alita, em tom autoritário. — Me deixa fazer meu trabalho.

Zapan sentiu uma explosão de dor quando foi atingido por alguma coisa fria e dura. Um som crepitante partiu do ponto de impacto atrás dele quando Alita o levantou e o segurou de encontro à parede de pedra da igreja, apertando sua garganta com o antebraço. A outra mão estava aberta e envolta em uma luz azul tremulante, um halo de fogo surreal.

— Se você encostar a mão nele de novo — advertiu a jovem, em uma voz que poderia vir das profundezas escuras de um poço sem fundo —, considere-se um homem morto.

Não era uma ameaça vazia, pensou Zapan, preocupado, olhando para a luz azul. Tinha uma estranha semelhança com uma arma de plasma. Como a garota conseguira uma, ele não fazia ideia. Mas a lei estava do seu lado.

— Qualquer interferência entre um guerreiro-caçador licenciado e um criminoso procurado é uma violação da Lei da Fábrica e do Código dos Caçadores — informou Zapan.

— Ele é *meu*! — exclamou Alita.

— Ah, então *você quer receber a recompensa?* — perguntou Zapan, usando seu sorriso de homem de negócios, de profissional para profissional, como se ela não o estivesse segurando pelo pescoço contra uma parede.

Alita pareceu hesitar, e por um momento aliviou a pressão no seu pescoço.

Depois ela voltou, mais forte que antes.

— Eu o vi primeiro — retrucou Alita. — É *você* que está violando a lei!

— Então pode matar o garoto, guerreira-caçadora — disse Zapan, em tom conciliador. — Eu sei que você tem uma licença. — O brilho azul em torno da mão de Alita estava diminuindo. Ela não disse nada. — Se junte a nós.

Alita o largou e se virou para o namorado, Hugo. Hugo, o Magnífico, ladrão e assassino. O rapaz tinha se levantado, mas estava com as costas encostadas na parede, como se estivesse com medo de se mexer. Um covarde. Além disso, era feio.

— Você sabe que não há lugar para amor ou piedade no Código dos Caçadores — continuou Zapan. — Mas como você é nova no negócio vou facilitar as coisas.

Ele tomou a frente de Alita e deu uma estocada.

A Lâmina Damasco penetrou dez centímetros no corpo de Hugo antes de se chocar com algo sólido, provavelmente a espinha dorsal, embora Zapan preferisse que fosse a parede atrás do rapaz. O que muitas pessoas não sabiam a respeito dos ferimentos causados por armas brancas era que os maiores danos nem sempre aconteciam quando a lâmina entrava. Era bem frequente que as pessoas morressem pela retirada da lâmina. Especialmente no caso do ventre. Zapan recuou, empunhando a espada, e viu Hugo desabar feito um saco de batata.

Para aumentar ainda mais o tom melodramático da cena, a heroína trágica tomou o amante ferido nos braços e correu para o interior da igreja. Como se *isso* fosse ajudá-los de alguma forma. Zapan observou a rua e viu as lanternas dos centuriões que se aproximavam, em resposta à sua mensagem. Eles demoraram demais; no entanto, pelo menos assim, pudera ter um pouco mais de diversão.

Também ficou satisfeito ao ver os companheiros chegando atrás dos centuriões. Ótimo — não queria que eles perdessem a próxima parte, porque seria um espetáculo e tanto.

— Ei, Docinho! — chamou Zapan, enquanto limpava o sangue da Lâmina Damasco. — É melhor você acabar com ele antes que eu mesmo o faça!

Nenhuma resposta. Bem, Alita não podia dizer que ele não tinha avisado.

Alita nunca tinha visto tanto sangue humano. Parecia impossível que Hugo perdesse tanto sangue e ainda estivesse vivo, mas ele estava. Ela sabia, porém, que não resistiria por muito mais tempo.

— Preciso levar você para a clínica de Ido — avisou ela, tentando evitar que Hugo visse suas mãos sujas de sangue.

Hugo virou a cabeça para olhar para as luzes do lado de fora.

— Centuriões — disse ele. — Se você sair daqui comigo ainda vivo, eles vão matar nós dois.

Os olhos de Alita ficaram marejados de lágrimas.

— Ai, meu Deus, Hugo, por que você foi fazer isso?

Mas ele estava olhando por um buraco no teto para uma estrela no céu.

— Está vendo aquela estrela lá em cima? — Ele sorriu e tentou levantar o braço e apontar para a estrela, mas não conseguiu. — Toda minha vida, tive curiosidade de saber por que as outras estrelas se movem no céu, mas aquela está sempre no mesmo lugar. Acho que acabei de descobrir. — Ele deu uma risada sem força. — Acho que não tem nada como estar perto da morte para ajudar a focar o raciocínio.

Alita olhou do rapaz para a estrela e de volta para o rapaz.

— O que você acha que é aquilo?

— Zalem está *pendurada* nela — respondeu Hugo, com mais uma risada fraca. — É ela que tem sustentado a cidade durante todos esses anos... É algo muito grande e muito distante. Talvez seja tão grande quanto Zalem, ou mesmo maior, mas está muito longe.

— Uma cidade-estrela — comentou Alita.

— Eu não queria ir para Zalem só para melhorar de vida — explicou Hugo. — Eu também estava em busca de algumas respostas.

— Eu também preciso de respostas — declarou Alita. — Quero saber o que está se passando no seu coração... *neste exato momento*.

Hugo olhou nos olhos dela.

— Eu não matei aquele sujeito — disse, de uma forma que deu à jovem a certeza de que ele estava falando a verdade. — Mas isso não importa. Eu mutilei pessoas... por *dinheiro*. Pessoas como você.

— Aonde você foi hoje à noite? — perguntou Alita, em tom carinhoso.

— Eu fui encontrar os outros para dizer que não podiam mais contar comigo. — Pausa. — Porque eu te amo, Alita. — Hugo conseguiu levantar a mão e tocou o rosto da jovem. — Eu tinha decidido desistir do meu sonho por você.

Alita se inclinou para a frente e encostou seus lábios nos do rapaz, com ternura, amorosamente.

— *Jamais* desista do seu sonho — disse ela, e deu outro beijo em Hugo.

— *Jamais* desista do seu sonho.

Escondida do outro lado de uma parede em ruínas, Chiren estava completamente parada, com o rosto enterrado nas mãos para não começar a chorar. Ela não tinha desistido do sonho, pensou. O sonho tinha evaporado e a deixara sem nada; nada com que sonhar, nada do que desistir.

Inesperadamente, ocorreu-lhe a memória de estar com Ido em Zalem, olhando para a Cidade do Ferro. Fora a última noite que passaram em Zalem, antes de serem obrigados a partir. A paisagem escura, repleta de pequenos pontos de luz, não dava nenhuma ideia do que os esperava. Era simplesmente desconhecida. Enquanto encarava a visão, de repente ficou sem ar, uma grande bola de pânico se formando no seu peito e espalhando tentáculos por todo o seu corpo. Ela estendeu a mão cegamente para Ido e ele a tomou nos braços com tanta segurança que seu pânico diminuiu.

— Nós vamos ficar juntos — disse ele, em voz baixa, amorosa. — É isso que importa.

Por algumas horas, ela acreditou nisso piamente.

O telefone no seu pulso começou a piscar. O rosto de Vector apareceu na tela.

— Conseguiu encontrar os dois? — perguntou ele, impaciente.

Sempre exigente, sempre impaciente, e ela não tinha nada.

— Não. Eles desapareceram — respondeu Chiren, então desligou.

Depois, pegou a mala no chão, saiu de trás da parede e percorreu a pequena distância que a separava do lugar onde Alita embalava Hugo, como se ele fosse um bebê.

— Não morre, Hugo. Por favor, não morre — suplicou Alita. — Você está muito frio, mas não vai morrer, está bem? Por favor. Não morre. *Não morre.*

— Ela levantou os olhos para Chiren, sem mostrar sinal de reconhecimento, apenas de dor, de perda e de tristeza. — Eu daria a *vida* por ele, se pudesse.

Chiren se ajoelhou ao lado dela e afastou o cabelo do seu rosto. Ela não via alguém tão aflito e infeliz desde a noite em que abandonara Dyson. Depois que seu sonho evaporara.

— Talvez você possa, Alita.

Já era quase manhã quando a heroína trágica finalmente saiu para representar a cena final. Talvez estivesse rezando, pensou Zapan. A ideia de uma ciborgue rezando era tão ridícula quanto a de uma ciborgue apaixonada. Mas nada disso a ajudaria agora.

Alita ficou parada, com os olhos semicerrados por causa das lanternas dos centuriões apontadas para ela, apertando uma mochila contra o peito. Zapan viu que era a mochila de Hugo. Puxa, como ela era sentimental. Uma ciborgue sentimental que estava apaixonada e rezava. Aquilo prometia ser mais divertido que três condenados tentando fugir na mesma giro, e aquela cena tinha sido *hilária*.

Zapan deu um passo à frente e apontou para a jovem.

— Você violou a Lei da Fábrica e o Código do Caçador — acusou, em voz alta,

Um centurião marchou até ficar diante dele.

— Onde está o criminoso Hugo, recompensa número 9107? — perguntou, com uma voz sem inflexão, mecânica.

A jovem baixou a frente da mochila apenas o suficiente para mostrar a cabeça de Hugo. Seus olhos estavam fechados e a fisionomia era tranquila.

— Hugo está morto — informou, apaticamente.

Zapan ficou de queixo caído. A garota tinha ido até o fim mesmo! Os outros caçadores também estavam surpresos.

— Eu reivindico a recompensa — acrescentou, no mesmo tom impessoal. — Sou a caçadora-guerreira 26651.

— Cacete — comentou um caçador à direita de Zapan. — Ela realmente matou o garoto.

— Cara, ela é mesmo *implacável* — comentou outro, em tom mais de surpresa que de apreciação.

Outro centurião escaneou a cabeça.

— Identidade confirmada. Caso encerrado.

Não, pensou Zapan, tinha algo de errado. A garota estava perdidamente apaixonada por aquele fedelho, e de repente ela o matou? Zapan sabia reconhecer mulheres capazes de coisas assim, e esse docinho certamente não era uma delas.

Ele se aproximou de Alita e tentou arrancar a mochila das mãos dela. Em menos de meio segundo, viu que tubos de sangue humano e cybersangue saíam do peito parcialmente aberto da jovem e desapareciam embaixo do queixo de Hugo. Então Alita levantou a frente da mochila para cobrir a cabeça do rapaz e a apertou contra o peito.

Zapan ficou perplexo. Como ela havia feito isso? Só podia ser obra de um neurocirurgião...

Então ele viu uma mulher alta saindo furtivamente por uma porta lateral

da igreja com uma maleta na mão. Era a restauradora favorita de Vector, aquela que podia transformar uma pilha de ferro-velho num campeão da Segunda Liga. O que ela estava fazendo ali?! E carregando uma maleta muito parecida com a que o dr. Ido usava para carregar seus instrumentos...

As duas *piranhas*... As duas!

— Foi uma bela tentativa — gritou Zapan —, mas não pense que me engana! Passa para cá essa mochila!

Ele estendeu a mão para pegar a mochila; Alita recuou e a segurou com mais força enquanto um centurião apontava a arma para Zapan.

— Guerreiro-caçador Zapan, número F44-269 — disse o centurião —, roubar a caçada de outro caçador é uma violação da Lei da Fábrica e do Código do Caçador.

— Obrigada — disse Alita, educadamente.

Ela deu um passo na direção de Zapan e ele recuou instintivamente; Alita estava com uma expressão naquele rostinho delicado que não lhe agradava nem um pouco. Ele se esforçou para enfrentá-la. Não podia deixar os outros pensarem que uma garota era capaz de intimidá-lo. Então Alita acenou para ele. Não, ela não estava acenando. Aquela coisinha estava brandindo a Lâmina Damasco!

Enquanto se aproximava da garota, com a intenção de recuperar a espada, sentiu uma dor insuportável na têmpora esquerda. Alguma coisa estava se enterrando em sua pele e, ai, céus, agora estava se movendo ao longo da testa, até chegar à outra têmpora, descer pelo outro lado do rosto, chegar ao queixo e subir pelo outro lado, e por que *diabo* ninguém fazia nada para ajudá-lo? Não estavam vendo...

Alguma coisa que parecia molhada caiu aos seus pés. Zapan olhou para baixo e viu o próprio rosto. Embora não tivesse olhos. Seu rosto não tinha olhos...

Porque ele não tinha mais um rosto!

Gritando de dor e horror, Zapan se virou para os outros caçadores em busca de ajuda, mas tudo o que fizeram foi recuar e mandá-lo se afastar, recusando-se a olhar para ele, alguns inclusive com ânsia de vômito. Enquanto isso, a piranha que tinha feito isso com ele estava indo embora com sua Lâmina Damasco e ninguém sequer tentava detê-la. Será que todos estavam com medo porque achavam que ela havia matado o namorado para receber uma recompensa? Ou seria por causa daquele estranho fogo azul que estava dançando ao longo da espada?

Mas ela era só uma *garotinha*, uma *garotinha idiota*; qualquer um poderia tirar a espada das mãos dela e devolvê-la a ele, o legítimo proprietário. Que tipo de guerreiro-caçador eram eles, que permitiam que uma garota fosse embora com a arma de outro guerreiro-caçador, especialmente depois de ter usado a espada para *mutilá-lo*?

Que tipo de guerreiro-caçador eram eles, que não impediam um colega de ser humilhado? Não deviam tratá-lo com tanto desdém, seu rosto era um modelo especial, não um daqueles objetos baratos, feitos de plástico. Tinha custado uma fortuna, mais do que aqueles caçadores covardes ganhavam em um ano de trabalho! Eles não eram seus colegas... Não eram nem mesmo seus amigos. E agora estavam todos indo embora, como se aquilo fosse apenas mais uma noite na Cidade do Ferro e ele fosse apenas um João-Ninguém sem rosto.

CAPÍTULO 23

Alita não fazia ideia do tempo que havia passado sentada no banco do lado de fora da sala de operações. Dez horas, dez dias, dez séculos — ela não conseguia distinguir um período de tempo do outro. Se tivesse que escolher, optaria por séculos. Ela teria esperado o tempo que fosse necessário pelo seu Hugo. Ido dissera que ela tinha 300 anos... O que eram mais alguns séculos de espera? Alita não se importava de esperar o tempo que fosse necessário para que Hugo sobrevivesse.

Quando ouviu a porta da sala de operações ser aberta, levantou-se de pronto na frente de Ido, com lágrimas nos olhos, prontas para escorrer pelo seu rosto.

— Como... Como ele está? — perguntou, com medo de levantar a voz acima de um sussurro.

Ido enxugou as lágrimas dela com um pano macio.

— Você pode ir lá ver pessoalmente. Ele está na sala de cirurgia, se recuperando.

Alita saiu correndo.

Podia não ser um corpo Berserker, mas era de excelente qualidade, projetado e construído pessoalmente por Ido, usando as melhores peças e os melhores materiais que pôde encontrar. Ele mesmo o havia projetado e, depois de terminado o trabalho, o colocara num depósito refrigerado e se recusara a pegar peças dele, por mais que a clínica precisasse de peças de reposição. Tinha o pressentimento de que um dia aquele corpo salvaria uma vida, e quando esse dia chegasse não queria que alguma coisa estivesse faltando.

Gerhad estava cuidando de Hugo desde que a cybercirurgia havia terminado. Nas últimas semanas, eles fizeram mais operações de substituição

total que os médicos mais renomados fazem em um ano. Quando as coisas se acalmassem, Ido pretendia sugerir a Gerhad que obtivesse o diploma de médica — ou seja, que simplesmente fizesse a prova. Gerhad tinha experiência suficiente de cybercirurgia para contar como um curso completo.

Ela sorria quando abriu caminho para Alita e Ido entrarem na sala.

— Ele está ótimo — avisou a Alita. — Estável. Não há dúvida de que vai se recuperar muito bem.

Alita tocou a mão de aço de Hugo, agora muito parecida com a sua. Não seria tão sensível, porque não tinha sido construída usando a tecnologia das RUM, mas era o melhor que se podia fazer na Cidade do Ferro, tecnologia de ponta, top de linha. Talvez fosse até bom que seu corpo não fosse tão avançado quanto o de Alita, pensou Ido; a perspectiva de haver dois Berserkers das RUM andando juntos pela cidade era um pouco assustadora.

— Me desculpe, Alita — disse Ido.

Ela levantou os olhos de Hugo, levemente surpresa.

— Esta cidade — continuou ele — encontra meios de corromper até mesmo os melhores cidadãos, e às vezes pessoas inocentes pagam pelos pecados dos outros. Hugo não merecia o que aconteceu a ele. Felizmente, a técnica cirúrgica usada por Chiren foi brilhante... Genial, eu diria, ao incluir a cabeça de Hugo no seu sistema circulatório. O cérebro dele permaneceu intacto, e seu poderoso coração foi forte o suficiente para atender às necessidades de vocês dois.

— Chiren sabia o que estava fazendo — comentou Alita, sorrindo apesar das lágrimas. — Se não fosse por ela, Hugo estaria morto.

Ocorreu a Ido uma súbita imagem mental de Chiren na igreja, ajudando Alita e Hugo, e seu coração quase parou, como acontecia quando via Chiren com a filha deles no colo, conversando com ela, brincando com ela, ninando-a para dormir. Naquela época, os olhos azuis de Chiren não eram frios, eram reluzentes, cheios de vida e amor. Durante os anos em que os talentos do casal foram dedicados ao Motor Ball, eles se mantiveram ocupados e felizes, criando campeões de um jogo que ambos apreciavam, e ele havia construído um corpo novo para a filha com a intenção de substituir o corpo original, que era muito frágil.

Entretanto, quando o jogo os traía e destruía sua filha querida, o coração de Chiren havia congelado e ela se dedicara ao tipo de vida que prometeram evitar.

Bem, *ele* havia prometido. Achava que Chiren também tinha prometido.

Para a esposa, porém, a promessa da vida fora quebrada, o que a dispensava de cumprir a sua. Com o passar do tempo, Ido começou a desconfiar de que havia alguma coisa em Chiren que a atraía para o pior que a Cidade do Ferro tinha a oferecer e que a perda da filha fora apenas um pretexto para que ela seguisse seus impulsos.

Fosse como fosse, ele achava que o espírito da mulher que amava havia morrido com a filha. Agora, porém, começava a achar que se enganara — parecia ainda haver uma centelha da sua Chiren no âmago da rainha gelada.

— O coração dela esteve nas suas mãos... *Nas suas mãos!* E você deixou que ela vivesse. — Vector contornou a escrivaninha para segurar Chiren pelos braços e olhar nos olhos dela. — Por quê? Eu só quero que você me explique. *Por quê?*

Ela não tentou se desvencilhar, nem protestou por Vector colocar as mãos nela quando estava irritado, como costumava fazer. Talvez tivesse perdido o juízo. Era bem possível — Chiren sempre fora um pouco estranha. Se pudesse convencer Nova de que sua restauradora havia enlouquecido e Nova lhe desse um voto de confiança pelos serviços prestados, ele receberia Alita numa embalagem de luxo, dentro de vinte e quatro horas. Com cobertura de chantili e uma cereja no topo.

— *Fala!* — exclamou Vector, sacudindo Chiren com força. — Você pelo menos *sabe* por quê?

Chiren ficou em silêncio por tanto tempo que ele chegou a achar que teria que sacudi-la com mais força; entretanto, no fim, ela se empertigou e olhou nos olhos dele.

— Porque eu sou médica. E mãe. — Ela ergueu o queixo com ar desafiador. — Não sei como eu tinha me esquecido disso.

Vector a empurrou e jogou os braços para o alto.

— O que eu tenho a ver com *isso*?!

Chiren deu as costas para ele, para a vista de Zalem, para a enorme e reluzente escrivaninha.

— Eu estou farta disso. Quando eram apenas aqueles brutamontes idiotas brigando nas ruas ou na pista de Motor Ball, ainda dava para levar. Mas o que você está me pedindo... — Ela fez que não com a cabeça e se dirigiu para a porta. — Não conte mais comigo.

— Chiren, *espera!* — gritou Vector, em um tom mais desesperado do que ele gostaria.

Ela parou, mas se limitou a virar a cabeça ligeiramente em vez de dar meia-volta.

— Eu já entendi que não posso manter você aqui por mais tempo — disse Vector devagar, como se sua vida dependesse disso, o que provavelmente era o caso. — Mas, se você está decidida a ir embora, não acha que é hora, que já é mais do que hora, na verdade, de voltar para Zalem?

Com essas palavras, Chiren deu meia-volta e, por um momento, Vector pensou que ela tivesse visto a sombra atrás do vidro opaco da porta. No entanto, pelo jeito como olhava para ele, com os olhos brilhando de alegria e o rosto cheio de esperança e gratidão, Vector teve certeza de que ela não tinha visto nada.

Não foi fácil, mas por fim Ido conseguiu tirar Alita da sala de operações para que Hugo pudesse descansar. Ela não parava de falar, e, se continuasse assim, ele não conseguiria dormir. Hugo precisava de repouso para poder enfrentar o mundo naquele corpo totalmente novo.

Ó admirável corpo novo que tem um Hugo habitando nele.

Ido balançou a cabeça para afastar o pensamento. Sua mente sempre gerava frases sem sentido quando estava muito cansado. Mas o sono teria que esperar; o paciente ainda precisava dele. Na verdade, seus dois pacientes — ele precisava fazer Alita entender de alguma maneira que o que para ela era normal, ou mesmo empolgante, seria traumático para alguém que havia sido totalmente orgânico e acordara como um ciborgue de substituição total.

Pelo lado positivo, como Hugo era jovem e seu cérebro ainda estava em formação, seria mais fácil para o sistema nervoso central se ajustar ao novo corpo e o aceitar como natural. Por outro lado, o destino do pai tornava mais difícil para Hugo aceitar o que tinha acontecido com ele. Além disso, Ido teria que revelar a verdade a respeito do sonho que ele tinha de se mudar para Zalem. Sem dúvida, Hugo ficaria bastante desapontado depois que fosse convencido de que se tratava de um sonho impossível. Já estava tendo dificuldade para convencer Alita.

— Vector estava enganando Hugo — afirmou, com ar cansado. — Eu já falei, se uma pessoa *nasce* no chão, ela *fica* no chão. Sem exceção, e não existe quantia de dinheiro que mude isso. E o único jeito de sair daqui e ir para lá é ser o campeão final de Motor Ball. Só assim. É *impossível* pagar para subir para Zalem. Ninguém consegue fazer isso.

— E como você sabe disso? — questionou Alita.

— Por que eu *sou* de Zalem — declarou Ido enfim. — Eu nasci lá. — Ele apontou para a pequena cicatriz no meio da testa. — Eu tinha uma marca igual à de Chiren, a marca de Zalem. Fiz questão de removê-la. Como nossa filha não era perfeita, como ela era doente, fomos obrigados a nos mudar para a Cidade do Ferro. A magnífica cidade flutuante não tolera os fracos, os doentes, os deficientes. O homem responsável é Nova, o supervisor. E como eu tive uma filha imperfeita não poderia voltar para lá, mesmo que quisesse.

Alita estava olhando para ele de olhos arregalados e boquiaberta.

— É *por isso* que eu sei que Hugo jamais vai conseguir se mudar para Zalem. Hugo foi enganado. Vector não passa de um trapaceiro pretensioso que não se importa com ninguém. Ele engana os outros com falsas promessas para conseguir o que deseja.

Alita o encarou com um olhar penetrante, como se estivesse procurando algum detalhe na sua expressão que revelasse que não estava sendo totalmente sincero, mas seus ombros caíram e seus olhos perderam o brilho. Ela se convenceu de que Ido estava dizendo a verdade.

— Eu sinto muito — acrescentou Ido, lamentando estar pedindo desculpa por estar certo e não por estar errado. Ele ia dizer mais alguma coisa quando veio um estrondo de algo caindo na sala de operações.

— *Não!* — gritou Hugo. — *Nããããã, nãããã!*

Hugo tinha caído da mesa de cirurgia e estava arrancando do peito os tubos de alimentação e a medicação intravenosa. Quando entraram, ele se esforçava para se levantar, ainda grogue apesar do choque. Alita teve que conter as lágrimas; ela precisava ajudar Hugo, não chorar por ele. Mas, quando se aproximou, Hugo recuou, afastando-a com um gesto violento que derrubou uma prateleira de frascos e equipamentos, espalhando no chão cacos de vidro, sensores e placas de circuito.

— Então tudo o que eu fiz não adiantaria de *nada*? — gritou Hugo, com o rosto coberto de lágrimas. — Todas as pessoas que eu assaltei... *para nada*?

Ele cambaleou para o lado e esbarrou numa bandeja de instrumentos cirúrgicos, fazendo voar pinças, afastadores e bisturis. Ele chutou a bandeja, que atravessou a sala e se chocou com uma parede, deslocando uma prateleira de scanners e traçadores bioquímicos, que caiu num armário abaixo. O armário tombou e caiu no chão, com um enorme estrondo de metal e vidro quebrado.

Hugo ainda não conhecia a própria força, pensou Alita. Ela precisava

acalmá-lo.

— E agora *olhem* para mim! — soluçou Hugo, mostrando as mãos de metal. — Olha no que eu me tornei... *Olha!* Eu costumava fazer piada deles enquanto os fazia em pedaços... e agora olhem para mim! — Ele levantou as mãos de metal e olhou para elas. — Isso é perfeito. Eu mereço exatamente isso.

Quando ele deixou cair as mãos e lhes deu as costas, Alita o segurou. Ele era forte, mas não tanto quanto um Berserker. Ela o abraçou com força, mantendo-o quieto até que Ido pudesse sedá-lo. Hugo se encolheu quando sentiu a agulha penetrar no seu pescoço e depois relaxou nos braços de Alita.

— Você vai se sentir melhor amanhã — prometeu Ido.

Hugo olhou para ele, desesperado.

— De que serve o amanhã para um homem morto?

— Você *não* morreu — retrucou Alita, enquanto o carregava de volta para a mesa. — Enquanto a gente tiver um ao outro, nada mais importa.

Alita segurou a mão de Hugo enquanto Ido voltava a colocar a medicação intravenosa e os tubos de alimentação. Pelo menos eles não tinham sido danificados.

Não devia ter sido assim, pensou ela, com tristeza. Apenas algumas semanas atrás ele a estava ajudando a treinar para o grande teste. O grande teste... Que grande *piada* tinha sido! Antes disso, ele a levava para ver os restos da espaçonave nas Terras Abandonadas, para lhe mostrar algo que poderia ajudá-la a recuperar a memória. Para ajudá-la, ajudá-la... Hugo tinha feito tudo o que podia para ajudá-la. Em troca, fora acusado de assassinato e, como *grand finale*, trespassado pela espada de um caçador. Devia tudo isso a ela e sua insistência em se lembrar do passado.

— Eu gostaria de não ter descoberto quem eu fui! — exclamou Alita. — Isso só trouxe sofrimento para as pessoas que eu amo! Eu sinto muito. Eu sinto muito.

Ido a fez se virar para encará-lo.

— *Nunca* peça desculpas por ser quem você é — disse ele, muito sério. — Você está aqui por um motivo. Você é única.

Ela fez que sim, limpando as lágrimas com as costas de uma mão de metal.

— E tenho que enfrentar tudo o que acontece de cabeça erguida.

De repente, ela se viu no espelho acima da pia. Por um momento, ficou completamente parada, sentindo a Lâmina Damasco na mão, sentindo um

propósito em si mesma que estava aos poucos se tornando claro.

Enquanto encarava o próprio reflexo, Alita percebeu uma gota de água reluzindo prestes a pingar da torneira. Ela ficou ali por um segundo antes de cair. A Lâmina Damasco se tornou um risco prateado no ar quando ela cortou a gota ao meio.

— Quero lhe agradecer — disse Ido, quando Alita se virou de novo para ele. — Graças a você, pude ver minha filhinha se transformar em uma mulher de valor. Uma mulher que vai salvar o mundo.

— Obrigada, pai — disse Alita enquanto Ido enxugava de novo suas lágrimas.

Ela se inclinou e deu um leve beijo na testa de Hugo antes de se retirar.

As portas da Fábrica se abriram ruidosamente. Alita ficou parada ali de pé, com a luz do dia às costas, imaginando como devia parecer para os centuriões perfilados ao longo das paredes: uma silhueta esguia no meio de um retângulo luminoso. Algo longo e ligeiramente curvo se destacava da sua mão direita, com o perfil distorcido pelo calor. O plasma azul não produzia sombra, mas era tão real quanto o resto, tão real quanto a Lâmina Damasco, tão real quanto ela e o que a trazia ali.

— *Vectorrrrrrrr!* — bradou.

As armas dos centuriões apontaram para ela. O tempo de reação Berserker de Alita fez com que ela já estivesse dez metros dentro do saguão quando eles dispararam no lugar onde estivera. Ainda atirando, as armas se viraram novamente, arrancando pedaços do chão, das paredes e do teto enquanto tentavam enquadrá-la na mira. Mais centuriões marcharam para dentro do saguão, varrendo o lugar com balas e derrubando outros centuriões no processo. Alguém tinha ajustado a programação deles de MATAR-INTRUSO para MATAR-INTRUSO-A-TODO-CUSTO, e Alita sabia quem era esse alguém.

Ainda ilesa, ela saltou nas costas de um dos reforços e enfiou a mão de plasma no seu crânio, imobilizando-o. Os outros apontaram nessa direção, mas ela já havia pulado para longe quando eles transformaram o centurião paralisado em ferro-velho. Alita se aproximou de outro robô, cortou o braço que segurava a arma com a Lâmina Damasco e a levou com ela.

— Transgressão! Transgressão! — Um deckman desceu da plataforma de recompensas e foi até ela.

É sério isso? Ele parecia uma lata de lixo, e das mais vagabundas. Alita usou a arma do centurião para despedaçá-lo.

Atrás da plataforma de recompensas, Alita viu um grupo de três elevadores. Dois iam até o andar onde ficavam o escritório e o apartamento de Vector. O terceiro ia até o andar imediatamente abaixo, onde ficava o acesso do pessoal de manutenção.

Vector já estava esperando havia horas por um despachante que pegaria um engradado no seu escritório para enviá-lo a Zalem quando recebeu o alerta da segurança. A garota ciborgue que seus contratados não conseguiram matar, Alita, estava na Fábrica, obviamente procurando briga. Depois do que havia acontecido nos últimos dias, ele não estava mais para brincadeira e ajustou os centuriões para “força excessiva”. Depois que ela fosse massacrada, pretendia enviar os restos ao supervisor num saco plástico. Se Nova estivesse mesmo tão interessado no coração de Alita, poderia reconstruí-lo como se fosse um quebra-cabeça.

Vector tinha certeza de que os centuriões dariam conta de Alita antes que ela chegasse à plataforma de recompensas, mas o tiroteio não cessava e ele começou a ficar preocupado. Uma coisa era um bando de assassinos de aluguel ser passado para trás — não é como se qualquer um deles fosse um gênio. Mas os centuriões tinham armas poderosas, uma pontaria infalível e não podiam ser sobrepujados ou se distrair num espaço reduzido como o do saguão de entrada.

Quando o som do tiroteio finalmente cessou, Vector apertou o botão do intercomunicador.

— Segurança, responda! — rosnou. — Conseguiram abater a garota?

Ele esperava que alguém balbuciasse um pedido de desculpa pelo barulho, mas não houve resposta.

— Segurança, que inferno, responda!

Nada. Alguém certamente iria morrer antes do fim do dia. Ele estava tentando decidir quem e quantos quando a claraboia do escritório explodiu.

Ele recebeu uma chuva de cacos de vidro, que cortaram seu rosto e suas mãos e ficaram grudados no seu cabelo e na sua roupa. Quando tentou se livrar dos cacos passando a mão, acabou fazendo-os penetrar mais fundo na pele. Muita gente ia morrer por isso, pensou Vector, momentaneamente cego de raiva. A maldita claraboia devia ser inquebrável, feita do mesmo tipo de vidro usado em Zalem. Claramente alguém tinha ficado com o vidro bom e o deixado com o vidro de segunda da Cidade do Ferro enquanto ganhava um bom dinheiro no mercado negro. Quando descobrisse o culpado, iria matá-lo

com tanta violência que arrasaria tudo num raio de seis quarteirões...

Então ele a viu no meio do escritório e todos os pensamentos pararam.

Alita assumiu uma posição de combate: joelhos ligeiramente flexionados e punhos erguidos para proteger o rosto enquanto o encarava de cara feia — como se ela achasse que tinha *alguma* importância. Alita olhou em torno, endireitou o corpo e se aproximou da escrivaninha.

— Você jamais pretendeu mandar Hugo para Zalem — acusou, com os grandes olhos tão sombrios quanto a voz. — Não é?

— Eu *sempre* cumprio minhas promessas — retrucou Vector, mas logo viu que ela não estava acreditando. Que inferno, a garota não sairia viva daquela sala. Acreditasse ou não, pouco importava. — Como fiz com a dra. Chiren — acrescentou, apontando para o armário no canto do escritório.

Alita olhou para onde Vector apontou e de volta para ele, intrigada. Vector foi até o armário e bateu nele com os nós dos dedos, mas Alita continuou sem entender. Ele franziu a testa e desativou o fecho para poder abrir a frente. Se o portador chegasse naquele momento, poderia esperar um pouco, pensou, enquanto um pouco de vapor saía do interior refrigerado. Era só não deixar a porta aberta por muito tempo que nada no interior estragaria. Um minuto ou dois provavelmente seriam suficientes. Alita não saberia distinguir os órgãos internos de Chiren das peças de carne vendidas no mercado, e provavelmente não identificaria as mãos de Chiren, por mais belas que fossem. Mas Vector tinha certeza de que Alita reconheceria aqueles olhos azuis. Eles estavam guardados em dois recipientes transparentes um ao lado do outro, para mostrar que faziam parte de um mesmo conjunto, e eram tão belos e frios quanto sempre foram. Literalmente frios.

— Se o portador não furar comigo, ela vai ser enviada na remessa dessa noite. — Vector deu à jovem mais alguns segundos para ficar totalmente horrorizada antes de fechar o armário e reativar o fecho. — Sabe lá o que o chefe faz com o material — comentou, batendo de novo com os nós dos dedos no armário —, mas *essa* é a única forma de qualquer um chegar a Zalem.

Vector sorriu ao ver a sombra no vidro opaco da porta atrás de Alita. Isso ia ser divertido.

Alita viu Vector se jogar no chão no momento em que a porta foi arrombada. O tempo de reação Berserker permitiu que ela protegesse o rosto dos fragmentos, que quicaram no seu corpo sem causar nenhum dano. Mas o

grindcutter não. Ela penetrou na cintura de Alita e ela caiu no chão, com as mãos no local do ferimento, enquanto o cybersangue azul jorrava por entre os dedos.

— Eu sabia que meu dia ia chegar — disse Grewishka, aproximando-se com ar triunfal.

De repente, ele desapareceu.

Estavam sendo atacados.

Zalem estava sendo atacada. O vento zunia nos seus ouvidos e o tubo de suprimentos que ela escalava com o restante do pelotão vibrava e balançava. Não muito, mas o suficiente para dificultar o equilíbrio. Eles já estavam a uma altura considerável, mas ainda faltava um bom trecho. Gelda estava no comando, incitando-os a continuar a subida, lembrando que cada metro, cada centímetro, cada milímetro era uma conquista.

Àquela altura, tinham que estar preparados para os anéis com lâminas que apareciam sem aviso e corriam ao longo dos tubos de suprimentos. Eram a defesa da cidade flutuante contra os habitantes da superfície tolos o suficiente para pensar que podiam simplesmente escalar um tubo em busca de uma vida melhor em um lugar melhor, coisas às quais não tinham nenhum direito. Alita e seu pelotão já haviam atirado em alguns anéis com rifles de plasma e lançamísseis portáteis, reduzindo-os a fragmentos que saíram girando no espaço.

O pelotão tinha acabado de destruir mais um anel quando o tubo explodiu.

A Terra e o céu rodaram loucamente até que Alita se agarrou ao tubo, arrastando-se para cima até ficar pendurada na borda ainda quente do buraco. O vento secava rapidamente os respingos de sangue humano e cybersangue grudados no tubo ou nos pedaços de ciborgues mortos ou moribundos que não foram lançados no espaço pela explosão.

Alita percebeu que seu pelotão tinha sido dizimado. O que fazer *agora*?

Alguém segurou seu pulso. Alita levantou os olhos e viu o rosto desfigurado de Gelda, com manchas azuis em alguns pontos e vermelhas em outros.

— Você conhece as defesas de Zalem! — gritou Gelda, para se fazer ouvir apesar do vento. — *Complete a missão!*

Complete a missão...

Grewishka estava de volta, olhando-a de cima. Com a ponta dos dedos, Alita sentiu o ferimento na cintura se fechar, e ela soube instintivamente que não se

tratava de um selante temporário.

O que achou disso?, pensou ao se levantar.

— Eu sei quem você é — disse a Grewishka, em voz baixa. — Você é um filho do submundo, levado à superfície para viver como escravo. E eu sou só uma garota insignificante. — Enquanto falava, ela sentiu uma profunda compaixão por Grewishka, pela tragédia da vida que ele fora obrigado a ter. — Quero que morra sabendo que as pessoas que fizeram essas coisas horríveis com você vão sofrer. Eu vou *fazer* com que elas sofram.

Grewishka começou a rir, e Alita sentiu ainda mais compaixão pelo ciborgue. Ao reconstruí-lo, Chiren o havia transformado numa espécie de caminhão com pernas. Os braços grossos e os ombros largos sugeriam vagamente um gorila, mas não havia vida neles, apenas maquinário. O peito tinha forma de triângulo para que a parte inferior do tronco pudesse ser instalada com facilidade. As pernas grossas de metal tinham forma humana, mas a musculatura exagerada não existia organicamente; pareciam os pés de um centurião.

E no alto de tudo isso estava o último vestígio de humanidade. A cabeça era protegida pelos ombros maciços. Para Alita, porém, parecia mais que ela estava sendo engolida por uma máquina.

Aquele corpo não servia para nada, exceto para matar — mais precisamente, para *matá-la*. Grewishka se tornara nada mais que um centurião com mais substância e menos propósito.

— Meu mestre Nova está *ansioso* para conhecer você — avisou Grewishka. — Permita que eu a apresente!

Os orifícios de entrada do braço de Alita se abriram com um chiado discreto para permitir a passagem de ar. Uma chama azul apareceu na sua mão, passou pelo punho da Lâmina Damasco e foi até a ponta da lâmina, como se fosse algo vivo.

Com um sorriso zombeteiro, Grewishka lançou um de seus grindcutters. Houve um lampejo cegante de luz azul e grindcutter foi parar no piso reluzente de mármore do escritório de Vector, onde ficou se contorcendo inutilmente.

O ciborgue rugiu de raiva e disparou de uma vez todos os grindcutters restantes. Alita saltou no ar e executou uma dança com as chamas azuis, com movimentos tão rápidos que os olhos de Grewishka não conseguiram acompanhá-los. Em seguida, porém, ele não teve dificuldade para ver os outros quatro grindcutters jazendo no chão, como cobras sem cabeça.

Grewishka cerrou os dois punhos e investiu contra ela. Alita se esquivou com facilidade e um punho do ciborgue destruiu uma das colunas absurdamente extravagantes do escritório de Vector, deixando uma pilha de entulho abaixo de um bloco de pedra que pendia do teto feito uma estalactite.

O tempo passou mais devagar quando ela deu uma cambalhota por cima da cabeça de Grewishka. No seu rosto espantado, virado para cima, ela teve um vislumbre da inocência que ele, na verdade, nunca teve, antes de golpeá-lo com a Lâmina Damasco, partindo-o ao meio. Alita aterrissou com um joelho no chão, de costas para o monstro, para não ver as duas partes se separarem.

Esta cidade encontra meios de corromper até mesmo os melhores cidadãos.

Ido dissera isso, e ela havia lhe dito que o problema não estava nas ruas ou em outro lugar qualquer da cidade, mas lá em cima. Não havia nenhum prazer em saber que estava certa, pensou ao se levantar e se virar para Vector, que estava escondido atrás da escrivaninha.

— Não, não, espera! — suplicou ele, recuando quando Alita se aproximou. — Por favor, espera...

Ele tropeçou nas próprias pernas e caiu sentado. Alita contornou a escrivaninha enquanto Vector tentava se arrastar para longe, como um inseto. Ela levantou o braço e apontou a Lâmina Damasco para o olho esquerdo de Vector.

— Fale — ordenou.

— Está bem, o que você quer que eu diga? Eu digo o que você quiser — balbuciou Vector. Ele estava encostado em outra daquelas colunas idiotas que serviam apenas de enfeite. — Qualquer coisa, é só pedir...

— Eu não estou falando com *você* — retrucou Alita. — Eu estou falando com *ele*.

Vector teve uma fração de segundo para exibir uma cara de espanto antes que seus olhos ficassem congelados e seu rosto, inexpressivo.

— Então finalmente nos encontramos, Alita — disse ele, com uma voz calma, inumana.

— Nova. — O nome soava como um palavrão.

— Posso? — perguntou o supervisor, indicando com um gesto que queria que ela recuasse.

Como Alita permaneceu onde estava, ele deu de ombros, levantou-se e alisou a roupa de Vector, afastando com a mão os cacos de vidro, sem se

importar com os cortes e os arranhões que causou na pele de Vector.

— Onde você está? — perguntou Alita.

— Em casa. Com os pés para o alto. Muito confortável.

Ele olhou pela janela para a cidade flutuante e depois sentou o corpo de Vector na borda da escrivaninha. Estava olhando para ela com o que Alita deduziu se tratar de um olhar malicioso. Mas olhos mecânicos não brilhavam, e o mesmo acontecia com os olhos emprestados de Vector.

— Minha querida, você certamente excedeu todas as expectativas, incluindo as minhas — declarou ele, como se estivesse cumprimentando uma criança pelo seu dever de casa. — Você matou meu campeão Grewishka... Estou impressionado! Fez uma criatura egoísta como Chiren passar para seu lado... Nunca pensei que isso pudesse acontecer. Você sem dúvida é mais interessante para mim viva que morta. E somos do mesmo lugar, o que nestes tempos difíceis e perigosos nos torna praticamente *parentes*.

Alita esperou, empunhando a espada com firmeza.

— Você pode sair daqui quando quiser e a Fábrica não vai fazer nada para detê-la. — O supervisor fez Vector piscar para ela, um truque engenhoso, mas revoltante para quem não tinha pálpebras há séculos. — *Desta vez*.

— Eu não preciso da *sua* permissão para viver — replicou Alita.

— Ah, mas outros podem precisar. — Ele riu. — O dr. Ido, por exemplo, que você tanto admira. E seu amado Hugo? Sim, eu sei que ele está vivo, mas não por muito tempo. Nós vamos cuidar dele. — Nova voltou a rir. — Eu descobri que o melhor jeito de aproveitar a imortalidade é ver os outros morrerem.

Alita teve um acesso de raiva. Deu uma sacudida no corpo de Vector que o deixou deitado na escrivaninha com as pernas pendendo e ergueu a Lâmina Damasco com as duas mãos. De repente, o supervisor desapareceu e ficou apenas Vector, que parecia apavorado.

— Por favor, *não faz isso!* — suplicou. — Eu faço o que você quiser! Posso tornar você uma campeã do Jogo. Você tem um grande potencial. O público adora você! Pode pedir o que quiser, mas *não me mata!*

Enquanto Alita olhava para ele, indecisa, o supervisor voltou.

— Está vendo? Ele não tem caráter.

Em resposta, Alita cravou a Lâmina Damasco no peito de Vector, prendendo-o no tampo da escrivaninha.

— Nesse caso, você não vai se importar de perder seu fantoche — comentou Alita.

Nova levantou a cabeça de Vector para olhar para a espada enfiada no seu peito.

— O ferimento parece fatal. Mas não tem importância. Eu estava mesmo ficando cansado de Vector. — Ele tossiu, cuspiu sangue e começou a tremer, mas o supervisor manteve os olhos vivos e focalizados. — Ah, Alita, pobre criança. Você passou por tanta coisa e não tem nenhuma resposta.

— E você acabou de cometer o maior erro da sua vida — disse Alita, friamente.

— Qual foi esse erro? — perguntou o supervisor, como se estivesse sendo tolerante com uma criança esperta, mas atrevida.

— Você me deixou viver.

Nova fez Vector sorrir, mostrando dentes cheios de sangue.

— Então *adieu*, até nosso próximo encontro. E não se esqueça — disse ele, antes de perder o controle sobre os últimos momentos da vida de Vector —, *eu vejo tudo que acontece*.

Nova foi embora. Alita retirou a Lâmina Damasco do peito de Vector, deixando seu corpo escorregar para o chão. Ela encarou o cadáver sem sentir pena do homem que havia mentido tão descaradamente para Hugo, para Chiren e para todas as outras pobres almas tristes e perdidas que achavam que poderiam sair inteiras da Cidade do Ferro.

O telefone tocou e Alita levou um susto. Por um momento, ela temeu que fosse *ele*, com uma última palavra. Mas o alívio ao ouvir a voz de Ido durou pouco.

— Guardas da Fábrica estiveram aqui à procura de Hugo — avisou. — Eles sabem que Hugo está vivo. Ele conseguiu fugir a tempo, mas a cidade foi fechada. A Fábrica não vai desistir enquanto não conseguir prendê-lo.

— Você sabe para onde ele foi? — perguntou Alita.

— Ele... ai, meu Deus, Alita, ele está tentando subir.

Se eu fosse forte como você, subiria por esse tubo até Zalem nesse exato momento.

Alita correu para a janela e olhou para fora, observando cada um dos tubos que pareciam patas de aranha até ver uma pequena figura subindo para o que acreditava ser o paraíso. Só porque não sabia o que havia lá.

Você conhece as defesas de Zalem...

CAPÍTULO 24

Complete a missão.

A voz de Gelda ecoou na cabeça de Alita quando ela escalou o tubo de suprimentos atrás de Hugo. A memória que seus sentidos guardavam da subida que tinha executado com o pelotão parecia ecoar da mesma forma no seu corpo. Desta vez, ela estava subindo mais rápido; não era fácil, mas não era tão difícil quanto na última vez.

Seria mais difícil para Hugo. A força e a coordenação do novo corpo ciborgue do rapaz facilitariam a primeira parte da escalada. Conforme subisse, porém, o vento ficaria mais forte e ele teria mais dificuldade de manter o equilíbrio. Para resistir às forças do vento e da chuva, toda estrutura muito alta tinha certo grau de flexibilidade, mas os tubos de suprimento eram mais flexíveis que o normal, o que não ficava óbvio quando eram observados da superfície.

Complete a missão.

Alita sabia que era capaz de fazer isso. Ela não se lembrava das missões que executara no passado, mas sabia que tinha completado todas elas, e iria completar essa também.

Hugo começou a enfrentar dificuldades depois de percorrer um terço do caminho. Mesmo viciados em adrenalina dispostos a apostar que os centuriões estariam ocupados demais para aparecer e abatê-los a tiros nunca foram mais longe que isso e nunca, a despeito de suas bravatas, gravaram suas iniciais no tubo. Não poderiam; eles precisavam das duas mãos para se segurar em um tubo que balançava sem parar.

Se eles tivessem chegado a um ponto ainda *mais* alto, entretanto, o perigo seria maior. Na metade da subida de cada tubo havia sensores que detectavam

pressão e movimentos causados por alguém escalando. Os sensores ativavam anéis com lâminas giratórias que desciam de encontro ao transgressor. Eram virtualmente impossíveis de evitar; a única forma de se livrar deles era destruindo-os. Poucos escaladores tinham força suficiente para carregar armas capazes de destruir os anéis. Mesmo que fizessem isso, havia a possibilidade de serem pulverizados por uma mina do tempo da Guerra. Até mesmo um pelotão de Berserkers podia ser completamente obliterado.

Qualquer pessoa tola suficiente para tentar escalar um tubo de suprimento em geral atraía um centurião antes de chegar a cinco metros. O centurião mandava o indivíduo descer ou sofrer as penas legais e esperava trinta segundos. O passo seguinte, caso não fosse obedecido, era uma execução sumária.

Hugo tinha escolhido um momento único na história da Cidade do Ferro no qual, graças à confusão causada pelo comando de alerta de Vector, não havia centuriões disponíveis para abatê-lo. Os poucos centuriões que permaneceram intactos sabiam que os sinais vitais de Vector haviam cessado e entraram em modo de espera, aguardando as ordens do sucessor dele.

Alita sabia que Hugo tinha feito sua escolha sem saber desse detalhe, simplesmente porque não lhe restava opção.

— *Hugo!*

A princípio, ele pensou que seus ouvidos estavam mais uma vez lhe pregando uma peça. Quando o vento começou a ficar mais forte, Hugo achou que estava ouvindo vozes chamando seu nome — primeiro a de Tanji, depois a do dr. Ido, e até mesmo a de Vector. Mas ele ainda não tinha ouvido a voz de Alita. Segurando-se no tubo, olhou para trás e viu que não era uma ilusão; ela realmente estava lá, o rosto lindo e bastante sério enquanto se aproximava.

— Você precisa voltar! — gritou. — Você não pode ficar aqui! *A gente* não pode ficar aqui!

— Eu não tenho escolha! — gritou ele em resposta. — Eu nunca vou conseguir sair vivo dessa cidade!

Alita se aproximou um pouco mais.

— Zalem não é o paraíso, Hugo!

— Tem que ser!

— Mas você nem sabe o que tem lá em cima! — replicou Alita.

Hugo olhou para baixo, para o longo tubo de suprimentos que ia até a

superfície.

— Não importa!

— Não faz isso! — gritou Alita, e Hugo viu que seus olhos estavam marejados de lágrimas. — Você não pode me deixar — acrescentou, olhando para Zalem com uma expressão de ódio — por *aquilo*!

Hugo balançou a cabeça enfaticamente.

— Eu estou tentando libertar você!

— Por favor... *Por favor*, me escuta, Hugo! Eu já estive aqui... Quero dizer, *aqui*, neste exato lugar, e é aqui que Nova quer que a gente esteja! Nova é o supervisor de Zalem e está usando você para me pegar! A gente tem que descer *agora*!

Hugo acenou negativamente com a cabeça.

— Se eu voltar para a Cidade do Ferro, vão me matar! Você não entende?

— Eu posso ajudar você! — argumentou Alita, quase perto o suficiente para tocá-lo. — A gente pode ir para as Terras Abandonadas. Eles nunca vão atrás da gente lá!

As Terras Abandonadas; Hugo pensou no dia em que a levava para ver a nave das RUM (com Koyomi e Tanji, e por um momento a memória do amigo foi uma punhalada no seu coração). Ele olhou para baixo, para a Cidade do Ferro, e depois para cima, para o ponto em que o tubo de suprimentos desaparecia em uma nuvem baixa. O que eram as Terras Abandonadas ou qualquer outro lugar comparado a uma cidade no céu?

— Nosso lugar é lá em cima! — gritou ele para Alita.

Ela fez que não com a cabeça veementemente.

— Não existe *nenhum* lugar que seja *nosso*! Você e eu somos iguais, Hugo. Você é o único que *me vê* como eu sou e eu sou a única que sabe como você realmente é!

Os olhos de Alita se encheram de lágrimas, e não por causa do vento. Ocorreu a Hugo que ele sempre a fazia chorar.

— A gente nunca vai parar de fugir! — argumentou.

— Mas a gente vai estar *junto*! — exclamou Alita. — Por favor, volta comigo para podermos ir para casa, onde quer que seja, *juntos*!

O amor que cintilava no rosto de Alita era enorme, profundo e incondicional, e Hugo finalmente compreendeu que sem esse amor ele não tinha nada. Então estendeu os braços para ela.

Alita subiu mais um pouco e estendeu os braços para ele.

— Vamos para casa — disse, prestes a tocá-lo.

Eu quase perdi a única coisa de valor na minha vida, pensou Hugo, quando seu coração se encheu de todas as emoções que ele sempre havia desejado.

O barulho terrível vindo de cima o assustou tanto que ele quase caiu do tubo. Hugo olhou para o alto e viu um horrendo círculo de metal sair da nuvem e descer na sua direção com um halo de dentes girando.

Desta vez, Alita não contava com um pelotão, nem com um rifle de plasma, nem com um lança-mísseis. Ela olhou para Hugo, querendo ajudá-lo a pular por cima do anel, e descobriu que estava nos seus braços e que *ele* a estava levantando acima do anel. O peso combinado dos dois evitaria que fossem muito longe, pensou, e orientou o corpo para que aterrissassem juntos no tubo. Sempre juntos.

Só que alguma coisa tinha dado errado, terrivelmente, horivelmente errado. Hugo de repente estava tão leve que quase foi lançado para longe. Seu corpo fora triturado da cintura para baixo e do que restara jorrava sangue humano e cybersangue, que eram levados pelo vento. O tempo de reação Berserker permitiu que Alita segurasse a mão dele no último instante.

Com a outra mão, ela cravou a Lâmina Damasco no tubo de suprimento, como se fosse uma âncora, e ali eles ficaram, pendurados.

— *Aguenta firme, Hugo, por favor!*

Hugo olhou para ela. Alita era bonita mesmo naquela situação, agarrada a um tubo de suprimento, com o vento despenteando seus cabelos enquanto lutava para salvá-lo. Ele adoraria aguentar quanto tempo ela quisesse — uma hora, um ano, mil anos —, mas seu braço não ia durar nem um minuto. O anel havia causado um estrago e tanto, cortando todas as conexões do seu cybercorpo. O braço iria se soltar antes que ele tivesse tempo de morrer de hemorragia.

O espetáculo acabou, obrigado e boa noite.

— Eu te amo, Hugo!

Ele percebeu que Alita estava tentando puxá-lo e colocá-lo nas costas. Era tarde demais. Ele iria desapontá-la mais uma vez e agora não tinha como evitar.

— Foi muito bom ter conhecido você. Ter amado você — disse Hugo. O braço se soltou. — Adeus...

Eles se afastaram rapidamente, mas Hugo continuou com os olhos

voltados para ela, mesmo depois de não conseguir mais vê-la.

O rosto de Hugo tinha uma expressão sonhadora quando ele foi lançado no espaço, como se estivesse voando para um lugar maravilhoso, como a Zalem em que sempre acreditara, e não caindo para a morte em um lugar do qual havia passado a vida tentando escapar.

Ou como se Alita o tivesse encontrado esperando por ela na igreja, para que pudessem subir na torre e olhar para Zalem e para a estrela fixa no céu.

Como se seu braço não tivesse se desprendido do corpo.

Como se não tivesse sido triturado por uma máquina construída por um homem que precisava do sofrimento alheio para aliviar o terrível tédio da sua imortalidade.

Alita jogou a cabeça para trás e deu um grito de desafio, raiva e perda para o céu e tudo que existia nele.

CAPÍTULO 25

Nova a ouviu.

As câmeras cromadas não eram sua única melhoria corporal, e ele havia passado por muitas atualizações desde que a jovem promissora o vira pela primeira vez, observando-a treinar com a sensei Gelda na esfera de gravidade zero.

Não havia sido a primeira vez que ele a vira lutar, nem seria a última. Nova a acompanhara ao longo dos anos — dos séculos —, e, quando Alita foi derrotada, ele achou que tinha sido o fim dela.

Em retrospecto, não devia ter se precipitado tanto. A própria Gelda tinha dito isso: essa menina, essa Alita, como agora era conhecida, era determinada, era imbatível. *Imbatível*.

E, depois que Dyson Ido a tirara do lixão, ela não havia parado. Alita abrira os olhos em um mundo completamente diferente, com apenas alguns fragmentos de memórias da sua vida, mas ainda era quem e o que sempre fora: uma guerreira determinada, imbatível. Isto inevitavelmente causava muito sofrimento a todos que a cercavam.

Mas não fazia ideia da melhor parte, do mais divertido. Alita não sabia que causava mais sofrimento insistindo do que se tivesse desistido. Resignação era uma infelicidade constante, permanente, que nunca aumentava nem diminuía, uma esteira rolante na qual as pessoas não estavam propriamente vivas, mas apenas esperando a hora da morte. Mas então ela chegara, abalando o sistema, fazendo as pessoas acreditarem que a vida podia ser melhor. E podia — mas não para elas. Quando compreendiam isso, a dor era indescritível.

A existência de Alita tornava a imortalidade muito menos tediosa.

As estrelas indiferentes percorriam a mesma trajetória na escuridão, a não ser a mais brilhante, que nunca se mexia. Bem, isso não era *totalmente* verdade, é claro. A estrela nunca se movia em relação aos observadores da Terra, na Cidade do Ferro ou nas Terras Abandonadas, ou aos observadores da única cidade que ainda flutuava acima da superfície da Terra, cujos pés jamais tocavam o solo.

Os residentes de Zalem desfrutavam as alvaradas e os crepúsculos prolongados, resultado de sua posição elevada. Eles também pairavam acima das nuvens baixas que eram características do clima local, de modo que viam as estrelas com muita frequência e muitos se tornaram astrônomos amadores. Eles estavam mais interessados em apreciar a beleza das estrelas do que nos aspectos técnicos da astronomia e da astrofísica. O fato de a estrela mais cintilante do céu jamais se mover não chamava a atenção de ninguém. Além de ninguém ter curiosidade de saber o que era o feixe de luz que saía do centro da cidade e terminava na mesma estrela fixa. O feixe era visível apenas à noite e podia ser visto com mais facilidade da borda de Zalem. Os moradores da Cidade do Ferro não podiam vê-lo, o que era bom; poderiam começar a fazer perguntas para as quais nunca teriam respostas. Ninguém em Zalem sabia por que o feixe de luz estava ali ou o que havia na outra extremidade, e ninguém estava realmente interessado em saber. Todos se preocupavam mais com seus afazeres e com sua diversão.

O homem de terno prateado apreciou o pôr do sol, como sempre, de um mirante na borda de Zalem. Ele sabia que coisas como estética, beleza e diversão eram importantes para manter uma sociedade estável, estivesse ela ou não suspensa no ar. No momento, a forma de entretenimento mais popular de Zalem eram os jogos de Motor Ball na Cidade do Ferro. A população adorava. Pão e circo; sempre fora assim, tanto ali em cima quanto lá embaixo. A Cidade do Ferro não podia passar sem Motor Ball, especialmente agora.

Seu próprio gosto em matéria de diversão tinha evoluído para incluir uma série de conceitos abstratos durante sua longa vida. Felizmente, os ciborgues eram capazes de oferecer divertimentos que iam muito além de destruir uns aos outros. Era incrível como ciborgues que eram mais máquina que carne conseguiam passar a maior parte das horas de vigília *sentindo emoções*. A morte trágica que ele presenciara graças à sua visão e audição artificialmente melhoradas... Isso havia sido excepcional. A garota ciborgue que salvara a vida do namorado transformando-o naquilo que ele mais receava ser, mas que

o tornava, na verdade, igual ao seu único amor verdadeiro — quanto drama, quanto sentimento! E o grito de angústia da garota no fim!

Melhor ainda, ela *continuava* gritando, o máximo que podia, com todas as fibras do seu ser. Era um tipo diferente de grito, que o ouvido não podia captar, perceptível apenas pelos que tinham um conhecimento profundo da natureza humana, que sabia que era da natureza humana sofrer. Isso *sim* era diversão.

Naquela noite, ele estava usando sua audição ampliada para escutar o narrador dos jogos de Motor Ball falar com entusiasmo do jogo da noite.

— A Segunda Liga esperou muito tempo por um novo herói, alguém por quem pudesse torcer, alguém que merecesse seus aplausos, alguém que nunca os decepcionaria! Bem, posso dizer que os espectadores encontraram seu herói em uma novata que apareceu do nada! Nos primeiros cinco jogos da temporada, sua pontuação foi *excepcional*, ela bateu todos os recordes, podem perguntar a qualquer um! Não existe ninguém na Cidade do Ferro que não conheça o nome dela!

O homem do mirante sorriu. Um sorriso que, no seu rosto, era aterrorizante, sem nenhum calor humano, humor ou bondade, uma expressão de prazer extraído de coisas que jamais deviam ter acontecido, que jamais deviam ter sido imaginadas.

Esperava que a pequena heroína se lembrasse do que lhe dissera: que ele via tudo o que acontecia. Ele imaginou quanto tempo ela levaria para se dar conta de que tudo aquilo, pão e circo, pertencia a ele, e, ao fazer parte do circo, ela também lhe pertencia.

A armadura que colocou tinha sido fabricada sob medida para ela por Ido e Gerhad, com uma pequena ajuda de um homem chamado Ed, que era uma caixa de ferramentas ambulante e dizia “De nada”, quer você agradecesse, quer não. Todo o equipamento era muito bonito e se ajustava bem não só ao seu corpo como também ao seu estilo de movimento, com nanossensores de resposta incrivelmente rápidos que reforçavam o material nos pontos de impacto. Vestir isso a fazia se sentir invencível sem retardar seu desempenho.

— ... sua equipe vai ter que enfrentar um grande desafio essa noite — dizia o narrador num tom que sugeria que ele estava empolgado com o jogo e com a vida em geral. — Com Skamasakus e Massiter contratados pela equipe dos Víboras para reforçar o ataque, nossa garota vai ter que suar muito...

Alita deixou de prestar atenção ao narrador e olhou para a Lâmina Damasco presa ao seu antebraço. Cada vez que a usava, fazia o possível para merecê-la. Ela nunca a desapontara. Alita colocou o capacete; o ajuste automático do interior ao contorno da cabeça era obra de Ido. Era como receber um abraço do pai antes de cada jogo.

Ela colocou as rodas para girar, se alongou rapidamente e sussurrou *Hugo* para si mesma antes de sair do vestiário e se dirigir para o corredor dos boxes. O estádio estava mais uma vez lotado e ela teve a impressão de que conseguia ouvir individualmente cada torcedor.

— Ela é nova, ela é obstinada e ela conquistou o coração de todo mundo! — exclamou o narrador. — Se existe alguém com chance de se tornar primeira campeã, esse alguém é a queridinha da Cidade do Ferro, número noventa e nove, o Anjo de Combate em pessoa... *Alita!*

A torcida parecia fazer o estádio inteiro vibrar, até mesmo a pista debaixo de suas rodas. Ela ergueu os braços para agradecer ao público e olhou para o lugar onde Ido e Gerhad estavam, em seus assentos usuais. Depois, deslizou a Lâmina Damasco para a frente até segurá-la com a mão e a apontou diretamente para Zalem. Uma chama azul dançou em volta da sua mão e foi até a ponta da lâmina, onde ficou tremulando.

Você vê tudo o que acontece, supervisor? Então saiba de uma coisa: eu declarei guerra a você e sou ainda melhor na guerra que no Motor Ball. Eu fui feita para a guerra e sou determinada e imbatível. Eu vou completar a missão; vou chegar até você, vou parti-lo em pedaços e jogá-los para fora de Zalem, para que caiam num monte de lixo, que é o lugar que você merece. Porque eu não vou tolerar a presença do mal.

Dez mil torcedores gritaram sua aprovação do anjo que ousava desafiar o céu, adorando sua força desafiadora, entregando-se a ela, adotando-a como se fosse sua.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a: Ella Chappell, por ser o tipo de editora com o qual todo escritor deseja trabalhar; Joshua Izzo e Adrienne Ogle, da Lightstorm, por me ajudarem a ver o mundo da Cidade do Ferro e Alita e por suas palavras de encorajamento; Amanda Hemingway, pelo apoio e amizade; meu brilhante filho Robert Fenner, que me dá orgulho todos os dias de sua vida, e sua adorável e talentosa namorada, Justyna Burzynska, que é o próprio Anjo de Combate; Jo “Mutha Hydra” Playford, que me socorreu muitas vezes, e Colin Harris, um amigo verdadeiro por muitos anos; George R. R. Martin e Parris Phipps, por mais do que posso dizer; e Mic Cheetham e Simon Kavanaugh, meus agentes absolutamente indispensáveis.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Alita

Wikipédia da autora:

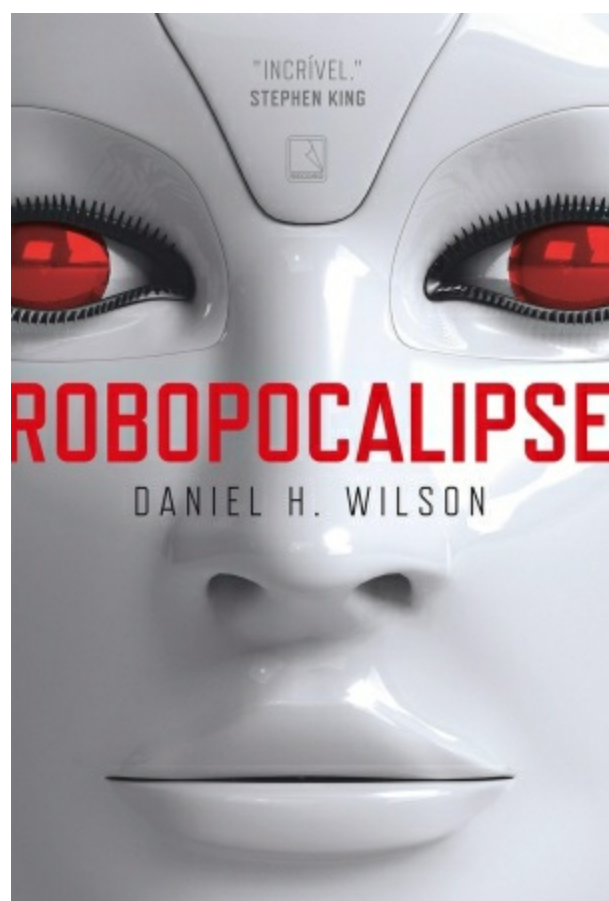
https://en.wikipedia.org/wiki/Pat_Cadigan

Twitter da autora:

<https://twitter.com/cadigan>

Goodreads da autora:

https://www.goodreads.com/author/show/27841.Pat_Cadigan



Robopocalypse

H. Wilson, Daniel

9788501112224

406 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um romance de ficção científica que aborda o futuro sombrio da tecnologia. Ela está na sua casa. Ela está no seu carro. Ela está no céu. Ela está no seu bolso. E agora a tecnologia quer acabar com você. Uma inteligência artificial é criada: Archos. Em segundos de análise de dados, ela conclui que a humanidade é descartável. A partir disso, ela toma conta de toda forma de tecnologia on-line do mundo. Primeiro, pequenos bugs em equipamentos e programas são percebidos, sem que ninguém se dê conta de nenhuma conexão entre os acontecimentos. Então, no que ficou conhecido como a hora H, Archos lança um ataque total contra a raça humana. Por isso, para detê-la, a humanidade deverá fazer algo que jamais foi tentado antes: unir-se por um objetivo comum.

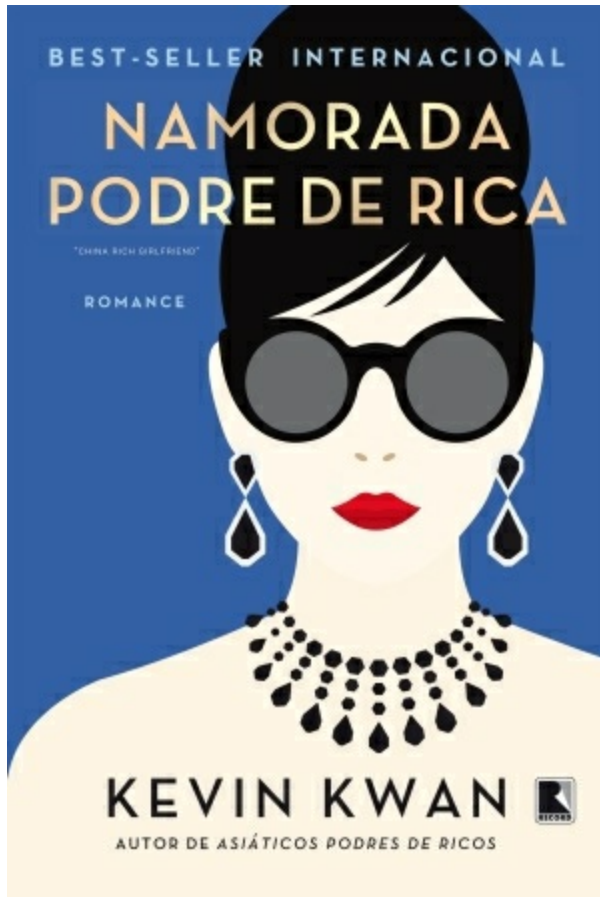
[Compre agora e leia](#)

BEST-SELLER INTERNACIONAL

NAMORADA PODRE DE RICA

"CHINA RICH GIRLFRIEND"

ROMANCE



KEVIN KWAN



AUTOR DE ASIÁTICOS PODRES DE RICOS

Namorada podre de rica - Podres de ricos – vol. 2

Kwan, Kevin

9788501405043

462 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sequência do best-seller internacional que conquistou milhões de leitores no mundo todo. Depois de descobrir que seu lindo namorado, um simples professor de história da Universidade de Nova York, é, na verdade, o herdeiro de uma das famílias mais ricas de Cingapura e de sobreviver a todas as tentativas orquestradas pela mãe dele, a poderosa Eleanor Young, para tentar separá-los, Rachel Chu acha que, agora, está preparada para qualquer coisa. Ah, ela não poderia estar mais enganada... Às vésperas de seu casamento com Nick, ela recebe a visita de um homem que sempre sonhou conhecer: seu próprio pai. Isso acaba arrastando o casal para um mundo capaz de deixar até o herdeiro de uma das maiores fortunas da Ásia de queixo caído. Em Xangai, eles conhecem a realidade dos novos-ricos, que, ao contrário dos chineses do continente, cuja fortuna vem sendo acumulada e multiplicada ao longo de várias gerações, não têm o menor pudor em ostentar. De uma hora para a outra, viajar de jatinhos particulares pela Ásia não era nada perto do Boeing 747-8i privativo no qual, em vez de quatrocentos assentos, há uma sala de cirurgia equipada com uma UTI e um lago de carpas! Em Namorada podre de rica, a aguardada continuação do best-seller que conquistou milhões de fãs no mundo inteiro e que foi

adaptado para o cinema, Kevin Kwan narra, com seu humor satírico e perspicaz, uma história onde (quase) nada é inventado e nos faz mergulhar no mundo glamoroso e inacreditável das pessoas mais ricas da China.

[Compre agora e leia](#)

**Olavo de
Carvalho**
o mínimo
que você
precisa
saber para
não ser
um idiota

O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota

de Carvalho, Olavo

9788501100597

616 páginas

[Compre agora e leia](#)

Escritos entre 1997 e 2013 e publicados em diferentes jornais e revistas do país, os 193 textos aqui selecionados esmiúçam os fatos do cotidiano – as notícias, o que nelas fica subentendido, ou que delas passa omitido – para afinal destrinchar, sem dó, a mentalidade brasileira e sua progressiva inclinação pelo torpor e pela incompreensão. Há tempos a obra jornalística de Olavo de Carvalho merecia uma leitura reunida como esta.

[Compre agora e leia](#)



O pó do herdeiro

Hempel, Sandra

9788501405104

364 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma história sobre envenenamento, assassinato e o início da ciência forense moderna. Na Inglaterra do século XIX, o envenenamento criminoso era uma prática assustadoramente fácil e, no entanto, quase impossível de ser comprovada — situação que resultou em incontáveis males. Uma onda de envenenamentos varria o país e, enquanto o pânico se alastrava, iniciou-se uma corrida para encontrar um teste definitivo para determinar a causa dos óbitos. A partir da crise e da paranoia que caracterizaram a Inglaterra vitoriana, a jornalista Sandra Hempel recria, de forma original, a aterrorizante história do arsênico, que marca também o início da ciência forense moderna.

[Compre agora e leia](#)



O último reino - Crônicas saxônicas - vol. 1

Cornwell, Bernard

9788501058577

364 páginas

[Compre agora e leia](#)

O ÚLTIMO REINO é o primeiro romance de uma série que contará a história de Alfredo, o Grande, e seus descendentes. Aqui, Cornwell reconstrói a saga do monarca que livrou o território britânico da fúria dos vikings. Pelos olhos do órfão Uthred, que aos 9 anos se tornou escravo dos guerreiros no norte, surge uma história de lealdades divididas, amor relutante e heroísmo desesperado. O ÚLTIMO REINO não se resume a cenas de batalhas bem escritas e reviravoltas cheias de ação e suspense. O livro apresenta os elementos que consagraram Cornwell: história e aventura na dose exata. Uma fábula sobre guerra e heroísmo que encanta do início ao fim.

[Compre agora e leia](#)